

NICHOLAS SPARKS

Romance

UM REFÚGIO PARA A VIDA

Por mais que queiramos fugir,
o amor encontra sempre o caminho.



ASA



NICHOLAS SPARKS

Romance

UM REFÚGIO PARA A VIDA

Por mais que queiramos fugir,
o amor encontra sempre o caminho.



ASA

Ficha Técnica

Título: UM REFÚGIO PARA A VIDA
Título original: SAFE HAVEN
Autor: Nicholas Sparks
Tradução: Margarida Rapazote
Revisão: Salvador Guerra
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Shutterstock
Fotografia do autor: 2018, James Quantz Jr.
ISBN: 9789892346069

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2010, Nicholas Sparks

Todos os direitos reservados. À exceção do permitido pelo U.S. Copyright Act de 1976, nenhuma parte desta obra deve ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação sem autorização prévia do editor.

© 2019, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

NICHOLAS SPARKS

UM REFÚGIO
PARA A VIDA

*Dedicado à memória de Paul e Adrienne Cote.
A minha maravilhosa família. Já sinto saudades vossas.*

AGRADECIMENTOS

Quando acabo um dos meus romances, dou por mim a pensar nas pessoas que me ajudaram ao longo do caminho. Como sempre, a lista começa com a minha mulher, Cathy, que não só tolerou as minhas alterações de humor motivadas pela criatividade, como também passou por um ano muito difícil, durante o qual perdeu os pais. Cathy, amo-te e gostaria que tivesse havido algo que pudesse ter feito para suavizar a dor que sentes. Estou solidário com a tua perda.

Também quero agradecer aos meus filhos – Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah. O Miles está para fora na faculdade e as duas mais novas estão no terceiro ano do ensino básico, e acompanhar o crescimento deles é sempre fonte de grande alegria.

A minha agente, Theresa Park, merece sempre o meu agradecimento por tudo o que faz para me ajudar a escrever as minhas melhores histórias. Tenho sorte por trabalharmos juntos.

O mesmo posso dizer de Jamie Raab, a minha editora. Ela ensinou-me muito sobre a arte de escrever, e estou muito grato por a ter na minha vida.

Denise DiNovi, minha amiga em Hollywood e produtora de vários dos meus filmes, é uma fonte de alegria e amizade há anos. Obrigado por tudo o que fizeste por mim.

David Young, diretor-geral do Hachette Book Group, é inteligente e uma ótima pessoa. Obrigado por tolerar os meus constantes atrasos na entrega dos manuscritos.

Howie Sanders e Keya Khayatian, os meus agentes cinematográficos, trabalham comigo há anos e devo muito do meu sucesso ao trabalho duro que executam.

Jennifer Romanello, a minha relações públicas na Grand Central Publishing, trabalhou comigo em todos os livros que escrevi e sou um sortudo por tudo o que ela faz.

Edna Farley, a minha outra relações públicas, é profissional e esforçada e

faz um excelente trabalho para garantir que as minhas viagens corram sem problemas. Obrigado.

Scott Schimer, o meu advogado na indústria do entretenimento, não é apenas um amigo, é também um negociador excepcional quando é necessário analisar os detalhes dos meus contratos. Sinto-me honrado por trabalhar contigo.

Abby Koons e Emily Sweet, duas aliadas no Park Literary Group, merecem os meus agradecimentos por tudo o que fazem com as editoras estrangeiras que publicam os meus livros, o meu *website* e quaisquer contratos que chegam até mim. Vocês são o máximo.

Marty Bowen e Wyck Godfrey, que fizeram um ótimo trabalho na produção de *Juntos ao Luar*, merecem o meu agradecimento pelo vosso esforço. Eu gostei muito de ver o cuidado que tiveram com o projeto.

Da mesma forma, foi ótimo trabalhar com Adam Shankman e Jennifer Gibgot, produtores de *A Melodia do Adeus*. Obrigado por tudo o que fizeram.

Courtenay Valenti, Ryan Kavanaugh, Tucker Tooley, Mark Johnson, Lynn Harris e Lorenzo Bonaventura – todos eles mostraram uma enorme paixão pelos filmes inspirados nos meus romances, e quero agradecer-lhes por tudo o que fizeram.

Agradeço também a Sharon Krassney, Flag e à equipa de editores e leitores que passaram noites a trabalhar para que este livro ficasse pronto para ser impresso.

Jeff Van Wie, meu parceiro argumentista em *A Melodia do Adeus*, merece o meu agradecimento pelo seu forte entusiasmo e esforço na elaboração de argumentos, assim como pela sua amizade.

Enquanto Katie circulava por entre as mesas, uma brisa vinda do Atlântico acariciou-lhe o cabelo. Com três pratos na mão esquerda e outro na direita, ela usava uns *jeans* e uma *T-shirt* com a frase: *Ivan's: Experimente o nosso peixe, peça linguado*. Levou os pratos a quatro homens que usavam polos; o que estava mais perto dela fitou-a e sorriu. Embora tentasse dar a impressão de que era apenas um rapaz simpático, Katie percebeu que ele continuou a observá-la enquanto ela se afastava da mesa. Melody tinha mencionado que os homens eram de Wilmington e que estavam à procura de locais para serem usados num filme.

Pegou num jarro de chá gelado e voltou a encher-lhes os copos antes de regressar à copa. Observou a paisagem. Era final de abril, a temperatura estava perto da ideal e o céu estendia-se, azul, até ao horizonte. Perante ela, o canal intracosteiro apresentava-se calmo apesar da brisa e parecia espelhar a cor do céu. Um bando de gaivotas estava empoleirado no corrimão que circundava o restaurante, à espera de disparar por entre as mesas se alguém deixasse cair um pedaço de comida no chão.

Ivan Smith, o proprietário, odiava-as. Chamava-lhes ratos com asas e já patrulhara a área do corrimão com um desentupidor em punho, tentando espantá-las. Melody tinha dito ao ouvido de Katie que estava mais preocupada com o lugar de onde viera o desentupidor do que com as gaivotas. Katie não comentou.

Começou a preparar outro bule de chá, enquanto limpava o balcão. Pouco depois, sentiu alguém a tocar-lhe no ombro. Virou-se e viu que era a filha de Ivan, Eileen, uma rapariga bonita de 19 anos, com o cabelo apanhado num rabo de cavalo. Ela estava a trabalhar em *part-time* no restaurante como rececionista.

– Katie, podes ir atender outra mesa?

Katie olhou em redor do restaurante e observou as mesas. – Claro que sim – respondeu.

Eileen desceu as escadas. Katie conseguia ouvir fragmentos de conversas vindos das mesas próximas. As pessoas falavam sobre amigos, família, o tempo ou pescarias. Numa mesa ao canto do salão, viu duas pessoas a fechar as ementas. Aproximou-se e anotou o pedido, mas não ficou junto à mesa a fazer conversa com os clientes, como era habitual acontecer com Melody. Katie não era muito boa a meter conversa, mas compensava isso com eficiência e simpatia. E os clientes pareciam não se importar.

Trabalhava no restaurante desde o início de março. Ivan contratara-a numa tarde fria, em que o céu estava limpo e apresentava um tom azul-turquesa. Quando disse que poderia começar a trabalhar na segunda-feira seguinte, Katie teve de se esforçar para não chorar à frente dele. Esperou até estar longe do restaurante, a caminho de casa, para se esvair em lágrimas. Naquela altura, não tinha dinheiro nenhum e não comia há dois dias.

Katie percorreu o salão, enchendo copos com água e chá gelado antes de regressar à cozinha. Ricky, um dos cozinheiros, piscou-lhe o olho, como sempre fazia. Há dois dias, convidara-a para sair, mas Katie dissera que não queria envolver-se com ninguém que trabalhasse no restaurante. Ficou com a impressão de que ele iria tentar de novo em breve e esperou que os seus instintos estivessem errados.

– Duvido que o movimento vá diminuir hoje – comentou Ricky. Era louro e esguio, talvez um ou dois anos mais novo do que ela, e ainda morava em casa dos pais. – Sempre que acho que vamos ter um momento para respirar o restaurante volta a encher.

– Está um belo dia.

– Mas porque é que estas pessoas vêm para aqui? Num dia como este, deveriam estar na praia ou a pescar. E é exatamente isso que eu vou fazer quando sair.

– É uma ótima ideia.

– Mais logo queres que te leve a casa?

Ele oferecia-se para a levar a casa pelo menos duas vezes por semana.

– Obrigada, mas não é preciso. Eu não moro assim tão longe daqui.

– Não custa nada. Teria muito prazer em levar-te – insistiu ele. – Faz-me bem caminhar.

Ela entregou-lhe a folha dos pedidos e Ricky pregou-a no quadro, juntamente com os outros. Katie pegou num dos pedidos, foi até à sua zona do restaurante e serviu os clientes.

O Ivan's era uma instituição local, um restaurante que estava aberto há quase trinta anos. Desde que ali começara a trabalhar, Katie identificara os clientes habituais e, ao atravessar o salão, o seu olhar incidia nas pessoas que ainda não conhecia. Casais a namoriscar, outros ignorando-se mutuamente. Famílias. Ninguém naquele lugar parecia estar deslocado, e ninguém procurara informar-se a respeito dela. Mesmo assim, havia alturas em que as suas mãos começavam a tremer, daí continuar a dormir com uma luz acesa.

O seu cabelo curto, de um tom castanho-avermelhado, era pintado na bancada da cozinha da pequena casa que arrendara. Como não usava maquilhagem, tinha a noção de que o seu rosto, aos poucos, acabaria por se bronzear ligeiramente, talvez um pouco de mais, e então lembrou a si mesma que precisava de comprar protetor solar. No entanto, depois de pagar a renda e as contas da casa, não sobrava muito dinheiro para artigos supérfluos. Até mesmo o protetor solar iria estrangular as suas finanças. O emprego no Ivan's era bom e sentia-se grata por trabalhar ali, mas a comida que o restaurante servia não era cara – e isso significava que as gorjetas que recebia não eram as melhores. Por causa da sua dieta habitual, composta por feijão com arroz, massa e papas de aveia, perdera peso nos últimos quatro meses. Conseguia sentir as costelas por baixo da *T-shirt* e, até há algumas semanas, tivera olheiras profundas, as quais imaginava que nunca desapareceriam do rosto.

– Acho que aqueles tipos estão a olhar para ti – disse Melody, com um meneio de cabeça em direção à mesa dos quatro homens do estúdio de cinema. – Especialmente o de cabelo castanho. O mais bonito da mesa.

– Ah – comentou Katie. E começou a preparar outra cafeteira de café. Qualquer coisa que dissesse a Melody certamente cairia nos ouvidos das outras pessoas. Por isso, era raro Katie conversar com ela.

– O que foi? Não o achas bonito?

– Não prestei muita atenção.

– Como é que podes não prestar atenção quando um homem é bonito? – perguntou Melody, incrédula, olhando para ela.

– Não sei.

Tal como Ricky, Melody era dois anos mais nova do que Katie; teria cerca de 25 anos. Ruiva, de olhos verdes e sem papas na língua, namorava com um tipo chamado Steve, que fazia entregas para uma loja de materiais de construção e restauro do outro lado da cidade. Como todos os outros funcionários do restaurante, ela nascera e crescera em Southport, que

descrevia como um paraíso para crianças, famílias e idosos, mas o lugar mais deprimente do mundo para pessoas solteiras. Pelo menos uma vez por semana dizia a Katie que gostaria de se mudar para Wilmington, que tinha bares, discotecas e muito mais lojas. Melody parecia saber tudo sobre toda a gente. Katie às vezes pensava que a verdadeira profissão da colega era a coscuvilhice.

– Ouvi dizer que o Ricky te convidou para sair, mas que recusaste – disse ela, mudando de assunto.

– Não gosto de me envolver com pessoas do trabalho – respondeu Katie, fingendo-se absorta na organização das bandejas dos talheres.

– Podíamos sair os quatro. O Ricky e o Steve saem para pescar juntos.

Katie pensou se Ricky estaria realmente interessado nela ou se tudo aquilo era ideia de Melody. Talvez as duas coisas. À noite, após o fecho do restaurante, quase todos os funcionários ficavam lá mais algum tempo, a conversar e a beber cerveja. Com a exceção de Katie, todos trabalhavam no Ivan's há anos.

– Não me parece boa ideia – comentou Katie.

– Porquê?

– Em tempos, tive uma experiência má – revelou ela. – Quero dizer, namorei com um tipo que trabalhava no mesmo sítio que eu. E, desde então, assumi como regra não voltar a fazer o mesmo.

Melody revirou os olhos antes de partir em direção a uma das suas mesas. Katie entregou duas contas e recolheu os pratos vazios. Manteve-se ocupada, como sempre fazia, tentando ser eficiente e invisível. Sem levantar a cabeça, verificava se a copa estava a brilhar. Aquilo fazia com que o seu dia passasse mais rápido. Não namoriscou com o homem do estúdio, que, ao sair, nem olhou para trás.

Katie trabalhava ao almoço e ao jantar. Quando o dia dava o lugar à noite, gostava de observar o céu a passar do azul para o cinzento e depois para o laranja e o amarelo, na extremidade ocidental do mundo. Ao pôr do sol, a água reluzia e os veleiros cruzavam as águas, empurrados pela brisa. As agulhas dos pinheiros pareciam brilhar. Assim que o sol se punha no horizonte, Ivan ligava os aquecedores a gás e as espirais de metal começavam a resplandecer como abóboras de *Halloween*, com os seus rostos caricatos. Katie já sentia o rosto a ficar um pouco queimado pelo sol, e as ondas de calor que saíam dos aquecedores faziam a sua pele arder.

Abby e Big Dave substituíam Melody e Ricky no turno da noite. Abby estava no último ano do ensino secundário e ria-se bastante e Big Dave preparava os jantares no Ivan's há quase vinte anos. Casado, com dois filhos e uma tatuagem de escorpião no antebraço direito, pesava quase 140 quilos e, na cozinha, tinha sempre o rosto a brilhar. Costumava dar alcunhas carinhosas a todos, e chamava-lhe Katie Kat. O movimento ao jantar durou até às nove da noite. Quando as coisas começaram a ficar mais calmas, Katie limpou e fechou a copa. Ajudou os lavadores de pratos a levar a louça para a máquina enquanto os clientes das suas últimas mesas terminavam o jantar. Uma delas estava ocupada por um casal jovem, e ela viu as alianças nos dedos deles quando deram as mãos por cima da mesa. Eram bonitos e pareciam felizes, o que fez com que Katie tivesse uma sensação de *déjà-vu*. Há já muito tempo ela fora como eles, ainda que momentaneamente. Ou pensou que tinha sido, porque agora sabia que esse momento não passara de uma ilusão. Katie desviou os olhos do casal feliz, desejando poder apagar definitivamente a sua memória para nunca mais voltar a ter aquela sensação.

Na manhã seguinte, Katie foi até ao alpendre de sua casa com uma chávena de café na mão, sentindo as tábuas do chão a ranger sob os seus pés, e apoiou-se no parapeito. Havião brotado lírios no meio da relva alta que cobria um canteiro de flores, e ela ergueu a chávena, apreciando o aroma enquanto beberricava.

Gostava daquele lugar. Southport era diferente de Boston, de Filadélfia e também de Atlantic City, com os seus incessantes ruídos de trânsito, odores e pessoas a correr pelos passeios. Além disso, fora a primeira vez na vida que encontrara um lugar que podia considerar seu. A casa não era grande, mas era sua e discreta, e isso bastava-lhe. Era uma de duas construções idênticas localizadas no fim de uma ruela de gravilha, antigas cabanas de caçadores com paredes de madeira construídas no meio de um grupo de pinheiros e carvalhos na orla de uma floresta que se estendia até ao litoral. A sala e a cozinha eram pequenas e o quarto não tinha armários embutidos, mas a casa já estava mobilada, incluindo cadeiras de baloiço na varanda, e a renda até não era cara. O lugar não estava a cair aos bocados, mas estava revestido por uma camada de pó em virtude dos muitos anos que permanecera fechado. O proprietário oferecera-se para comprar os produtos de limpeza e manutenção se Katie se prestasse a dar um jeito na casa. Desde que se mudara para lá, Katie passava uma boa parte do seu tempo livre ajoelhada no chão ou em pé em cima de cadeiras a fazer precisamente isso. Esfregou os azulejos e as louças da casa de banho até que tudo estivesse a brilhar; lavou o teto com um pano húmido e limpou as janelas com vinagre. Katie passou horas ajoelhada na cozinha, a tentar remover a ferrugem e o lixo acumulados no chão de linóleo. Tapou os buracos da parede com estuque e depois lixou tudo até que a superfície ficasse lisa. Chegou até mesmo a pintar as paredes da cozinha num tom alegre de amarelo e os armários com tinta branca brilhante. O seu quarto agora tinha paredes num tom azul-claro, a sala de estar era bege e, na semana anterior, colocara uma nova capa sobre o sofá, que fez com que

parecesse novo em folha.

Com a maior parte do trabalho já concluído, Katie gostava agora de se sentar no alpendre, durante a tarde, a ler os livros que ia buscar à biblioteca. Além do café, a leitura era o único luxo que se permitia, já que não tinha televisão, rádio, telemóvel, micro-ondas, carro, e todos os seus pertences cabiam numa única mala. Tinha 27 anos, não tinha amigos e já há algum tempo que deixara de ser uma mulher loura de cabelo comprido. Mudara-se para aquele lugar praticamente sem nada e, alguns meses depois, ainda pouco tinha. Guardava metade das gorjetas que ganhava e todas as noites dobrava as notas e colocava-as numa lata de café, que deixava escondida sob uma tábua do chão, junto ao alpendre. O dinheiro serviria para uma emergência e ela preferia passar fome a ter de usá-lo. Só o facto de saber que a lata estava ali, fazia com que conseguisse respirar um pouco melhor, pois tinha o passado sempre à espreita e este poderia regressar a qualquer momento. Um passado que percorria o mundo à procura dela, e ela tinha noção que, a cada dia que passava, a sua raiva ia crescendo.

– Bom dia. Você deve ser a Katie – chamou uma voz, interrompendo-lhe os pensamentos.

Katie voltou-se. No alpendre abaulado da casa vizinha, viu uma mulher com uma cabeleira castanha despenteada a acenar-lhe com a mão. Parecia ter mais de 30 anos e usava uns *jeans*, com uma camisa com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Um par de óculos de sol repousava sobre os cachos emaranhados na cabeça dela. Segurava nas mãos um pequeno tapete e parecia estar a pensar se deveria sacudi-lo para tirar o pó, mas finalmente pousou-o e aproximou-se de Katie. Ao caminhar, ostentava a energia e a tranquilidade de alguém habituado a fazer exercício.

– O Irv Benson disse-me que seríamos vizinhas.

O dono das casas, pensou Katie. – Não sabia que viria alguém morar para aqui.

– Acho que ele também não sabia. Quase caiu da cadeira quando lhe disse que ficaria com a casa. – Naquele momento, já tinha chegado ao alpendre de Katie, e estendeu a mão. – Os meus amigos chamam-me Jo.

– É um prazer – disse Katie, cumprimentando-a.

– Dá para acreditar neste tempo? Está uma maravilha, não acha?

– Está uma bela manhã – concordou Katie, apoiando o peso do corpo na outra perna. – Quando é que se mudou?

– Ontem à tarde. E, por ironia do destino, passei praticamente a noite toda a espirrar. Acho que o Benson juntou todo o pó que conseguiu encontrar para o guardar na minha casa. Não iria acreditar na sujidade que há lá dentro.

Katie apontou para a porta da sua própria casa com um movimento da cabeça. – A minha casa também estava assim.

– Mas nem parece. Desculpe, mas não pude deixar de espreitar pelas suas janelas quando estava na cozinha. A sua casa é clara e alegre. Por outro lado, o lugar que eu arrendei é uma masmorra empoeirada e cheia de aranhas.

– Mr. Benson deixou-me pintá-la.

– Não duvido disso. Desde que eu faça o trabalho todo, aposto que Mr. Benson também me deixará pintar a casa. A propriedade dele fica limpa e bonita e o trabalho é todo meu – disse ela, com um sorriso forçado. – Já mora aqui há muito tempo?

Katie cruzou os braços, sentindo o sol da manhã começar a aquecer-lhe o rosto. – Há quase dois meses.

– Não sei se vou aguentar tanto tempo. Se continuar a espirrar como na noite passada, a minha cabeça provavelmente vai explodir. – Jo pegou nos óculos escuros e começou a limpar as lentes com o tecido da camisa. – E o que é que está a achar de Southport? É um mundo completamente à parte, não é?

– Como assim?

– Você não parece ser daqui. Imagino que tenha vindo de lá de cima do norte.

Katie demorou uns segundos a assentir com a cabeça.

– Foi o que pensei. Leva o seu tempo até que as pessoas se habituem a Southport. Sempre gostei muito deste lugar. Tenho um lugar especial no meu coração para as cidades pequenas.

– Nasceu aqui?

– Cresci aqui, depois saí, mas acabei por regressar. É sempre assim, não é? Além disso, é difícil encontrar casas tão cheias de pó como a minha noutras cidades.

Katie sorriu e, por um momento, nenhuma das duas proferiu palavra. Jo pareceu satisfeita por ficar à frente dela, à espera que ela desse o passo seguinte. Katie bebeu um gole do seu café, olhando na direção das árvores, e lembrou-se da boa educação que recebeu.

– Aceita um café? Acabei de o fazer.

Jo voltou a colocar os óculos de sol sobre a cabeça, prendendo-os entre os cabelos. – Sabe, estava à espera que me dissesse isso. *Adoraria* tomar um café. As minhas coisas de cozinha ainda estão encaixotadas e tenho o carro na oficina. Nem imagina como é complicado passar o dia inteiro sem cafeína.

– É, deve ser bastante difícil.

– Bem, para que saiba, eu sou uma verdadeira viciada em café. Especialmente em dias como hoje, em que preciso de desencaixotar as minhas coisas. Já disse que detesto desencaixotar?

– Acho que não.

– Olhe, provavelmente é a pior coisa que existe. Tentar descobrir onde colocar cada coisa, bater com os joelhos enquanto se anda no meio das tralhas... Mas não se preocupe, não sou o tipo de vizinha que pede ajuda para organizar a casa. Por outro lado, uma chávena de café...

– Entre – disse Katie, convidando-a. – Só não repare na mobília. Já cá estava quase tudo quando me mudei.

Depois de atravessar a cozinha, Katie tirou uma chávena do armário e encheu-a até cima. Passou-a a Jo. – Lamento, mas não tenho natas nem açúcar.

– Não é necessário – disse Jo, pegando na chávena. Soprou o café antes de beber um gole. – Bem... é oficial – anunciou ela –, você passou a ser a minha melhor amiga no mundo inteiro. Este café está delicioso!

– Ainda bem que gostou.

– O Benson disse-me que trabalha no Ivan's.

– Sou empregada de mesa.

– O Big Dave ainda trabalha lá? – Jo prosseguiu depois de Katie assentir com a cabeça. – Ele já lá está desde que eu andava no secundário. O Dave ainda dá alcunhas carinhosas a toda a gente?

– Sim – disse Katie.

– E a Melody? Ainda continuar a fazer comentários quando acha um cliente bonito?

– Inflexivelmente.

– E o Ricky? Continua a fazer-se a todas as novas empregadas?

Jo riu-se quando viu Katie a assentir de novo com a cabeça.

– Aquilo continua sempre igual.

– Já lá trabalhou?

– Não, mas Southport é uma cidade pequena e o Ivan's é uma instituição. Além disso, quanto mais tempo viver neste lugar, mais depressa vai perceber que aqui não há segredos. Todos sabem da vida de todos e algumas pessoas... como a Melody, por exemplo... transformaram a coscuvilhice numa forma de arte. Antigamente, isso deixava-me louca. É claro, metade das pessoas que aqui moram são iguaizinhas a ela. Não há muita coisa para fazer em Southport, além de coscuvilhar sobre a vida dos outros.

– Mas ainda assim regressou.

Jo encolheu os ombros.

– Sim, regressei. O que é que hei de dizer? Talvez goste de loucos. – Bebeu mais um pouco de café e apontou para a janela. – Sabe, durante todo o tempo que cá vivi, nem me apercebi da existência destas casas.

– O dono disse que eram cabanas de caça. Faziam parte de uma plantação, até que ele as transformou em casas para arrendar.

Jo abanou a cabeça. – Não consigo acreditar que se mudou para cá.

– Mas você também se mudou para cá – argumentou Katie.

– Sim, mas isso só me passou pela cabeça depois de saber que não seria a única mulher a morar no fim de uma rua de gravilha, no meio de nenhures. Isto é assim para o isolado.

Foi exatamente por isso que quis viver aqui, pensou Katie para si mesma. – Não é mau. Acho que já me habituei.

– Espero também conseguir habituar-me – disse Jo, soprando o café para o arrefecer. – E então, o que é que a trouxe a Southport? Tenho a certeza de que não foi a pensar numa carreira de sucesso no Ivan's. Tem família por cá? Pais? Irmãos ou irmãs?

– Não – respondeu Katie. – Sou só eu.

– Veio por causa de um namorado?

– Não.

– Então simplesmente... mudou-se para cá?

– Sim.

– E porque o fez?

Katie não respondeu. Já Ivan, Melody e Ricky lhe tinham feito as mesmas perguntas. Sabia que, por detrás daquelas perguntas, não havia outros motivos ou intenções, apenas uma curiosidade natural. Mesmo assim, nunca sabia bem o que responder, além da verdade.

– Eu queria um lugar onde pudesse recomeçar a vida.

Jo bebeu outro gole de café, aparentemente a interiorizar a resposta dela. Mas, para surpresa de Katie, não fez mais perguntas. Limitou-se a assentir com a cabeça.

– Acho que isso faz bastante sentido. Às vezes, começar de novo é exatamente aquilo de que uma pessoa precisa. E eu acho que é algo admirável. Muitas pessoas não têm a coragem necessária para fazer algo do gênero.

– Acha?

– Tenho a certeza – disse ela. – E então, que planos tem para hoje? O que é que vai fazer enquanto eu estiver para ali a bufar e a reclamar da vida, a desempacotar e a limpar tudo até ficar com as mãos em carne viva?

– Mais logo vou trabalhar. Mas, além disso, pouca coisa. Preciso de ir ao supermercado fazer umas compras.

– Vai ao Fisher's ou vai mesmo à cidade?

– Vou só ao Fisher's.

– Já estive com o dono? Aquele homem de cabelo grisalho?

Katie assentiu com a cabeça. – Uma ou duas vezes.

Jo terminou o café e colocou a chávina no lava-louça antes de soltar um suspiro. – Certo, certo – disse ela, sem grande entusiasmo. – Já chega de adiar as coisas. Se não começar agora, nunca mais vou acabar de arrumar a casa. Deseje-me sorte.

– Boa sorte.

Jo acenou levemente. – Gostei de a conhecer, Katie.

Espreitando pela janela da cozinha, Katie viu Jo a sacudir o tapete que havia pousado antes. Parecera-lhe bastante simpática, mas Katie não sabia se estava preparada para ter uma vizinha. Embora fosse bom ter alguém com quem conversar de vez em quando, habituara-se a estar sozinha.

Mesmo assim, sabia que viver numa cidade pequena implicaria que o seu isolamento autoimposto não duraria para sempre. Tinha de sair para ir trabalhar, fazer compras e andar pela cidade; alguns dos clientes do restaurante já a reconheciam. Além disso, tinha de admitir que apreciara conversar com Jo. Por algum motivo, sentia que Jo era algo mais do que aquilo que deixava transparecer. Algo que a tornava digna de confiança, mesmo que não soubesse explicar o quê. Também era solteira e isso

definitivamente contava a seu favor. Katie não queria imaginar como teria reagido se tivesse sido um homem a instalar-se na casa ao lado, e questionou-se por que nunca havia considerado tal possibilidade.

De regresso ao lava-louça, lavou as chávenas de café e depois arrumou-as no armário. Aquele gesto era-lhe bastante familiar – guardar duas chávenas depois do café da manhã –, e por momentos sentiu-se subjugada pela vida que deixara para trás. As mãos começaram a tremer-lhe. Pressionando uma contra a outra, respirou fundo algumas vezes, até conseguir acalmar-se. Dois meses antes não teria sido capaz de o fazer. Mesmo há duas semanas, pouco lograria fazer para travar aqueles tremores involuntários. Apesar de Katie se sentir feliz por conseguir evitar que os ataques de ansiedade a dominassem, isso também significava que estava a sentir-se confortável naquele lugar, o que a assustava. Afinal, sentir-se confortável significava que poderia baixar as suas defesas, e nunca poderia permitir que isso acontecesse.

Mesmo assim, Katie estava satisfeita por ter ido parar a Southport. Era uma pequena cidade histórica com alguns milhares de habitantes, localizada na foz do rio Cape Fear, exatamente onde ele se encontrava com o canal intracosteiro. Era um lugar com passeios, árvores frondosas e flores que brotavam do solo arenoso. Havia musgo espanhol a pender dos galhos e trepadeiras que se enrolavam em troncos de árvores encarquilhados. Tinha visto crianças a andar de bicicleta e a jogar à bola pelas ruas, e ficou maravilhada com a quantidade de igrejas que havia na cidade; praticamente uma em cada esquina. Grilos e rãs cantavam ao cair da tarde, e pensou de novo como aquela cidade parecia ser o lugar indicado para ela, pois, desde o começo, sentia-se *segura*, como se houvesse algo ali que a chamasse, prometendo-lhe abrigo.

Katie calçou o seu único par de sapatilhas, umas *Converse* velhas. As gavetas da cómoda estavam quase vazias e praticamente não havia comida na cozinha, mas, quando saiu de casa para encarar o sol que brilhava no exterior e se dirigiu ao supermercado, pensou: *Esta é a minha casa*. Respirando fundo e sentindo no ar o perfume dos jacintos e de relva acabada de cortar, percebeu que já há anos não se sentia assim tão feliz.

O cabelo dele começara a ficar grisalho pouco depois de completar vinte anos, o que provocara alguns comentários e piadas por parte dos seus amigos. Além disso, a mudança não fora gradual, com alguns fios aqui e ali a adquirir tons prateados. Em vez disso, em janeiro ele tinha a cabeça coberta por cabelo negro, e, em janeiro do ano seguinte, apenas uns poucos fios negros ainda resistiam. Os seus dois irmãos mais velhos não tiveram o mesmo destino, embora ambos tivessem ganhado alguns fios brancos nas suíças nos últimos anos. Nem a sua mãe nem o seu pai foram capazes de explicar aquilo; tanto quanto sabiam, Alex Wheatley era uma anomalia nos dois ramos da família.

Estranhamente, aquilo não o incomodava minimamente. No exército, chegou a suspeitar que o cabelo grisalho o ajudara a subir na carreira. Trabalhava na Divisão de Investigação Criminal, ou DIC, que tinha bases na Alemanha e na Geórgia, e passara dez anos a investigar crimes militares, desde soldados que desertavam até casos de assaltos, violência doméstica, violações e até mesmo assassinios. Fora promovido várias vezes, até se retirar, aos 32 anos, com a patente de major.

Depois de atingir os seus objetivos e concluir a carreira no exército, mudou-se para Southport, a cidade natal da sua esposa. Eram recém-casados e o primeiro filho estava a caminho. Embora a sua ideia inicial fosse procurar emprego na polícia ou noutra instituição das forças de segurança, o sogro propôs-lhe que comprasse o negócio da família.

Era uma loja de estilo antigo que vendia artigos rurais, frutas, verduras, compotas e outras conservas. O imóvel fora construído com tábuas brancas, venezianas azuis e alguns bancos do lado de fora; era o tipo de estabelecimento que tivera os seus dias de glória há vários anos, mas que praticamente deixara de existir. A família ocupava o andar de cima. Uma magnólia enorme projetava a sua sombra sobre um dos lados da casa, mais à frente havia um carvalho. Apenas metade do parque de estacionamento era

em asfalto, enquanto a outra metade era em cascalho – e, mesmo assim, quase nunca havia lugares vagos. O sogro tinha inaugurado a loja antes do nascimento de Carly, quando em redor quase só havia quintas e pastagens. Mesmo assim, orgulhava-se de entender as pessoas e queria manter armazenada qualquer coisa de que viessem a precisar, o que resultava num lugar que chegava a ser desorganizado devido ao excesso de produtos. Alex era da mesma opinião e mantinha a loja praticamente igual. Cinco ou seis corredores ofereciam frutas, verduras e produtos de higiene pessoal; frigoríficos ao fundo da loja transbordavam com todo o tipo de bebidas, desde refrigerantes e água até cerveja e vinho, e, tal como em qualquer outra loja de conveniência, havia várias prateleiras de aperitivos, doces e diversos tipos de comida de plástico que as pessoas compram quando estão junto à caixa. Mas era aí que as semelhanças acabavam. Também havia inúmeros equipamentos para pesca nas prateleiras, isco vivo e um outro balcão com um grelhador manuseado por Roger Thompson, que já trabalhara em Wall Street e que se mudara para Southport em busca de uma vida mais tranquila. Ao lado da churrasqueira, onde se podia comprar hambúrgueres, sanduíches, cachorros-quentes e outras delícias, havia algumas mesas e cadeiras. Havia também DVD para alugar, vários tipos de munições, capas impermeáveis e guarda-chuvas, além de uma pequena seleção de *best-sellers* e clássicos da literatura. Além disso, a loja vendia velas de automóvel, correias para motor e bidões de gasolina, e Alex tinha nas traseiras uma máquina para fazer cópias de chaves. Ele tinha três bombas de gasolina para os carros e outra no ancoradouro, caso algum barco precisasse de encher o depósito – o único lugar onde era possível fazê-lo fora da marina. Vários frascos de *pickles*, sacos de amendoim cozido e cestas de legumes frescos cobriam o balcão.

Surpreendentemente, não era difícil manter a loja abastecida. Alguns produtos tinham muita saída, outros não. Tal como o sogro, Alex percebia aquilo de que as pessoas precisavam assim que entravam na loja. Percebia e lembrava-se sempre de coisas que passavam ao lado de outras pessoas, uma característica que o auxiliara imenso nos anos em que tinha servido no DIC. Hoje em dia, passava bastante tempo a examinar ou a experimentar as mercadorias em *stock*, para tentar acompanhar as alterações de gosto da clientela.

Alex nunca se imaginara a fazer algo do género, mas não se arrependeu da decisão tomada. Assim, pelo menos podia tomar contas das crianças. Josh

estava na escola, mas Kristen só começaria as aulas quando o outono chegasse. Portanto, ela passava os dias com ele na loja. Ele instalou uma pequena área recreativa atrás da caixa registradora, onde a sua filha, inteligente e comunicativa, parecia sentir-se mais feliz. Embora tivesse apenas cinco anos, ela sabia como usar a caixa e calcular os trocos, e subia a um banquinho para chegar às teclas. Alex entretinha-se sempre com as expressões nos rostos dos estranhos quando ela começava a calcular o valor das mercadorias.

Mesmo assim, não era a infância ideal para uma menina, ainda que ela não tivesse condições de se aperceber. Para ser honesto consigo próprio, Alex tinha de admitir que tratar das crianças e da loja esgotava todas as suas forças. Às vezes, achava-se incapaz de dar conta do recado – preparar o almoço de Josh e deixá-lo na escola, preencher os formulários com as encomendas aos fornecedores, reunir-se com os vendedores e atender os clientes, tudo enquanto tentava manter Kristen entretida. E aquilo era só o início. Ele esforçava-se bastante por fazer coisas de que seus filhos gostassem, como andar de bicicleta, lançar papagaios e pescar com Josh, mas Kristen gostava mesmo era de brincar com bonecas, desenhar e fazer trabalhos manuais. E nem mesmo quando finalmente conseguia deitar as crianças conseguia relaxar, porque havia sempre mais qualquer coisa para fazer. Na verdade Alex já nem sabia qual era o significado da palavra «relaxar».

Depois de as crianças se deitarem, passava o resto dos serões sozinho. Embora aparentemente conhecesse quase todas as pessoas da cidade, na realidade não tinha muitos amigos. Os casais a casa de quem ele e Carly às vezes iam jantar e com quem estavam quando eram convidados para churrascos, tinham-se afastado lenta e inexoravelmente. Em parte por sua culpa – trabalhar na loja e criar os filhos ocupava-lhe a maior parte do tempo –, mas, às vezes, ele tinha a sensação de que a sua presença deixava os outros casais desconfortáveis, como se os lembrasse de que a vida era imprevisível e assustadora e que bastava uma pequena coisa para de repente tudo começar a correr mal.

Era uma vida cansativa e, às vezes, solitária, mas ele mantinha-se concentrado em Josh e Kristen. Embora com menos frequência do que antes, ambos continuavam a ter pesadelos, desde que Carly morrera. Quando acordavam a meio da noite, a chorar inconsolavelmente, pegava-lhes ao colo

e sussurrava-lhes ao ouvido que ia ficar tudo bem. Até as crianças conseguirem finalmente adormecer. No início, todos tinham ido a consultas com uma psicóloga. As crianças faziam desenhos e falavam sobre o que sentiam. Não pareceu ajudar tanto quanto ele esperava. Os pesadelos continuaram durante quase um ano. De vez em quando, ao pintar com Kristen ou ao pescar com Josh, os seus filhos ficavam parados e ele sabia que sentiam saudades da mãe. Kristen chegava a mencionar isso com uma voz parecida com a de um bebé, trémula e incerta, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Quando isso acontecia, Alex conseguia ouvir o seu próprio coração a estilhaçar-se, pois tinha noção de que não havia nada que pudesse fazer ou dizer para melhorar a situação. A psicóloga garantira-lhe que as crianças eram fortes e que, desde que soubessem que eram amadas, os pesadelos iriam tornar-se cada vez menos frequentes. O tempo provou que a psicóloga estava certa, mas agora Alex tinha de enfrentar outro tipo de perda – algo que lhe feria de igual modo o coração. Ele sabia que as crianças estavam a melhorar porque as recordações que tinham da mãe estavam a desaparecer lentamente. Eram muito novos quando a perderam – tinham quatro e três anos – o que significava que, um dia, a mãe se tornaria, para eles, mais um conceito do que uma pessoa. Era inevitável, claro, mas a Alex não parecia correto que nunca se lembrassem do riso de Carly, ou do carinho com que ela os segurava nos braços quando eram bebés, ou que nunca soubessem o quanto ela os amara.

Ele nunca fora muito adepto da fotografia. Era sempre Carly quem pegava na máquina, e, dessa forma, havia dúzias de fotografias com Alex e as crianças. Apenas algumas incluíam Carly. Embora ele fizesse questão de folhear o álbum com Josh e Kristen enquanto lhes falava da mãe, Alex começava a suspeitar que as histórias estavam a tornar-se exatamente isso: histórias. As emoções que acompanhavam aquelas imagens eram como castelos de areia a serem levados pela maré, dissolvendo-se lentamente na água do mar. O mesmo se estava a passar com o retrato de Carly pendurado no seu quarto. No primeiro aniversário do casamento, ele contratou um fotógrafo, apesar dos protestos. Sentiu-se feliz por ter feito aquilo. Na fotografia, ela estava com um ar lindo e independente, a mulher forte que havia conquistado o seu coração. À noite, depois de os filhos irem para a cama, ele passava ocasionalmente longos momentos a olhar para a imagem da mulher, num turbilhão de emoções. Mas Josh e Kristen mal se apercebiam da existência daquela fotografia.

Alex pensava frequentemente nela e sentia saudades do companheirismo que existira entre eles e da amizade que fora o alicerce do casamento. E quando se atrevia a ser honesto consigo mesmo, sabia que desejava ter tudo aquilo de volta. Sentia-se muito sozinho, embora o deixasse incomodado ter de o admitir. Durante vários meses, depois de ela ter partido, não conseguiu sequer imaginar-se com outra pessoa, e nem encarava a possibilidade de voltar a amar alguém. Mesmo depois de decorrido um ano, esse era o tipo de pensamento que se forçava a afastar da mente. A dor ainda era muito recente, e as lembranças dos dias vividos com Carly eram demasiado intensas. Ao fim de alguns meses, levou as crianças ao aquário da cidade e, quando estavam em frente ao tanque dos tubarões, começou a conversar com uma mulher jovem e atraente que estava ao seu lado. Tal como ele, a mulher também tinha levado os filhos e, tal como ele, também não usava aliança no dedo. Os filhos dela tinham a mesma idade de Josh e Kristen, e, enquanto as quatro crianças estavam distraídas a apontar para os peixes, ela riu-se de algo que ele disse, o que fez Alex sentir uma pontada de atração – algo que o fez recordar aquilo que um dia sentira. Pouco depois, a conversa terminou e os dois seguiram direções opostas. Mesmo assim, quando estavam a sair do aquário, ele voltou a vê-la. Ela acenou-lhe e, durante um instante, ele pensou em ir ter com ela para lhe pedir o número do telefone. Mas não chegou a fazê-lo e, logo a seguir, ela entrou no carro e saiu do parque de estacionamento. Alex nunca mais voltou a vê-la.

Naquela noite, esperou ser assolado por uma onda de remorsos e arrependimento, mas, estranhamente, tal não aconteceu. E o que fez no aquário também não lhe pareceu errado. Em vez disso, pareceu-lhe algo... normal. Algo que não era excitante, nem alarmante, mas normal e, de certa maneira, percebeu que estava a começar a superar o que havia acontecido. É claro, aquilo não significava que estivesse pronto para mergulhar de cabeça na vida de solteiro. Se acontecesse, tudo bem. E se não acontecesse? Calculou que só pensaria em atravessar aquela ponte quando lá chegasse. Estava disposto a esperar até encontrar a pessoa certa, alguém que não só trouxesse a alegria de volta à sua vida, mas que amasse os seus filhos tanto quanto ele os amava. Sabia, no entanto, que, naquela cidade, eram ínfimas as hipóteses de encontrar uma pessoa nessas condições. Southport era pequena de mais. Quase todas as pessoas que ele conhecia estavam casadas, reformadas ou a frequentar alguma das escolas locais. Não havia muitas

mulheres solteiras na cidade, especialmente mulheres que aceitassem os filhos que ele já tinha. E, claro, esse era o pormenor que dificultava tudo. Ele poderia sentir-se sozinho, carente e a desejar companhia, mas não estava disposto a sacrificar o bem-estar dos filhos para obter tudo isso. Eles já tinham passado por muito e seriam sempre a prioridade na vida de Alex.

Mesmo assim... ainda havia uma possibilidade, imaginou. Outra mulher despertara o seu interesse, embora ele não soubesse quase nada a seu respeito, exceto que era solteira. Ela ia à loja dele uma ou duas vezes por semana, desde o início de março. Da primeira vez que a viu, ela estava muito magra e pálida, esquelética de meter dó. Numa situação normal, não olharia duas vezes para ela. As pessoas que passavam pela cidade iam frequentemente à loja comprar refrigerantes, gasolina ou comida de plástico; raramente voltava a vê-las. Mas aquela mulher não queria nada disso. Em vez disso, mantinha a cabeça baixa enquanto andava pelos corredores de verduras e legumes, como se tentasse passar despercebida, como um fantasma com forma humana. Infelizmente, para ela, aquilo não resultava. Era atraente de mais para passar despercebida. Ainda não devia ter feito 30 anos, calculou ele, e o cabelo castanho tinha um corte irregular pelos ombros. Não usava maquilhagem, tinha as maçãs do rosto proeminentes e os seus olhos grandes e arredondados conferiam-lhe uma aparência elegante, embora algo frágil.

Quando chegou à caixa registadora, percebeu que, de perto, era ainda mais bonita do que ele havia reparado enquanto percorrera os corredores. Tinha olhos de um castanho-esverdeado salpicado com tons dourados, e o seu sorriso, fugaz e irrefletido, desapareceu tão rapidamente quanto surgiu. Ela não colocou nada no balcão além do estritamente necessário: café, arroz, papas de aveia, massa, manteiga de amendoim e alguns artigos de higiene pessoal. Ele pressentiu que, se entabulasse conversa, iria deixá-la desconfortável, e preferiu fazer as contas em silêncio. Enquanto se ocupava com os preços, ouviu-a falar pela primeira vez.

– Não tem feijões secos?

– Lamento. Não costumo ter esse tipo de produtos em *stock* – respondeu ele.

Enquanto guardava as compras dela num saco, viu-a a olhar pela janela, distraidamente, enquanto mordida o lábio inferior. Por algum motivo, teve a estranha sensação de que estaria prestes a chorar.

Ele aclarou a garganta. – Se é algo de que vai precisar regularmente, posso

falar com meus fornecedores e encomendar alguns pacotes aqui para a loja. Preciso apenas de saber de que tipo prefere.

– Não quero incomodar – disse ela. Quando falou, a sua voz não passou de um sussurro.

Ela pagou a conta com notas de baixo valor e, depois de pegar no saco, saiu da loja. Para surpresa de Alex, continuou a andar depois de sair do parque de estacionamento, e só naquele momento é que ele percebeu que ela não tinha ido de carro. Aquilo só serviu para espicaçar a sua curiosidade.

Na semana seguinte, já havia feijões na loja. Alex encomendara três tipos: feijão-branco, feijão-vermelho e feijão-manteiga, embora apenas uma embalagem de cada. Quando ela regressou, ele fez questão de mencionar que os feijões estavam na prateleira inferior, no canto, ao lado do arroz. Ela levou os três pacotes até à caixa registadora e perguntou se ele tinha uma cebola. Alex apontou para um pequeno saco de cebolas que estava numa cesta ao lado da porta, mas ela abanou a cabeça. – Só preciso de uma – murmurou, quase como se pedisse desculpa, com um sorriso hesitante. As mãos dela tremiam enquanto contava as notas e, mais uma vez, foi embora a pé. Desde então, passou a haver sempre feijões na loja, passou a haver sempre uma cebola para ser vendida individualmente e, nas semanas que se seguiram àquelas duas primeiras visitas, ela acabou por tornar-se numa espécie de cliente habitual. Embora ainda não falasse muito, com o passar do tempo começou a parecer menos frágil e menos nervosa. As olheiras estavam a desaparecer gradualmente e chegara a ganhar um pouco de cor graças a uns quantos dias soalheiros. Também ganhou um pouco de peso – não muito, mas o suficiente para suavizar as suas feições delicadas. Também a sua voz se fortaleceu e, embora isso não revelasse qualquer sinal de que estaria interessada nele, aquela rapariga já conseguia olhá-lo nos olhos por mais alguns momentos antes de finalmente virar a cara. Não tinham avançado muito além de frases como «Encontrou tudo o que precisava?» e «Sim, obrigada», mas, em vez de fugir da loja como um veado perseguido por caçadores, ela às vezes circulava mais tempo por entre os corredores e até começara a conversar com Kristen quando as duas estavam sozinhas. Foi a primeira vez que ele a viu a baixar as defesas. A sua atitude tranquila e a expressão sincera revelaram que tinha afeto por crianças, o que o levou a pensar de imediato que vislumbrara a mulher que em tempos fora e que poderia voltar a ser, dependendo das circunstâncias. Da mesma forma,

Kristen pareceu ter visto algo de diferente naquela mulher, já que, depois de ela sair, a sua filha disse-lhe que tinha uma nova amiga e que ela se chamava Miss Katie.

No entanto, isso não significava que ela se sentia confortável na presença de Alex. Na semana anterior, depois de ter conversado despreocupadamente com Kristen, ele viu-a a ler as contracapas dos romances que havia na loja. Não comprou nenhum e, quando Alex lhe perguntou casualmente se procurava algum autor em particular, reparou num lampejo do velho nervosismo. Compreendeu que não a deveria ter deixado perceber que a observara.

– Deixe lá – disse ele, acrescentando rapidamente: – Não é importante.

No entanto, ao sair, ela parou por um momento, com o saco de compras pendurado no braço. Deu meia-volta na direção dele e murmurou:

– Eu gosto de Dickens.

Dito aquilo, abriu a porta e partiu a pé pela rua.

Desde então, ele começou a pensar nela cada vez mais frequentemente, mas eram pensamentos vagos, cercados por mistério e tingidos pelo desejo de a conhecer melhor. Não que ele soubesse como fazer aquilo. Além do ano em que cortejou Carly, nunca fora muito bom no jogo da sedução. Na faculdade, entre o tempo que dedicava à natação e às aulas, tinha poucas oportunidades para sair com raparigas. Enquanto esteve no exército, dedicou-se totalmente à sua carreira, trabalhando bastante e sendo transferido de uma base para outra a cada promoção que recebia. Embora tivesse saído com algumas mulheres, na sua maioria eram romances ef meros, que começavam e terminavam no quarto. Às vezes, olhando em retrospectiva para a sua vida, mal reconhecia o homem que costumara ser – e sabia que Carly fora a responsável por tal mudança. Sim, às vezes era difícil reconhecer-se a si próprio, e, sim, sentia-se sozinho. Alex tinha saudades da mulher e, embora nunca o tivesse confessado a ninguém, ainda havia momentos em que podia jurar que sentia a presença dela por perto, a cuidar dele e a fazer tudo para que se sentisse bem.

Graças ao excelente tempo que se fazia sentir, naquele domingo a loja tinha mais movimento do que era habitual. Quando Alex abriu a porta, às sete da manhã, já havia três barcos ancorados na doca à espera que fosse ligada a bomba de gasolina. Como já era habitual, os donos dos barcos, ao pagarem a

gasolina, aproveitavam para comprar petiscos, bebidas e sacos de gelo para levar para bordo. Roger – que, como sempre, estava de serviço à churrasqueira – não teve um minuto de folga desde que colocou o avental, e as mesas estavam cheias de gente a comer salsichas panadas e *cheeseburgers* e a pedir informações sobre as movimentações da bolsa.

Por norma, Alex ficava na caixa registadora até ao meio-dia, altura em que passava as rédeas a Joyce. Tal como Roger, Joyce era uma funcionária que facilitava imenso o trabalho de gerir a loja. Joyce, que tinha trabalhado no tribunal até se reformar, veio «de brinde» com a loja, por assim dizer. O sogro de Alex contratara-a há dez anos e agora, mesmo tendo já 70 anos, ela não dava qualquer sinal de pretender levar uma vida mais tranquila. O seu marido tinha morrido há uns anos, os filhos mudaram-se para outras cidades e ela tratava os clientes como se fossem a sua verdadeira família. Joyce já fazia parte da loja, como qualquer artigo presente nas prateleiras.

Além disso, ela compreendia a necessidade de Alex de passar tempo com os filhos, longe da loja, e não se incomodava com o facto de ter de trabalhar aos domingos. Assim que chegava, ia imediatamente para trás do balcão onde estava a caixa registadora e dizia a Alex para ir para casa. Mais parecia a dona do lugar do que uma das funcionárias. Joyce também era a *babysitter* de serviço, a única pessoa a quem ele confiava as crianças caso tivesse de sair da cidade. Não era algo que acontecia com frequência – sucedera apenas duas vezes nos últimos dois ou três anos, quando ele foi encontrar-se com um velho amigo dos tempos do exército em Raleigh –, mas Alex reconhecia que Joyce fora uma das melhores coisas que já lhe acontecera na vida. Quando precisava dela, estava sempre pronta para ajudar.

Enquanto esperava pela chegada de Joyce, Alex deu uma volta pela loja, a verificar as prateleiras. O sistema informatizado era ótimo para gerir o inventário, mas ele sabia que filas e filas de números nem sempre relatavam toda a história. Às vezes achava que teria uma noção melhor do que precisava ser reposto se olhasse realmente para as prateleiras para verificar o que tinha sido vendido no dia anterior. O sucesso de um estabelecimento exigia que as mercadorias fossem repostas o mais rapidamente possível, e aquilo significava que, uma vez por outra, tinha de disponibilizar artigos que nenhuma outra loja oferecia. Tinha compotas e geleias caseiras, temperos em pó feitos com base em «receitas secretas», que davam mais sabor às carnes de vaca e de porco, e uma boa variedade de frutas e vegetais enlatados de

produção local. Até mesmo as pessoas que faziam compras regularmente em supermercados como o Food Lion ou o Piggly Wiggly iam frequentemente dar uma vista de olhos à loja de Alex para comprar os produtos especiais que ele fazia questão de comercializar.

Ainda mais do que o volume de vendas de um artigo, gostava de saber em que alturas se vendiam determinados produtos, algo que não aparecia necessariamente no registo geral de contas. Alex percebera, por exemplo, que o pão para cachorro-quente vendia muito bem aos fins de semana, mas raramente saía das prateleiras durante a semana; com o pão tradicional passava-se o contrário. Ao tomar consciência disso, tratou de manter esse produto em *stock* para quando aumentava a procura, e assim as vendas cresceram. Não era muito, mas o dinheiro extra ajudava-o a manter a sua pequena loja a dar lucro numa época em que as grandes cadeias de lojas e supermercados afastavam a maioria das pequenas empresas locais do mercado.

Enquanto examinava as prateleiras, começou a imaginar o que iria fazer com as crianças naquela tarde, e decidiu levá-las a dar um passeio de bicicleta. Carly sempre gostara de colocar as crianças num carrinho especialmente concebido para ser ligado à sua bicicleta para as levar a passear pela cidade. Mas um passeio desse tipo não bastava para ocupar toda a tarde. Talvez eles pudessem ir de bicicleta até ao parque... talvez isso lhes agradasse.

Depois de deitar uma rápida olhadela na direção da porta da frente para ter a certeza de que não ia entrar ninguém na loja, correu até à divisão que servia como armazém na parte de trás da loja e colocou a cabeça do lado de fora de uma janela. Josh estava a pescar no ancoradouro, a coisa que ele mais gostava de fazer na vida. Alex não gostava de o deixar ali fora sozinho – não tinha dúvidas de que algumas pessoas o considerariam um péssimo pai por permitir que aquilo acontecesse –, mas Josh nunca saía do campo de visão das câmaras de segurança e Alex podia vê-lo no monitor ao lado da caixa registadora. Era uma das regras da família e Josh sempre a respeitara. Kristen, como de costume, estava sentada na sua mesinha atrás do balcão da caixa registadora. Tinha separado as roupinhas da boneca em pilhas diferentes e parecia satisfeita apenas por lhe mudar a roupa. Sempre que terminava, olhava para Alex com uma expressão alegre e inocente, e perguntava ao pai se ele achava que a boneca continuava bonita. Como se

fosse possível a Alex dizer que não.

Miúdas. Eram capazes de amolecer os corações mais empedernidos.

Alex estava a organizar alguns dos frascos de condimentos quando ouviu soar a campainha que tocava sempre que um cliente abria a porta. Levantando a cabeça por cima das prateleiras, viu Katie entrar na loja.

– Olá, Miss Katie – disse Kristen, aparecendo por detrás da caixa registadora. – Gostas das roupas que vesti à minha boneca?

Do lugar onde estava, ele mal conseguia ver a cabeça de Kristen por cima do balcão, mas ela tinha nas mãos... Vanessa? Rebecca? Qualquer que fosse o nome da boneca de cabelo castanho, levantara-a bem o alto para que Katie a pudesse ver.

– Está linda, Kristen – respondeu Katie. – Esse vestido é novo?

– Não, já o tenho há algum tempo. Mas ela não o tem usado.

– Como é que se chama?

– Vanessa – respondeu.

Vanessa, pensou Alex. Quando mais tarde elogiasse Vanessa, pareceria um pai bem mais atencioso.

– Foste tu que lhe deste esse nome?

– Não, ela já veio com o nome. Podes ajudar-me a calçar-lhe as botas? Não consigo puxá-las até aos joelhos.

Alex ficou a olhar enquanto Kristen entregou a boneca a Katie e quando esta começou a calçar-lhe as botas de plástico flexível. Por experiência própria, Alex sabia que era mais difícil do que parecia. Uma miúda não seria capaz de puxar as botas de maneira a que encaixassem. Quando lhe calhou a ele, teve algumas dificuldades em fazê-lo, mas, de algum modo, Katie fez com que tudo parecesse extremamente fácil. Ela devolveu a boneca e perguntou:

– O que te parece?

– Está linda. Achas que ficava bem de casaco?

– Não está assim tanto frio lá fora.

– Eu sei, mas a Vanessa às vezes é meio friorenta. Acho que ela vai precisar de um casaco.

A cabeça de Kristen desapareceu por detrás do balcão para voltar a aparecer logo a seguir. – Qual é que fica melhor? O azul ou o roxo?

Katie levou um dedo à boca, analisando seriamente os casacos. – Acho que o roxo fica melhor.

Kristen assentiu. – Também me pareceu. Obrigada.

Katie sorriu antes de desviar o olhar, e Alex concentrou a sua atenção nas mercadorias antes que ela percebesse que ele a observava. Pelo canto do olho, viu Katie a pegar numa pequena cesta de compras antes de se deslocar para outro corredor.

Alex regressou ao balcão da caixa registadora. Quando ela o viu, ele acenou amigavelmente. – Bom dia – cumprimentou-a.

– Olá – respondeu ela enquanto tentava prender uma madeixa de cabelo atrás da orelha, mas sem sucesso, pois era curta de mais para se aguentar no lugar. – Só preciso de umas coisinhas.

– Avise-me se não conseguir encontrar alguma coisa de que precise. Às vezes trocam os produtos de lugar.

Ela assentiu com a cabeça antes de continuar a percorrer o corredor. Quando Alex assumiu o seu posto atrás da caixa registadora, espreitou rapidamente para o monitor. Josh estava a pescar no mesmo lugar enquanto um barco se aproximava lentamente do cais.

– O que é que achas, papá? – perguntou Kristen puxando-lhe pelas calças com uma mão e segurando a boneca com a outra.

– Oh, está linda – comentou Alex, agachando-se ao lado dela. – E também gosto bastante do casaco. A Vanessa é friorenta, não é?

– É, sim. Mas ela disse-me que quer brincar no baloiço, por isso provavelmente vai ter de mudar de roupa.

– É uma ótima ideia. Talvez dê para ir ao parque depois do almoço. Se também quiseses brincar no baloiço – propôs Alex.

– Eu não quero brincar no baloiço. É a Vanessa que quer. E é só a fazer de conta, papá.

– Ah, tudo bem – disse ele, levantando-se. *Lá se vai o passeio no parque,* pensou.

Perdida no seu próprio mundo, Kristen começou a despir de novo a boneca. Alex espreitou para o monitor para ver onde Josh estava, no preciso momento em que entrou na loja um adolescente, vestindo apenas uns calções. Entregou-lhe um maço de notas.

– Para a bomba de gasolina do cais – indicou, antes de sair rapidamente.

Alex registou a compra da gasolina e acionou a bomba enquanto Katie se aproximou da caixa registadora. Os mesmos artigos de sempre, além de um protetor solar. Quando ela olhou por cima do balcão para ver Kristen, Alex

apercebeu-se da mudança da cor dos olhos dela.

– Encontrou tudo o que precisava?

– Sim, obrigada.

Ele começou a guardar as compras dela num saco.

– O meu livro favorito de Dickens é o *Grandes Esperanças* – disse ele, tentando parecer simpático enquanto colocava os produtos no saco. – E o seu?

Em vez de responder imediatamente, ela pareceu ter ficado assustada por ele se ter lembrado de ela ter dito que gostava de Dickens.

– *Um Conto de Duas Cidades* – respondeu ela, em voz baixa.

– Também gostei desse, mas é uma história triste.

– Sim. Por isso é que gosto dela.

Como sabia que ela regressaria a pé para casa, colocou as compras dentro de outro saco.

– Calculo que, dado que já conhece a minha filha, cabe agora a mim apresentar-me. Chamo-me é Alex. Alex Wheatley.

– Ela chama-se Miss Katie – informou Kristen por detrás dele. – Mas já te tinha dito, não te lembras?

Alex olhou para Kristen por cima do ombro. Quando se voltou para Katie, ela estava a sorrir enquanto lhe pagava.

– Apenas Katie – disse ela.

– Prazer em conhecê-la, Katie. – Ele tocou nas teclas e a gaveta da caixa abriu-se com um tinido. – Calculo que more aqui perto.

Ela não chegou a responder. Em vez disso, quando Alex olhou para cima, verificou que os olhos dela estavam arregalados de medo. Virando-se para trás, percebeu o que ela vira no monitor atrás dele: Josh tinha caído à água, ainda vestido, e debatia-se, agitando os braços em pânico. Alex sentiu um aperto na garganta e reagiu por instinto. Saiu a correr de detrás do balcão, percorreu a loja e o armazém a correr. Abriu intempestivamente a porta, embateu numa caixa de toalhetes de papel, derrubando-a no chão, mas não diminuiu o passo.

Escancarou violentamente a porta dos fundos e sentiu a adrenalina a percorrer-lhe o corpo enquanto saltava por cima de uns arbustos, encurtando o caminho até ao ancoradouro. Chegou a toda a velocidade à estrutura de madeira. Quando tomou impulso e saltou, Alex conseguiu ver Josh na água, a agitar os braços.

Com o coração a bater desalmadamente no peito, Alex voou pelo ar e atingiu a água bem perto do lugar onde Josh estava. A profundidade não era grande – menos de dois metros, estimou – e, ao sentir os pés a tocarem no fundo lamacento, afundou-se até os tornozelos. Debateu-se para regressar à superfície e sentiu a pressão nos seus braços quando os estendeu para pegar em Josh.

– Pronto, já te agarrei! – gritou. – Já te agarrei!

Mas Josh estava a debater-se e a tossir, sem conseguir recuperar o fôlego. Alex teve de se esforçar para o controlar enquanto o trouxe de volta para a parte mais rasa da água. Depois, com um esforço tremendo, levou Josh para a margem coberta pela relva, já com várias alternativas a correrem-lhe pela mente: massagem cardíaca, respiração boca a boca, ou tentar obrigar Josh a expelir a água que tinha engolido. Alex tentou fazer com que o filho se deitasse de costas, mas a criança resistiu. Debatia-se e tossia, e, embora ambos ainda estivessem dominados pelo pânico, aquela reação significava que Josh ficaria bem.

Alex não saberia dizer quanto tempo levou – talvez apenas alguns segundos, mas parecia ter demorado bem mais –, até que Josh, ao tossir, cuspiu finalmente um jato de água e recuperasse o fôlego. Respirou fundo e voltou a tossir; inalou mais uma vez e tossiu novamente, embora, desta vez, mais parecesse que estava a aclarar a garganta. Inspirou mais algumas vezes, ainda tomado pelo pânico, e foi só então que o rapaz pareceu ter-se apercebido do que tinha acontecido.

Ergueu os braços para o pai e Alex abraçou-o com força. Josh começou a chorar, com os ombros a tremer. Alex sentiu o estômago a revirar-se ao pensar no que poderia ter acontecido. E se ele não se tivesse apercebido de que Katie estava a olhar para o monitor? E se tivesse decorrido mais um minuto? As respostas àquelas perguntas levaram-no a tremer tanto quanto Josh. Depois de alguns minutos, o choro de Josh começou a diminuir e ele disse as primeiras palavras desde que Alex o tirara da água.

– Desculpa, pai – disse, entre soluços.

– Desculpa-me tu também – sussurrou Alex. Manteve-se abraçado ao filho, temendo que, caso o soltasse, de algum modo o tempo começasse a retroceder, levando a que aquilo acontecesse de novo, desta vez com um resultado diferente.

Quando finalmente conseguiu afrouxar os braços em redor de Josh, Alex

viu que havia um grupo de pessoas a olhar para eles do outro lado da loja. Roger estava lá, assim como os clientes que estavam a comer perto da churrasqueira. Outros dois clientes esticavam os pescoços, provavelmente recém-chegados. E, é claro, Kristen também lá estava. De repente voltou a sentir-se um pai terrível, pois percebeu que a sua menina chorava, apavorada e a precisar dele, mesmo estando aninhada nos braços de Katie.

*

Alex só percebeu o que sucedera depois de ele e Josh terem vestido roupas secas. Roger tinha preparado hambúrgueres e batatas fritas para as crianças e estavam todos sentados numa mesa junto à churrasqueira, embora nenhum deles estivesse com o menor apetite.

– A linha do meu anzol enroscou-se no barco quando ele estava a sair do cais e eu não queria perder a minha cana de pesca. Achei que a linha ia rebentar, mas ela puxou-me e caí e engoli muita água. Não conseguia respirar e parecia que tinha alguma coisa a puxar-me para baixo – explicou Josh, hesitando por um momento. – Acho que deixei cair a cana ao rio.

Kristen estava sentada ao lado dele, com os olhos ainda vermelhos e inchados. Pedira a Katie que ficasse um pouco com ela, e esta permanecia ao seu lado, ainda a segurar-lhe na mão.

– Está tudo bem. Daqui a um bocado vou até lá e, se não conseguir encontrá-la, arranjamós-te uma nova. Mas se isso voltar a acontecer, larga a cana, está bem?

Josh respirou fundo e assentiu com a cabeça.

– Desculpa.

– Foi um acidente – disse Alex, para o tranquilizar.

– Mas assim nunca mais me deixas pescar.

E arriscar-me novamente a perder-te?, pensou Alex. *De maneira nenhuma.* Mas limitou-se a dizer:

– Conversamos sobre isso mais tarde.

– E se eu prometer que da próxima vez largo a cana?

– Como disse, vamos conversar sobre isso mais tarde. Agora, porque é que não comes alguma coisa?

– Não tenho fome.

– Eu sei. Mas está na hora do almoço e precisas de comer.

Josh pegou numa batata frita e mordeu um pequeno pedaço, mastigando-o mecanicamente. Kristen fez o mesmo. À mesa, ela imitava quase sempre os gestos de Josh. Aquilo era o bastante para irritar Josh, mas ele não pareceu ter qualquer energia para protestar.

Alex virou-se para Katie. Engoliu em seco, sentindo-se repentinamente nervoso. – Posso falar consigo por um minuto?

Ela levantou-se da mesa e ele encaminhou-a para longe das crianças. Quando se afastaram o suficiente para que os filhos não pudessem ouvi-lo, ele aclarou a garganta. – Quero agradecer-lhe pelo que fez.

– Eu não fiz nada – protestou ela.

– Fez, sim. Se não estivesse a olhar para o monitor, eu nunca iria saber o que estava a acontecer. Talvez não lhe tivesse deitado a mão a tempo – disse Alex. Calou-se por uns momentos. – E obrigado por cuidar da Kristen. Ela é a coisa mais doce e carinhosa do mundo, mas é bastante sensível. Fico feliz por não a ter deixado sozinha. Mesmo quando tivemos de subir para trocar de roupa.

– Fiz o que qualquer pessoa faria – insistiu Katie. No silêncio que se seguiu, ela percebeu repentinamente quão próxima estava de Alex e recuou um pequeno passo. – Olhe, acho que está na hora de eu ir.

– Espere – disse Alex, que se dirigiu aos frigoríficos no fundo da loja. – Gosta de vinho?

Ela abanou a cabeça. – Às vezes, mas...

Antes que pudesse concluir a frase, ele virou-se e abriu a porta, retirando uma garrafa de *chardonnay*. – Por favor, gostaria que aceitasse. É um excelente vinho. Sei que não imaginaria encontrar aqui uma boa garrafa de vinho, mas, quando estive no exército, fiz um amigo que me ensinou a apreciar. Apesar de ser amador, considero-o um especialista, e é ele que escolhe os vinhos que eu vendo. Tenho certeza de que vai gostar.

– Não é necessário.

– É o mínimo que posso fazer – disse ele, mostrando um sorriso. – É uma forma de lhe agradecer.

Pela primeira vez desde que se conheceram, ela olhou-o nos olhos e não desviou o olhar. – Está bem – disse ela, por fim.

Depois de pegar nas suas compras, Katie saiu da loja. Alex voltou para a mesa. Após um pouco mais de persuasão, Josh e Kristen terminaram o almoço, enquanto Alex foi até ao cais procurar a cana de pesca. Quando

regressou, Joyce já estava a pôr o avental e Alex pôde levar as crianças a dar um passeio de bicicleta. Depois, entraram todos no carro e foram até Wilmington, onde viram um filme e comeram piza, as velhas e fiáveis atividades quando é necessário passar tempo com crianças. O sol já se tinha posto e eles estavam cansados quando voltaram para casa. Assim, depois de um banho e de vestirem os pijamas, Alex deitou-se na cama no meio dos dois durante uma hora, lendo-lhes histórias, até finalmente apagar as luzes.

Na sala de estar, ligou a televisão e percorreu os canais durante algum tempo, mas não lhe apetecia ver nada. Em vez disso, voltou a pensar em Josh. Embora soubesse que o seu filho estava em segurança no quarto, sentiu um arrepio, o mesmo medo que sentira antes. A mesma sensação de fracasso. Estava a dar o seu melhor e não havia ninguém que pudesse amar os seus filhos mais do que ele. Mesmo assim, não conseguiu deixar de pensar que, de algum modo, aquilo não seria suficiente.

Mais tarde, muito tempo depois de Josh e Kristen terem adormecido, Alex foi até a cozinha e tirou uma cerveja do frigorífico. Bebeu-a vagarosamente no sofá. As lembranças do dia permaneciam vivas na sua mente, mas, desta vez, estava a pensar na sua filha e na maneira como ela se agarrara a Katie, o seu pequeno rosto enterrado no pescoço dela. A última vez que vira algo semelhante fora quando Carly ainda estava viva.

Abril deu lugar a maio e os dias sucederam-se uns aos outros. O movimento no restaurante cresceu de forma perceptível e a reserva de dinheiro na lata de café de Katie também cresceu de forma proporcional e reconfortante. Katie já não sentia os mesmos acessos de pânico ao pensar na possibilidade de não ter dinheiro caso precisasse de abandonar a casa.

Mesmo depois de pagar a renda, as contas e as despesas com comida, percebeu que, pela primeira vez em anos, sobrava algum dinheiro. Não muito, mas o bastante para se sentir livre e leve. Na sexta-feira de manhã, deteve-se em frente Anne Jean's, uma loja de roupas usadas. Katie levou grande parte da manhã a apreciar as roupas que estavam à venda e comprou dois pares de sapatos, dois pares de calças, uns calções, três *T-shirts* elegantes e algumas blusas, a maioria das quais eram de marca e com aspeto de novas. Katie não deixava de se espantar com o facto de algumas mulheres terem tantas peças boas de roupa a ponto de poderem doar algumas que provavelmente teriam custado pequenas fortunas em lojas de marca.

Jo estava a pendurar um espanta-espíritos no alpendre quando Katie chegou a casa. Não tinham conversado muito desde aquele primeiro encontro. O trabalho de Jo, qualquer que ele fosse, parecia mantê-la ocupada, e Katie fazia o máximo de turnos possíveis no restaurante. À noite, reparava que as luzes da casa de Jo ficavam acesas, mas era tarde de mais para ir até lá. Além disso, Jo também não tinha passado o fim de semana anterior em casa.

– Já não conversamos há uns tempos, hein? – disse Jo, com um aceno. Deu um toque no espanta-espíritos, fazendo-o tinir antes de atravessar o jardim.

Katie chegou ao seu alpendre e pousou os sacos no chão. – Por onde é que andou?

Jo encolheu os ombros. – Sabe como é que são as coisas. A trabalhar até tarde à noite, a acordar bem cedo de manhã, indo aqui e ali. Há momentos em que me sinto como se estivesse a ser puxada em todas as direcções – disse ela, apontando para as cadeiras de baloiço. – Importa-se? Preciso parar um pouco.

Passei a manhã a limpar a casa e acabei de pendurar aquela coisa. Gosto do som que faz.

– Esteja à vontade – disse Katie.

Jo sentou-se e rodou os ombros, tentando relaxar. – Está a ficar bronzeada. Tem ido à praia?

– Não. Fiz alguns turnos extra nas últimas semanas e trabalhei no exterior – disse Katie, afastando uma das cadeiras e abrindo espaço para poder esticar as pernas.

– Sol e água... o que mais há ali? Trabalhar no Ivan's deve ser muito parecido com uma temporada de férias.

Katie riu-se. – Não é bem assim. E a Jo, o que é que tem feito?

– Ultimamente, para mim nada de sol nem diversão – disse Jo, olhando para os sacos de compras. – Eu queria ter vindo mais cedo para tomar outro café, mas a Katie já tinha saído.

– Fui às compras.

– Estou a ver. Encontrou alguma coisa interessante?

– Acho que sim – confessou Katie.

– Bem, não fique aí sentada. Mostre-me o que comprou.

– Tem a certeza de que quer ver?

Jo riu-se. – Eu moro numa cabana na ponta de uma rua de gravilha que fica em pleno fim do mundo e passei a manhã a lavar e a secar os armários. Que outras opções tenho para me divertir?

Katie tirou uns *jeans* do saco e passou-os a Jo, que pegou neles, para os observar atentamente.

– Uau! – disse ela. – Provavelmente encontrou estas calças na Anna Jean's. Adoro aquela loja.

– Como é que sabe que comprei isto na Anna Jean's?

– Porque não há outra loja na cidade que venda roupas tão boas. Isto veio do armário de alguém. Provavelmente de alguma mulher rica. Grande parte das coisas daquela loja são praticamente novas.

Pousando os *jeans* no colo, Jo deslizou os dedos sobre o bordado dos bolsos de trás. – Os detalhes são maravilhosos, gostei muito dos desenhos – disse ela, olhando para os sacos. – E que mais comprou?

Katie passou-lhe as peças uma a uma, divertindo-se com o entusiasmo de Jo em relação a todas. Quando o saco ficou vazio, Jo suspirou. – Bem, agora estou oficialmente a morrer de inveja. E deixe-me adivinhar: não sobrou nada

parecido com isso na loja, não é?

Katie encolheu os ombros, sentindo-se repentinamente acanhada. – Desculpe. Passei lá um bom bocado a escolher.

– Bem, não há problema. Escolheu muito bem. Estas roupas são verdadeiros tesouros.

Katie olhou para a casa de Jo. – E como estão as coisas por ali? Já começou as pinturas?

– Ainda não.

– O trabalho está a ocupá-la muito?

Jo fez uma careta. – A verdade é que, depois de desencaixotar as minhas coisas e de limpar a casa de cima a baixo, acho que esgotei a minha energia. Mas sinto-me feliz por ser sua amiga, pois isso significa que ainda posso vir até sua casa, que é alegre e colorida.

– Pode vir a qualquer hora.

– Obrigada, isso significa muito para mim. Mas Mr. Benson, aquele homem malvado, amanhã vai trazer algumas latas de tinta. Acho que isso explica porque estou aqui. Estou quase em pânico só de pensar que vou passar o fim de semana com tinta a pingar-me na roupa.

– Não é assim tão mau. Até passa depressa.

– Está a ver estas mãos? – perguntou Jo, exibindo as palmas. – Foram feitas para acariciar homens bonitos, para serem adornadas com unhas bonitas e anéis de diamantes. Não foram feitas para segurar rolos de pintar, para ficarem manchadas de tinta ou para fazer outros tipos de trabalhos braçais.

Katie deu uma risadinha. – Quer que a ajude?

– Nem pensar. Sou especialista em deixar as coisas para depois, mas a última coisa que quero é que pense que sou incompetente. Porque sou muito boa no que faço.

Um bando de andorinhas abandonou as árvores, movendo-se num ritmo quase musical. O baloiço das cadeiras fazia com que as tábuas do alpendre rangessem levemente.

– O que é que a Jo faz exatamente?

– Faço acompanhamento psicológico, por assim dizer.

– No ensino secundário?

Jo abanou negativamente a cabeça.

– Não. Em situações de luto e perda.

– Ah – disse Katie, que parou por uns momentos para pensar. – Não sei

bem do que se trata.

Jo encolheu os ombros. – Vou a casa das pessoas e tento ajudá-las. Por norma, isso acontece quando morre alguém muito querido – explicou. Após uma pausa, a sua voz tornou-se mais suave. – As pessoas reagem de maneiras muito diferentes, e o meu trabalho é descobrir o modo de as ajudar a aceitar o que aconteceu. Aliás, detesto essa palavra, pois nunca conheci ninguém que realmente estivesse disposto a aceitar os factos. Mas, basicamente, é isso que eu faço. Afinal, independentemente de quão difícil seja, a aceitação ajuda as pessoas a seguir em frente com as suas vidas. Mas, às vezes...

Ela deixou a frase no ar. No silêncio que se impôs, arrancou um pedaço da tinta da cadeira de baloiço, que estava a descascar. – Às vezes, quando estou a tratar de alguém, acabam por surgir outros problemas. E é nisso que tenho trabalhado ultimamente. Em geral, as pessoas também precisam de outros tipos de ajuda.

– Parece ser um belo trabalho.

– E é. Mesmo que tenha as suas dificuldades – concluiu ela, virando-se para Katie. – E a Katie, o que é que me conta?

– Já sabe que trabalho no Ivan's.

– Mas não me contou mais nada sobre si.

– Não há muito mais a dizer – contestou Katie, desejando que a conversa não enveredasse por aquele rumo.

– É claro que há. Todos têm uma história – comentou Jo, antes de fazer uma pequena pausa. – Por exemplo, qual foi o verdadeiro motivo que a trouxe a Southport?

– Já lhe disse. Queria um lugar onde pudesse recomeçar a vida – insistiu Katie.

Jo pareceu percebê-la imediatamente enquanto absorveu aquela resposta. – Tudo bem – disse, pouco depois, sem rancor na voz. – Tem razão. Não é nada comigo.

– Não foi isso que eu disse.

– Foi, sim. Disse-o com gentileza. E respeito a sua resposta, porque efetivamente tem razão: realmente, não é nada comigo. Mas, só para que saiba, quando diz que quer recomeçar a sua vida, a conselheira que há em mim questiona-se quanto ao que a levou a sentir a necessidade de recomeçar. E, mais importante do que isso, o que é que deixou para trás.

Katie sentiu uma tensão crescente nos ombros. Apercebendo-se do

desconforto dela, Jo prosseguiu.

– E se fizermos assim – propôs, de modo muito gentil. – Esqueça que eu fiz a pergunta. Mas não esqueça que, se algum dia quiser conversar a esse respeito, estarei aqui para a ajudar. Sou uma boa ouvinte, especialmente quando os meus amigos precisam. E, acredite ou não, conversar, às vezes, ajuda bastante.

– E se eu, simplesmente, não puder conversar sobre o assunto? – disse Katie, num sussurro involuntário.

– E que tal se ignorar o facto de eu trabalhar como terapeuta? Somos apenas amigas, e as amigas podem conversar sobre qualquer coisa. Como o lugar onde nasceu, ou algo que a deixava feliz em criança.

– E que importância é que isso tem?

– Não tem realmente grande importância. E é exatamente por isso que estou a conversar consigo. Não tem de dizer nada que não queira efetivamente dizer.

Katie absorveu as palavras de Jo antes de a fitar com os olhos semicerrados. – Você é muito boa no que faz, não é?

– Faça por isso – concordou Jo.

Katie entrelaçou os dedos sobre o colo. – Tudo bem. Eu nasci em Altoona – contou.

Jo recostou-se na cadeira de baloiço. – Nunca lá estive. É um sítio bonito?

– É uma daquelas velhas cidades construídas em volta da estação de comboios. Já deve ter visto algum lugar assim. Uma cidade pequena, cheia de pessoas boas e trabalhadoras que estão apenas a tentar melhorar as suas vidas. Era um lugar bonito, especialmente durante o outono, quando as folhas começavam a mudar de cor. Eu achava que não poderia haver no mundo nenhum lugar mais bonito do que aquele. – Katie baixou os olhos, parecendo algo perdida nas suas memórias. – Tinha uma amiga chamada Emily e nós costumávamos pôr moedas na linha do comboio. Depois do comboio passar, andávamos ali à volta dos carris para tentar encontrá-las, e ficávamos sempre espantadas ao constatar que o peso do comboio apagava sempre as marcas de cunhagem das moedas. Às vezes, as moedas ainda estavam quentes. Lembro-me de uma vez quase ter queimado os dedos. Quando penso na minha infância, é quase sempre para recordar pequenos momentos agradáveis como este.

Katie encolheu os ombros, mas Jo permaneceu em silêncio, permitindo que

ela prosseguisse. – De qualquer forma, foi lá que estudei, sempre na mesma escola. Foi lá que concluí o secundário, mas acho que, naquela época... não sei... acho que estava farta daquilo tudo, compreende? Da vida numa cidade pequena, onde todos os fins de semana eram iguais. As mesmas pessoas a irem sempre às mesmas festas, sempre os mesmos rapazes a beber cerveja na parte de trás das *pick-ups*. Eu queria mais, mas não consegui ir para a faculdade. Resumindo, acabei por ir parar a Atlantic City. Trabalhei lá durante algum tempo, mudei-me algumas vezes e agora, passados uns anos, aqui estou.

– Noutra cidade pequena, onde é sempre tudo igual.

Katie abanou a cabeça. – Esta cidade é diferente. Faz com que me sintam...

Ao ver que Katie hesitava, Jo terminou a frase por ela.

– Segura?

Quando o olhar assustado de Katie se cruzou com o dela, Jo parecia perplexa. – Não é assim tão difícil de perceber. Como a Katie disse, a sua ideia é recomençar. E que lugar melhor para o fazer do que este, onde nada acontece? – Fez uma pequena pausa. – Bem, não é sempre assim. Ouvi dizer que houve uma certa animação na semana passada. Quando foi à loja de conveniência.

– Soube disso?

– Vivemos numa cidade pequena. É impossível não ouvir os comentários. O que é que se passou?

– Foi assustador. Eu estava a conversar com o Alex e, quando vi no monitor o que estava a acontecer, acho que ele percebeu tudo pela minha expressão. Desatou de imediato a correr. Passou por mim e atravessou a loja como um raio. A Kristen olhou para o monitor e entrou em pânico. Eu peguei nela ao colo e fui atrás do pai. Quando cheguei às traseiras da loja, o Alex já tinha tirado o Josh da água. Foi um alívio ver que ele estava bem.

– Também acho – disse Jo, assentindo. – O que é que acha da Kristen? Não é a criança mais linda e doce do mundo?

– Ela chama-me de Miss Katie.

– Adoro aquela menina – disse Jo, erguendo os joelhos para os apertar junto ao peito. – Mas não me surpreende que vocês se tenham dado bem. Nem o facto de ela ter corrido para os seus braços quando se sentiu assustada.

– Porque é que diz isso?

– É uma criança muito sensível e inteligente. Ela sabe que a Katie tem bom coração.

Katie esboçou uma expressão cética. – Talvez estivesse apenas com medo por causa do que se estava a passar com o irmão. Quando o pai dela desatou a correr, eu era a única pessoa que estava na loja.

– Não se menospreze. Como eu disse, ela é sensível e consegue perceber essas coisas – retorquiu Jo. – E o que é que se passou com o Alex? Depois do que aconteceu?

– Ele ainda estava um pouco abalado, mas, apesar do susto, parecia estar bem.

– Desde então, já conversou com ele outra vez?

Katie voltou a encolher os ombros, como se nada daquilo fosse muito importante. – Nem por isso. Ele é sempre simpático quando vou à loja e tem sempre os produtos de que eu preciso, mas nada mais do que isso.

– Ele é muito bom no que faz – disse Jo, segura de si.

– Fala como se o conhecesse muito bem.

Jo balouçou-se na sua cadeira. – Acho que o conheço bem, sim.

Katie esperou que ela prosseguisse, mas Jo permaneceu em silêncio.

– Quer falar sobre o assunto? – perguntou Katie, inocentemente. – Afinal de contas, conversar até pode ajudar, especialmente se for com uma amiga.

Os olhos de Jo brilharam. – Sabe, sempre suspeitei que a Katie fosse muito mais astuta do que deixa transparecer. Está a atirar-me à cara as minhas próprias palavras. Devia ter vergonha.

Katie sorriu, mas não disse nada, tal como Jo havia feito com ela. E, surpreendentemente, a estratégia funcionou.

– Não sei bem o que possa dizer – acrescentou Jo. – Mas posso dizer-lhe que ele é um bom homem. É o tipo de pessoa com quem pode contar para fazer o que está certo. É possível ver isso no amor que ele sente pelos filhos.

Katie cerrou momentaneamente os lábios. – Já se passou alguma coisa entre vocês?

Jo pareceu escolher meticulosamente as palavras. – Sim, mas não da maneira que está a imaginar. E, para que as coisas fiquem bem claras, isso já foi há bastante tempo e cada um prosseguiu com a sua vida.

Katie não conseguiu entender a resposta, mas não quis insistir no assunto. – A propósito, qual é a história dele? Imagino que seja divorciado.

– É melhor ser a Katie a perguntar-lhe.

– Eu? E porque haveria de querer perguntar-lhe isso?

– Porque me perguntou a mim – explicou Jo, erguendo uma sobrancelha. – O que significa, claramente, que está interessada nele.

– Não estou interessada nele.

– Então, porque é que quer saber coisas a respeito dele?

Katie franziu o sobrolho. – Para uma amiga, está a sair-me muito manipuladora.

Jo encolheu os ombros. – Eu limito-me a dizer às pessoas aquilo que elas já sabem, mas que têm medo de admitir a si próprias.

Katie matutou no assunto. – Para que as coisas fiquem bem claras, estou oficialmente a retirar a minha oferta de a ajudar a pintar a sua casa.

– Mas já me disse que ia fazê-lo.

– Eu sei, mas ainda assim retiro a oferta.

Jo soltou uma gargalhada. – Tudo bem – disse. – Ei, o que é que vai fazer hoje à noite?

– Daqui a pouco vou trabalhar. Na verdade, acho que já está na hora de começar a preparar-me.

– E amanhã à noite? Também trabalha?

– Não. Estou de folga este fim de semana.

– Então, o que é que acha de eu trazer uma garrafa de vinho? Estou a precisar de beber um bom vinho e não quero ter de inalar o cheiro da tinta fresca mais tempo do que o necessário. O que lhe parece?

– Parece-me muito bem.

– Ótimo – disse Jo, levantando-se da cadeira de baloiço. – Então estamos combinadas.

A manhã de sábado apresentou-se com um céu azul, mas as nuvens não demoraram a formar-se. Cinzentas e pesadas, rodopiaram e giraram ao sabor de um vento cada vez mais intenso. A temperatura começou a baixar e, quando Katie saiu de casa, teve de vestir uma *sweatshirt*. A loja ficava a cerca de três quilómetros de sua casa, um percurso de aproximadamente meia hora em passo vigoroso, e ela sabia que teria de se despachar se não quisesse ser apanhada pela chuva.

Katie chegou à estrada principal no momento em que ouviu o ribombar dos trovões. Estugou o passo, sentindo o ar a ficar mais denso à sua volta. Um camião passou a grande velocidade, levantando uma nuvem de pó atrás de si, e depois Katie avançou pelo caminho arenoso. O ar cheirava a maresia. Lá no alto, um falcão de cauda vermelha batia intermitentemente as asas, ao sabor das correntes de ar ascendentes e testando a força do vento.

O ritmo constante dos seus passos permitiu a Katie deixar vaguear os seus pensamentos, e ela deu por si a refletir sobre a conversa com Jo. Não as histórias que ela tinha contado, mas algumas das coisas que dissera a respeito de Alex. Concluiu que Jo não sabia do que estava a falar. Enquanto Katie estava simplesmente a tentar conversar, Jo havia distorcido as suas palavras, transformando-as em algo que não era realmente verdadeiro. Alex pareceralhe, sem dúvida, boa pessoa e, como disse Jo, Kristen era muito doce e meiga; mas não estava *interessada* nele. Mal o conhecia. Desde que Josh caíra ao rio, eles mal tinham conversado, e a última coisa que ela queria era envolver-se num relacionamento, fosse de que tipo fosse.

Mas por que razão é que ela tinha a sensação de que Jo estava a tentar juntá-los?

Não sabia ao certo, mas, para ser sincera, não era algo que lhe interessasse. Estava feliz por receber Jo em sua casa naquela noite. Duas amigas a partilhar uma garrafa de vinho... não era algo assim tão especial, sabia-o. Outras pessoas, outras mulheres, faziam aquele tipo de coisa a toda a hora. Katie

franziu a testa. Tudo bem, talvez não fosse a toda a hora, mas a maioria provavelmente saberia que o poderiam fazer se o desejassem, e supunha que seria essa a diferença entre ela própria e as outras pessoas. Há quanto tempo é que não fazia algo que parecesse normal?

Desde a infância, admitiu Katie a si mesma. Desde os tempos em que punha moedas nos carris. Mas ela não revelara a Jo toda a verdade. Não contara que ia até à linha do comboio para escapar às discussões dos pais, às vozes arrastadas que se insultavam mutuamente. Não contou a Jo que, mais do que uma vez, ficara no meio do fogo cruzado e que, aos doze anos, fora atingida por um globo de vidro que o pai lançara contra a mãe. O objeto provocou-lhe um corte na cabeça que sangrou durante várias horas, mas nem a mãe nem o pai demonstraram qualquer interesse em levá-la ao hospital. Não revelou a Jo que o seu pai era cruel quando estava bêbedo, ou que nunca convidara qualquer pessoa, nem mesmo Emily, para visitar a sua casa. Ou que não conseguira ir para a faculdade porque os pais achavam que era um desperdício de tempo e dinheiro. Ou que eles a expulsaram de casa no dia em que ela concluiu o ensino secundário.

Pensou que talvez pudesse contar aquilo a Jo. Ou talvez não contasse. Não era assim tão importante. O que é que interessava que a sua infância não tivesse sido feliz? Sim, os pais eram alcoólicos e passavam a vida desempregados, mas, ignorando o incidente com o globo de vidro, nunca chegaram a magoá-la. É verdade que nunca lhe ofereceram um carro nem teve festas de aniversário, mas nunca foi para a cama sem jantar. E, quando o outono chegava, independentemente da situação financeira da família, ela tinha sempre roupas novas para ir para a escola. Talvez o seu pai não fosse o melhor homem do mundo, mas não ia até ao quarto dela na calada da noite para lhe fazer coisas horríveis – coisas que, sabia ela, haviam acontecido a algumas amigas. Aos 18 anos, não se considerara uma pessoa traumatizada. Talvez um pouco dececionada por não ter frequentado a universidade e nervosa por ter de encontrar sozinha o seu rumo no mundo, mas não irremediavelmente traumatizada. E fora bem-sucedida. As coisas não correram assim tão mal em Atlantic City. Conhecera alguns bons rapazes e ainda se lembrava de mais de uma noite que passara a rir e a conversar com os amigos do trabalho.

Não, insistiu ela consigo mesma. A sua infância não tinha definido a sua vida, nem tinha algo que ver com a razão pela qual se mudara para Southport

e, embora Jo fosse aquilo, na cidade, que mais se aproximava de uma amiga, não sabia absolutamente nada sobre sua vida. Ninguém sabia.

– Olá, Miss Katie – disse Kristen, ainda sentada na sua mesinha de desenho. Naquele dia não havia nenhuma boneca. Em vez disso, estava curvada sobre um livro de colorir, com lápis de cera nas mãos, a pintar uma imagem de unicórnios sob um arco-íris.

– Olá, Kristen. Como é que estás?

– Estou bem. – Kristen levantou os olhos do livro de pintar e olhou para Katie. – Porque é que vens sempre a pé para cá?

Katie ponderou a pergunta por momentos e depois contornou o balcão, agachando-se para ficar à mesma altura do que Kristen. – Porque não tenho carro.

– Porquê?

Porque não tenho carta, pensou Katie. E mesmo que tivesse, não teria dinheiro para comprar ou sustentar um carro. – Bem, vamos fazer assim. Vou pensar em comprar um, OK?

– OK – disse ela. E estendeu o livro de pintar a Katie. – Gostas do meu desenho?

– Está bonito. Estás a fazer um ótimo trabalho.

– Obrigada. Quando acabar esta folha é para ti.

– Não é preciso, obrigada.

– Eu sei – disse ela, com uma autoconfiança encantadora. – Mas eu quero que fiques com ela. Podes pô-la na porta do frigorífico.

Katie sorriu e levantou-se. – Era exatamente nisso que estava a pensar.

– Precisas de ajuda com as compras?

– Acho que hoje consigo tratar disso sozinha. Assim, podes acabar as pinturas.

– Está bem – concordou Kristen.

Ao pegar numa cesta para as compras, Katie reparou que Alex estava a aproximar-se. Ele acenou-lhe e, embora não fizesse sentido, ela teve a sensação de que aquela era a primeira vez que o via verdadeiramente. Embora o seu cabelo fosse grisalho, tinha poucas rugas de expressão em volta dos olhos, que, de algum modo, realçavam a aura de vitalidade que dele emanava. Os ombros dele eram mais largos do que a cintura, e ela teve a

impressão de que Alex era um homem que não exagerava na comida nem na bebida.

– Olá, Katie, como está?

– Estou bem. E o Alex?

– Tudo bem – disse ele, com um amplo sorriso. – Ainda bem que a vejo. Queria mostrar-lhe uma coisa. – Alex apontou para o monitor e ela viu que Josh estava sentado no cais atrás da loja, com a sua cana de pesca.

– Deixou-o voltar a pescar? – perguntou ela.

– Está a ver o colete que ele está a usar?

Ela aproximou-se do monitor, estreitando os olhos.

– Um colete salva-vidas?

– Custou a encontrar um que lhe servisse e que não fosse quente de mais, mas este é perfeito. E, para dizer a verdade, não tive escolha. Não imagina como ele estava triste por não poder pescar. Até perdi a conta às vezes que ele me implorou para que o deixasse voltar para o ancoradouro. Já não conseguia aguentar aquilo, então pensei que esta seria uma boa solução.

– Ele não se importa de usar o colete?

– É uma das novas regras da casa. Ou usa o colete ou nada de pescaria. Mas não me parece que se importe.

– E ele pesca alguma coisa?

– Não tanto quanto gostaria, mas, às vezes, apanha uns peixes, sim.

– E vocês comem-nos?

– Às vezes. Mas o Josh por norma atira-os de novo para a água. Não se importa de pescar o mesmo peixe várias vezes.

– Ainda bem que encontrou uma solução.

– Um pai mais providente teria pensado nisso antes de acontecer um acidente.

Pela primeira vez, ela olhou para ele. – Tenho a impressão de que o Alex é um ótimo pai.

Os olhares deles encontraram-se e ambos se observaram por uns momentos, antes de ela se obrigar a desviar o rosto. Alex, sentindo o desconforto dela, começou a mexer nas coisas que estavam atrás do balcão.

– Tenho uma coisa para si – anunciou, tirando um saco de trás da caixa registadora e colocando-o sobre o balcão. – Há uma pequena quinta que me fornece alguns produtos e eles têm uma estufa. Conseguem cultivar algumas coisas fora de época. Ontem, trouxeram alguns legumes frescos. Tomates,

pepinos e vários tipos de abóboras. Talvez queira experimentar. A minha mulher jura que são os melhores que já provou.

– A sua mulher?

Ele abanou a cabeça. – Ah, desculpe. Às vezes, ainda faço isto. Estava a referir-me à minha falecida esposa. Ela morreu há uns anos.

– Lamento – murmurou ela, enquanto a sua mente repassava a conversa com Jo.

Qual é a história dele?

Seria melhor ser a Katie a perguntar-lhe. Aquela fora a resposta de Jo.

Era óbvio que Jo sabia que a esposa dele tinha morrido, mas não dissera nada sobre o assunto. Estranho.

Alex não se apercebeu de que a mente de Katie se pusera a vaguear. – Obrigado – disse ele, com a voz um pouco estrangulada. – Era uma ótima pessoa. Tenho a certeza de que teria gostado dela – acrescentou. Uma expressão nostálgica cruzou-lhe o rosto. – De qualquer forma, ela sempre elogiou aquele lugar. Eles trabalham com produtos biológicos e a família ainda colhe os legumes à mão. Por norma, os produtos deles desaparecem mal chegam, mas reservei alguns para si, se quiser experimentá-los – comentou, sorrindo. – Além disso, a Katie é vegetariana, não é? Os vegetarianos adoram estes legumes. Garanto.

Katie olhou para ele, semicerrando os olhos. – O que o leva a pensar que sou vegetariana?

– Não é?

– Não.

– Acho que me enganei, então – disse ele, enfiando as mãos nos bolsos.

– Tudo bem. Já me acusaram de coisas piores.

– Duvido muito.

Não duvide, pensou ela. – Bem, acho que vou levar os legumes. Obrigada.

Enquanto Katie fazia as suas compras, Alex tentou manter-se ocupado, observando-a pelo canto do olho. Organizou os objetos que estavam em cima do balcão, deu uma espreitadela ao monitor para ver como estava Josh, examinou o desenho de Kristen e voltou a organizar as coisas no balcão, tentando dar a ideia de que estava ocupado.

Ela mudara nas últimas semanas. A pele estava a ficar levemente bronzeada e tinha um brilho rejuvenescido. Também parecia menos insegura quando estava perto dele, e o que acabara de acontecer era um dos melhores exemplos. Não, aquela conversa cintilante não despertara qualquer chama entre os dois, mas era um começo, não era?

Mas o começo de quê?

Desde o início, Alex sentira que Katie tinha problemas, e a sua resposta instintiva fora querer ajudar. E, é claro, ela era bonita, apesar do corte de cabelo que não combinava com o seu rosto e das roupas que não valorizavam o seu corpo. Mas fora a maneira como ela confortara Kristen no dia em que Josh caiu à água que tocara verdadeiramente o seu coração. E, mais do que isso, a reação de Kristen às atitudes de Katie. Ela procurou a proteção de Katie como uma criança procura o colo da mãe.

Aquilo fez com que sentisse um nó na garganta, lembrando-o de que sentia a falta de uma esposa com a mesma intensidade que os filhos sentiam a falta de uma mãe. Alex sabia que eles estavam a sofrer, e tentava compensar da melhor maneira que podia. Mesmo assim, só quando viu Katie e Kristen juntas é que percebeu que a tristeza era apenas uma parcela daquilo que eles sentiam. A solidão dos seus filhos era um reflexo da sua.

Ficou preocupado por não ter percebido aquilo antes.

Katie representava um certo mistério para ele. Havia um elemento que faltava, algo que o incomodava. Estava observá-la, questionando-se sobre quem ela realmente era e o que a trouxera até Southport.

Ela estava em frente a um dos frigoríficos, algo que nunca tinha feito antes,

a observar os produtos atrás da porta de vidro. Tinha uma expressão séria no rosto, como se estivesse a tentar decidir o que comprar. Alex percebeu que os dedos da mão direita dela estavam a movimentar-se em volta do anular da mão esquerda, a brincar com um anel ausente. O gesto lembrou-lhe algo familiar e que havia esquecido há bastante tempo.

Tratava-se de um hábito, um tique de que ele se apercebeu durante os anos em que trabalhou no DIC e que às vezes observava em mulheres cujos rostos estavam desfigurados ou tinham hematomas. Elas costumavam sentar-se de frente para ele, a tocar compulsivamente nas alianças de casamento, como se fossem algemas que as prendiam aos maridos. Geralmente, negavam agressões por parte dos maridos e, nas raras ocasiões em que admitiam a verdade, insistiam que não fora culpa deles. Diziam ter provocado a ira dos maridos. Diziam que tinham queimado o jantar, que não tinham lavado a roupa ou que eles tinham bebido. E, invariavelmente, essas mulheres juravam que era a primeira vez que aquilo lhes acontecia e que não queriam apresentar queixa porque nesse caso a carreira dos maridos seria arruinada. Todos sabiam que o exército agia com rigor contra maridos agressivos.

Algumas, no entanto, eram diferentes, pelo menos de início. Insistiam em apresentar queixa. Ele começava a elaborar o seu relatório e ouvia-as a questionarem por que razão a burocracia e a papelada eram mais importantes do que prender um homem que batia na mulher. Ou mais importantes do que fazer cumprir a lei. Ele ainda assim redigia o relatório e lia-o para que elas ouvissem as suas próprias palavras antes de lhes pedir que assinassem o documento. Às vezes, era naquele momento que perdiam a coragem e Alex vislumbrava a mulher aterrorizada por debaixo da superfície enraivecida. Muitas acabavam por não assinar o relatório, e mesmo aquelas que o faziam mudavam de opinião rapidamente quando os maridos eram intimados para serem interrogados. Aqueles casos seguiam em frente, independentemente do que a esposa dissesse. E depois, quando elas não compareciam para testemunhar, poucas punições eram efetivamente aplicadas. Alex acabou por compreender que apenas aquelas que insistiam em manter as queixas a nível oficial conseguiam realmente livrar-se dos abusos, porque a vida que levavam era como uma prisão, mesmo que a maioria daquelas mulheres não o admitisse.

No entanto, havia outra maneira de escapar ao horror daquelas vidas, embora, durante toda a sua carreira, Alex só tivesse conhecido um caso de

uma mulher que chegasse a esse ponto. Ele entrevistara a mulher uma vez e ela seguiu a mesma rotina da maioria das outras, negando as agressões e culpando-se a si mesma pelo sucedido. Entretanto, cerca de dois meses depois, ele soube que ela fugira. Não regressara para a sua família nem fora para casa de um amigo, escondera-se sim noutra parte do mundo, um lugar onde nem mesmo o seu marido conseguiria encontrá-la. O marido, enlouquecido de raiva depois da fuga da mulher, explodira após uma noite de copos e agredira um dos guardas da base onde servia, deixando-o coberto de sangue. Foi enviado para Leavenworth¹, e Alex lembrava-se de ter sorrido com satisfação quando soube do desfecho do caso. E, quando se lembrou da esposa daquele homem, sorriu novamente, pensando: *Bem feito*.

Agora, ao observar Katie a brincar com uma aliança que já não estava no seu dedo, sentiu os seus antigos instintos de detetive a entrarem de novo em funcionamento. Houve em tempos um marido, pensou ele; o marido dela era o elemento em falta. Talvez ainda fosse casada, ou talvez não. Mesmo assim, Alex tinha um pressentimento inabalável de que Katie ainda o temia.

O céu explodiu quando ela estava a pegar num pacote de biscoitos. Relâmpagos cortaram o céu e alguns segundos depois um trovão ressoou pelo ar, antes de finalmente se reduzir a um ruído grave e constante. Josh veio a correr para dentro da loja antes que a chuva comesse a cair, trazendo a sua caixa de iscas e anzóis e a cana de pesca. Tinha a cara enrubescida e estava a arfar como um corredor que cruzara a meta.

– Olá, pai.

Alex olhou para cima.

– Pescaste alguma coisa?

– Só aquele bagre. O mesmo que eu estou sempre a pescar.

– Encontramo-nos daqui a pouco para irmos almoçar, OK?

Josh regressou ao armazém e Alex ouviu-o a subir os degraus até à casa.

Do lado de fora, a chuva começou a cair com força e as rajadas de vento faziam a água bater nas janelas. Os ramos das árvores dobravam-se por causa do vento, que soprava cada vez mais forte. O céu escuro reluzia com os relâmpagos e um trovão rugiu no ar, suficientemente forte para fazer as janelas tremerem. Do outro lado da loja, Alex viu Katie gemer, com o rosto contorcido numa expressão de espanto e medo. Ele imaginou se em tempos

seria assim que o marido a via.

A porta da loja abriu-se e entrou um homem a correr, encharcando as tábuas do chão. Sacudiu as mangas e cumprimentou Alex com um aceno de cabeça antes de se dirigir à churrasqueira.

Katie virou-se para a prateleira das bolachas. Alex não tinha uma variedade muito grande em *stock*, apenas os pacotes tradicionais de *Ritz* e *Saltines*, os únicos que os clientes compravam regularmente. Ela pegou num pacote de *Ritz*. Depois de pegar nos produtos que geralmente costumava comprar, levou-os para a caixa registadora. Quando Alex terminou de fazer as contas e colocar as compras nos sacos de plástico, apontou para o saco que assentara no balcão quando Katie chegara.

– Não se esqueça dos seus legumes.

Ela olhou para o total na caixa registadora. – Tem a certeza que me está a cobrar o preço certo?

– É claro que tenho.

– O total não é superior ao que costumo pagar pelas minhas compras.

– Fiz um desconto, pela apresentação do produto.

Ela fez uma expressão séria, sem saber se acreditava no que ele dizia, até finalmente levar a mão ao interior do saco. Pegou num tomate e cheirou-o.

– O cheiro é ótimo.

– Comi alguns desses ontem à noite. São ótimos com uma pitada de sal e os pepinos não precisam de nenhum condimento.

Ela concordou com a cabeça, mas o seu olhar estava fixo na porta. O vento atirava a água da chuva contra a porta em rajadas furiosas. A porta abriu-se com um rangido e a água debateu-se para entrar na loja. O mundo para lá do vidro não passava de uma mancha difusa.

As pessoas aguardavam junto à churrasqueira. Alex podia ouvi-las a resmungar consigo mesmas, a dizer algo sobre esperar que a tempestade passasse.

Katie inspirou fundo e pegou nos sacos.

– Miss Katie! – gritou Kristen, quase como se estivesse em pânico. Levantou-se, agitando a folha de papel que tinha pintado, já destacada do livro. – Ias esquecer-te do teu desenho.

Katie estendeu a mão para pegar no desenho, sorrindo enquanto observava a imagem. Alex sentiu-se como se – pelo menos por um instante – o resto do mundo não tivesse qualquer importância.

– Está lindo – murmurou ela. – Mal posso esperar para o pôr na porta do frigorífico.

– Vou pintar outro para levares, da próxima vez que cá vieres.

– Adoraria – disse Katie.

Kristen sorriu antes de voltar a sentar-se na sua mesa. Katie enrolou o desenho, certificando-se de que não o amassaria, e colocou-o cuidadosamente no saco. Raios e trovões voltaram a rugir, quase simultaneamente desta vez. A chuva martelava o chão e o estacionamento parecia um mar de poças. O céu estava mais escuro do que o céu antes da madrugada.

– Sabe quando é que passa o temporal? – perguntou ela.

– Ouvi no noticiário que iria durar o dia todo – respondeu Alex.

Ela voltou a olhar pelo vidro da porta. Enquanto decidia o que fazer, tocou novamente o anel que já não estava no dedo. No meio daquele silêncio, Kristen puxou a camisa do pai.

– Podias levar a Miss Kristen a casa – disse ela. – Ela não tem carro e está a chover muito.

Alex olhou para Katie, sabendo que ela ouvira o que Kristen dissera. – Quer boleia para casa?

Katie abanou a cabeça, indicando que não. – Não precisa de se incomodar, está tudo bem.

– Mas e o teu desenho? Vai ficar todo molhado – alegou Kristen. Constatando que Katie não respondeu ao argumento da menina, Alex saiu de trás da caixa registadora.

– Vamos lá – disse ele, fazendo um movimento com a cabeça na direção da porta. – Não há motivos para ficar encharcada. O meu carro está nas traseiras.

– Não quero incomodar...

– Não é incómodo nenhum – disse Alex, apalpando o bolso para pegar nas chaves do carro antes de agarrar nos sacos de Katie. – Deixe que eu levo – disse, pegando-lhes. – Kristen, meu amor, sobes e dizes ao Josh que volto dentro de dez minutos?

– Claro, pai.

– Roger? Dá uma olhadela nas crianças e na loja por um momento, por favor.

– Claro, sem problemas – disse ele, com um aceno.

Alex apontou para as traseiras da loja. – Vamos?

Saíram a correr na direção do jipe, empunhando guarda-chuvas que se curvavam com a força da ventania e do aguaceiro que teimava em cair. Os relâmpagos continuavam a riscar o céu, iluminando as nuvens. Quando se acomodaram nos assentos, Katie passou a mão pelo vidro para o desembaciar.

– Quando saí de casa, não achei que o tempo fosse ficar assim.

– Ninguém acha, até chegar a tempestade. Muitas vezes, na previsão do tempo, dizem que «o céu vai desabar», mas quando cai uma chuva realmente forte, as pessoas estão desprevenidas. Se não for tão mau quanto a televisão previu, reclamamos. Se for pior do que esperávamos, reclamamos. Se for tão mau quanto esperávamos, aproveitamos para reclamar também, porque as previsões geralmente não acertam e não podíamos adivinhar desta vez que estariam corretas. É apenas mais uma razão para as pessoas reclamarem.

– Como aquelas pessoas ao pé da churrasqueira?

Ele assentiu, exibindo um sorriso. – Mas é boa gente. Na sua maioria, são pessoas trabalhadoras, honestas e simpáticas. Se eu pedisse, qualquer um dos que ali estavam poderia tomar conta da loja e tenho a certeza de que não faltaria nem um centimo no fecho da caixa. Nesta cidade, é assim que funciona. No fundo, as pessoas sabem que, numa cidade pequena como esta, todos precisamos uns dos outros. É ótimo saber disso. E olhe que demorei algum tempo a habituar-me à ideia.

– Não é daqui?

– Não. A minha mulher é que era. Eu nasci em Spokane. Quando me mudei para cá, lembro-me de pensar que nunca conseguiria morar num lugar como este. Afinal, não passa de uma cidade pequena no Sul dos Estados Unidos, um lugar que não quer saber o que pensa o resto do mundo. Demora o seu tempo a uma pessoa habituar-se. Mesmo assim, ao fim de um certo tempo, começa-se a sentir um certo carinho pelo lugar. Esta cidade ajuda-me a manter-me focado naquilo que é importante.

– E o que é que é importante? – questionou Katie, num tom suave.

Ele encolheu os ombros. – Isso depende de cada um, não é? Mas, nesta fase da minha vida, o que importa são os meus filhos. Esta cidade é o lar deles, e depois do que passaram, só precisam de estabilidade. A Kristen precisa de um lugar para pintar os seus desenhos e vestir as suas bonecas. O Josh precisa

de um lugar para pescar, e os dois precisam de saber que estou por perto sempre que for necessário. Esta cidade e a loja tornam tudo isso possível. E, neste momento, é exatamente o que eu quero. É o que eu preciso. – Ele ficou em silêncio, sentindo-se culpado por ter falado tanto. – Ah, não perguntei... Qual é o caminho?

– Siga em frente e entre numa rua de gravilha. Fica logo a seguir à curva.

– A rua de gravilha junto à quinta?

Katie assentiu com a cabeça. – Essa mesma.

– Nem sabia que aquela rua levava a algum lado – disse ele, franzindo a testa. – É uma boa caminhada. Imagino que sejam quase três quilómetros.

– Não é assim tão mau – retorquiu ela.

– Talvez, quando o tempo está bom. Mas, num dia como hoje, teria de vir a nado para casa. Com esta chuva, não dá para vir a pé. E ia estragar o desenho da Kristen.

Ele reparou num sorriso fugaz quando mencionou o nome de Kristen, mas Katie não disse nada.

– Alguém comentou que a Katie trabalha no Ivan's – disse Alex.

Katie assentiu. – Sim, desde março.

– E então, que tal?

– Não é mau. É apenas um emprego, mas o dono do restaurante trata-me bem.

– O Ivan?

– Conhece-o?

– Quem é que não conhece o Ivan? Sabia que, todos os anos, quando chega o outono, ele se veste como um general do exército confederado para celebrar a famosa Batalha de Southport? Quando o general Sherman queimou a cidade? É ótimo ver a encenação dele... Só que nunca houve uma Batalha de Southport durante a Guerra Civil. Southport nem tinha esse nome naquela época, chamava-se Smithville. E Sherman nunca esteve a menos de 150 quilómetros daqui.

– A sério? – perguntou Katie.

– Não me interprete mal. Eu gosto do Ivan, ele é uma ótima pessoa, além de o restaurante ser um dos lugares mais tradicionais da cidade. A Kristen e o Josh adoram os bolinhos fritos de lá e o Ivan recebe-nos sempre muito bem. Mas acho que já percebi o que o motiva. A família dele veio da Rússia, na década de 1950. Ele foi a primeira pessoa da família a nascer em solo

americano. Provavelmente, nenhum dos parentes dele alguma vez ouviu falar da Guerra Civil. Mas o Ivan passa um fim de semana inteiro a apontar a espada e a gritar ordens aos soldados, bem no meio da rua, em frente ao tribunal.

– Como é que nunca ouvi falar disso?

– Porque não é um assunto que agrade às pessoas da cidade. É meio... excêntrico, percebe? Até mesmo as pessoas daqui, aquelas que realmente gostam dele, tentam ignorá-lo. Veem o Ivan a brandir a espada no meio da cidade e dão meia-volta, dizendo coisas como, *Já viu como estão bonitos os crisântemos ao lado do tribunal?*

Katie sorriu pela primeira vez desde que entrou no carro. – Não sei se acredito em si.

– Não faz mal. Se ainda cá estiver em outubro, vai ver com os seus próprios olhos. Mas eu insisto, não me interprete mal. Ele é bom homem e o restaurante é ótimo. Quando passamos o dia na praia, a seguir vamos quase sempre até lá para comer alguma coisa. Da próxima vez que lá formos, perguntamos por si.

Ela hesitou. – Está bem.

– Ela gosta de si – disse Alex. – A Kristen.

– Eu também gosto dela. É muito alegre e muito senhora do seu nariz.

– Vou-lhe dizer. Obrigado.

– Quantos anos é que ela tem?

– Cinco. Quando o outono chegar, e ela começar a ir para a escola, não sei o que vou fazer. A loja vai ficar muito silenciosa.

– Vai sentir falta dela – observou Katie.

Alex assentiu. – Vou sim, e muito. Eu sei que ela vai gostar de ir à escola, mas gosto de tê-la por perto.

Enquanto ele falou, a chuva continuou a fustigar as janelas do carro. O céu iluminava-se por entre os relâmpagos e clarões, como uma luz estroboscópica, acompanhados por um ribombar constante.

Katie olhou pela janela do lado do passageiro, perdida nos seus pensamentos. Alex aguardou, consciente, de algum modo, que ela quebraria o silêncio.

– Durante quanto tempo esteve casado? – perguntou ela, por fim.

– Cinco anos. E, antes disso, tínhamos namorado um ano. Conheci-a quando estava na base de Fort Briggs.

– Esteve no exército?

– Sim, durante 10 anos. Foi uma boa experiência e não me arrependo de me ter alistado. Assim como não me arrependo de me ter desligado da vida militar.

Katie apontou para lá do para-brisas. – É ali que se vira para a minha rua – indicou.

Alex entrou na viela e abrandou. O piso de gravilha da rua estava alagado devido à chuvada e a água saltava à altura do para-brisas. Enquanto se concentrava em conduzir o carro por entre as inúmeras poças que se haviam formado, Alex percebeu, repentinamente, que aquela era a primeira vez que estava sozinho num carro com uma mulher ao seu lado desde que a esposa morrera.

– Em qual delas é que mora? – perguntou ele, estreitando os olhos para ver o contorno das duas cabanas.

– Na da direita – disse Katie.

Ele estacionou o mais perto que conseguiu da entrada. – Eu levo-lhe as compras à porta.

– Não precisa de se incomodar.

– Ah, a Katie não sabe como os meus pais me criaram – disse ele, saindo do carro antes que ela pudesse reclamar. Pegou nos sacos e correu para o alpendre. Quando os pousou no chão e começou a sacudir os braços para se secar, Katie já estava a correr na sua direção, segurando com firmeza o guarda-chuva que ele lhe emprestara.

– Obrigada – disse ela em voz alta, tentando suplantar o barulho da chuva.

Quando lhe devolveu o guarda-chuva, ele abanou a cabeça. – Fique com ele por algum tempo. Ou para sempre. Não tem importância. A Katie anda bastante a pé, por isso vai precisar dele.

– Eu posso pagar... – ia ela a dizer.

– Não se preocupe.

– Mas é um artigo da loja.

– Como eu disse, não se preocupe com isso. Mas, se não achar correto, acertamos contas da próxima vez que for à loja.

– Alex, estou a falar a sério e...

Ele interrompeu-a. – A Katie é uma boa cliente e eu gosto de ajudar os meus clientes.

Ela demorou algum tempo a responder. – Obrigada – disse, finalmente. Os

seus olhos, agora de um tom verde-escuro, estavam fixos nos dele. – E obrigada por me trazer a casa.

Ele sorriu. – Sempre que precisar.

O que fazer com as crianças? Era a pergunta recorrente e de resposta impossível que ele precisava de enfrentar todos os fins de semana; como de costume, não tinha a menor ideia de como ocupar os filhos naquele fim de semana.

Com a tempestade a abater-se furiosamente, sem qualquer sinal de que fosse diminuir de intensidade, qualquer atividade ao ar livre estava fora de questão. Poderia levá-los ao cinema, mas não havia nenhum filme em cartaz que pudesse interessar a ambos. Poderia simplesmente deixá-los a divertirem-se sozinhos por algum tempo. Sabia que muitos pais o faziam. No entanto, os seus filhos ainda eram pequenos, novos de mais para serem deixados totalmente a sós. Além disso, já passavam muito tempo sozinhos, a improvisar formas de se entreterem, porque Alex ficava várias horas por dia ocupado com a loja. Ele estava a ponderar todas as opções enquanto preparava tostas com queijo, mas percebeu de imediato que a sua mente insistia em pensar em Katie. Embora ela estivesse obviamente a esforçar-se por passar despercebida, ele sabia que isso seria quase impossível numa cidade como Southport. Ela era bonita de mais para ser confundida com as pessoas da terra, e quando percebessem que ela não tinha carro e que ia sempre a pé para todo lado, seria inevitável que comesçassem a comentar o assunto. E não tardariam a surgir as perguntas sobre o seu passado.

Alex não queria que isso acontecesse. Não por alguma motivação egoísta, mas porque ela tinha o direito de viver a vida do modo que quisesse, especialmente por ter sido essa a razão que a levava a Southport. Uma vida normal, de prazeres simples. O tipo de vida que a maior parte das pessoas nem percebia que existia: poder ir a qualquer lugar que quisesse, a qualquer hora e morar numa casa onde se sentisse segura. Mas ela também precisava de um meio de transporte.

– Ei, crianças – disse ele, colocando as tostas em dois pratos. – Tive uma ideia. Vamos fazer uma coisa pela Miss Katie.

– Vamos! – concordou Kristen.

Josh, sempre descontraído, concordou com um movimento de cabeça.

1 Base do exército norte-americano no estado do Kansas, onde há uma prisão de máxima segurança e um centro disciplinar. (*N. da T.*)

O vento e a chuva rasgavam o céu escuro da Carolina do Norte, lançando verdadeiros rios contra as janelas da cozinha. Um pouco mais cedo, durante a tarde, enquanto Katie lavava a roupa no lava-louça, e já depois de ter colado o desenho de Kristen no frigorífico com fita-cola, tinha começado a pingar água do teto da sala de estar. Ela tinha colocado um tacho sob a goteira e já o esvaziara por duas vezes. Na manhã seguinte, iria ligar a Benson, mas duvidava que ele fosse reparar imediatamente o buraco, se é que algum dia iria tratar do problema.

Na cozinha, cortou um pedaço de queijo *cheddar* em cubinhos, mordiscando alguns deles enquanto trabalhava. Num prato de plástico amarelo havia algumas bolachas e fatias de tomate e pepino, embora não os tivesse conseguido ordenar do modo que planeava. Nada que ela fizesse ficava como imaginara. Na casa em que morava antes de se mudar para Southport, tinha uma bela tábua de frios e uma faca de prata para queijos com um pássaro cardeal entalhado, além de um conjunto completo de copos de vinho. Tinha também uma mesa de jantar em cerejeira e cortinas de renda nas janelas; porém, aqui, nesta casa, a mesa era bamba e as cadeiras eram diferentes umas das outras. Além disso, ela e Jo teriam de beber o vinho em canecas. Por mais horrível que a sua outra vida fosse, ela gostava de organizar tudo aquilo que compunha o seu lar. No entanto, tal como tudo o que deixara para trás, encarava agora esses objetos como um grupo de inimigos que havia passado para o outro lado da barricada.

Pela janela, viu uma das luzes da casa de Jo a apagar-se. Katie foi até à porta da frente. Ao abrir, viu Jo a andar por entre as poças a caminho do alpendre, com um guarda-chuva numa mão e uma garrafa de vinho na outra. Com mais duas passadas, chegou ao alpendre e a sua capa amarela para chuva estava toda encharcada.

– Agora sei o que sentiu Noé. Dá para acreditar numa tempestade como esta? A minha cozinha está cheia de poças de água.

Katie apontou para a casa, por cima do ombro. – A minha goteira está na sala.

– Lar, doce lar, não é mesmo? Aqui está – disse Jo, entregando a garrafa de vinho. – Conforme prometido. Acredite em mim, estou mesmo a precisar.

– Teve um dia difícil?

– Nem imagina quanto.

– Entre.

– Deixe-me pendurar a minha capa aqui fora, ou então vai ter duas poças na sua sala de estar – disse ela, desenhando-se do impermeável amarelo. – Mesmo morando aqui ao lado, fiquei toda ensopada.

Jo largou a capa e o guarda-chuva sobre a cadeira de baloiço e entrou na casa logo atrás de Katie. As duas foram juntas até à cozinha.

Katie pousou a garrafa de vinho na bancada. Enquanto Jo observava o que havia na mesa, Katie abriu a gaveta ao lado do frigorífico e tirou um canivete suíço enferrujado, levantando o saca-rolhas.

– Estes aperitivos parecem estar deliciosos. Estou esfomeada, não comi nada o dia inteiro.

– Sirva-se, fique à vontade. Consegui terminar a pintura?

– Bem, consegui terminar a sala. Mas não fiz muito mais do que isso e o dia não foi dos melhores.

– O que é que se passou?

– Eu depois conto. Primeiro, preciso de vinho. E a Katie? Fez alguma coisa interessante?

– Nada de mais. Fui até a loja de conveniência, limpei a casa, lavei roupa.

Jo instalou-se à mesa e pegou numa das bolachas.

– Por outras palavras, material para o seu livro de memórias.

Katie riu-se enquanto rodava o saca-rolhas. – Ah, sim, claro. Experiências incríveis.

– Quer ajuda com a rolha? – perguntou Jo.

– Acho que consegui.

– Ótimo – disse Jo, com um sorriso afetado. – É que eu sou a visita e espero ser bem tratada.

Katie encaixou a garrafa entre as pernas e a rolha saiu com um estampido.

– Mas agora, falando a sério, obrigada por me receber – suspirou Jo. – Não imagina quanto eu ansiava por este momento.

– A sério?

– Não faça isso.

– Não faço o quê? – perguntou Katie.

– Não se finja surpreendida por eu ter vindo até aqui. Ou por querer reforçar a nossa amizade com uma garrafa de vinho. Amigos são para essas coisas – disse ela, levantando uma sobrancelha. – Ah, e já que tocamos no assunto, antes que comece a questionar-se se somos mesmo amigas e o que sabemos realmente uma da outra, confie em mim quando eu digo que a considero uma amiga. De maneira sincera e absoluta. – Deixou que aquelas palavras causassem o seu efeito antes de prosseguir. – Bem, que tal um pouco de vinho agora?

*

Ao início da noite, a tempestade finalmente perdeu algum do seu vigor, e Katie abriu a janela da cozinha. A temperatura baixara drasticamente e o ar estava frio e límpido. Enquanto se formava uma ligeira névoa que cobria o chão, as nuvens carregadas passavam em frente à lua, trazendo porções equivalentes de luz e sombra. As folhas tingiam-se de prateado, depois de negro e novamente de prateado ao reluzirem na brisa noturna.

Katie distraiu-se e deixou-se levar pelo vinho, pela brisa e pelo riso fácil de Jo. Deu por si a saborear cada dentada que dava nas bolachas amanteigadas e no queijo de gosto forte e pungente, lembrando-se de uma época em que passara fome. Houve um tempo em que fora magra como um ramo de roseira.

As suas recordações estavam a vir à tona. Lembrou-se dos pais. Não dos tempos difíceis, mas das épocas boas, quando a mãe fazia ovos com *bacon* e o aroma invadia a casa, e ela via o pai a andar de mansinho pela cozinha e a aproximar-se da mulher. Ele afastava-lhe os cabelos e beijava-lhe o pescoço, fazendo-a rir. Katie recordou que, certa vez, o pai levava-as a Gettysburg. Ele pegara-lhe na mão enquanto caminhavam e ainda conseguia lembrar-se da rara sensação de força e gentileza do toque dele. O seu pai era alto e tinha ombros largos, com cabelo castanho-escuro. E tinha também uma tatuagem da marinha no braço. Tinha servido num navio de guerra durante quatro anos, viajando para lugares como o Japão, a Coreia e Singapura, embora não falasse muito sobre esses tempos.

Já a mãe era pequena, loira e uma vez tinha participado num concurso de

beleza, tendo terminado em terceiro lugar. Adorava flores e estava sempre a plantar bolbos em vasos que colocava na parte da frente da casa na primavera. Tulipas, narcisos, begónias e violetas, todas aquelas flores explodiam em cores tão vivas que quase faziam os olhos de Katie doer. Quando eles se mudavam, os vasos eram colocados no banco de trás do carro e presos com os cintos de segurança. Frequentemente, quando limpava a casa, a mãe cantarolava, entoando melodias da sua infância. Algumas eram canções polacas e Katie escondia-se noutra divisão para as escutar, tentando compreender as palavras.

O vinho que Jo e Katie estavam a beber tinha toques de carvalho e damasco e era delicioso. Katie terminou a sua caneca e Jo serviu-lhe outra. Quando uma traça começou a dançar à volta da lâmpada, batendo as asas de maneira vigorosa e confusa, as duas começaram a rir. Katie cortou mais cubinhos de queijo e colocou mais bolachas no prato. Conversaram sobre filmes e livros, e Jo soltou um gritinho de prazer quando Katie revelou que o seu filme favorito era *Do Céu Caiu Uma Estrela*, pois era também o seu preferido. Quando era pequena, Katie lembrava-se de pedir à mãe para comprar uma sineta, de modo a poder ajudar os anjos a obterem as suas asas. Katie terminou a segunda caneca de vinho, sentindo-se leve como uma pena numa brisa de verão.

Jo fez poucas perguntas. Em vez disso, as duas mantiveram a conversa à volta de assuntos superficiais, e Katie voltou a sentir-se feliz, ali na companhia de Jo. Quando o luar prateado iluminou o mundo para lá da janela, as duas foram até ao alpendre. Katie percebeu que estava a cambalear um pouco e segurou-se ao corrimão. Elas degustaram o vinho enquanto as nuvens continuaram a abrir e, de repente, o céu estava pontilhado de estrelas. Katie apontou para a constelação da Ursa Maior e para a Estrela Polar, as únicas cujo nome sabia, mas Jo começou a identificar dezenas de outras. Katie olhou fixamente para o céu, maravilhada, encantada com o conhecimento que a amiga tinha sobre as constelações, até que percebeu quais eram os nomes que Jo estava a enumerar. – Aquela ali é conhecida por Bugs Bunny e, do outro lado, logo acima daquele pinheiro, dá para ver a constelação de Daffy Duck. – Quando Katie finalmente se deu conta de que Jo sabia tanto de constelações quanto ela própria, Jo desatou a rir como uma criança endiabrada.

De volta à cozinha, Katie serviu-se do que restava do vinho e bebeu outro

trago. Sentiu o líquido quente a descer-lhe pela garganta, o que a fez sentir-se um pouco zozna. A traça continuava a esvoaçar ao redor da lâmpada, embora, quando ela tentava focar o olhar, parecesse haver duas. Katie sentia-se feliz e segura e pensou novamente no quanto aquela noite estava a ser agradável. Tinha uma amiga, uma amiga a sério, alguém que se ria e fazia piadas com as estrelas, e não sabia se havia de rir ou chorar por causa daquilo. Já há muito tempo que não vivia nada tão tranquilo e natural.

– Está tudo bem? – perguntou Jo.

– Estou ótima – respondeu Katie. – Estava só a pensar... Fiquei muito feliz por teres vindo.

Jo fitou-a com mais atenção. – Acho que exageraste no vinho.

– E eu acho que tens razão – concordou Katie.

– Então está bem. O que é que queres fazer? Já que obviamente estás um pouco bêbeda e pronta para te divertires.

– Não sei do que estás falar.

– Queres fazer alguma coisa em especial? Ir até a cidade, procurar um lugar porreiro para nos divertirmos?

Katie abanou a cabeça. – Não.

– Não queres conhecer outras pessoas?

– Estou melhor sozinha.

Jo deslizou a ponta do dedo pela beira da caneca antes de dizer algo. – Bem, podes confiar no que te digo: ninguém está melhor sozinho.

– Eu estou.

Jo pensou na resposta de Katie antes de se inclinar em direção a ela. – Quer dizer então que, se partirmos do princípio de que tens comida, casa, roupas e tudo o mais que precisas para sobreviver, preferirias ficar isolada numa ilha deserta, no meio do nada, totalmente sozinha, para sempre, para o resto da vida? Sê franca.

Katie pestanejou, tentando focar os olhos em Jo. – Por que razão é que não seria franca?

– Porque toda a gente mente. É necessário, para se viver em sociedade. Não me leves mal, eu acredito mesmo que é necessário. A última coisa que uma pessoa pode querer é viver numa sociedade onde prevalece a honestidade total. Consegues imaginar uma conversa desse tipo? «És gorda e baixa», diria uma pessoa, e a outra poderia responder: «Eu sei. E tu cheiras mal.» As coisas não iriam funcionar. As pessoas mentem por omissão, e isso está

sempre a acontecer. As pessoas contam sempre a maior parte da história... e aprendi que a parte que deixam por contar é sempre a mais importante. As pessoas escondem a verdade porque têm medo.

Com as palavras de Jo, Katie sentiu algo a tocar o seu coração. De repente, até mesmo respirar se tornou difícil. – Estás a falar de mim? – perguntou, com a voz embargada.

– Não sei. Estou?

Katie sentiu-se empalidecer, mas, antes que pudesse responder, Jo exibiu um sorriso. – Na verdade, estava a falar sobre o dia que tive hoje. Eu disse que foi um dia complicado, não disse? Bem, o que acabei de te dizer é parte do problema. É frustrante quando as pessoas se recusam a contar a verdade. Afinal, como é que eu posso ajudá-las se insistem em esconder certas coisas? Se eu não consigo entender realmente o que se passa?

Katie sentiu algo a contorcer-se e a apertar-se no seu peito. – Talvez elas queiram falar do assunto, mas sabem que não há nada que possas fazer para as ajudar – sussurrou.

– Há sempre alguma coisa que eu possa fazer.

Sob a luz do luar que entrava pela janela da cozinha, a pele de Jo pareceu reluzir num tom branco, e Katie teve a sensação de que ela não era o tipo de pessoa que costumava expor-se ao sol. O vinho fez a cozinha girar e as paredes moverem-se. Katie sentiu as lágrimas a começarem a formar-se nos seus olhos e tudo o que pôde fazer foi pestanejar para as conter. Sentiu a boca ficar seca.

– Nem sempre – murmurou Katie. Virou a cara para a janela. Do lado de fora, a lua pairava por cima das árvores. Katie engoliu em seco, sentindo-se como se estivesse a observar-se a si própria, do outro lado da cozinha. Conseguia ver-se sentada à mesa com Jo, e, quando começou a falar, a voz que ouviu não parecia realmente a sua. – Eu tinha uma amiga. O casamento dela era horrível, e ela não conseguia falar com ninguém. Ele costumava bater-lhe, e ela disse-lhe que se aquilo voltasse a acontecer, iria embora. Ele jurou que nunca mais o faria e ela acreditou. Mas as coisas pioraram muito depois disso. Por exemplo, quando o jantar dele estava frio ou quando ela revelava ter conversado com um dos vizinhos que estava a passear o cão. Ela só tinha conversado com o rapaz, mas, naquela noite, o marido atirou-a contra um espelho.

Katie olhou para o chão. O linóleo estava a descolar-se do chão nos cantos

da cozinha, mas ela não sabia como o arranjar. Já tentara colá-lo, mas não tivera sucesso. Os cantos tinham voltado a enrolar-se.

– Ele pedia sempre desculpa e às vezes chegava até a chorar por causa das pisaduras que causara nos braços, nas pernas ou nas costas dela. Dizia que odiava ter feito aquilo, mas, logo a seguir, dizia-lhe que ela merecera tudo o que acontecera. Que, se fosse mais cuidadosa, nada daquilo teria acontecido. Que, se prestasse atenção ao que fazia, ou se não fosse tão imbecil, ele não teria perdido a paciência. Ela tentou mudar. Esforçou-se para tentar ser uma esposa melhor e fazer as coisas como ele queria. Mas nada era suficiente, nunca.

Katie sentiu a pressão das lágrimas por detrás dos olhos e, embora tentasse novamente contê-las, sentiu-as a escorrer pela face. Jo estava imóvel do outro lado da mesa, observando-a.

– E como ela o amava! No começo, ele era muito carinhoso com ela. Fazia com que ela se sentisse segura. Na noite em que se conheceram, ela estava a trabalhar. Quando terminou o seu turno, dois homens seguiram-na. Quando dobrou a esquina, um deles agarrou-a e cobriu-lhe a boca com a mão. Por mais que ela tentasse libertar-se, os homens eram muito mais fortes e ela não sabia o que iria acontecer-lhe, mas o seu futuro marido vinha logo atrás e bateu na nuca de um dos agressores, e ele caiu ao chão. A seguir, agarrou o outro e atirou-o contra a parede. Estava tudo terminado. Ele ajudou-a a levantar-se e levou-a a casa. No dia seguinte, levou-a a tomar café. Era amável e tratava-a como a uma princesa, e assim foi até à lua de mel.

Katie tinha noção que não deveria contar nada daquilo a Jo, mas não conseguiu evitar. – A minha amiga tentou fugir duas vezes. Uma vez, acabou por voltar para casa, porque não tinha nenhum outro lugar para onde pudesse ir. E, na segunda vez que fugiu, realmente pensou que estivesse livre. Mas o marido procurou-a por toda parte e arrastou-a de volta para casa. Lá, espancou-a e encostou-lhe uma pistola à cabeça, dizendo que, se fugisse outra vez, a mataria. E mataria qualquer homem de quem ela gostasse. E ela acreditou nele, porque, naquela altura, já sabia que se tratava de um louco. Mas estava presa. Ele nunca lhe dava dinheiro, nunca permitia que saísse de casa. Ele passava de carro em frente à casa deles durante o horário de trabalho apenas para se certificar de que ela estava lá. Verificava os registos dos telefonemas e ligava-lhe a toda a hora. E não permitia que tirasse a carta de condução. Certa vez, quando acordou a meio da noite, a minha amiga

percebeu que ele estava em pé ao lado da cama, a olhar fixamente para ela. Estava a beber e com a pistola de novo na mão. Ela estava amedrontada de mais para dizer algo mais que não fosse pedir-lhe que voltasse para a cama. Mas foi naquele momento que percebeu que, se ficasse ali, o marido iria certamente matá-la.

Katie limpou os olhos e os dedos ficaram húmidos com as lágrimas. Mal conseguia respirar, mas as palavras continuavam a transbordar. – A minha amiga começou a roubar dinheiro da carteira dele. Nunca mais do que um dólar ou dois, porque, de outra forma, ele acabaria por perceber. Ele costumava deixar a carteira numa gaveta trancada à chave durante a noite, mas às vezes esquecia-se. Levou muito tempo até que ela conseguisse juntar todo o dinheiro de que precisava para fugir. Porque era aquilo que precisava de fazer. Fugir. Tinha de ir para um lugar onde ele nunca a encontrasse, porque sabia que o marido nunca desistiria de a procurar. E ela não podia contar nada a ninguém, porque não tinha mais família e a polícia não faria nada. Se ele suspeitasse de qualquer coisa, certamente que a mataria. Assim, ela roubou e guardou o pouco dinheiro que podia e encontrou moedas entre as almofadas do sofá e na máquina de lavar roupa. Escondeu o dinheiro num saco de plástico por baixo de um vaso de flores, mas, sempre que ele ia lá fora, tinha a certeza de que ele acabaria por encontrar o dinheiro. Demorou muito tempo a juntar a quantia de que precisava, porque queria ir para um lugar bem longe, um lugar onde ele nunca conseguiria encontrá-la. Para poder recomeçar a sua vida.

Katie nem se apercebeu de quando aquilo sucedera, mas Jo estava a pegá-la na mão. E ela já não tinha a sensação de estar a observar-se do outro lado da cozinha. Era capaz de sentir o sal das lágrimas nos lábios e imaginou que sua alma estivesse a escorrer para fora do seu corpo. Queria dormir, desesperadamente.

No silêncio, Jo manteve o seu olhar fixo no dela. – A tua amiga tem muita coragem – disse ela, em voz baixa.

– Não. A minha amiga passa o tempo todo cheia de medo.

– Ter coragem é exatamente isso. Se não fosse assim, não precisaria de coragem para suplantar o medo que sente. Eu admiro o que ela fez – disse Jo, apertando-lhe levemente a mão. – E acho que iria gostar muito dessa tua amiga. Fico feliz por me teres falado dela.

Katie desviou o olhar, sentindo-se completamente esgotada. – Acho que

não te devia ter contado isto.

Jo encolheu os ombros. – Não me preocuparia assim tanto. Uma coisa que hás de aprender a meu respeito é que sou muito boa no que toca a guardar segredos. Especialmente segredos de pessoas que não conheço, está bem?

Katie assentiu com a cabeça. – Está bem.

Jo ficou com Katie durante mais uma hora, mas conduziu a conversa para assuntos menos dolorosos. Katie falou sobre seu trabalho no Ivan's e sobre alguns clientes que estava a começar a conhecer. Jo questionou-a sobre a melhor maneira de tirar a camada de tinta que ficava debaixo das unhas depois de pintar as paredes. Sem mais vinho para beber, a tontura que Katie sentira começou a desaparecer, deixando apenas o cansaço. Jo também começou a bocejar e finalmente levantaram-se da mesa. Jo ajudou Katie a arrumar e limpar a cozinha, embora não houvesse muito a fazer além de lavar dois pratos. Katie acompanhou-a até à porta. Jo deteve-se quando saiu para o alpendre. – Acho que tivemos visitas – disse.

– Do que é que estás a falar?

– Está uma bicicleta encostada à tua árvore.

Katie seguiu-a até ao exterior. Apesar do brilho amarelado da luz do alpendre, o ambiente estava escuro e os contornos dos pinheiros ao longe lembraram a Katie o contorno irregular de um buraco negro. Pirilampos imitavam as estrelas, a piscar e a brilhar, e Katie semicerrou os olhos para ver melhor, percebendo que Jo tinha razão.

– De quem será essa bicicleta? – perguntou Katie.

– Não sei.

– Ouviste alguém a chegar?

– Não. Mas acho que alguém a deixou aqui para ti. Estás a ver? Aquilo à volta do guiador não é um laço?

Katie inclinou-se para a frente, distinguindo o laçarote. Uma bicicleta de senhora. Tinha uma cestinha de metal de cada lado da roda de trás e outra instalada em frente ao guiador. Havia também uma corrente enrolada em redor do selim, com a chave no cadeado.

– Quem me daria uma bicicleta?

– Porque é que estás sempre a fazer-me essas perguntas? Não faço a mínima ideia do que está a acontecer.

Katie e Jo desceram as escadas para a rua. Embora a maior parte das poças já tivesse secado, esvaindo-se pelo solo arenoso, a relva permanecia bastante húmida por causa da chuva, e encharcou as biqueiras dos sapatos de Katie quando ela atravessou o jardim. Tocou na bicicleta e depois no laço, deslizando os dedos pela sua superfície como faria um vendedor de tapetes. Debaixo do laço, estava um cartão e Katie pegou nele.

– Foi o Alex – disse ela, num tom de espanto.

– O Alex, da loja? Ou outro Alex?

– O da loja.

– O que diz o cartão?

Katie abanou a cabeça, tentando compreender as palavras antes de o passar a Jo para que esta o lesse. *Calculei que gostasse dela.*

Jo bateu com os dedos no cartão. – Acho que isso significa que ele está tão interessado em ti como tu estás interessada nele.

– Não estou interessada nele!

– É claro que não – disse Jo, piscando o olho. – Porque é que haverias de estar?

Alex estava a varrer o chão junto aos frigoríficos quando Katie entrou na loja. Ele calculou ela aparecesse bem cedo para falarem da bicicleta. Depois de encostar o cabo da vassoura ao vidro, enfiou a camisa por dentro das calças e passou a mão pelo cabelo. Kristen passara a manhã inteira à espera que Katie chegasse e levantou-se da mesa antes mesmo que a porta se fechasse.

– Olá, Miss Katie – disse Kristen. – Viste a bicicleta?

– Vi sim, obrigada. É por causa dela que estou aqui.

– Esforçamo-nos bastante a trabalhar nela.

– Foi um excelente trabalho. O teu pai está por aqui?

– Sim, está mesmo ali – disse Kristen, apontando. – Ele já aí vem.

Alex fixou o olhar em Katie quando ela se voltou.

– Olá, Katie – cumprimentou-a.

Quando se aproximou, ela cruzou os braços. – Podemos conversar lá fora por um minuto?

Ele detetou a frieza na voz dela e percebeu que estava a esforçar-se imenso por não demonstrar a sua raiva à frente de Kristen.

– É claro – disse, abrindo a porta. Seguiu-a até ao exterior e deu por si a admirar os contornos do corpo de Katie enquanto ela se dirigiu até ao lugar onde tinha encostado a bicicleta.

Detendo-se ao lado da bicicleta, ela virou-se para o encarar. Na cesta da frente estava o guarda-chuva que ele lhe emprestara na véspera. Ela tamborilou no selim, com uma expressão séria no rosto. – Posso perguntar o que significa isto?

– Gostou dela?

– Porque é que me comprou uma bicicleta?

– Eu não a comprei para si – disse ele.

Katie pestanejou, com uma expressão confusa. – Mas o seu bilhete...

Alex encolheu os ombros. – Esteve no arrumo durante os últimos dois

anos, a acumular pó. Acredite em mim. A última coisa que eu faria seria comprar-lhe uma bicicleta.

Os olhos dela passaram a demonstrar indignação. – Não é disso que eu estou a falar! Está sempre a dar-me coisas e isso tem de parar. Eu não quero nada seu. Não preciso de um guarda-chuva, nem de legumes, nem de vinho. E não preciso de uma bicicleta.

– Então dê a bicicleta a alguém – disse ele, encolhendo de novo os ombros –, porque eu também não a quero.

Katie ficou em silêncio e Alex viu a confusão dar lugar à frustração e, finalmente, à frivolidade. Por fim, ela abanou a cabeça e virou-se para se ir embora. Antes que pudesse dar um passo, ele aclarou a garganta. – Antes de ir embora, poderia ter a gentileza de ouvir o que tenho a dizer?

Katie virou a cabeça e olhou para Alex por cima do ombro. – Não quero saber.

– Talvez não queira, mas é importante para mim.

Ela manteve os olhos fixos nos dele, vacilando, até finalmente cederem. Quando suspirou, ele apontou para um banco de madeira em frente à loja. Alex colocara ali o banco na brincadeira, enfiado entre a máquina de gelo e algumas botijas de gás, sabendo que ninguém gostaria de se sentar lá. Quem é que quereria sentar-se virado para o estacionamento e para a estrada logo a seguir? Mesmo assim, para sua surpresa, havia várias pessoas a sentarem-se naquele banco, quase todos os dias. A única razão pela qual o banco ainda estava vazio naquele momento era por ser muito cedo.

Katie hesitou um pouco antes de se sentar e Alex entrelaçou os dedos sobre o colo.

– Não estava a mentir quanto ao facto de a bicicleta estar a acumular pó nos últimos dois anos. Ela pertencia à minha esposa – explicou Alex. – Ela adorava a bicicleta e usava-a muitas vezes. Uma vez, chegou a ir de Southport a Wilmington, mas, é claro, quando lá chegou, estava exausta e eu tive de ir buscá-la de carro. E não havia ninguém para tomar conta da loja. Tive de fechar literalmente as portas durante duas horas. – Fez uma pausa para inspirar. – Foi a última vez que andou nela. Naquela noite, teve a primeira convulsão e eu tive de a levar a correr ao hospital. Depois disso, ficou cada vez pior e nunca mais andou de bicicleta. Deixei a bicicleta no arrumo, mas sempre que a vejo, não consigo evitar pensar naquela noite horrível – disse, alisando a camisa. – Eu sei que já devia ter-me livrado dela,

mas não queria dá-la a alguém que a iria usar apenas uma ou duas vezes e que depois a encostaria a um canto. Queria que ela ficasse com alguém que gostasse dela tanto quanto a minha mulher gostava. Alguém que realmente a usasse. Essa seria a vontade da minha esposa. Se a tivesse conhecido, iria entender. Far-me-ia um grande favor.

Quando Katie falou, a sua voz estava embargada. – Não posso ficar com a bicicleta da sua esposa.

– Quer dizer que ainda pretende devolvê-la?

Quando ela assentiu com a cabeça, ele inclinou-se para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. – A Katie e eu somos muito mais parecidos do que imagina. Se eu estivesse na sua situação, faria exatamente a mesma coisa. Não quer sentir que deve algo a alguém. Quer provar que pode cuidar de si mesma sem depender de mais ninguém, não é?

Ela abriu a boca para responder, mas não disse nada. No meio do silêncio que se gerou, ele prosseguiu.

– Eu era exatamente assim quando a minha mulher morreu. E fui assim durante muito tempo. As pessoas vinham até à loja e muitas delas diziam que eu poderia telefonar se precisasse de alguma coisa. A maioria sabia que não tenho família por perto e todas tinham ótimas intenções, mas nunca telefonei a ninguém. Simplesmente porque aquilo não tinha nada que ver com minha maneira de ser. Mesmo se quisesse alguma coisa, não saberia como pedir. E, mesmo assim, na maior parte das vezes, nem sabia exatamente o que queria. Tudo o que sabia era que tinha chegado ao fim da linha e, para continuar com a metáfora, por muito tempo mal consegui agarrar-me a ela. Veja a minha situação. Assim de repente, tive de tomar conta de duas crianças pequenas e também da loja. Os meus filhos eram bastante mais novos e precisavam de mais atenção naquela altura do que precisam agora. Até que um dia, apareceu a Joyce. – Fitou-a. – Já a conheceu? Uma senhora idosa que trabalha algumas tardes por semana, incluindo aos domingos, e que conversa com toda a gente? O Josh e a Kristen adoram-na.

– Acho que não.

– Não tem importância. Seja como for, ela apareceu uma tarde, por volta das cinco horas, e disse-me que tomava conta das crianças, para eu poder ir passar uma semana à praia. Ela já tinha encontrado um lugar para eu ficar e disse que não aceitaria um «não» como resposta porque, na opinião dela, eu estava inevitavelmente destinado a ter um colapso nervoso.

Alex colocou os dedos na ponte do nariz, tentando reprimir as memórias daqueles dias. – No início, aquilo irritou-me. Afinal, são meus filhos, certo? E que tipo de pai seria eu para levar as pessoas a pensarem que não daria conta do recado? Mas a Joyce fez algo diferente. Não me disse para telefonar se precisasse de alguma coisa. Ela sabia o que eu estava a passar e fez o que entendeu ser correto. No dia seguinte, eu estava a caminho da praia. E a Joyce tinha razão. Nos primeiros dois dias, ainda estava em frangalhos. Mas, passados alguns dias, saí para dar umas longas caminhadas, li alguns livros, dormi até tarde. E, quando voltei, percebi que me sentia mais relaxado, de uma maneira como já há muito não me sentia...

Alex deixou as palavras pairarem no ar, sentindo o peso do escrutínio de Katie.

– Não sei porque é que me está a contar isso.

Ele virou-se para ela. – Nós os dois sabemos que, se eu lhe tivesse perguntado se queria a bicicleta, a Katie teria dito «não». Assim, tal como a Joyce fez comigo, fui em frente e fiz o que fiz, porque era a coisa certa a fazer. Porque eu aprendi que não há problema em aceitar um pouco de ajuda de vez em quando – concluiu Alex, olhando para a bicicleta. – Fique com ela. Não tenho outro uso para lhe dar e a Katie tem de admitir que a bicicleta facilitaria muito as suas deslocações para o trabalho.

Demorou alguns segundos até Alex perceber que os ombros dela estavam descontraídos. Ela virou-se para ele com um sorriso forçado. – Ensaiei esse discurso todo, não foi?

– É claro que ensaiei – disse ele, tentando mostrar um ar envergonhado. – Mas vai ficar com ela?

Katie hesitou. – Bem, acho que uma bicicleta pode ser efetivamente uma ajuda – admitiu, finalmente. – Obrigada.

Durante um longo momento, nenhum dos dois falou. Enquanto lhe observava o perfil, Alex reparou mais uma vez em como ela era bonita, embora percebesse que Katie provavelmente não achava que isso fosse verdade. E esse facto servia apenas para a tornar ainda mais atraente.

– De nada – disse ele.

– Mas chega de presentes, OK? Já fez mais do que o suficiente por mim.

– De acordo – disse ele, voltando a olhar para a bicicleta. – Está em boas condições? Foi fácil andar nela? Pergunto isso por causa das cestinhas.

– Não tive problemas. Porquê?

– Porque a Kristen e o Josh ajudaram-me a instalá-las ontem. Um daqueles projetos ótimos para um dia de chuva. Foi a Kristen que as escolheu. Ah, e, para que saiba, ela também achou que seria boa ideia colocar punhos brilhantes no guiador, mas aí eu disse-lhe que isso já seria de mais.

– Não me importaria de ter punhos brilhantes.

Alex riu-se. – Vou dizer disso à Kristen.

Katie hesitou. – Está a fazer um ótimo trabalho, sabia? Em relação aos seus filhos.

– Obrigado.

– Estou a ser sincera. Sei que não está a ser fácil.

– A vida é mesmo assim. Na maior parte das vezes, nada é fácil. Temos simplesmente de tentar fazer o melhor que pudermos. Compreende o que quero dizer?

– Sim, acho sim – respondeu ela.

A porta da loja abriu-se e, quando Alex se inclinou para frente, viu Josh a esquadrinhar o estacionamento e Kristen logo atrás dele. Com os seus cabelos e olhos castanhos, Josh era muito parecido com a mãe. O rapaz tinha o cabelo desgrenhado e Alex percebeu que devia ter acabado de se levantar da cama.

– Estamos aqui, meninos.

Josh coçou a cabeça enquanto caminhou na direção deles. Kristen exibiu um sorriso, acenando a Katie.

– Pai? – perguntou Josh.

– Sim, o que foi?

– Queríamos saber se hoje vamos mesmo à praia. Prometeste que nos levavas.

– Bem, é esse o plano para hoje.

– E vamos levar o grelhador?

– É claro que vamos.

– Então tudo bem – disse ele, esfregando o nariz. – Olá, Miss Katie.

Katie acenou a Josh e a Kristen.

– Gostaste da bicicleta? – perguntou Kristen.

– Gostei, sim. Obrigada.

– Tive de ajudar o meu pai a arranjá-la – informou Josh. – Ele não é muito bom com ferramentas.

Katie fitou Alex com um sorriso afetado. – Ele não me disse nada disso.

– Não faz mal. Eu sabia o que tinha a fazer. Mas ele teve de me ajudar com

a nova câmara de ar.

Kristen fixou os olhos em Katie. – Vens connosco para a praia?

Katie endireitou-se no banco de madeira. – Acho que não.

– Porquê? – perguntou Kristen.

– Provavelmente porque vai trabalhar – explicou Alex.

– Na verdade, não – disse ela. – Mas preciso de tratar de umas coisas em casa.

– Então podias vir connosco – pediu Kristen. – Vai ser muito divertido!

– Este é um momento para ti e para tua família – insistiu ela. – Não quero atrapalhar.

– Mas não vais atrapalhar. E vai ser muito divertido. Podes ver-me a nadar. Anda lá, por favor! – implorou Kristen.

Alex permaneceu em silêncio, para não a pressionar mais. Presumiu que Katie recusaria, mas, para sua surpresa, ela acabou por concordar com um leve meneio da cabeça. E respondeu com uma voz suave.

– Está bem – disse ela, por fim.

Depois de regressar da loja, Katie pousou a bicicleta nas traseiras da casa e entrou para trocar de roupa. Não tinha fato de banho, mas, mesmo que tivesse, não usaria um. Por mais que fosse natural uma rapariga apresentar-se em frente a estranhos com peças parecidas com roupa interior, não se sentiria confortável vestindo algo desse tipo perante Alex num passeio com os filhos dele. Aliás, na verdade, nem que as crianças não estivessem presentes.

Embora tentasse resistir àquele pensamento, Katie tinha de admitir que ele lhe despertava a curiosidade. Não por causa das coisas que tinha feito por ela, por muito que a tocassem. Tinha mais que ver com a maneira triste com que às vezes ele sorria, a expressão no rosto dele ao falar sobre a falecida esposa, ou a maneira como tratava os filhos. Notava-se em Alex uma solidão que ele não conseguia disfarçar, e ela sabia que, de certa forma, era muito parecida com a solidão que também sentia.

Tinha a noção de que Alex estava interessado nela. E Katie era suficientemente experiente para reconhecer situações em que os homens a achavam atraente; o empregado da mercearia a falar de mais, um estranho a olhar para ela ou um empregado num restaurante que se dirigia mais vezes do que o necessário até à mesa onde ela estivesse. Com o tempo, aprendeu a fingir que não se apercebia do interesse desses homens; antigamente, ela mostrava um óbvio desdém, porque sabia o que aconteceria se não o fizesse. Assim que chegassem a casa. Assim que estivessem sozinhos.

Mas essa era uma vida passada, recordou Katie. Abriu as gavetas e retirou um conjunto de calções e sandálias que tinha comprado na Anna Jean's. Na noite anterior tinha estado a beber vinho com uma amiga e agora iria para a praia com Alex e a família. Eram coisas comuns de uma vida comum. O conceito pareceu-lhe estranho, como se estivesse a aprender os hábitos e costumes de uma terra estranha, o que fez com que se sentisse, ao mesmo tempo, invulgarmente encantada e desconfiada.

Assim que acabou de se vestir, Katie viu o jipe de Alex a percorrer a rua de

gravilha e respirou fundo quando ele estacionou à frente de sua casa. *Agora ou nunca*, pensou ela ao sair para o alpendre.

– Tens de pôr o cinto de segurança, Miss Katie – disse Kristen atrás dela. – O meu pai não liga o carro enquanto não o prenderes.

Alex olhou para ela, como se quisesse dizer: *Está pronta?* Katie brindou-o com o seu melhor sorriso.

– Bem, vamos lá – disse ela.

Chegaram em menos de uma hora à cidade costeira de Long Beach, com as suas casas de madeira e vistas maravilhosas para o mar. Alex estacionou o carro num pequeno parque de estacionamento junto às dunas; alguns tufos de erva alta agitavam-se com a permanente brisa marítima. Katie saiu do carro e olhou para o mar, respirando fundo.

As crianças saíram do carro e percorreram a correr o caminho que serpenteava por entre as dunas.

– Vou ver como está a água, pai! – gritou Josh, com os óculos e o tubo de mergulhador nas mãos.

– Eu também! – acrescentou Kristen, seguindo o irmão.

Alex estava atarefado a descarregar coisas na traseira do jipe. – Esperem aí – gritou ele. – Vamos com calma, está bem?

Josh suspirou e a sua impaciência era bem visível enquanto apoiava o peso do corpo ora num pé, ora no outro. Alex começou a retirar a mala térmica da viatura.

– Precisa de ajuda? – perguntou Katie.

Alex abanou a cabeça. – Eu desenrasco-me com estas coisas. Mas, se não se importar de aplicar o protetor solar nos miúdos e ficar de olho neles por uns minutos, já seria uma boa ajuda. Eu sei que este lugar os deixa demasiado animados para ficarem quietos.

– Está bem – disse ela, virando-se para Kristen e Josh. – Vocês estão prontos?

Alex passou os minutos seguintes a tirar as coisas do jipe e a armar uma pequena tenda perto da mesa de piquenique mais próxima da duna, onde a maré alta não os alcançaria. Embora houvesse outras famílias, a praia estava praticamente deserta e poderiam ficar tranquilos naquela zona. Katie tinha tirado as sandálias e estava à beira da água enquanto as crianças brincavam

na rebentação. Tinha os braços cruzados e, mesmo àquela distância, ele apercebeu-se de uma rara expressão de felicidade no seu rosto.

Alex colocou duas toalhas sobre os ombros e foi ter com Katie. – É difícil acreditar que ainda ontem tivemos uma tempestade tão forte.

Ela virou-se ao ouvir o som da voz dele. – Já me tinha esquecido do quanto sentia a falta do mar.

– Já há muito tempo que não vinha à praia?

– Há demasiado tempo – esclareceu ela, enquanto escutava o ritmo suave das ondas a desfazerem-se na praia.

Josh corria na direção das ondas e depois regressava à praia, enquanto Kristen estava agachada na areia, à procura de conchas.

– Imagino que às vezes deva ser muito difícil ter de tratar e de educar os seus filhos sozinho – observou Katie.

Alex hesitou, ponderando na pergunta. Quando falou, sua voz demonstrou um tom gentil. – Na maior parte das vezes não é assim tão mau. O nosso quotidiano acaba por entrar no seu próprio ritmo, percebe? É quando fazemos coisas como estas, quando saímos do ritmo normal, que as coisas se tornam algo frustrantes. – Deu um leve pontapé na areia, enterrando o pé até meio. – Quando a minha mulher e eu falávamos de ter um terceiro filho, ela tentava alertar-me que essa terceira criança iria alterar por completo a nossa rotina. Se fosse um jogo de basquetebol, seria como passar de uma marcação homem a homem para uma marcação à zona. Ela costumava dizer que não tinha a certeza se eu conseguiria aguentar. Mesmo assim, aqui estou eu, a fazer marcação à zona, todos os dias... – deixou a frase no ar, abanando a cabeça. – Desculpe. Não deveria ter dito isto.

– Não deveria ter dito o quê?

– Parece que sempre que converso consigo acabo a falar sobre a minha mulher.

Pela primeira vez, ela virou-se de frente para ele. – E por que razão não haveria falar sobre a sua mulher?

Ele empurrou um monte de areia para frente e para trás com o pé, alisando o buraco que tinha feito. – Porque não quero que pense que não sei falar sobre outra coisa. Ou que tudo o que faço é viver no passado.

– Amava-a muito, não é?

– Sim – respondeu ele.

– E ela era uma parte muito importante da sua vida, além de ser a mãe dos

seus dois filhos, certo?

– Certo.

– Então não há problema nenhum em falar dela – disse Katie. – Ela faz parte daquilo que o Alex é.

Alex sorriu-lhe, agradecido, mas não lhe ocorreu mais nada para dizer. Katie pareceu ler-lhe a mente e perguntou num tom amável:

– Como é que se conheceram?

– Conhecemo-nos num bar, por estranho que possa parecer. Ela tinha saído com umas amigas para celebrar o aniversário de alguém. O lugar estava quente e cheio de gente, havia pouca luz, a música estava alta e ela... Bem, ela simplesmente destacou-se do resto. Todas as amigas dela estavam um pouco descontroladas e era óbvio que estavam a divertir-se bastante, mas ela parecia estar calma.

– Aposto que também era muito bonita.

– Nem é preciso dizer quanto – comentou ele. – Assim, engolindo o meu nervosismo, fui ter com ela e recorri a todo os encantos possíveis e imaginários.

Quando terminou a frase, apercebeu-se do sorriso presente nos cantos dos lábios dela.

– E então? – perguntou Katie.

– Mesmo assim, levei três horas até conseguir que ela me dissesse o nome e me desse o número de telefone.

Katie riu-se. – Ah, deixe-me adivinhar. Ligou-lhe no dia seguinte, não é? E convidou-a para sair?

– Como é que sabe?

– Parece ser o tipo de homem que faria exatamente isso.

– Fala como se já tivesse passado por isso muitas vezes.

Ela encolheu os ombros, permitindo que o gesto fosse interpretado da maneira que ele quisesse. – E o que é que aconteceu depois?

– Porque é que está tão interessada em saber?

– Não sei – reconheceu Katie. – Mas efetivamente estou.

Alex observou-a atentamente por uns momentos. – Tudo bem. Como já sabe, convidei-a para almoçar e depois passámos o resto da tarde a conversar. No final da semana seguinte, eu disse-lhe que um dia iríamos casar.

– Está a brincar.

– Sei que parece uma loucura. Pode acreditar em mim, ela também achou

que eu estava louco. Mesmo assim... Eu simplesmente sabia que aquilo iria acontecer. Ela era inteligente e gentil. Nós tínhamos muitas coisas em comum e queríamos as mesmas coisas da vida. Ela ria-se muito e também me fazia rir. Sinceramente, entre mim e ela, acho que a sorte grande me saiu a mim.

As ondas continuaram a rebentar na praia, chegando a cobrir os tornozelos de Alex e Katie.

– Provavelmente, ela achou o mesmo.

– Isso só aconteceu porque consegui enganá-la – disse Alex, irônico.

– Duvido que tenha sido assim.

– Isso é porque também estou a conseguir enganá-la a si.

Katie riu-se. – Não me parece que seja verdade.

– Está a dizer isso só porque somos amigos.

– Acha que somos amigos?

– Sim – disse ele, com os olhos fixos nos dela. – A Katie não acha?

Pela expressão no rosto dela, Alex percebeu que a ideia a apanhara de surpresa. Mas, antes que ela pudesse responder, Kristen veio a correr até junto deles, salpicando água com os seus passos e trazendo um punhado de conchas nas mãos.

– Miss Katie! – gritou ela. – Achei umas conchinhas muito bonitas!

Katie curvou-se um pouco. – Podes mostrar-me?

Kristen estendeu as mãos, soltando as conchas na mão de Katie antes de se virar na direção de Alex. – Pai, podemos começar a fazer o churrasco? Estou a morrer de fome!

– É claro, querida – disse ele, dando alguns passos em direção à praia, observando enquanto o filho mergulhava por entre as ondas. Quando Josh regressou à superfície, Alex colocou as mãos em redor da boca. – Ei, Josh? – gritou. – Vou começar acender o carvão. Porque é que não vens até aqui?

– Agora? – gritou Josh em resposta.

– É só por um bocado.

Mesmo àquela distância, ele viu os ombros de Josh baixarem devido ao desânimo. Katie também deve ter percebido, pois falou de imediato.

– Eu posso ficar aqui, se quiser – disse ela.

– De certeza?

– Fico aqui a ver as conchas que a Kristen me está a mostrar.

Alex assentiu com a cabeça e voltou a sua atenção para Josh. – Miss Katie fica a tomar conta de vocês. Por isso, não te afastes!

– Está bem! – prometeu ele, a sorrir.

Pouco tempo depois, Katie trouxe Kristen a tremer de frio e Josh bastante animado de regresso à toalha que Alex tinha estendido na areia. A grelha estava montada e os pedaços de carvão já estavam em brasa.

Alex abriu a última das cadeiras de praia sobre a toalha e observou enquanto eles se aproximavam.

– Como é que estava a água, meninos?

– Ótima! – respondeu Josh. O seu cabelo, parcialmente seco, espetara-se e apontava em todas as direções. – Quando é que o almoço está pronto?

Alex espreitou para as brasas. – Daqui a uns vinte minutos.

– Será que eu e a Kristen podemos voltar para a água?

– Vocês acabaram de sair da água. Porque é que não descansam por uns minutos?

– Não é para nadar, é para fazer castelos de areia – explicou ele.

Alex percebeu que Kristen estava a bater os dentes.

– Têm a certeza de que querem fazer isso? Vocês estão roxos de frio.

Kristen assentiu veementemente com a cabeça. – Eu estou bem – disse ela, ainda a tremer. – E a praia foi feita para construirmos castelos de areia.

– Tudo bem, tudo bem. Mas vistam as *T-shirts*, então. E fiquem onde eu possa ver-vos – disse ele, apontando com o dedo.

– Eu sei, pai – disse Josh, com um suspiro. – Já não sou uma criança.

Alex abriu um saco de viagem e ajudou Josh e Kristen a vestirem as *T-shirts*. Quando terminou, Josh pegou noutra saca cheia de brinquedos de plástico e saiu disparado, parando a poucos passos da água. Kristen seguiu-o.

– Quer que vá até lá para ficar com eles?

Alex abanou a cabeça. – Não, eles ficam bem. Já estão habituados a esta parte, quando eu trato do almoço. Sabem que devem ficar longe da água.

Dirigindo-se à mala térmica, agachou-se e abriu a tampa. – Também está a ficar com fome? – perguntou ele.

– Um pouco – disse Katie, antes de perceber que não tinha comido nada desde o queijo e o vinho partilhados com Jo na noite anterior. Apercebeu-se de imediato do seu estômago a roncar e cruzou os braços em frente à barriga.

– Ótimo, porque estou faminto. – Enquanto Alex procurava bebidas na mala térmica, Katie reparou nos músculos definidos dos antebraços dele. – Estava a pensar em assar salsichas para o Josh, um *cheeseburger* para a Kristen e costeletas para si e para mim. – Alex retirou a carnes do meio do gelo e depois inclinou-se por cima do grelhador, para soprar as brasas.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Importa-se de colocar a toalha na mesa? Está dentro da caixa.

– Claro que não – disse Katie. Tirou um dos sacos de gelo da mala térmica e ficou a olhar, boquiaberta. – O Alex trouxe comida suficiente para meia dúzia de famílias – comentou.

– Pois é. Com as crianças, penso sempre que é melhor trazer coisas a mais em vez de deixar que falte algo, pois nunca sei exatamente o que é que eles vão querer comer. Não imagina quantas vezes viemos até aqui e percebi que me esquecera de alguma coisa. E quando isso acontecia, tinha de os pôr outra vez no jipe e ir a correr para a loja. Então quis evitar que isso acontecesse hoje.

Katie abriu a toalha de plástico e, seguindo as instruções de Alex, prendeu os cantos com os pisa-papéis que ele se lembrara de levar.

– Pronto. E agora? Quer que eu ponha os pratos e os talheres na mesa?

– Ainda faltam uns minutos. Quanto a si não sei, mas eu estou pronto para uma cerveja – disse ele. Enfiando a mão na mala térmica, tirou uma garrafa.

– Acho que vou preferir um refrigerante.

– *Coca-Cola light*? – perguntou ele, com a mão de novo na caixa.

– Perfeito.

Quando Alex entregou a lata a Katie, a sua mão roçou ao de leve na dela, embora ela não estivesse certa de ele ter percebido.

Alex apontou para as cadeiras. – Quer sentar-se?

Ela hesitou um pouco antes de se sentar ao lado dele. Quando Alex abriu as cadeiras sobre a areia, deixou uma boa distância entre as mesmas, de modo a que eles não se tocassem acidentalmente. Alex arrancou a cápsula da sua cerveja e bebeu uma golada. – Não há nada melhor do que uma cerveja gelada num dia quente na praia.

Ela sorriu, um pouco desconcertada por estar sozinha com ele. – Vou acreditar nas suas palavras.

– Não gosta de cerveja?

A mente de Katie viajou no tempo, lembrando-se do seu pai e das latas vazias de *Pabst Blue Ribbon* que por norma atafulhavam o chão, empilhadas descuidadamente ao lado do cadeirão onde costumava sentar-se. – Nem por isso – admitiu ela.

– Só apreciava vinho, então?

Katie demorou um momento até se lembrar que Alex lhe oferecera uma garrafa. – Na verdade, ontem à noite bebi um pouco de vinho, com minha vizinha.

– A sério? Que bom.

Ela tentou encontrar um assunto mais seguro. – O Alex disse-me que era de Spokane?

Ele esticou as pernas, descontraindo-se e colocando um tornozelo sobre o outro. – Nascido e criado lá. Morei sempre na mesma casa, até ao dia em que fui para a faculdade – revelou, olhando-a de lado. – Andei na Universidade de Washington. Força, Huskies.

Ela sorriu.

– Os seus pais ainda lá moram?

– Sim.

– Então deve ser difícil para eles virem visitar os netos.

– Calculo que sim.

Algo no tom de voz dele chamou a atenção de Katie.

– Calcula?

– Eles não são o tipo de avós que fazem visitas, mesmo que morassem mais perto. Só viram as crianças uma ou duas vezes. A primeira foi quando a Kristen nasceu e a segunda foi no funeral – disse ele, abanando a cabeça. – Não me peça para explicar – continuou. – Os meus pais não têm qualquer interesse pelas crianças e o máximo que fazem é mandar postais nos aniversários ou presentes no Natal. Eles preferem viajar ou fazer qualquer outra coisa.

– A sério?

– O que é que eu posso fazer? Além disso, não posso dizer que comigo fossem muito diferentes, mesmo sendo eu filho único. A primeira vez que os meus pais foram visitar-me quando eu estava na faculdade foi no dia da

formatura. Embora eu nadasse suficientemente bem para obter uma bolsa de estudos integral, eles só por duas vezes me viram competir. Mesmo que eu fosse vizinho deles, duvido que quisessem ver as crianças. Essa é uma das razões que me levou a instalar-me aqui. Afinal, seria indiferente estar perto ou longe deles, não é?

– E os outros avós?

Alex arranhou o rótulo da garrafa de cerveja. – Com eles, a situação é um pouco mais complicada. Têm mais duas filhas que se mudaram para a Flórida e, depois de me venderem a loja, também se mudaram para lá. Vêm visitar-nos por alguns dias, geralmente uma ou duas vezes por ano, mas, mesmo assim, é difícil de mais para eles. Além do mais, recusam-se a ficar lá em casa, porque acho que faz com que se lembrem da Carly. Provavelmente, serão recordações em excesso.

– Resumindo e concluindo, o Alex acabou por ficar sozinho.

– Pelo contrário – disse ele, olhando para as crianças. – Eu tenho-os a eles, lembra-se?

– Mesmo assim, deve ser difícil. Gerir a loja, criar e cuidar dos seus filhos.

– Não é assim tão mau. Desde que me levante às seis da manhã e não me deite antes da meia-noite, é fácil dar conta do recado.

Ela riu-se, descontraída. – Acha que as brasas já estão no ponto?

– Vou verificar – disse ele. Depois de pousar a garrafa na areia, levantou-se da cadeira e foi ao grelhador. Os pedaços de carvão estavam brancos e o calor erguia-se em ondas tremeluzentes. – A Katie tem um sentido de oportunidade impecável – disse ele. Alex colocou as costeletas e os hambúrgueres na grelha enquanto Katie foi à mala térmica para trazer uma quantidade interminável de objetos para a mesa: taças de plástico com salada de batata e cenoura, pickles, salada de feijão-verde, fruta fatiada, dois pacotes de batatas fritas, queijo fatiado, além de molhos e temperos diversos. Ela abanou a cabeça à medida que organizava tudo, pensando se Alex se esquecera de que os seus filhos ainda eram pequenos. Havia mais comida ali do que no armário da cabana onde ela morava, em Southport.

Alex tratou das costeletas e dos hambúrgueres na grelha, acrescentando por fim as salsichas do cachorro-quente. Ao cozinhar, deu por si a olhar para as pernas de Katie enquanto ela andava em redor da mesa, mais uma vez apercebendo-se do quanto era atraente.

Ela pareceu perceber que ele a observava.

– O que foi?

– Nada – disse ele.

– O Alex estava a pensar em alguma coisa.

Ele suspirou. – Estou feliz por ter vindo connosco – disse, finalmente. – Porque estou a gostar bastante.

Enquanto Alex andou de volta do grelhador, os dois conversaram tranquila e descontraidamente. Ele explicou a Katie os pormenores relativos à gestão de uma loja de conveniência. Contou também como os seus sogros tinham iniciado o negócio e descreveu alguns dos clientes habituais com afeto, outros que podiam ser definidos como excêntricos e Katie interrogou-se silenciosamente se ela própria teria sido incluída naquele grupo caso Alex tivesse levado outra pessoa à praia.

Não que aquilo tivesse qualquer importância. Quanto mais ele falava, mais ela percebia que era o tipo de homem que tentava descobrir o que cada pessoa tinha de melhor – o tipo de homem que não gostava de se lamentar. Tentou imaginar como seria ele quando era mais novo, e gradualmente fez com que a conversa enveredasse por essa direção. Alex falou sobre a sua infância e adolescência em Spokane, sobre os fins de semana ociosos em que costumava andar de bicicleta pela Centennial Trail com os amigos. Contou que, quando descobriu a natação, o desporto rapidamente se tornou uma obsessão. Alex nadava quatro ou cinco horas por dia e tinha o desejo de participar nos Jogos Olímpicos. Entretanto, fez uma rutura muscular no ombro no seu segundo ano da faculdade e isso pôs fim ao sonho. Falou também sobre as festas que frequentou durante a faculdade e dos amigos que fez, admitindo que quase todas aquelas amizades se foram distanciando aos poucos, até perder o contacto com os colegas por completo. Enquanto falou, Katie percebeu que ele não parecia acrescentar ou diminuir pontos aos factos relativos ao seu passado, além de não parecer preocupado com o que os outros pensariam dele.

Ela conseguiu distinguir o que restava do atleta de elite que Alex havia sido, apercebendo-se dos seus movimentos fluidos e graciosos e da maneira tranquila com que sorria, como se estivesse habituado a vitórias e derrotas. Quando acabou de falar, ela temeu que ele a questionasse sobre o seu

passado, mas Alex pareceu pressentir que aquilo a deixaria desconfortável. Em vez disso, preferiu começar a contar outra história.

Quando a comida ficou pronta, ele chamou as crianças, que vieram a correr. Os dois estavam cobertos de areia e Alex manteve-os afastados enquanto os limpou. À medida que o observava, Katie constatava que Alex era um pai muito melhor do que ele próprio imaginava. Ótimo em tudo aquilo que efetivamente importava.

Quando as crianças chegaram à mesa, a conversa mudou de rumo. Katie ouviu-os a conversarem sobre o castelo de areia que tinham construído e sobre um dos programas do *Disney Channel* que ambos gostavam de ver. Quando mencionaram em voz alta os doces que comeriam mais tarde – *marshmallows*, tabletes de chocolate e bolachas, aquecidos até que estivessem quase a derreter –, tornou-se claro que Alex criara tradições especiais e divertidas para aquelas crianças. Ele era diferente dos homens que ela conhecera no passado, diferente de qualquer pessoa que conhecera em toda a sua vida. Conforme a conversa prosseguiu, quaisquer vestígios do nervosismo que pudesse sentir começaram a desaparecer.

A comida estava deliciosa, uma mudança muito bem-vinda em relação à sua recente dieta austera. O céu permaneceu limpo, a imensidão azul quebrada apenas quando alguma ave marinha ocasionalmente passava a voar por perto. A brisa soprava tranquila, suave o bastante para os manter frescos, e o ritmo constante das ondas ajudava a manter a sensação de calma e tranquilidade.

Quando acabaram de comer, Josh e Kristen ajudaram a limpar a mesa e a guardar o que sobrara. Alguns artigos que não se estragariam – o frasco de pickles e as batatas fritas – foram deixados em cima da mesa. As crianças queriam brincar com as pranchas de *body-board* e, depois de Alex lhes voltar a aplicar protetor solar, também tirou a camisa e seguiu-os até às ondas.

Katie levou a sua cadeira até junto da água e passou a hora seguinte a observar Alex a ajudar os filhos a deslizarem pela rebentação, posicionando um e depois o outro para que pudessem aproveitar as ondas que chegavam. Ficou maravilhada com o jeito que ele tinha para fazer com que cada um dos filhos se sentisse o centro das atenções. Havia um carinho no modo como ele os tratava, uma dose de paciência que ela não achava que fosse realmente possível encontrar num pai. À medida que a tarde avançava e começaram a formar-se nuvens, Katie percebeu que estava a sorrir, a pensar que, pela

primeira vez em muitos anos, se sentia completamente descontraída. E aquilo não era tudo. Ela sabia que estava a divertir-se tanto quanto as crianças.

Depois de saírem da água, Kristen disse que estava com frio e Alex levou-a à casa de banho para vestir roupas secas. Katie ficou com Josh na manta, a admirar o brilho do sol nas ondas enquanto ele fazia pequenos montes de areia.

– Ei, queres ajudar-me a lançar o papagaio? – perguntou Josh, de repente.

– Acho que não ia ser capaz. Nunca lancei papagaios.

– É fácil – insistiu ele, procurando entre a pilha de brinquedos que Alex levava, até que retirou um pequeno papagaio. – Eu ensino-te. Vamos.

Josh desatou a correr pela praia abaixo e Katie correu alguns passos antes de voltar a caminhar, em passos ligeiros. Quando chegou junto de Josh, ele já tinha começado a desenrolar a linha e passou-lhe o papagaio para as mãos. – Segura bem alto, por cima da cabeça.

Ela seguiu as instruções dele, à medida que Josh começou a afastar-se lentamente, desenrolando a linha com bastante desenvoltura.

– Estás pronta? – gritou ele, quando finalmente parou. – Quando eu começar a correr e gritar, larga o papagaio!

– Estou pronta! – gritou ela em resposta.

Josh começou a correr e, quando Katie sentiu a linha a ficar tensa, ouviu-o gritar e largou de imediato o papagaio. Ela não sabia se o vento estaria suficientemente forte, mas em poucos segundos o papagaio disparou na direção do céu. Josh parou de correr e virou-se. Enquanto ela caminhava na sua direção, ele deixou a linha correr ainda mais.

Quando se colocou ao lado do rapaz, protegeu os olhos do sol ao observar o papagaio a subir cada vez mais. Mesmo àquela distância era bem visível o símbolo do Batman, preto e amarelo.

– Sou muito bom a lançar papagaios – disse ele, olhando para o céu. – Porque é que nunca tinhas lançado nenhum?

– Não sei. Mas não era uma coisa que eu fizesse em criança.

– Devias experimentar. É divertido.

Josh continuou a olhar para cima, o seu rosto refletindo toda a sua concentração. Pela primeira vez, Katie percebeu como Josh e Kristen eram parecidos.

– Gostas de ir à escola? Andas no infantário, não é?

– Ah, a escola não é má. Gosto mais do recreio. Eu e os meus amigos fazemos corridas e coisas do género.

É *claro*, pensou ela. Desde que chegaram à praia ele não parou de se mexer nem por um minuto. – E gostas da tua professora?

– Ela é muito fixe e é parecida com o meu pai. Não grita com os alunos.

– O teu pai não grita?

– Não – disse ele, cheio de convicção.

– E como é que faz quando se zanga?

– O meu pai não se zanga.

Katie observou Josh atentamente, perguntando-se se ele estaria a ser sincero, antes de perceber que o rapaz era incapaz de mentir.

– Tens muitos amigos? – perguntou ele.

– Nem por isso, porquê?

– O meu pai diz que és amiga dele. Foi por isso que te trouxe à praia.

– Quando é que ele te disse isso?

– Quando estávamos no meio das ondas.

– E o que mais é que ele disse?

– Perguntou se não tínhamos ficado incomodados por teres vindo.

– E ficaram?

– Claro que não – disse ele, encolhendo os ombros. – Toda a gente precisa de amigos, e a praia é um lugar muito divertido.

Não havia como contestar aquilo. – Tens toda a razão – disse ela.

– A minha mãe costumava vir até aqui connosco, sabes?

– A sério?

– Sim, mas ela morreu.

– Eu sei. É lamento muito que isso tenha acontecido. Deve ser muito difícil. Imagino que tenhas muitas saudades dela.

Ele assentiu com a cabeça e, por momentos, pareceu simultaneamente mais velho e mais novo do que realmente era. – O meu pai às vezes fica triste. Ele acha que não percebo, mas dá para perceber.

– Acho que eu também ficaria triste – disse Katie.

Josh permaneceu em silêncio enquanto pensava na resposta dela. –

Obrigado por me ajudares com o papagaio – acabou por dizer.

– Parece que vocês estão a divertir-se bastante – observou Alex.

Depois de Kristen ter trocado de roupa, Alex ajudou-a a lançar o papagaio, após o que foi até junto de Katie, que estava sentada na areia molhada. Katie conseguia sentir o cabelo a esvoaçar lentamente ao sabor da brisa.

– Ele é um querido. E mais comunicativo do que eu achava que seria.

Alex observou os filhos a brincarem com os papagaios e Katie teve a sensação de que os olhos dele não perdiam um pormenor que fosse.

– Então é isto que faz ao fim de semana, depois de sair da loja. Sai para se divertir com os seus filhos.

– Sempre. Acho isso muito importante.

– Mesmo que os seus pais não tenham achado o mesmo?

Ele hesitou. – Essa seria uma resposta fácil, não é? Admitir que me senti prejudicado e jurar a mim mesmo que seria diferente? Parece uma boa ideia, mas não sei se as coisas funcionam exatamente assim. A verdade é que passo o meu tempo com eles porque gosto. Eu gosto deles. E gosto de os ver crescer, quero fazer parte desse processo.

Ao ouvir a resposta de Alex, Katie percebeu que estava recordar a sua própria infância, tentando, sem êxito, imaginar se a sua mãe ou o seu pai pensariam de modo semelhante.

– Porque é que se alistou no exército assim que se formou?

– Naquela altura, achei que era a coisa certa a fazer. Queria um desafio novo, queria experimentar algo diferente e alistar-me era uma boa desculpa para sair de Washington. Com a exceção de uma meia dúzia de competições de natação, nunca saí realmente do estado onde nasci.

– Chegou a...?

Vendo que deixou a frase suspensa, ele terminou-a por ela. – Combater? Não, eu não era esse tipo de soldado. Na faculdade, formei-me em Direito Criminal e fui designado para o DIC.

– O que é isso?

Quando Alex explicou o significado da sigla, ela virou-se para ele.

– É como a polícia?

Ele assentiu.

– Eu era detetive – revelou ele.

Katie não disse nada. Em vez disso, virou abruptamente a cara, e a sua expressão foi-se fechando como um portão de aço.

– Disse alguma coisa errada? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça sem responder. Alex fitou-a, tentando perceber o que poderia estar errado. As suas suspeitas a respeito do passado dela saltaram-lhe quase de imediato à mente.

– O que é que se passa, Katie?

– Nada – insistiu ela. No entanto, assim que proferiu aquelas palavras, Alex soube que ela não estava a dizer a verdade. Noutro lugar e noutra altura, provavelmente teria aproveitado para colocar mais perguntas. Mas, em vez disso, deixou o assunto morrer ali.

– Não precisamos de falar sobre isso – disse ele, num tom tranquilo. – E, além disso, não tenho mais nada que ver com o exército nem com o DIC. Acredite em mim quando digo que me sinto muito mais feliz a gerir uma loja de conveniência.

Ela assentiu com a cabeça, mas Alex reparou em alguns resquícios de ansiedade. Compreendeu que Katie precisava de espaço, mesmo não sabendo a razão. Apontou por cima do ombro com o polegar. – Olhe, preciso de deitar mais carvão na grelha. Se as crianças não tiverem os seus doces, vou passar o mês a ouvir reclamações. Não demoro.

– Claro – disse ela, fingindo-se despreocupada. Quando ele se afastou, Katie respirou aliviada, sentindo que conseguira escapar. *Ele era uma espécie de polícia*, pensou, enquanto tentava dizer a si mesma que aquilo não tinha importância. Mesmo assim, demorou quase um minuto a tentar controlar a respiração até voltar a sentir-se de novo segura. Kristen e Josh permaneciam nos mesmos lugares, embora Kristen se tivesse baixado para examinar outra concha, ignorando o seu papagaio, que voava para longe.

Ela ouviu Alex a aproximar-se.

– Eu disse que não demorava. Depois da sobremesa, estava a pensar em arrumar as coisas e ir para casa. Gostaria de ficar até o pôr do sol, mas o Josh tem escola amanhã cedo.

– Quando quiser ir, por mim está bem – disse ela, cruzando os braços.

Apercebendo-se dos ombros rígidos e da tensão na voz de Katie, Alex franziu as sobrancelhas. – Não sei o que foi que lhe disse que a incomodou tanto, mas peço desculpa – disse, após uns momentos. – Quero apenas que saiba que estou aqui se quiser conversar sobre o assunto.

Ela assentiu com a cabeça sem responder e, embora Alex esperasse que ela dissesse algo, Katie não abriu a boca.

– É assim que as coisas vão ser entre nós? – perguntou ele.

– O que é que quer dizer com isso?

– Parece que, de repente, estou a pisar terreno minado enquanto conversamos, mas desconheço o motivo.

– Eu até lhe diria, mas não posso – revelou Katie. Falou num tom tão baixo que quase foi abafado pelo ruído das ondas.

– Pode pelo menos dizer-me o que foi que eu disse? Ou o que foi que eu fiz?

Ela virou-se para ele. – O Alex não disse nem fez nada de errado. Mas, neste momento, não posso dizer nada além disso, está bem?

Ele observou-a demoradamente. – Tudo bem, então. Desde que ainda esteja a divertir-se.

Ela precisou de esforçar-se um pouco, mas finalmente conseguiu mostrar um sorriso. – Este foi o melhor dia que já tive em muito, muito tempo. Na verdade, o melhor fim de semana.

– Ainda está zangada por causa da bicicleta, não é? – perguntou ele, estreitando os olhos e fingindo-se desconfiado. Apesar de toda a tensão que sentia, Katie riu-se.

– É claro que estou. Vou levar muito tempo até recuperar desse choque – disse ela, fingindo-se zangada.

Fitando o horizonte, Alex pareceu aliviado.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? – pediu Katie, mais uma vez assumindo uma postura séria. – Não precisa de responder, se não quiser.

– Pode perguntar o que quiser – disse ele.

– O que é que aconteceu à sua mulher? Disse que ela teve uma convulsão, mas não me disse o que a deixou doente.

Ele suspirou, como se soubesse desde sempre que ela colocaria aquela pergunta. Ainda assim, teve de se manter firme para responder. – Ela teve um tumor cerebral – explicou, pausadamente. – Ou, para ser mais exato, teve três tipos diferentes de tumores no cérebro. Eu na época não sabia, mas os médicos dizem que não é assim tão invulgar. Havia um que estava a desenvolver-se lentamente, que é o tipo de tumor que todos conhecem; era do tamanho de um ovo e os cirurgiões conseguiram removê-lo quase completamente. Mas os outros não eram tão simples. Eram tumores que

crecem e se espalham como se fossem patas de aranha e não havia como tirá-los sem remover parte do cérebro dela. Também eram agressivos. Os médicos fizeram o melhor que puderam, mas quando saíram da sala de operações e disseram que tinham procedido de acordo com o que era possível, percebi exatamente o que queriam dizer.

– Não consigo imaginar como será ouvir uma notícia dessas – comentou Katie, olhando para a areia.

– Eu admito que foi difícil conseguir acreditar naquilo. Foi muito... inesperado. Afinal, na semana anterior, éramos uma família normal e, na seguinte, ela estava a morrer e não havia nada que pudesse fazer para impedir que isso acontecesse.

A alguns metros, Kristen e Josh ainda estavam ocupados com os seus papagaios, mas Katie percebeu que Alex mal os conseguia ver.

– Depois da cirurgia, ela levou umas semanas até voltar a andar e a agir normalmente, e eu queria acreditar que tudo estava bem. Entretanto, semana após semana, comecei a aperceber-me das mudanças, por mínimas que fossem. O lado esquerdo do corpo dela começou a enfraquecer e ela dormia por períodos cada vez mais longos. Foi difícil, mas a pior parte para mim foi perceber que começou a afastar-se das crianças. Como se não quisesse que se lembrassem dela nos dias em que estava doente; ela queria que se lembrassem dela do modo que costumava ser. – Alex parou e finalmente abanou a cabeça. – Desculpe. Não devia ter contado isto. Ela era uma ótima mãe. Afinal, veja no que se tornaram os nossos filhos.

– Acho que o pai também tem algo que ver com isso.

– Eu esforço-me. Mas, grande parte do tempo, sinto-me como se não soubesse bem o que estou a fazer. É como se estivesse a fingir, ou a fazer tudo sem qualquer critério.

– Acho que todos os pais se sentem assim.

Alex virou-se para a encarar. – Os seus também?

Ela hesitou. – Acho que os meus pais fizeram o melhor que podiam – respondeu Katie.

Não era propriamente um elogio, mas era a verdade.

– Ainda mantém contacto com eles?

– Eles morreram num acidente de carro quando eu tinha dezanove anos.

Ele fitou-a com atenção. – Lamento imenso.

– Foi difícil – confessou Katie.

- Tem irmãos ou irmãs?
- Não – respondeu ela, virando-se para o mar. – Sou filha única.

Uns minutos depois, Alex ajudou as crianças a recolherem os papagaios e voltaram para a zona de piquenique. As brasas ainda não estavam no ponto e Alex aproveitou o tempo para tirar a areia das pranchas e sacudir as toalhas antes de pegar no que precisava para assar os doces na grelha.

Kristen e Josh guardaram a maior parte das suas coisas e Katie colocou o que restou da comida na mala térmica, enquanto Alex começou a levar tudo de volta para o jipe. Quando terminou, só sobrara uma manta e quatro cadeiras. As crianças dispuseram as toalhas em círculo enquanto Alex distribuiu espetos longos e o saco de *marshmallows*. Agitado devido ao entusiasmo, Josh rasgou o saco plástico, despejando um pequeno monte sobre a manta.

Seguindo o exemplo das crianças, Katie enfiou três *marshmallows* no seu espeto e, ao lado de Alex, Josh e Kristen, pôs-se de pé junto ao churrasco, a girar o espeto entre os dedos à medida que a camada exterior dos doces se derretia e mudava de cor para um castanho caramelizado. Katie aproximou demasiado os seus doces das brasas e dois *marshmallows* pegaram fogo, mas Alex soprou imediatamente até se apagarem.

Quando ficaram prontos, Alex ajudou os filhos a terminar a preparação dos doces: chocolate quente por cima de uma bolacha, seguido pelos *marshmallows* e depois mais uma bolacha no topo. Era uma sobremesa doce e pegajosa, e era a melhor coisa que Katie já comera na vida.

Sentada entre as crianças, percebeu que Alex estava a esforçar-se para não deixar que as suas bolachas se esfarelassem, e acabou por se lambuzar todo. Quando usou os dedos para limpar a boca, só piorou a situação. As crianças acharam aquilo hilariante e Katie também não conseguiu evitar uma risada. Ao mesmo tempo, sentiu uma onda inesperada e repentina de esperança. Apesar da tragédia que tinha vivido, aquela família parecia ser feliz. Era aquilo que uma família que se ama fazia quando estavam todos juntos. Para eles, não passava de um dia normal de um fim de semana normal, mas, para Katie, era uma espécie de revelação: perceber que, após tantos anos, era possível haver momentos felizes como aquele. E que talvez, um dia, ela tivesse a possibilidade de viver dias parecidos com aquele.

—E depois, o que é que aconteceu?

Jo estava sentada à mesa em frente a Katie, na cozinha pintada em tons de amarelo, iluminada apenas pela lâmpada sobre o fogão. Depois de Katie ter regressado, Jo bateu-lhe à porta, com o cabelo todo salpicado de tinta. Katie tratou de preparar uma cafeteira de café e havia duas chávenas sobre a mesa.

— Nada de mais. Assim que acabámos de comer os doces, demos um passeio pela praia, entrámos no carro e voltámos para casa.

— Ele acompanhou-te até à porta de casa?

— Sim.

— Convidaste-o para entrar?

— Ele tinha de levar as crianças para casa.

— Deste-lhe um beijo de boa-noite?

— É claro que não.

— Porquê?

— Não ouviste o que eu disse? Ele levou os filhos à praia e convidou-me para ir com eles. Não foi um encontro romântico.

Jo ergueu a sua chávena de café.

— Pois a mim, pareceu-me um encontro romântico.

— Foi um dia em família.

Jo meditou na resposta. — Parece também que passaram um bom bocado a conversar.

Katie recostou-se na sua cadeira. — Acho que querias que fosse um encontro.

— E porque é que eu haveria de querer isso?

— Não sei. Mas desde que nos conhecemos, de cada vez que conversamos, fazes questão de falar dele. É como se estivesses a tentar... não sei. Como se estivesses a tentar fazer com que eu reparasse nele.

Jo agitou o conteúdo da sua chávena antes de a pousar de novo na mesa.

– E reparaste?

Katie ergueu as mãos. – Está a ver o que eu quero dizer?

Jo riu-se antes de abanar a cabeça. – Está bem. E se for assim? – Hesitou antes de prosseguir. – Já conheci muita gente e, com o passar do tempo, desenvolvi instintos nos quais aprendi a confiar. Como nós as duas sabemos, o Alex é uma ótima pessoa. E quando te conheci, Katie, fiquei com a mesma impressão. E não fiz nada além de te provocar em relação a ele. Não te arrastei até à loja nem vos forcei a apresentarem-se. Também não estava por perto quando ele te convidou para ir à praia, um convite que aceitaste com todo o gosto.

– A Kristen pediu-me para ir...

– Eu sei, já me contaste – disse Jo, erguendo uma sobrancelha. – E eu tenho a certeza de que esse foi o único argumento que te convenceu a aceitar o convite.

Katie fez uma careta. – Tens a mania de distorcer as coisas.

Jo voltou rir-se. – Já te passou pela cabeça que estou a fazer isto porque senti inveja de ti? Oh, não por teres saído com o Alex, mas por teres ido à praia num dia perfeito como hoje, enquanto eu estava enfiada em casa a pintar as paredes pelo segundo dia consecutivo. Nunca mais quero pegar num rolo de pintar no resto da minha vida. Tenho os braços e os ombros bastante doridos.

Katie levantou-se e foi até à bancada. Serviu-se de mais uma chávena de café e ergueu a cafeteira, oferecendo-o a Jo. – Queres mais?

– Não, obrigada. Preciso de dormir esta noite e cafeína em excesso pode atrapalhar. Acho que vou ligar para o restaurante chinês e pedir que me tragam alguma coisa para jantar. Também queres?

– Não estou com fome – disse Katie. – Hoje comi de mais.

– Não me parece que isso seja possível. O que apanhaste foi sol a mais. A cor fica-te bem, mesmo que daqui a alguns anos isso te traga umas rugas extra.

Katie fez outro esgar. – Obrigada por me lembrares.

– Os amigos são para essas coisas – realçou Jo, levantando-se e espreguiçando-se. – A noite passada foi ótima, ainda que tenha de admitir que hoje de manhã paguei bem caro.

– Foi divertido – concordou Katie.

Jo deu alguns passos antes de se virar. – Ah, esqueci-me de perguntar. Vais

ficar com a bicicleta?

– Sim – respondeu ela.

Jo matutou no assunto. – É uma boa ideia.

– O que é que queres dizer com isso?

– Acho apenas que não precisas de devolvê-la. Obviamente precisas de um meio de transporte e ele queria que ficasses com ela. Por que razão haverias de devolvê-la? – Jo encolheu os ombros. – O teu problema é que andas sempre à procura de significados ou segundas intenções nas ações e nas palavras dos outros.

– Tal como a minha amiga manipuladora?

– Achas mesmo que sou manipuladora?

Katie refletiu por uns momentos. – Talvez sejas um pouco, sim.

Jo sorriu. – E no trabalho, como é que está a tua agenda esta semana? Vais trabalhar muito?

Katie assentiu com a cabeça. – Seis noites e três dias.

Jo fez um esgar. – Bolas.

– Não faz mal. Preciso do dinheiro e já estou habituada.

– E, claro, tiveste um excelente fim de semana.

Katie sopesou aquelas palavras. – É... tive, sim.

Os dias seguintes decorreram sem grandes novidades, o que serviu apenas para que parecessem a Alex mais longos do que o habitual. Não falara com Katie desde que a deixara em casa na noite de domingo. Não era algo completamente inesperado, pois sabia que ela iria trabalhar bastante naquela semana; no entanto, mais do que uma vez deu por si a sair da loja e a espreitar pela estrada na direção da casa dela, sentindo-se vagamente dececionado por não a ver.

Foi o bastante para derrubar a ilusão que ele tinha de a ter encantado de tal maneira que ela não conseguiria resistir à tentação de ir à loja para o ver. Mesmo assim, ficou surpreso com o entusiasmo quase adolescente que sentia só de pensar em revê-la, mesmo que Katie não partilhasse desse sentimento. Imaginava-a na praia, com o cabelo castanho a balouçar ao sabor do vento, as feições delicadas do rosto dela e olhos que pareciam mudar de cor sempre que a via. Aos poucos, com o avançar do dia, ela conseguira relaxar e Alex teve a sensação de que o passeio na praia havia, de algum modo, suavizado a resistência dela.

Não era apenas o passado de Katie que o intrigava, mas também todas as outras coisas que não sabia a seu respeito. Tentou imaginar, por exemplo, que tipo de música ela gostaria de ouvir ou qual a primeira coisa em que pensava quando acordava de manhã, ou se já teria ido assistir a um jogo de basebol.

Questionava-se se ela dormiria de barriga para cima ou de lado e, se tivesse a oportunidade de escolher, se preferiria tomar duche ou banho de imersão. Quanto mais pensava nela, mais curioso ficava.

Desejava que ela lhe confiasse os detalhes do seu passado, não porque ele tivesse a ilusão de que poderia salvá-la de algum modo, ou sentisse que ela precisava de ser salva, mas porque revelar-lhe a verdade significava abrir uma porta para o futuro. Significava que poderiam ter uma conversa genuína.

Na quinta-feira, Alex estava a ponderar se deveria ir ou não a casa de

Katie. A sua vontade era fazê-lo e até pegou nas chaves do carro, mas acabou por desistir da ideia porque não sabia o que dizer quando lá chegasse. Também não imaginava qual seria a reação de Katie. Será que iria sorrir? Ou seria dominada pelo nervosismo? Iria convidá-lo a entrar ou iria mandá-lo embora? Por mais que tentasse imaginar o que aconteceria, não conseguiu, e assim acabou por pousar as chaves do carro.

Era complicado. Mas, mais uma vez, acabou por recordar a si próprio que ela era uma mulher misteriosa.

Não levou muito tempo a Katie para admitir que a bicicleta fora uma dádiva divina. Além de poder ir a casa no intervalo entre os turnos nos dias em que trabalhava dois períodos no restaurante, sentiu que, pela primeira vez, poderia realmente começar a explorar a cidade. E foi exatamente o que fez. Na terça-feira, visitou duas lojas de antiguidades, apreciou aguarelas de paisagens marítimas que estavam expostas numa galeria de arte e pedalou através de alguns dos bairros de Southport, admirando os amplos alpendres e os pórticos que adornavam as casas perto da costa. Na quarta, foi até à biblioteca e passou algumas horas a examinar as estantes, lendo as badanas dos livros e enchendo as cestinhas da bicicleta com os romances que despertaram o seu interesse.

No entanto, à noite, enquanto lia na cama os livros que tinha requisitado, às vezes dava por si desconcentrada da leitura e a permitir que a imagem de Alex povoasse os seus pensamentos. Ao visitar as memórias da época em que vivia em Altoona, percebeu que Alex lhe fazia lembrar o pai da sua amiga Callie. No décimo ano do ensino secundário, Callie morara ao fundo da rua dela e, embora não se conhecessem muito bem – Callie era dois anos mais nova –, Katie lembrava-se de se sentar nos degraus do seu alpendre todos os sábados de manhã. Certo como um relógio, o pai de Callie abria a porta da garagem, assobiando uma música enquanto tirava a máquina da relva e a posicionava num dos cantos do jardim. Tinha orgulho no seu jardim – era provavelmente o mais bem tratado da vizinhança – e ela ficava a observá-lo enquanto ele passava o aparelho sobre a relva com uma precisão militar. De vez em quando, ele parava para afastar da frente da máquina um ramo caído, e, naqueles momentos, limpava o rosto com um lenço que guardava no bolso de trás dos calções. Quando terminava, apoiava-se no capô

do carro que deixava estacionado à frente da garagem e saboreava um copo de limonada que a mulher invariavelmente lhe levava. Às vezes, ela encostava-se ao carro ao lado do marido, e Katie sorria enquanto o observava a tocar na anca da mulher quando lhe queria chamar a atenção.

Havia um quê de satisfação na maneira como ele bebia a limonada e tocava na esposa que levava Katie a pensar que aquele homem estava satisfeito com a vida que tinha e que todos os seus sonhos, de alguma forma, se tinham realizado. Enquanto o observava, era frequente Katie tentar imaginar como seria a sua vida se tivesse nascido naquela família.

Alex ostentava aquele mesmo ar de satisfação quando os seus filhos estavam por perto. De alguma forma, não só conseguira superar a tragédia de perder a mulher, como também lograra fazê-lo com força suficiente para ajudar os filhos a superar igualmente aquela perda. Quando falou sobre a falecida esposa, Katie tentou perceber se a voz dele revelava tristeza ou autocomiseração, mas não detetou nenhum desses sentimentos. É claro que havia pena e uma pontada de solidão ao falar dela, mas, simultaneamente, falou da mulher a Katie sem que esta sentisse que estava a comparar ambas. Ele pareceu aceitá-la tal como era e, mesmo que ela não soubesse exatamente quando tal sucedera, percebeu que se sentia atraída por ele.

Mas, mesmo pondo tudo isso de parte, os sentimentos dela eram bastante complexos. Katie não baixava a guarda para deixar alguém aproximar-se desde a época em que morara em Atlantic City, e a experiência acabara por revelar-se um pesadelo. Contudo, por mais que tentasse permanecer distante, parecia que sempre que via Alex algo acontecia para fazer com que os dois se aproximassem. Às vezes por acidente, como no dia em que Josh caiu ao rio e ela ficou com Kristen. Outras vezes, até parecia obra do destino. Como no dia em que desabou a tempestade. Ou quando Kristen saiu da loja e lhe implorou para que fosse à praia com a família. Quanto mais tempo ela passava ao lado de Alex, mais sentia que ele sabia muito mais do que deixava transparecer, e aquilo assustava-a. Fazia com que se sentisse despida e vulnerável e esse era um dos motivos pelos quais evitara ir à loja dele durante toda a semana. Precisava de tempo para pensar, tempo para decidir o que faria a respeito daquela situação, se é que faria alguma coisa.

Infelizmente, acabou por passar demasiado tempo a lembrar-se da maneira como as rugas de expressão no canto dos olhos de Alex se juntavam quando ele sorria, ou dos movimentos graciosos que ele fizera ao sair do mar. Pensou

em Kristen a procurar a mão do pai e a total confiança que Katie viu naquele simples gesto. Jo dissera desde logo que Alex era um bom homem, o tipo de homem que faz as coisas certas e, embora Katie não pudesse dizer que o conhecesse bem, o instinto dizia-lhe que era um homem em quem podia confiar. Que, não importava o que lhe dissesse, iria apoiá-la, guardaria os seus segredos e nunca usaria o que sabia para magoá-la.

Eram ideias irracionais e ilógicas, que iam contra tudo o que prometera a si mesma quando se mudara para Southport. Mas Katie percebeu que desejava que ele a conhecesse melhor. Queria que ele a entendesse, porque tinha a estranha sensação de que Alex era o tipo de homem pelo qual poderia apaixonar-se, mesmo que não quisesse.

Caçar borboletas.

A ideia surgira na sua mente mal despertara na manhã de sábado, antes mesmo de descer até à loja para abrir as portas ao público. Estranhamente, enquanto pensou no que poderia fazer para entreter os filhos nesse dia, lembrou-se de um projeto que fizera quando estava no segundo ano do ciclo. A professora pedira aos alunos que fizessem uma coleção de insetos. A sua memória regressou a uma tarde em que estava a correr num relvado durante o recreio da escola, à procura de insetos aos quais pudesse deitar a mão, desde abelhões a gafanhotos. Tinha a certeza de que Josh e Kristen iriam gostar de fazer aquilo e, sentindo-se orgulhoso de si próprio por ter pensado em algo interessante e original para ocupar uma tarde do fim de semana, remexeu nas redes de pesca que tinha na loja, escolhendo três com o tamanho apropriado.

Quando apresentou a ideia às crianças à hora do almoço, elas não ficaram muito entusiasmadas.

– Não quero magoar nenhuma borboleta. Eu gosto delas – protestou Kristen.

– Nós não vamos magoá-las. Depois podemos soltá-las.

– Então, porque é que precisamos de as apanhar?

– Porque é divertido.

– Não me parece que seja divertido. A mim, parece-me uma maldade.

Alex abriu a boca para responder, mas não soube exatamente o que dizer. Josh deu outra dentada na sua tosta de queijo.

– O dia está muito quente, pai – fez notar, falando enquanto mastigava.

– Está bem. Podemos ir nadar no riacho depois de caçar as borboletas. E mastiga com a boca fechada.

Josh engoliu. – E porque é que não vamos já nadar no riacho?

– Porque vamos sair para caçar borboletas.

– Não podemos ir ao cinema em vez de fazer isso?

– Isso! Vamos ao cinema!

Às vezes, Alex achava que ser pai era uma experiência exasperante.

– O dia está lindo e não vamos passá-lo metidos num cinema. Vamos sair para caçar borboletas. E isso não é tudo: vocês os dois vão gostar do passeio, entenderam?

Depois do almoço, Alex levou-os até um campo nos arredores da cidade que estava repleto de flores silvestres. Entregou-lhes as redes que usariam para caçar as borboletas e ordenou-lhes que comesçassem, observando enquanto Josh arrastava a sua rede atrás de si e Kristen segurava a sua contra o corpo, de um modo parecido com o que fazia com as bonecas.

Alex resolveu deitar mãos à obra e correu à frente deles, com a sua rede a postos. Mais à frente, a esvoaçar por entre as flores, avistou dúzias de borboletas. Quando lá chegou, girou a rede em arco, capturando uma. Agachando-se, começou a manipular a rede cuidadosamente, permitindo que o laranja e o castanho das asas da borboleta ficassem à mostra.

– Uau! – disse ele, tentando demonstrar o máximo de entusiasmo que conseguiu. – Apanhei uma!

Numa questão de segundos, Josh e Kristen vieram a correr e espreitaram por cima do ombro dele.

– Cuidado com ela, pai – avisou Kristen.

– Não te preocupes, querida. Olha como as cores são bonitas.

Os dois aproximaram-se ainda mais.

– Que fixe! – gritou Josh para, no momento seguinte, desatar a correr por entre as flores a agitar vigorosamente a sua rede.

Kristen continuou a observar a borboleta. – De que espécie é?

– É uma hespéria – informou Alex. – Mas não sei ao certo de que tipo.

– Acho que está assustada.

– Tenho certeza de que ela está bem. Mas vou soltá-la.

Ela assentiu e Alex virou cuidadosamente a rede do avesso. De volta ao ar livre, a borboleta prendeu-se à rede antes de sair de novo a voar. Os olhos de Kristen arregalaram-se, maravilhados.

– Ajudas-me a apanhar uma?

– Com todo o gosto.

Passaram um pouco mais de uma hora a correr por entre as flores e capturaram oito tipos diferentes de borboletas, incluindo uma junónia, embora a maioria fossem hespérias. Quando terminaram, os rostos das

crianças estavam rubros e encharcados em suor, e Alex levou-os a comer um gelado antes de irem para o riacho que passava atrás de casa. Os três foram até ao cais e saltaram juntos para a água – Josh e Kristen com coletes salva-vidas – e flutuaram ao sabor de corrente tranquila. Era um dia como muitos que Alex tinha passado na sua infância. Quando saíram da água, ficou satisfeito ao perceber que, com exceção do passeio até à praia, aquele fora o melhor fim de semana que tiveram em muito tempo.

Mas foi cansativo também. Mais tarde, depois de as crianças já terem tomado banho, quiseram ver um filme. Alex colocou o DVD de *Regresso a Casa*, um filme que já tinham visto dezenas de vezes, mas que estavam sempre dispostos a ver de novo. Da cozinha, ele conseguia vê-los no sofá, ambos sem moverem um músculo que fosse, a olhar para a televisão daquela forma absorta típica de crianças exaustas.

Alex limpou a bancada da cozinha e colocou os pratos sujos na máquina de lavar a louça. A seguir, pôs um monte de roupa suja na máquina, arrumou a sala de estar e limpou a casa de banho das crianças antes de finalmente se sentar ao lado delas no sofá, por alguns momentos. Josh estava enroscado num dos cantos do sofá e Kristen no outro. Quando o filme terminou, Alex sentiu as suas próprias pálpebras a começarem a pesar. Depois de trabalhar na loja, brincar com os filhos e limpar a casa, era bom poder simplesmente relaxar por alguns momentos.

O som da voz de Josh despertou-o abruptamente.

– Ei, pai?

– Sim?

– O que temos para o jantar? Estou a morrer de fome.

Na copa do restaurante, Katie espreitou para a esplanada e depois voltou-se outra vez para trás, a observar Alex e as crianças a acompanharem a rececionista até uma mesa ao ar livre que ficava perto da cerca. Kristen sorriu e acenou assim que viu Katie, hesitando apenas por um segundo antes de correr por entre as mesas até chegar junto dela. Katie curvou-se quando a miúda lançou os braços em volta do seu pescoço.

– Quisemos fazer uma surpresa! – disse Kristen.

– Bem, e conseguiram. O que vieram aqui fazer?

– O meu pai hoje não quis fazer-nos o jantar.

– Não quis?

– Disse que estava cansado de mais.

– É, mas a história não acaba aí – anunciou Alex. – Acredite no que lhe digo.

Katie não se apercebera da aproximação dele, e endireitou-se.

– Ah, olá – disse ela, sentindo, contrariada, o rosto a corar.

– Como é que vão as coisas? – perguntou Alex.

– Bem – respondeu ela, sentindo-se algo nervosa. – Ocupada, como pode ver.

– Parece estar mesmo muito ocupada. Tivemos de esperar para que nos arranjassem uma mesa na zona onde está a servir.

– Esteve assim o dia todo.

– Bem, não vamos atrapalhá-la mais. Anda, Kristen, vamos para a mesa. Falamos daqui a pouco, ou quando vier anotar os nossos pedidos.

– Tchau, Miss Katie – disse Kristen, acenando outra vez.

Katie ficou a observá-los enquanto se dirigiram até à mesa, sentindo-se estranhamente feliz com aquela visita. Viu Alex a abrir a ementa e a inclinar-se para a frente para ajudar Kristen a segurar a sua, e, por momentos, desejou estar sentada à mesa com eles.

Ajeitou o uniforme e olhou para o seu reflexo na cafeteira de aço inox. Não conseguiu ver muito, apenas uma imagem difusa. Mas foi o bastante para fazer com que passasse a mão pelo cabelo. Depois de verificar rapidamente se não tinha nódoas na blusa – não haveria nada que pudesse fazer quanto a isso, mas ainda assim quis certificar-se – foi à mesa a que Alex e as crianças estavam sentados.

– Olá, meninos – disse ela, dirigindo-se a Josh e Kristen. – Ouvi dizer que o vosso pai hoje não quis fazer o jantar.

Kristen soltou uma risadinha, mas Josh limitou-se a assentir com a cabeça.

– Ele disse que estava cansado.

– Foi o que ouvi dizer – respondeu Katie.

Alex revirou os olhos. – Queimado pelos meus próprios filhos. Não posso acreditar.

– Eu nunca te faria isso pai – disse Kristen, muito séria.

– Obrigado, querida.

Katie sorriu. – Querem beber alguma coisa?

Pediram chá gelado e uma cesta de bolinhos fritos. Katie trouxe as bebidas

para a mesa e, à medida que se afastava, sentiu que os olhos de Alex a acompanhavam. Lutou contra o impulso de olhar para ele por cima do ombro, embora quisesse desesperadamente fazê-lo. Nos minutos seguintes, Katie anotou pedidos e recolheu pratos de outras mesas. Trouxe duas bandejas com refeições até outra mesa e, finalmente, veio trazer a cesta de bolinhos fritos.

– Tenham cuidado, ainda estão muito quentes.

– É melhor comê-los enquanto ainda estão quentes – disse Josh, levando a mão à cesta. Kristen também pegou num bolinho.

– Hoje fomos caçar borboletas – contou ela.

– A sério?

– Sim. Mas não as magoámos. Soltámo-las depois de as apanhar.

– Parece ter sido muito divertido. Gostaram do passeio?

– Foi ótimo! Apanhei aí umas cem borboletas, acho eu. E depois fomos nadar – revelou Josh.

– Deve ter sido mesmo muito bom. Não me admira que o vosso pai esteja cansado.

– Eu não estou cansado – disse Josh.

– Eu também não – disse Kristen, logo a seguir.

– Talvez não, mas, mesmo assim, hoje vão os dois para a cama cedo. O vosso pobre e velho pai precisa de dormir – disse Alex.

Katie abanou a cabeça. – Não seja tão duro consigo mesmo – disse ela. – O Alex não é pobre.

Ele levou um momento até perceber que ela estava a brincar, e riu-se. Foi suficientemente alto para que as pessoas da mesa ao lado percebessem, mas Alex não pareceu importar-se.

– Venho até aqui para descontrair e desfrutar do meu jantar e a empregada ainda me goza.

– A vida é dura.

– Nem me diga. Quando der por ela, vai dizer-me para escolher algo do menu infantil, para não engordar mais.

– Bem, eu não ia dizer nada – comentou Katie olhando para a barriga de Alex.

Ele-se riu outra vez e quando voltou a fitá-la, ela apercebeu-se de um brilho diferente no seu olhar, fazendo recordar a Katie que Alex a achava atraente.

– Bem, acho que já decidimos o que vamos pedir – disse ele.

– O que é que vos posso trazer?

Alex ditou os pedidos e Katie anotou-os. Ela manteve o contacto visual antes de deixar a mesa e levar o pedido para a cozinha. Enquanto continuou a trabalhar na sua área – mal saía alguém entrava logo mais gente no restaurante para ocupar as mesas – ela arranjou diversos pretextos para ir até junto de Alex. Regressou para encher os copos de água e de chá gelado, recolheu a cesta quando os bolinhos acabaram e levou outro garfo a Josh quando ele deixou o seu cair ao chão. Conversou tranquilamente com Alex e as crianças, aproveitando cada momento até lhes trazer o jantar.

Mais tarde, depois de terminarem, Katie recolheu os pratos e trouxe a conta. Naquele momento, o sol já estava a pôr-se e Kristen começou a bocejar. O movimento no restaurante pareceu ficar cada vez mais intenso. Ela teve tempo apenas para uma despedida rápida enquanto as crianças desceram as escadas, mas, quando Alex hesitou, Katie teve a impressão de que ele iria convidá-la para sair. Não sabia como lidaria com tal situação, porém, antes que ele conseguisse dizer alguma coisa, um dos clientes de Katie virou uma cerveja. O cliente levantou-se da mesa rápido de mais, esbarrando nela, e acabaram por cair mais dois copos. Alex deu um passo atrás, sentindo que o momento não era apropriado, e sabendo que ela teria de voltar ao trabalho.

– Até breve – disse ele, acenando e seguindo as crianças.

No dia seguinte, Katie entrou na loja cerca de meia hora depois de Alex abrir as portas ao público.

– Veio cedo – disse Alex, surpreendido.

– Levantei-me cedo e pensei que poderia aproveitar para fazer as minhas compras antes das outras coisas que preciso de fazer hoje.

– O movimento no restaurante diminuiu ontem à noite?

– Só passado um bom bocado. Mas estamos com falta de pessoal esta semana. Uma funcionária teve de viajar para ir ao casamento da irmã e outra ligou a dizer que estava doente. Está uma confusão.

– Eu percebi. Mas a comida estava ótima, apesar de o serviço ter demorado um pouco.

Quando ela o fitou com uma expressão irada, ele riu-se. – Isso é por ter gozado comigo ontem à noite – realçou Alex, abanando a cabeça. – Chamou-me velho. Vou revelar-lhe a verdade, o meu cabelo ficou grisalho antes de eu fazer trinta anos.

– Acho que se preocupa de mais com isso – disse ela, tentando retribuir a provocação. – Mas acredite em mim. Fica-lhe bem. Dá-lhe um certo ar de respeitabilidade.

– E isso é bom ou mau?

Ela sorriu sem responder e logo a seguir pegou num cesto de compras. Enquanto o retirava da pilha, ouviu-o a aclarar a garganta.

– Vai trabalhar tanto esta semana como trabalhou na semana passada?

– Não, nem tanto.

– E no próximo fim de semana?

Katie refletiu por uns momentos. – Estou de folga no sábado. Porquê?

Ele apoiou as mãos no balcão antes de a olhar nos olhos. – Porque estava a pensar se gostaria de ir jantar comigo. Só nós os dois, desta vez. Sem os miúdos.

Katie sabia que ela e Alex tinham chegado a uma encruzilhada, daquelas que mudaria tudo entre eles. Mas, simultaneamente, fora essa a razão que a levava a ir tão cedo à loja. Queria descobrir se estava enganada em relação à expressão que vira nos olhos dele na noite anterior, porque foi a primeira vez que percebeu, com toda a certeza, que queria que ele a convidasse.

Todavia, no meio ao silêncio Alex pareceu não compreender o que ela estava a pensar. – Deixe lá. Não é assim tão importante.

Katie continuou a fitá-lo nos olhos. – Sim, eu adoraria jantar consigo. Mas com uma condição.

– E qual seria essa condição?

– Já fez tantas coisas por mim que desta vez gostaria de poder fazer algo por si. E que tal se eu preparasse o jantar? Em minha casa.

Ele sorriu, aliviado. – Vai ser perfeito.

No sábado, Katie acordou mais tarde do que o habitual. Tinha passado os últimos dias a percorrer lojas, freneticamente, a comprar coisas e a decorar a sua casa. Uma nova cortina de renda para a janela da sala de estar, alguns quadros não muito caros para as paredes, uns quantos pequenos tapetes e uma toalha e copos de vinho para o jantar que iria preparar. Na noite de sexta-feira trabalhara até de madrugada, a colocar enchimento nas capas de almofada que tinha comprado e fazendo uma derradeira limpeza à casa. Apesar de o sol brilhar por entre as frinchas da janela, iluminando a sua cama com riscas de luz, Katie só acordou quando ouviu o barulho de alguém a martelar. Ao espreitar para o relógio, percebeu que já passava das nove horas.

Arrastando-se para fora da cama, Katie bocejou e depois foi até à cozinha para preparar uma cafeteira de café antes de ir ao alpendre, semicerrando os olhos devido ao brilho do sol. Olhou para a casa de Jo e viu que a amiga estava no alpendre, de martelo em punho, pronta para mais uma martelada. Jo viu então que Katie tinha saído de casa e pousou o martelo. – Espero não te ter acordado.

– Acordaste, sim, mas não há problema. Já passou da hora de eu me levantar. O que é que estás a fazer?

– Estou a tentar evitar que esta veneziana se solte da parede. Quando cheguei ontem à noite a casa, estava a começar a soltar-se e não tive dúvidas de que cairia a meio da noite. E, é claro, pensar que a veneziana podia acordar-me a qualquer momento se caísse ao chão fez com que demorasse bastante a adormecer.

– Precisas de ajuda?

– Não, já estou quase a acabar.

– E um café, aceitas?

– Um café parece-me ótima ideia. Daqui a uns minutos estou aí.

Katie regressou ao quarto e trocou o pijama por uns calções e uma *T-shirt*.

Lavou os dentes e escovou o cabelo o suficiente para o desembaraçar. Por entre as frestas da janela viu que Jo se dirigia a sua casa e foi abrir a porta da entrada.

– A tua casa está a ficar muito bonita! Adorei os tapetes e os quadros que escolheste.

Katie encolheu os ombros, com um sorriso.

– Bem, acho que começo a habituar-me a considerar Southport o meu lar. Pensei que estava na hora de começar a transformar esta casa num lugar mais permanente.

– Está realmente ótima. Parece que estás finalmente a começar a criar raízes.

– E a tua casa? Como é que está?

– Está a ficar melhor. Quando estiver pronta, convido-te para ires lá ver.

– Por onde é que andaste? Já há algum tempo que não te vejo.

Jo fez um gesto indicando que aquilo não era assim tão incomum. – Estive fora da cidade alguns dias, em trabalho, e depois fui visitar uma pessoa no fim de semana passado. Desde então, estive a trabalhar. Sabes como é.

– Também trabalhei bastante. Tive de fazer vários turnos no restaurante nos últimos dias.

– E vais trabalhar hoje à noite?

Katie beberricou o seu café.

– Não. Convidei uma pessoa para vir cá jantar.

Os olhos de Jo iluminaram-se. – Queres que adivinhe quem é essa pessoa?

– Já sabes quem é – disse Katie, tentando evitar enrubescer.

– Ah, eu sabia! – disse Jo. – Que bom. Fico muito feliz por ti. Já escolheste o que vais vestir?

– Ainda não.

– Bem, independentemente da escolha, tenho a certeza de que vais ficar linda. Vais ser tu a cozinhar?

– Podes não acreditar, mas até sou uma boa cozinheira.

– E o que é que vais preparar?

Quando Katie lhe contou, Jo ergueu uma sobrancelha.

– Parece uma delícia – comentou. – Vai ser muito bom, estou feliz por ti. Por vocês os dois, na verdade. Estás entusiasmada?

– É apenas um jantar.

– O que significa que não vais ter problemas depois em contar-me tudo o

que acontecer, não é?

– Acho que precisas de arranjar outro passatempo.

– Provavelmente. Mas, neste momento, estou a divertir-me bastante com a tua vida, já que a minha vida amorosa quase não existe nesta fase. Uma rapariga precisa de sonhar, não achas?

A primeira paragem de Katie foi no cabeleireiro. Ali, uma jovem chamada Brittany cortou-lhe o cabelo e fez-lhe um belo penteado, passando o tempo todo a conversar. Do outro lado da rua ficava a única *boutique* para mulheres de Southport e Katie passou por lá logo a seguir. Embora já tivesse passado em frente à loja umas quantas vezes, ao pedalar pela cidade, nunca lá entrara. Era uma daquelas lojas em que nunca achou que queria, ou precisaria, de entrar, mas, quando começou a ver os artigos, até teve surpresas agradáveis. Não só as peças eram interessantes, como também os preços. Pelo menos as que estavam em promoção. Foi nessas que Katie concentrou a sua atenção.

Estar sozinha numa loja de roupa como aquela para fazer compras foi uma experiência intrigante. Há muito tempo que não fazia algo assim e, ao experimentar as diferentes peças de roupa na cabina de provas, sentiu-se muito mais livre do que nos últimos anos.

Comprou duas peças que estavam em promoção, incluindo uma blusa bege, com apliques de contas e bordados, que ficava justa ao corpo e que tinha um decote generoso, mas sem ser exagerado. Também encontrou uma bela saia de verão estampada que combinava perfeitamente com a blusa. A saia era um pouco mais comprida do que ela queria, mas Katie sabia que podia fazer-lhe um arranjo. Depois de pagar, avançou mais uns passos e entrou naquela que sabia ser a única sapataria da cidade, onde escolheu um par de sandálias. Novamente, Katie aproveitou o facto de as sandálias estarem em promoção para se decidir a investir um pouco mais. Sem gastar em excesso, é claro. Embora fazer compras a deixasse ansiosa, lembrou-se das gorjetas dos últimos dias, que tinham sido generosas.

De lá, dirigiu-se à farmácia para comprar mais algumas coisas e finalmente montou na bicicleta para atravessar a cidade e ir ao supermercado. Não se apressou e aproveitou para andar tranquilamente por entre os corredores de prateleiras, sentindo as suas velhas e dolorosas memórias a tentarem voltar para a atormentar – mas, desta vez, sem sucesso.

Quando terminou, pedalou de regresso a casa e começou os preparativos para o jantar. Katie iria fazer camarões recheados com carne de caranguejo, salteados em manteiga e alho. Teve de puxar pela cabeça para se lembrar da receita, mas, como já a tinha preparado várias vezes ao longo dos anos, estava confiante de que não se esqueceria de nada. Para acompanhamento, optou por pimentos recheados e pão de milho. Para as entradas, pedaços de queijo *brie* enrolados em tiras de *bacon*, cobertos com molho de framboesa.

Já há algum tempo que não preparava uma refeição tão elaborada, mas Katie sempre gostara de recortar receitas que encontrava em revistas. O gosto pela culinária era a única coisa que tinha em comum com a mãe, com quem partilhou algumas vezes esse interesse.

Katie passou o resto da tarde ocupada com a cozinha. Misturou os ingredientes para o pão de milho e colocou-o no forno, depois preparou os demais ingredientes para rechear os pimentos e colocou-os no frigorífico com os pedaços de queijo *brie* enrolados em *bacon*. Quando o pão de milho ficou pronto, deixou-o na bancada para arrefecer, enquanto começou a preparar o molho de framboesas. Não era nada muito complicado – açúcar, framboesas e água – mas, quando terminou, a cozinha estava com um cheiro maravilhoso. O molho também foi para o frigorífico. O resto poderia esperar até mais tarde.

No quarto, encurtou um dedo acima dos joelhos a saia que tinha comprado e depois deu uma última vista de olhos à casa para ter a certeza de que tudo estava no seu devido lugar. Finalmente, começou a despir-se.

Quando entrou no duche, Katie pensou em Alex. Visualizou o seu sorriso tranquilo e a maneira graciosa como se movia, e a memória acendeu-lhe uma leve chama no estômago. Embora não o pretendesse fazer, imaginou se ele estaria a tomar banho no mesmo momento que ela. Havia algo de erótico naquele pensamento, a promessa de algo novo e estimulante. Era apenas um jantar, fez questão de lembrar a si própria; ainda assim, sabia que não estava a ser completamente sincera.

Havia outra força em ação, algo cuja existência ela andava a tentar negar. Sentia-se atraída por ele, mais do que gostaria de admitir. E, quando saiu do duche, já sabia que teria de ter cuidado. Alex era o tipo de homem pelo qual poderia apaixonar-se e aquela ideia assustava-a. Não estava pronta para algo desse género. Pelo menos, não para já.

E, logo a seguir, ouviu outro sussurro no fundo da sua mente, este a afirmar

que afinal talvez estivesse.

Depois de se secar, hidratou a pele com uma loção corporal de cheiro adocicado, vestiu as roupas novas e calçou as sandálias antes de aplicar a maquilhagem que comprara na farmácia. Não precisou de muito, apenas um toque de batom, rímel e um pouco de sombra para os olhos. Escovou o cabelo e finalizou com um par de brincos compridos que tinha comprado por impulso. Ao terminar, afastou-se do espelho.

Estou pronta, pensou consigo mesma. *É tudo que eu tenho*. Virou-se para um lado e depois para o outro, ajustando a blusa até finalmente mostrar um sorriso. Já há muito tempo que não se achava assim tão bonita.

Embora o sol finalmente tivesse cruzado o céu e brilhasse a poente, a casa ainda estava quente e Katie abriu as janelas da cozinha. A brisa leve bastou para refrescá-la enquanto preparava a mesa. No início da semana, quando estava a sair da loja, Alex perguntara-lhe se poderia levar uma garrafa de vinho. Portanto, Katie colocou dois copos na mesa. No centro, instalou uma vela e, quando deu um passo atrás para admirar a mesa, ouviu o som de um motor a aproximar-se. Percebeu pelo relógio que Alex chegara à hora combinada.

Katie respirou fundo, tentando acalmar os nervos. A seguir, depois de atravessar a sala e abrir a porta, saiu para a varanda. Com uns *jeans* e uma camisa azul com as mangas dobradas até aos cotovelos, Alex estava ao lado da porta do carro, inclinado lá para dentro, nitidamente a tentar pegar em algo. O seu cabelo ainda estava um pouco molhado junto ao pescoço.

Alex tirou duas garrafas de vinho e voltou-se. Quando a viu, sentiu-se como que paralisado, com uma expressão de pura incredulidade no rosto. De pé, ela estava cercada pelos últimos raios do pôr do sol, perfeitamente radiante. E, por um momento, tudo o que ele fez foi olhar fixamente para ela.

O assombro de Alex era evidente e Katie permitiu que aquela sensação se apoderasse dela, pois queria que perdurasse para sempre.

– Consegui vir – disse ela.

O som da voz de Katie foi o suficiente para quebrar o feitiço, mas Alex continuou a olhar para ela. Sabia que deveria dizer algo inteligente ou bem-humorado para quebrar a tensão. No entanto, deu por si a pensar: *Estou tramado, muito tramado*.

Ele não percebeu ao certo quando é que aquilo aconteceu, nem sequer

quando começou. Talvez tivesse sido na manhã em que viu Kristen nos braços de Katie depois de Josh ter caído ao rio, ou na tarde de chuva em que ele a levara a casa, ou até mesmo no domingo que passaram na praia. Tudo o que Alex sabia, com toda a certeza, era que, ali e naquele momento, estava perdidamente apaixonando por aquela mulher e que esperava que ela sentisse o mesmo por ele.

Após uns momentos, finalmente conseguiu aclarar a garganta. – É... Acho que sim.

O céu do início da noite era um prisma de cores quando Katie conduziu Alex pela modesta sala de estar em direção à cozinha.

– Não sei o que acha disto, mas gostaria muito de abrir o vinho agora – disse ela.

– É uma boa ideia. Não sabia o que a Katie ia preparar, então trouxe uma garrafa de *sauvignon blanc* e também um *zinfandel*. Tem preferência por algum deles?

– Vou deixar que seja o Alex a escolher – disse ela.

Na cozinha, ela encostou-se à bancada, cruzando as pernas, enquanto Alex preparava o saca-rolhas para abrir a garrafa. Pela primeira vez, ele pareceu estar mais nervoso do que ela. Com uma série de movimentos rápidos, abriu a garrafa de *sauvignon blanc*. Katie colocou os copos na bancada ao lado dele, consciente de como estavam próximos um do outro.

– Já o devia ter dito assim que cheguei, mas a Katie está linda.

– Obrigada – respondeu ela.

Ele serviu um pouco do vinho, pousou a garrafa sobre a bancada e entregou o copo a Katie. Quando ela lhe pegou, Alex sentiu o cheiro do creme para o corpo com aroma de coco.

– Acho que vai gostar do vinho. Pelo menos, é o que eu espero.

– Tenho a certeza de que vou adorar – disse Katie, levantando o copo. – À nossa – propôs, tocando no copo de Alex com o seu.

Ela bebeu um gole, sentindo-se extraordinariamente feliz com tudo aquilo: a sua própria aparência, o sabor do vinho, o aroma suave do molho de framboesas que ainda perfumava o ar, a maneira como Alex olhava para ela, esforçando-se por não parecer indiscreto.

– Gostaria de se sentar no alpendre? – sugeriu ela.

Ele assentiu. Depois de transporem a porta, sentaram-se nas cadeiras de baloiço. No ar que arrefecia lentamente, os grilos começaram a cantar, dando as boas-vindas à noite que chegava.

Katie saboreou o vinho, apreciando o toque frutado que a bebida deixava na língua. – E como é que estão a Kristen e o Josh?

– Estão bem. Levei-os ao cinema.

– Mas o dia estava tão bonito hoje, perfeito para uma atividade ao ar livre.

– Eu sei. Mas com o Memorial Day² na segunda-feira, acho que ainda vai ser possível fazer qualquer coisa ao ar livre nos próximos dias.

– A loja abre no feriado?

– Claro que sim. É um dos dias mais movimentados do ano, pois toda a gente quer passar o feriado na praia. Devo trabalhar até à uma da tarde.

– É uma pena. Mas também vou ter de trabalhar no feriado.

– Talvez eu e as crianças possamos aparecer no restaurante para a incomodar.

– Vocês não me incomodaram nada quando lá estiveram – disse Katie, olhando para Alex por cima do seu copo de vinho. – Bem, as crianças não me incomodaram, na verdade. Mas eu lembro-me de o Alex ter reclamado por causa da qualidade do serviço.

– Os velhos não sabem fazer outra coisa que não seja reclamar – retorquiu ele.

Ela riu-se, fazendo balançar a cadeira. – Quando não vou trabalhar, gosto de me sentar aqui a ler. Este sítio é muito tranquilo, sabia? Às vezes parece que sou a única pessoa num raio de alguns quilómetros.

– Mas a Katie é a única pessoa que mora aqui nas redondezas. Vive praticamente no meio do mato – brincou Alex.

Katie deu-lhe uma palmada amigável no ombro. – Veja lá o que diz. Gosto bastante da minha casinha.

– E tem razões para isso. Está bem melhor do que eu imaginei que estaria. É muito acolhedora.

– Ainda não está como eu quero, mas hei de lá chegar. Estou sempre a fazer melhorias. E o melhor de tudo, é que é minha e ninguém me pode tirar.

Coube agora a Alex olhar para ela. Katie estava com o olhar perdido, fitando um ponto para lá da ruela de gravilha, na direção do campo relvado que havia em frente.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

Ela levou o seu tempo a responder. – Estava apenas a pensar que me sinto muito contente por o Alex estar aqui. Nem me conhece...

– Acho que a conheço suficientemente bem.

Katie não disse nada. Alex observou-a quando ela baixou o olhar.

– Acha que me conhece – disse ela, num sussurro. – Mas, na verdade, não conhece.

Alex sentiu que Katie estava com medo de dizer mais. Por entre o silêncio, ele ouvia as tábuas do alpendre a ranger enquanto se movimentava para frente e para trás na cadeira de baloiço. – E que tal se eu lhe disser o que acho que sei a seu respeito e a Katie diz-me se estou certo ou errado? Podemos fazer assim?

Ela assentiu com a cabeça, cerrando os lábios. Quando Alex prosseguiu, a sua voz era suave.

– Eu acho que a Katie é inteligente e encantadora, e que é uma pessoa de bom coração. Eu sei que, quando quer, sabe arranjar-se para ficar ainda mais bela do que qualquer pessoa que eu já tenha conhecido. É independente, tem um bom sentido de humor e demonstra uma paciência incrível para lidar com crianças. Tem razão quando diz que não conheço pormenores específicos sobre o seu passado, mas não imagino que sejam assim tão importantes, a menos que me queira falar deles. Toda a gente tem um passado, mas não passa disso mesmo, do passado. Pode-se aprender com ele, mas não se pode mudá-lo. A pessoa que eu conheço é aquela que eu quero conhecer ainda melhor.

Enquanto ele falou, Katie esboçou um sorriso débil. – Fala como se tudo fosse muito simples.

– E pode ser.

Ela rodou o copo entre os dedos, segurando-o pelo pé, enquanto ponderava naquelas palavras. – E se o passado não for realmente passado? E se ainda estiver a acontecer?

Alex continuou a fitá-la, sustendo o olhar. – Tem medo... que ele a encontre?

Katie titubeou. – Como disse?

– A Katie ouviu o que eu disse – prosseguiu Alex. Manteve a voz firme e tranquila, num tom quase coloquial, algo que aprendera enquanto trabalhara no DIC. – Imagino que já tenha sido casada. E que talvez o seu ex-marido esteja a tentar descobrir o seu paradeiro.

Katie sentiu-se paralisar e os seus olhos arregalaram-se. De repente, sentiu dificuldade em respirar e levantou-se da cadeira de um salto, derramando o

que restava do vinho. Recuou um passo, afastando-se de Alex, olhando-o fixamente e sentindo o rosto empalidecer.

– Como é que sabe isso tudo sobre mim? Quem é que lhe contou? – perguntou ela, com a mente a laborar a alta velocidade, tentando descobrir o que sucedera. Alex não poderia estar ao corrente. Não era possível. Ela não tinha contado a ninguém.

Com exceção de Jo.

Perceber aquilo foi o suficiente para lhe tirar o fôlego e ela olhou para a casa que ficava ao lado da sua. A sua vizinha traíra-a, pensou ela. A sua *amiga* traíra-a...

Tão rapidamente quanto os pensamentos corriam pela mente de Katie, também o cérebro de Alex estava a trabalhar freneticamente. Ele apercebeu-se do medo na expressão dela, mas já vira aquilo antes. Inúmeras vezes. E sabia que estava na altura de parar com os jogos e com as dissimulações se pretendessem seguir em frente.

– Ninguém me contou nada – garantiu Alex. – Mas a sua reação mostra que estou certo. De qualquer forma, isso não tem importância. Não conheço essa pessoa, Katie. Se quiser falar-me do seu passado, estou disposto a ouvi-la e a ajudar de qualquer maneira que esteja ao meu alcance, mas não lhe vou perguntar nada sobre o assunto. E se não quiser contar, também não há problema. Como lhe disse, não conheço a pessoa em causa. A Katie deve ter bons motivos para querer guardar segredo, o que significa que eu também não vou contar nada a ninguém. Não importa o que aconteça entre nós. Se quiser inventar um novo passado para si, esteja à vontade. Dar-lhe-ei toda a cobertura e confirmarei cada palavra que disser. Pode confiar em mim.

Katie olhou para Alex enquanto ele falava, sentindo-se confusa, amedrontada e enraivecida, mas ouvindo atentamente cada palavra.

– Mas... como?

– Aprendi a perceber coisas que outras pessoas deixam passar. Houve uma época na minha vida em que não fazia mais nada. E a Katie não é a primeira mulher que conheço nessa situação.

Katie continuou a olhar para ele, ainda imersa em pensamentos. – Quando estive no exército – concluiu ela.

Ele assentiu, sem desviar o olhar. Finalmente, levantou-se da cadeira e deu um passo cauteloso em direção a ela. – Posso servir-lhe mais um copo de vinho?

Ainda envolvida num turbilhão de emoções, não conseguiu responder, mas quando Alex estendeu a mão para pegar no seu copo, ela permitiu. A porta do alpendre abriu-se com um rangido e fechou-se atrás dele, deixando-a sozinha.

Katie dirigiu-se até ao parapeito, lutando contra o caos que dominava os seus pensamentos. Resistiu ao ímpeto de fazer as malas, pegar na lata de café cheia de dinheiro e abandonar a cidade assim que pudesse.

Mas o que é que iria fazer? Se Alex conseguira descobrir a verdade limitando-se a observar, então seria possível que outra pessoa fizesse o mesmo. E, por uma obra qualquer do destino, talvez essa outra pessoa não fosse gentil como Alex.

Atrás dela, Katie ouviu a porta a ranger de novo. Alex saiu para o alpendre e foi até ao parapeito, pousando o copo à frente dela.

– Já pôs a ideia de parte?

– Que ideia?

– De fugir para um lugar desconhecido assim que puder?

Katie virou-se para ele, chocada.

Alex ergueu as mãos, mostrando-lhe as palmas. – No que mais poderia estar a pensar? Mas, para que conste, a minha curiosidade deve-se apenas ao facto de começar a ficar com fome. Seria horrível se fugisse antes do nosso jantar.

Ela demorou alguns segundos a perceber que ele estava a brincar. Embora não acreditasse que fosse possível, considerando os últimos minutos da sua conversa com Alex, Katie percebeu que estava a sorrir, aliviada.

– Ainda vamos jantar, não se preocupe – disse ela.

– E amanhã?

Em vez de responder, ela pegou no copo de vinho. – Quero que me conte como é que descobriu.

– Não foi uma única coisa em particular – referiu Alex, mencionando a seguir algumas das coisas de que se apercebera com o decorrer dos dias. – A maioria das pessoas não conseguiria juntar as peças.

Katie olhava para o fundo do copo. – Mas o Alex conseguiu.

– Não deu para evitar. É automático, para mim.

Ela pensou naquela resposta.

– Isso significa que já sabia há algum tempo. Ou que, pelo menos, desconfiava.

- Sim – admitiu ele.
- E foi por isso que nunca fez perguntas sobre o meu passado.
- Exatamente – completou ele.
- E mesmo assim queria sair comigo.

A expressão no rosto de Alex era séria. – Eu quero sair consigo desde o dia em que a vi pela primeira vez. Simplesmente tive de esperar até que estivesse pronta.

Com os últimos raios de sol a desaparecerem no horizonte e o crepúsculo a aproximar-se, o céu azul e sem nuvens ganhava tons de um violeta pálido. Ficaram junto ao parapeito do alpendre e Alex observou a brisa suave, vinda do sul, a agitar alguns fios do cabelo de Katie. A pele dela ganhou tons de dourado e laranja, como um pêssego; ele reparou no levantar e baixar suave do peito dela ao respirar. O olhar dela estava perdido na distância, e tinha uma expressão ilegível; Alex sentiu um aperto no peito só de imaginar o que ela estaria a pensar.

– Não respondeu à minha pergunta – disse ele, finalmente, quebrando o silêncio.

Katie permaneceu imóvel por uns momentos, antes de permitir que se formasse um sorriso tímido no seu rosto.

– Acho que vou continuar em Southport por mais algum tempo, se é isso que quer saber – respondeu ela.

Alex inspirou o perfume que emanava dela. – Sabe que pode confiar em mim.

Katie inclinou-se e apoiou a cabeça no peito de Alex, sentindo a força daquele homem quando ele a envolveu num abraço. – Acho que não tenho escolha, não é?

Regressaram à cozinha poucos minutos depois. Katie pousou o copo de vinho na bancada e ocupou-se com os preparativos para o jantar, colocando as entradas e os pimentos recheados no forno. Ainda a recuperar do choque que sentira quando Alex revelara pormenores tão certos sobre o seu passado, sentiu-se grata por ter alguma coisa com que se ocupar. Era difícil compreender que ele ainda quisesse desfrutar da sua companhia naquela noite. E, mais importante ainda, que ela quisesse passar a noite com ele. No fundo do seu coração, não tinha a certeza se merecia ser feliz e também não

acreditava que fosse digna de ter alguém que parecia tão... normal.

Aquele era o segredo obscuro associado ao seu passado. Não o facto de ter sido vítima de violência – de alguma forma, achava que merecia o que lhe sucedera, simplesmente por ter permitido que tudo aquilo acontecesse. Mesmo agora, ainda se envergonhava. Havia momentos em que se sentia incrivelmente feia, como se as cicatrizes do passado fossem visíveis para todos.

Mas, naquele momento e naquele lugar, o seu passado importava menos do que antes, porque, de algum modo, Katie suspeitava que Alex entendia a vergonha que ela sentia. Assim como aceitava aquele sentimento.

Ela tirou do frigorífico o molho de framboesa que preparara durante a tarde e começou a despejá-lo com uma colher numa pequena caçarola para voltar a aquecê-lo. Não demorou muito e, depois de o pôr de lado, tirou do forno os pedaços de queijo *brie* enrolados em *bacon*, cobriu-os com o molho e levou-os para a mesa. Lembrando-se do vinho que ainda estava na bancada, pegou na garrafa e sentou-se à mesa com Alex.

– Isso é só para começar. Os pimentos ainda vão demorar um pouco.

Ele inclinou-se na direção da travessa. – O cheiro é maravilhoso. Serviu-se de um dos pedaços de queijo e levou-o à boca. – Uau – comentou.

– É bom, não é? – disse Katie, sorrindo.

– Maravilhoso. Onde é que aprendeu a cozinhar assim?

– Eu tinha um amigo que era cozinheiro. Ele disse-me que estas entradas conseguem deliciar qualquer pessoa.

Alex cortou outro pedaço.

– Fico feliz por ter decidido ficar em Southport. Acho que consigo imaginar-me a comer frequentemente este queijo com molho de framboesa, mesmo que tenha de trocar as mercadorias da minha loja por um prato assim.

– A receita não é complicada.

– Pois, mas nunca me viu cozinhar. Sou muito bom a preparar pratos que as crianças gostam, mas, se for necessário confeccionar algo mais elaborado, simplesmente não consigo.

Alex pegou no seu copo de vinho e beberricou mais um pouco. – Acho que o queijo combina melhor com o vinho tinto. Importa-se que eu abra a outra garrafa?

– De maneira nenhuma.

Ele levantou-se e foi até à bancada da cozinha. Abriu o *zinfandel* enquanto Katie foi ao armário buscar mais dois copos. Alex encheu-os e passou um a Katie. Os dois estavam suficientemente perto um do outro para que os seus corpos quase se tocassem, e Alex teve de se debater contra o desejo de puxá-la para si e abraçá-la. Em vez disso, aclarou a garganta.

– Queria dizer-lhe uma coisa, mas não quero que me interprete mal.

Ela hesitou. – Porque é que tenho a impressão de que não vou gostar do que me quer dizer?

– Só queria dizer-lhe o quão ansioso estava para que esta noite chegasse. Passei a semana toda a pensar nisso.

– Porque é que achou que eu poderia interpretar isso mal?

– Não sei. Talvez por ser mulher? Por dar a ideia de eu estar desesperado, e porque não há mulher que goste de homens desesperados?

Pela primeira vez naquela noite, ela riu-se de forma tranquila, sem nervosismos. – Eu não o acho um homem desesperado. Tenho a impressão de que, às vezes, fica sobrecarregado por causa das crianças e da loja, mas não é do tipo de me ligar todos os dias.

– Só não o faço porque a Katie não tem telefone. Mas, mesmo assim, queria que soubesse que tudo isto significa muito para mim. Não tenho muita experiência neste tipo de coisas.

– Jantares?

– Não. Encontros. Já lá vão uns tempos.

Bem-vindo ao clube, pensou ela consigo mesma. Mas, de qualquer maneira, aquilo fez com que se sentisse bem. – Vamos comer – disse, convidando-o a regressar à mesa. – É melhor comê-los enquanto ainda estão quentes.

Assim que terminaram as entradas, Katie levantou-se da mesa e foi ao forno, dando uma olhadela rápida aos pimentos antes de pegar na caçarola que tinha usado antes. Juntou os ingredientes para o molho do prato principal e começou a prepará-lo, enquanto salteava os camarões noutra panela. Quando os camarões ficaram prontos, o molho também já estava finalizado. Katie colocou um pimento em cada prato e acrescentou os camarões. Depois de colocar o ambiente a meia-luz, acendeu a vela que colocara no centro da mesa. O aroma a manteiga e alho e a luz que tremeluzia contra a parede fizeram com que a velha cozinha parecesse praticamente nova e o ambiente se tornasse prometededor.

Alex e Katie jantaram e conversaram. No exterior, as estrelas saíram dos

seus esconderijos. Alex elogiou a refeição mais do que uma vez, dizendo que nunca tinha provado nada melhor. Conforme a vela ia ardendo e a garrafa de vinho se esvaziava, Katie revelou alguns pormenores do seu passado, como a vida que teve em Altoona em criança e na juventude. Embora não tivesse revelado a Jo todos os detalhes sobre os seus pais, a Alex ela contou tudo, sem quaisquer reservas: as mudanças constantes, o alcoolismo dos pais e o facto de ter tido de sobreviver sozinha a partir dos 18 anos. Alex permaneceu em silêncio durante todo o relato, escutando sem a julgar. Mesmo assim, ela não soube bem o que pensar em relação ao que ele acharia do seu passado. Quando finalmente parou de falar, começou a imaginar se não teria falado de mais sobre si mesma. No entanto, foi nesse momento que ele pousou a mão sobre a dela. Embora não conseguisse fitar Alex nos olhos, os dois deram as mãos por cima da mesa. Nenhum deles se sentiu disposto a quebrar a magia daquele toque, como se fossem as duas únicas pessoas que restavam no mundo.

– Acho que é melhor eu começar a arrumar a cozinha – disse Katie, após algum tempo, quebrando por fim o encanto.

Afastou-se da mesa. Alex ouviu os pés da cadeira de Katie a arrastarem no chão e percebeu que aquele momento terminara. Tudo o que ele queria era poder senti-lo de novo.

– Quero que saiba que esta noite, para mim, foi maravilhosa – começou ele.

– Alex... eu...

Ele abanou a cabeça. – Não precisa de dizer nada que...

Katie não o deixou concluir a frase.

– Mas eu quero dizer uma coisa, está bem?

Ela estava ao lado da mesa, com os olhos a brilhar devido a uma emoção desconhecida. – Eu também tive uma noite maravilhosa. E sei onde isso vai levar-nos e não quero que fique magoado – disse, exalando o ar e preparando-se para as palavras que teria de proferir a seguir. – Não posso prometer nada. Não posso dizer onde estarei amanhã, ou mesmo daqui a um ano. Quando fugi pela primeira vez, pensei que conseguiria deixar tudo para trás e recomeçar a minha vida do zero. Limitar-me-ia a viver a minha vida e faria de conta que nada se tinha passado. Mas como é que isso é possível? Acha que me conhece, mas nem eu sei se me conheço a mim própria. E por mais que saiba algumas coisas a meu respeito, há muitas outras que não sabe.

Alex sentiu algo a desmoronar-se dentro de si. – Quer dizer que não quer voltar a estar comigo?

– Não – disse ela, abanando a cabeça com veemência. – Estou a dizer isto porque quero voltar a vê-lo, sim. E isso assusta-me, porque, no fundo do meu coração, sei que merece alguém melhor. Merece alguém em quem possa confiar. Alguém com quem os seus filhos possam contar. Como eu disse, há certas coisas sobre mim que desconhece.

– Essas coisas não me interessam – insistiu Alex.

– Como é que pode dizer uma coisa dessas?

No silêncio que se seguiu àquela pergunta, Alex ouviu o ruído surdo do motor do frigorífico. Pela janela, reparou que a lua surgira no céu e iluminava o alto das copas das árvores.

– Porque eu conheço-me – disse ele, percebendo finalmente que estava apaixonado por ela. Amava a Katie que conhecia e também amava a Katie que não tivera a oportunidade de conhecer. Ergueu-se da cadeira e aproximou-se dela.

– Alex... isto não pode...

– Katie – sussurrou ele e, por momentos, nenhum dos dois se moveu. Alex finalmente pousou a mão na anca de Katie e puxou-a para si. Katie libertou o ar, como se estivesse a livrar-se de um fardo que transportava há muito sobre os ombros. E, quando ela o conseguiu olhar nos olhos, foi como se de repente se tornasse fácil imaginar que os seus medos eram insignificantes. Que Alex a amaria, independentemente do que ela dissesse. Que ele era o tipo de homem que já a amava e que a amaria para sempre.

E foi naquele preciso momento que ela percebeu que também o amava.

Assim, Katie permitiu-se a tocar-lhe e a apoiar o rosto no peito dele. Sentiu os dois corpos a tocarem-se e percebeu quando Alex lhe acariciou o cabelo com a mão. O toque revelou-se suave e gentil, diferente de tudo o que ela sentira até então, e observou, encantada, quando ele fechou os olhos. Alex inclinou a cabeça e os rostos deles aproximaram-se. Quando os seus lábios finalmente se encontraram, ela sentiu o gosto do vinho na língua dele. Katie entregou-se a Alex, permitindo que ele a beijasse na cara e no pescoço, arqueando as costas para trás e deliciando-se com a sensação. Sentiu a humidade dos lábios dele quando lhe tocaram na pele, e colocou os braços à volta do pescoço dele.

É isto que se sente quando se ama de verdade, pensou ela, *e quando esse amor é recíproco*. Katie começou a sentir as lágrimas a formarem-se nos seus olhos. Pestanejou, para tentar dominá-las, mas já não havia nada a fazer. Katie amava-o e desejava-o. Mais do que isso, queria que Alex amasse a verdadeira Katie, com todos os seus defeitos e segredos. Queria que ele soubesse toda a verdade.

Beijaram-se demoradamente na cozinha, envolvidos em abraços apertados. As mãos de Alex deslizaram pelas costas e pelo cabelo de Katie. Ela arrepiou-se ao sentir a barba dele nas suas faces. Quando ele deslizou os dedos pela pele do braço de Katie, ela sentiu uma torrente de calor líquido a percorrer-lhe o corpo.

– Eu quero muito estar contigo, mas não posso – sussurrou ela, finalmente, com a esperança de que aquilo não o deixasse zangado.

– Está tudo bem – sussurrou ele. – Eu duvido que esta noite possa tornar-se ainda mais maravilhosa do que já foi até aqui.

– Mas estás desiludido.

Alex afastou uma madeixa do cabelo que caía sobre o rosto de Katie.

– Não me parece que seja possível desiludires-me.

Ela engoliu em seco, tentando afastar os seus temores.

– Há uma coisa que tens de saber a meu respeito – sussurrou ela.

– Seja lá o que for, tenho certeza de que consigo compreender.

Ela voltou a encostar-se a ele.

– Não posso passar a noite contigo – sussurrou. – E nunca poderemos casar-nos. – Suspirou. – Eu sou casada.

– Eu sei – sussurrou ele.

– E não te importas?

– Não é uma situação perfeita. Mas, acredita em mim, também não sou perfeito, por isso, talvez seja melhor vivermos um dia de cada vez. E, quando estiveres pronta, quando te sentires efetivamente à vontade, cá estarei à tua espera. – Alex tocou com um dedo no rosto de Katie. – Amo-te, Katie. Talvez não estejas preparada para dizer agora essas palavras. Talvez nunca venhas a estar. Mas isso não muda o que sinto por ti.

– Alex...

– Não precisas de dizer nada, Katie.

– Posso explicar? – perguntou ela, finalmente afastando-se.

Ele não fez questão de esconder a sua curiosidade.

– Eu quero contar-te uma coisa. Quero contar-te a minha história.

2 Feriado norte-americano dedicado aos soldados mortos em combate e que se celebra na última segunda-feira de maio. (*N. da T.*)

Três dias antes de Katie abandonar a Nova Inglaterra, um vento gelado, típico do início de janeiro, fez com que os flocos de neve congelassem, e ela teve de baixar a cabeça enquanto se encaminhava para o salão de cabeleireiro. Os seus longos cabelos louros esvoaçaram ao vento, fazendo com que sentisse as picadas do gelo quando os flocos chocavam contra o seu rosto. Calçava sapatos de salto alto, não botas, e os seus pés já estavam a congelar. Atrás dela, Kevin estava no carro, sentado ao volante, a observá-la. Embora ela não se tivesse virado para olhar para ele, ouviu o ruído do motor e sabia que os lábios dele formavam uma fina linha horizontal, com os músculos tensos.

A multidão que enchia aquela zona da cidade durante o Natal já desaparecera das ruas. De um dos lados do salão estava a loja Radio Shack, especializada em material eletrónico, e, do outro, uma loja de animais. As duas lojas estavam vazias. Quando Katie ia entrar no salão, o vento fez com que a porta se abrisse violentamente, e ela teve de se esforçar para a fechar. O ar gelado seguiu-a até ao interior e os ombros do seu casaco estavam cobertos por uma fina camada de neve. Tirou as luvas e o casaco, virando-se ao fazê-lo. Acenou na direção de Kevin para se despedir e sorriu. Ele gostava que ela lhe sorrisse.

Ela tinha uma marcação para as duas horas com uma mulher chamada Rachel. A maioria das cadeiras já estava ocupada e Katie não sabia para onde deveria dirigir-se. Era a primeira vez que ia àquele salão e sentia-se algo desconfortável. Nenhuma das cabeleireiras parecia ter mais de trinta anos e a maioria delas tinha penteados arrojadados, com madeixas azuis ou vermelhas. Pouco depois, foi abordada por uma rapariga com cerca de 25 anos, bronzeada e com alguns *piercings*, além de uma tatuagem no pescoço.

– Tem marcação para as duas horas? Cortar e pintar?

Katie assentiu afirmativamente com a cabeça.

– Sou a Rachel. Venha comigo.

Rachel espreitou por cima do ombro. – Lá fora está bastante frio, não está? Quase morri antes de cá chegar. Eles obrigam-nos a deixar o carro na parte mais afastada do estacionamento. Detesto isso, mas não há nada que possa fazer.

– Está mesmo muito frio – concordou Katie.

Rachel encaminhou-a para uma cadeira perto do canto do salão. Era uma cadeira forrada com vinil roxo e o chão do salão era em mosaicos pretos. *Um lugar para pessoas mais jovens*, pensou Katie. Mulheres solteiras que queriam dar nas vistas. Não era para mulheres casadas com cabelo louro. Katie estava inquieta, sentindo-se agitada à medida que Rachel cobria as suas roupas com uma bata. Mexeu os dedos dos pés, tentando aquecê-los.

– É nova aqui na zona? – perguntou Rachel.

– Moro em Dorchester – respondeu.

– Fica um bocado fora de caminho. Alguém lhe indicou este salão?

Katie passara em frente ao salão duas semanas antes, quando Kevin a levava às compras, mas não foi isso que respondeu. Em vez disso, limitou-se a negar com a cabeça.

– Bem, então acho que tive sorte em ter atendido o telefone – comentou Rachel, com um sorriso. – Que tipo de pintura pretende?

Katie detestava olhar-se ao espelho, mas não tinha escolha. Tinha de conseguir fazer aquilo, e da maneira correta. Era a sua única hipótese. Estava uma fotografia colada ao espelho, mesmo à sua frente, mostrando Rachel e um rapaz que Katie presumiu ser o namorado dela. Ele tinha mais *piercings* do que ela e o cabelo à moicano. Por baixo da bata, Katie apertou as mãos.

– Quero algo que pareça natural, como umas madeixas escuras, que fiquem bem no inverno. E trate também das raízes, para que não destoem.

Rachel assentiu, olhando para o reflexo de Katie no espelho. – Quer que o tom geral fique da mesma cor? Mais claro ou mais escuro? O cabelo, não as madeixas.

– Mais ou menos a mesma cor.

– Podemos usar a touca de papel de alumínio?

– Sim – respondeu Katie.

– Então vai ser fácil – garantiu Rachel. – Dê-me uns minutos para preparar as minhas coisas. Eu volto já.

Katie assentiu com a cabeça. Ao seu lado, viu uma mulher recostada num lavatório, acompanhada por outra cabeleireira. Ouviu a água a correr e o

murmúrio geral das conversas que vinha das outras cadeiras do salão. Dos altifalantes, saía uma música suave.

Rachel regressou com a touca de alumínio e com as tintas. Perto da cadeira, misturou os produtos, certificando-se de que a consistência estava correta.

– Há quanto tempo mora em Dorchester?

– Quatro anos.

– E onde morava antes?

– Na Pensilvânia – respondeu Katie. – Vivia em Atlantic City antes de me mudar para cá.

– Aquele homem que a trouxe é o seu marido?

– Sim.

– Tem um belo carro. Vi quando lhe disse adeus. Qual é o modelo? Um *Mustang*?

Katie assentiu de novo, mas não respondeu. Rachel trabalhou por algum tempo em silêncio, aplicando a tinta e ajustando a touca.

– Há quanto tempo estão casados? – perguntou Rachel, enquanto aplicava a tinta e envolvia com a touca uma madeixa mais rebelde do cabelo de Katie.

– Quatro anos.

– Foi por isso que se mudou para Dorchester, certo?

– Sim.

Rachel prosseguiu com a sua conversa.

– E o que é que faz? Em que é que trabalha?

Katie olhou em frente, tentando não ver o seu reflexo no espelho, desejando ser outra pessoa. Poderia ficar ali cerca de uma hora e meia antes que Kevin regressasse para a ir buscar e rezou para que ele não chegasse mais cedo.

– Eu não trabalho – respondeu.

– Acho que ficaria maluca se não tivesse um emprego. Não é que seja fácil aguentá-lo, é claro. E o que é que fazia antes de casar?

– Era empregada de mesa e servia *cocktails*.

– Num dos casinos?

Katie assentiu com a cabeça.

– Foi lá que conheceu o seu marido?

– Sim – respondeu Katie.

– E o que é que ele foi fazer, enquanto está aqui a arranjar o cabelo?

Provavelmente está nalgum bar, pensou Katie. – Não sei.

– E porque é que não veio até aqui de carro? Como eu disse, Dorchester fica um bocado longe daqui.

– Não tenho carta. O meu marido leva-me sempre que eu preciso de ir a algum lado.

– Não sei o que faria sem o meu carro. Não é nada de especial, mas vou onde preciso com ele. Detestaria ter de depender de outra pessoa para me deslocar.

Katie conseguiu sentir o perfume no ar. O aquecedor sob o balcão começou a fazer barulho. – Nunca aprendi a conduzir.

Rachel encolheu os ombros enquanto ajustou outro pedaço da touca de alumínio no cabelo de Katie. – Não é difícil. Pratique um pouco, faça o exame e quando der por ela já anda a conduzir pelas ruas.

Katie olhou para Rachel no espelho. Rachel parecia saber o que estava a fazer, mas ainda era jovem e estava no início da vida, e, ao fitá-la, Katie desejou que fosse mais velha e mais experiente. E aquilo pareceu-lhe estranho, pois na verdade ela própria seria apenas uns anos mais velha do que Rachel. Mas Katie sentia-se velha.

– Tem filhos?

– Não.

Talvez a rapariga tivesse percebido que dissera algo de errado, pois nos minutos seguintes trabalhou em silêncio. A touca de alumínio fez com que Katie parecesse que tinha antenas na cabeça, como um alienígena. Rachel finalmente encaminhou-a para outra cadeira. Ligou uma das lâmpadas de calor.

– Volto daqui a uns minutos para ver como está, OK?

Rachel afastou-se, na direção de outra cabeleireira. Elas começaram a conversar, mas o murmúrio generalizado no salão tornou impossível compreender o que estavam a dizer. Katie olhou para o relógio na parede. Kevin regressaria em menos de uma hora. O tempo estava a passar rápido. Rápido de mais.

Rachel regressou e verificou o seu cabelo.

– Mais um bocado – comentou, após o que foi de novo conversar com a colega, gesticulando com as mãos. Animada, jovem e despreocupada. Feliz.

Decorreram mais alguns minutos. Uma dúzia deles. Katie tentou não olhar fixamente para o relógio. Finalmente, chegou a hora e Rachel removeu a touca de alumínio antes de levar Katie até ao lavatório. Katie sentou-se e

recostou-se, sentindo a toalha no pescoço. Rachel abriu a torneira e Katie sentiu a água fria no rosto. A jovem cabeleireira massajou-lhe o cabelo com o champô e enxaguou; posteriormente, aplicou amaciador e voltou a enxaguar.

– Agora, vamos fazer um belo corte.

Ao regressar à cadeira, Katie achou que o seu cabelo estava bem, mas era difícil saber com certeza por estar molhado. Tinha de estar exatamente como queria, ou Kevin perceberia. Rachel penteou o cabelo de Katie, desembaraçando os fios. Ainda faltavam quarenta minutos.

Rachel olhou para o reflexo de Katie no espelho. – Por onde quer que corte?

– Cuidado para não cortar de mais – alertou Katie. – Tire apenas as pontas. O meu marido gosta dele comprido.

– Vai querer algum penteado diferente? Tenho uma revista de penteados, se quiser experimentar algo novo.

– Gostaria do mesmo penteado que tinha quando cheguei.

– Sem problemas.

Katie observou enquanto Rachel lhe penteou o cabelo, passando os dedos pelas madeixas para depois as cortar com a tesoura. Primeiro atrás, depois dos lados. E, finalmente, na parte de cima da cabeça. Rachel arranjou algures uma pastilha elástica e começou a mascá-la, com o queixo a mover-se para cima e para baixo enquanto trabalhava.

– Está bom assim?

– Sim, acho que já é o suficiente.

Rachel pegou no secador de cabelo e numa escova de enrolar. Fez deslizar a escova pelo cabelo de Katie, que ouvia o ruído do secador bem alto.

– De quanto em quanto tempo é que trata o cabelo? – perguntou Rachel, tentando encetar conversa.

– Uma vez por mês – respondeu Katie. – Mas às vezes só corto.

– O seu cabelo é muito bonito.

– Obrigada – disse Katie.

Rachel continuou a trabalhar. Katie pediu que lhe fizesse alguns pequenos caracóis e Rachel pegou no ferro de encaracolar. Levou alguns minutos até que o aparelho aquecesse. Ainda restavam cerca de vinte minutos. Rachel enrolou e escovou o cabelo de Katie até se dar por satisfeita e observou a sua cliente no espelho.

– Está bom assim?

Katie examinou a cor e o penteado. – Está perfeito.

– Espreite a parte de trás – disse Rachel.

Ela girou a cadeira de Katie e passou-lhe um espelho. Katie olhou para o reflexo duplo e assentiu afirmativamente com a cabeça.

– Então, acho que está pronto – disse Rachel.

– Quanto lhe devo?

Rachel indicou o valor e Katie tirou o dinheiro da carteira, incluindo a gorjeta. – Pode dar-me um recibo?

– É claro. Venha comigo à caixa.

A rapariga preparou o recibo e entregou-o a Katie. Kevin iria verificá-lo e pediria o troco quando ela regressasse ao carro, pelo que Katie pediu a Rachel que incluísse a gorjeta no recibo. Olhou para o relógio. Doze minutos.

Kevin ainda não regressara e o coração de Katie estava a bater intensamente enquanto vestia o casaco e calçava as luvas.

Ela saiu do salão enquanto Rachel ainda conversava com ela. Na loja ao lado, a Radio Shack, pediu ao empregado que lhe mostrasse um telemóvel descartável e um cartão com vinte horas de chamadas. Sentiu uma vertigem ao proferir aquelas palavras, pois sabia que, depois daquilo, não seria possível voltar atrás.

O empregado mostrou-lhe um modelo que estava debaixo do balcão e começou a dar-lhe os pormenores do aparelho à medida que explicava o seu funcionamento. Ela tinha mais dinheiro na carteira, escondido num pacote de pensos higiénicos, pois sabia que Kevin nunca iria procurar nada ali. Katie pegou no dinheiro e pousou as notas amarrotadas em cima do balcão. O relógio continuava a contar os segundos e ela olhou de novo para o estacionamento. Estava a começar a sentir-se um pouco zozza e com a boca seca.

O rapaz da loja demorou uma eternidade para conseguir ligar para o telemóvel novo de Katie. Embora fosse pagar o aparelho em dinheiro, o funcionário pediu-lhe o nome, morada e código postal. Não havia qualquer motivo para aquilo. Era ridículo. Só queria pagar e sair dali. Contou até dez e o rapaz ainda estava a anotar os dados. Na rua, o semáforo ficou vermelho. Havia carros à espera. Imaginou que Kevin poderia estar ali, pronto para passar em frente à loja. Não sabia se ele conseguiria vê-la a sair da loja de artigos eletrónicos. Sentiu dificuldade em respirar.

Tentou abrir a embalagem plástica, mas revelou-se impossível. Grande de mais para caber na carteira que trazia, grande de mais para caber no bolso do casaco. Pediu ao empregado que lhe emprestasse uma tesoura e ele gastou um minuto precioso à procura de uma. Ela queria gritar, ordenar-lhe que se apressasse, porque Kevin iria chegar a qualquer momento. Em vez disso, virou-se para olhar pela janela.

Quando conseguiu tirar o telemóvel da embalagem, enfiou-o no bolso do casaco, com o cartão pré-pago. O rapaz perguntou se queria um saco, mas Katie já tinha saído porta fora sem responder. O telefone parecia um bloco de chumbo no bolso do casaco, e a neve e o gelo no passeio fizeram com que fosse difícil manter o equilíbrio.

Katie abriu a porta do salão de beleza e entrou. Despiu o casaco e as luvas e esperou ao lado da caixa. Trinta segundos depois, viu o carro de Kevin a aproximar-se pela rua, até chegar perto do salão.

Sacudiu rapidamente a neve que se acumulara no casaco e, naquele momento, viu Rachel a dirigir-se a si. Sentiu uma onda de pânico ao imaginar que Kevin poderia ter percebido. Concentrou-se, tentando manter o controlo e agir naturalmente.

– Esqueceu-se de alguma coisa? – perguntou Rachel.

Katie libertou o fôlego. – Ia esperar lá fora, mas está muito frio – explicou. – E, além disso, também percebi que não fiquei com o seu cartão.

O rosto de Rachel pareceu iluminar-se. – Oh, é claro. Espere um pouco – disse ela, indo até à sua cadeira e retirando um cartão de uma das gavetas do balcão. Katie sabia que Kevin a estava a observar do carro, mas fingiu não reparar.

Rachel regressou e entregou o seu cartão a Katie. – Por norma, não trabalho aos domingos e às segundas-feiras – disse ela.

Katie assentiu. – Eu ligo quando precisar dos seus serviços.

Por trás dela, ouviu a porta do salão a abrir-se e viu Kevin à sua espera à entrada. Geralmente ele não entrava naquele tipo de lugares e ela sentiu o coração a acelerar. Voltou a vestir o casaco, tentando controlar o tremor nas mãos. Até que, finalmente, se virou e sorriu.

A neve caía com mais intensidade quando Kevin Tierney estacionou o carro na rampa de entrada de casa. Havia sacos de compras no banco de trás e Kevin pegou em três antes de se dirigir à porta. Não abriu a boca no percurso entre o salão e o supermercado e falou pouco com Katie durante as compras. Em vez disso, andou ao lado dela conforme a esposa examinava as prateleiras à procura de promoções e tentava esquecer o telefone que trazia no bolso. Eles não tinham muito dinheiro e Kevin ficaria irritado se ela gastasse demasiado. As prestações da hipoteca da casa levavam quase metade do salário dele e as despesas do cartão de crédito subtraíam mais uma boa porção. Na maioria das vezes, precisavam de comer em casa, mas Kevin gostava de refeições como as que eram servidas em restaurantes, com um prato principal e dois acompanhamentos, ocasionalmente com uma salada. Recusava-se a comer sobras de refeições anteriores e era difícil adequar o orçamento às exigências dele. Katie tinha de planear cuidadosamente as ementas diárias, além de recortar os cupões promocionais que apareciam no jornal. Quando Kevin pagou as compras, ela entregou-lhe o troco do salão de cabeleireiro, assim como o recibo. Ele contou o dinheiro para se certificar de que tudo estava em ordem.

Em casa, Katie esfregou os braços para se manter aquecida. A casa era velha e o ar frio entrava pelas frestas das janelas e pela frincha debaixo da porta da entrada. O chão da casa de banho era tão frio que fazia os pés doerem, mas Kevin queixava-se do preço do gasóleo usado para aquecer a casa e nunca deixava que Katie ajustasse o termóstato para uma temperatura mais agradável. Quando ele estava a trabalhar, ela usava uma *sweatshirt* e chinelos; mas, quando Kevin estava em casa, queria que ela se vestisse de forma sensual.

Kevin pousou os sacos das compras em cima da mesa da cozinha. Katie deixou os seus sacos logo ao lado enquanto Kevin foi ao frigorífico. Abriu-o e tirou uma garrafa de *vodka* e alguns cubos de gelo. Colocou o gelo num

copo e despejou a *vodka*. Só parou de se servir quando o copo ficou praticamente cheio. Deixando-a sozinha, foi para a sala de estar e Katie ouviu os sons da televisão, ligada no canal ESPN, de desporto. O comentador desportivo estava a falar da equipa Patriots, dos *play-offs* e das possibilidades de vencerem mais uma *Super Bowl*. No ano anterior, Kevin fora ao estádio assistir a um jogo dos Patriots. Ele era fã da equipa desde criança.

Katie tirou o casaco e enfiou a mão no bolso. Calculou que dispusesse de alguns minutos e esperou que fossem suficientes. Depois de espreitar para a sala para ver o que Kevin estava a fazer, apressou-se a regressar à cozinha. No armário sob a bancada havia uma caixa de esfregões de lavar a louça. Escondeu o telefone no fundo da caixa e tapou-o com os esfregões. Fechou cuidadosamente a porta do armário antes de pegar no casaco, na esperança de que o seu rosto não se mostrasse pálido e rezando para que ele não a tivesse visto. Respirou fundo para ganhar força, colocou o casaco no braço e atravessou a sala de estar para o guardar no armário que havia no *hall* de entrada. A sala pareceu esticar-se conforme ela a atravessou, como uma divisão vista através dos reflexos de uma casa de espelhos num parque de diversões, mas tentou ignorar aquela sensação. Katie sabia que Kevin era capaz de adivinhar os seus pensamentos, de lhe ler a mente e perceber o que ela fizera, mas ele não desviou sua atenção da televisão. Só sentiu a respiração voltar ao normal quando regressou à cozinha.

Começou a guardar as compras, sentindo-se ainda algo zozna, mas sabendo que tinha de agir com naturalidade. Kevin gostava da casa limpa e arrumada, especialmente a cozinha e as casas de banho. Katie guardou o queijo e os ovos nos respetivos compartimentos no frigorífico. Tirou os legumes velhos da gaveta e limpou-a com um pano antes de lá colocar os novos. Depois, pegou em algumas vagens de feijão-verde e numa dúzia de batatas vermelhas que estavam numa cesta no chão da despensa. Deixou um pepino no balcão, com um pé de alface e um tomate, para fazer uma salada. Para o jantar daquela noite, iria preparar costeletas marinadas.

Katie deixara as costeletas a marinar no molho desde o dia anterior: vinho tinto, sumo de laranja, sumo de toranja, sal e pimenta. A acidez dos sumos servia para amaciar a carne e dar-lhe mais sabor. Estava numa caçarola na parte de baixo do frigorífico.

Arrumou o resto das compras, colocando os produtos mais antigos à frente, e dobrou os sacos de plástico, guardando-os sob o lava-louça. Retirou uma

faca da gaveta. A tábua de cortar carnes estava debaixo da torradeira e Katie pô-la ao lado do fogão. Cortou as batatas ao meio, apenas o bastante para o jantar dos dois. A seguir, untou uma assadeira com óleo, ligou o forno e temperou as batatas com salsa, sal, pimenta e alho. Aqueles ingredientes iriam ao forno antes das costeletas e Katie teria de os aquecer mais tarde. A carne tinha de ser grelhada.

Kevin apreciava que os ingredientes da sua salada fossem cortados em pedaços bem pequenos, com porções de queijo azul, *croutons* e tempero italiano. Ela cortou o tomate ao meio e um quarto do pepino antes de envolver o resto em película aderente para guardar outra vez no frigorífico. Ao abrir a porta, percebeu que Kevin estava na cozinha atrás dela, apoiado na ombreira da porta que dava para a sala de jantar. Ele bebeu demoradamente, terminando a *vodka* e continuando a observá-la, com a sua presença a dominar o ambiente.

Ele não sabia que ela saíra do cabeleireiro, fez questão de realçar a si própria. Não sabia que tinha comprado um telemóvel. Ele teria dito alguma coisa. Teria feito algo.

– Vamos ter costeletas para o jantar? – acabou por perguntar.

Katie fechou a porta do frigorífico e continuou a movimentar-se na cozinha, tentando parecer ocupada e tentando refrear os seus receios. – Sim – respondeu. – Acabei de ligar o forno, por isso ainda vai demorar alguns minutos. Preciso de pôr as batatas a assar antes.

Kevin fitou-a fixamente.

– O teu cabelo está bonito.

– Obrigada. A cabeleireira trabalhou bem.

Katie regressou à tábua. Começou a cortar o tomate, tirando uma longa fatia.

– Nada de pedaços grandes – disse ele, meneando a cabeça na direção dela.

– Eu sei – respondeu Katie. Sorriu quando ele se dirigiu de novo ao congelador. Ouviu o tinir dos cubos de gelo no copo dele.

– Conversaste sobre o quê no cabeleireiro?

– Nada de especial. As coisas de sempre. Já sabes como são as cabeleireiras, sempre a tentar fazer conversa.

Ele agitou o copo. Ela ouviu os cubos de gelo a bater contra o vidro.

– Falaste de mim?

– Não – disse ela.

Ela sabia que Kevin não teria apreciado isso e ele assentiu com a cabeça. Ele tirou outra vez a garrafa de *vodka* do frigorífico e pousou-a ao lado do copo, sobre a mesa, antes de se colocar atrás dela. Deteve-se e espreitou por cima do ombro de Katie enquanto ela picava o tomate. Bocados pequenos, nada que fosse maior do que uma ervilha. Era capaz de sentir a respiração de Kevin na sua nuca e tentou não gemer quando ele colocou as mãos nas suas ancas. Sabendo o que deveria fazer, ela pousou a faca na bancada e virou-se na direção dele, envolvendo o pescoço do marido com os braços. Beijou-o, colocando a língua na boca dele, sabendo que era isso o que ele queria, e não viu a estalada a vir até sentir o ardor na face. Queimava. Quente e vermelho. Doloroso. Como picadas de abelha.

– Fizeste-me perder a tarde toda! – gritou ele, agarrando-lhe os braços com força, apertando-os. A sua boca estava retorcida e os olhos vermelhos, injetados de sangue. Ela sentiu o cheiro a álcool no hálito dele e foi atingida por algumas gotas de saliva. – Era o meu único dia de folga e escolhes logo hoje para ir cortar o cabelo no centro da cidade! E depois ainda quiseste ir ao supermercado!

Ela tentou libertar-se dele, afastar-se, até que Kevin finalmente a largou. Ele abanou a cabeça. Tinha o músculo do queixo a latejar. – Não te passou pela cabeça que a única coisa que eu queria hoje era descontraír um pouco? Aproveitar para descansar no meu único dia de folga?

– Desculpa – disse ela, com a mão no rosto. Não referiu que lhe perguntara duas vezes naquela mesma semana se haveria algum problema com aqueles planos. Ou que fora Kevin que a obrigara a ir a outro cabeleireiro porque não queria que ela fizesse amizade com ninguém. Não queria que ninguém soubesse da vida que tinham.

– Desculpa – disse ele, imitando o tom de voz de Katie. Olhou para ela antes de abanar outra vez a cabeça. – Por amor de Deus. Será assim tão difícil pensares em mais alguém além de ti?

Estendeu o braço, tentando agarrá-la, e ela virou-se, para tentar escapar. Ele estava preparado para aquela reação e não havia para onde ir. O golpe foi rápido e vigoroso, com o punho a mover-se como um pistão, atacando a região lombar das costas de Katie. Ela arquejou, sentindo a visão escurecer, sentindo-se como se tivesse sido esfaqueada. Tombou no chão com os rins a arder, a dor a irradiar pelas pernas e pela coluna. O mundo estava a rodopiar

e, quando tentou levantar-se, o movimento só serviu para piorar a sensação.

– És sempre muito egoísta! – acusou ele, curvando-se por cima dela.

Ela não disse nada. Não conseguiu dizer nada. Não conseguiu sequer respirar. Mordeu o lábio para não gritar e imaginou se iria urinar sangue no dia seguinte. A dor era como uma lâmina, dilacerando-lhe os nervos, mas não iria chorar. Isso só serviria para deixar Kevin ainda mais furioso.

Ele permaneceu ali de pé ao lado dela e depois suspirou, com uma expressão de puro desprezo. Foi à mesa e pegou no copo vazio e na garrafa de *vodka* antes de sair da cozinha.

Katie levou quase um minuto a reunir a força necessária para se levantar. Quando começou a cortar de novo os legumes, tinha as mãos a tremer. A cozinha estava gelada e a dor nas costas era muito intensa, latejando a cada batida do coração. Na semana anterior, ele atingira-a com tanta força no estômago que ela passara o resto da noite a vomitar. Katie caíra ao chão e Kevin agarrara-a pelo pulso para fazer com que se levantasse novamente. Os hematomas no pulso tinham o formato dos dedos dele. Vestígios do inferno.

Escorreram-lhe lágrimas pelo rosto e ela sentiu dificuldade em manter-se de pé, apoiando o seu peso ora numa perna, ora na outra, para tentar afastar a dor enquanto acabava de picar o tomate. Fez o mesmo com o pepino. Pedacos pequenos. A alface, também, cortada e picada. Tal como ele queria. Katie enxugou as lágrimas com as costas da mão e dirigiu-se lentamente ao frigorífico. De lá, tirou uma embalagem de queijo azul e depois pegou nos *croutons*, que estavam no armário.

Na sala de estar, ele tinha aumentado outra vez o volume da televisão.

O forno estava na temperatura certa. Katie colocou a assadeira no forno e ajustou o cronómetro. Quando o calor lhe atingiu o rosto, percebeu que ainda tinha a pele a arder, mas duvidava que a estalada tivesse deixado qualquer marca. Ele sabia exatamente a força que precisava de aplicar. Ela questionava-se onde ele teria aprendido aquilo, se era algo que todos os homens sabiam, ou mesmo se haveria aulas secretas, com instrutores especializados em ensinar esse tipo de coisas. Ou se aquela seria apenas uma característica típica de Kevin.

A dor nas costas começara finalmente a diminuir de intensidade. Já conseguia respirar normalmente. O vento entrava pelas frestas da janela e o céu assumira uma cor cinzenta e escura. A neve batia suavemente no vidro. Katie olhou discretamente em direção à sala, onde viu Kevin sentado no sofá,

e apoiou-se na bancada. Tirou um dos sapatos e esfregou os dedos dos pés, tentando fazer o sangue fluir, tentando aquecê-los. Fez o mesmo com o outro pé antes de voltar a calçar os sapatos. Lavou e cortou o feijão-verde e colocou um pouco de azeite na frigideira. Começaria a refogá-lo quando as costeletas estivessem na grelha. Tentou não pensar no telefone que estava debaixo da bancada.

Estava a tirar a assadeira do forno quando Kevin regressou à cozinha. Ele estava com o copo na mão e já bebera metade do seu conteúdo. Tinha os olhos vidrados. Já bebera quatro ou cinco copos, ela não sabia ao certo. Katie colocou a assadeira no forno.

– Só mais um bocadinho – disse ela, falando num tom neutro e fingindo que nada acontecera. Já aprendera que, se demonstrasse irritação ou mágoa, isso serviria apenas para o enfurecer. – Tenho de acabar de preparar as costeletas e depois o jantar fica pronto.

– Olha, desculpa – disse ele, ligeiramente a cambalear.

Ela sorriu. – Está tudo bem. Sei que as últimas semanas foram complicadas. Tens trabalhado de mais.

– Os teus *jeans* são novos? – As palavras saíram arrastadas pela boca dele.

– Não. Já há algum tempo que não uso estas calças.

– Ficam-te bem.

– Obrigada – respondeu ela.

Kevin deu um passo na direção dela. – Tu és linda. Sabes que te amo, não sabes?

– Sei, sim.

– Não gosto de te bater, mas, às vezes, não pensas nas coisas que fazes.

Ela assentiu, desviando o olhar, tentando pensar em algo para fazer, precisando de se ocupar, até se lembrar que precisava de colocar os pratos e os talheres na mesa. Aproveitou e dirigiu-se ao armário que ficava ao lado do lava-louça.

Kevin aproximou-se por trás dela enquanto Katie tirava os pratos e fez com que ela se virasse na sua direção, puxando-a para junto de si. Ela inalou antes de dar um suspiro de felicidade, porque sabia que Kevin queria que ela respondesse aos seus carinhos com aqueles sons.

– Também tens de dizer que me amas – sussurrou ele. Kevin beijou-lhe o rosto e ela colocou os seus braços em volta dele. Katie sentiu-o a encostar-se ao seu corpo, sabia o que ele queria.

– Eu amo-te – disse ela.

A mão de Kevin deslizou até ao seu seio. Ela esperou que ele o apertasse, mas nada disso aconteceu. Em vez disso, acariciou-a suavemente. Apesar de tudo o que acontecera, o seu mamilo começou a ficar intumescido e ela detestava quando aquilo acontecia. Mas não conseguia evitar. O hálito de Kevin estava quente. E com cheiro a álcool.

– Meu Deus, és linda. Sempre foste linda, desde a primeira vez que te vi – disse ele, pressionando o seu corpo contra o dela, e ela conseguia sentir a excitação dele. – Vamos deixar as costeletas para depois. O jantar pode esperar um pouco.

– Pensei que estivesse com fome – comentou Katie, tentando fazer com que aquilo parecesse uma leve provocação.

– Agora, estou com fome de outra coisa – sussurrou Kevin. Ele desabotoou a blusa dela e abriu-a, antes de levar as mãos aos botões dos *jeans*.

– Aqui não – disse ela, afastando o rosto do dele, mas deixando que ele continuasse a beijá-la. – Vamos para o quarto.

– E que tal se o fizéssemos na mesa? Ou na bancada?

– Por favor, querido – murmurou ela, com a cabeça arqueada para trás enquanto ele a beijava no pescoço. – Não é nada romântico.

– Mas sabe bem – disse ele.

– E se alguém nos vir pela janela?

– Não te sabes divertir – acusou ele.

– Por favor? – disse ela, novamente. – Não queres fazer isso por mim? Sabes que me excita muito mais fazê-lo na cama.

Ele beijou-a mais uma vez, fazendo as mãos deslizar até ao sutiã. Abriu o fecho que prendia a peça na parte da frente. Kevin não gostava de sutiãs com fecho na parte de trás. Ela sentiu nos seios o ar frio da cozinha; viu o desejo no rosto de Kevin quando ele os fitou. Ele lambeu os lábios antes de a levar para o quarto.

Assim que lá chegaram, ele pareceu estar possuído por uma energia animalesca, puxando os *jeans* de Katie até às ancas e depois até aos tornozelos. Apertou-lhe os seios com força e ela mordeu o lábio para não gritar antes de chegarem à cama. Ela gemeu e arfou, gritando o nome de Kevin, sabendo que era isso aquilo que ele desejava, pois não queria que ele se zangasse, porque não queria ser esbofeteada, socada ou pontapeada, porque não queria que Kevin descobrisse o telemóvel. Katie ainda sentia a

dor lancinante nos rins e transformou os seus gritos em gemidos, dizendo as coisas que ele queria que dissesse, excitando-o até que o corpo dele começasse a mover-se em espasmos. Quando tudo terminou, levantou-se da cama, vestiu-se e beijou-o antes de voltar à cozinha para terminar de preparar o jantar.

Kevin regressou à sala de estar e bebeu mais *vodka* antes de se sentar à mesa. Falou-lhe do seu trabalho e depois foi ver um pouco mais de televisão enquanto ela arrumava a cozinha. Depois, quis que ela se sentasse ao seu lado para verem televisão, até que finalmente chegou a hora de ir dormir.

No quarto, ao fim de poucos minutos ele já estava a risonhar, sem se aperceber das lágrimas silenciosas de Katie, sem se aperceber do ódio que ela sentia por ele, ou do ódio que sentia por si mesma. Sem saber do dinheiro que ela andava a guardar há quase um ano, ou da tinta para o cabelo que ela colocara discretamente no carrinho de supermercado há um mês e que escondera atrás do armário, sem fazer a menor ideia do telemóvel escondido no armário sob a bancada da cozinha. Sem imaginar que, dentro de alguns dias, se tudo corresse como ela esperava, ele nunca mais voltaria a vê-la ou a agredi-la.

Katie estava sentada ao lado de Alex no alpendre e o céu lá no alto era uma imensidão negra cravejada de pontos brilhantes. Durante meses, tentara bloquear as memórias mais específicas, concentrando-se apenas no medo que deixara para trás. Não queria lembrar-se de Kevin, não queria pensar nele. Queria apagá-lo totalmente da sua vida, fingir que ele nunca existira. Mas ele estaria sempre lá.

Alex permaneceu em silêncio durante todo o relato, com a sua cadeira a formar um ângulo com a de Katie. Ela contou a sua história por entre lágrimas, embora ele duvidasse que ela soubesse que estava a chorar. Katie contou-lhe tudo sem qualquer ponta de emoção, quase num estado de transe, como se os eventos tivessem acontecido a outra pessoa. Ele sentiu um nó no estômago quando Katie parou de falar.

Ela não conseguiu olhá-lo nos olhos enquanto falava. Ele já antes escutara versões da mesma história, mas daquela vez era diferente. Katie não era simplesmente uma vítima, era sua amiga, a mulher por quem se apaixonara. Alex afastou uma madeixa do cabelo que caía à frente do rosto dela.

Quando lhe tocou, ela encolheu-se instintivamente antes de se descontrair. Ele ouviu-a suspirar, cansada. Cansada de falar. Cansada do passado.

– Agiste bem ao fugir daquela vida – disse ele. O seu tom de voz era suave e compreensivo.

Ela demorou algum tempo a responder. – Eu sei – disse.

– Não tens culpa de nada.

Katie fitou a escuridão. – Tenho, sim. Eu escolhi-o, lembras-te? Eu casei-me com ele. Deixei que aquilo acontecesse uma vez, e outra vez a seguir, e depois já era demasiado tarde. Continuei a cozinhar para ele e a limpar a casa. Ia para a cama com ele sempre que ele queria e fazia tudo o que ele queria. Fiz com que pensasse que eu adorava aquela vida.

– Fizeste o que tinhas a fazer para sobreviver – realçou ele, com uma voz firme.

Ela voltou a cair no silêncio. Os grilos estavam a cantar e os gafanhotos a zunir por entre as árvores. – Nunca pensei que pudesse acontecer uma coisa assim. O meu pai era alcoólico, mas não era violento. Eu era tão... fraca. Nem sei porque é que permiti que isso acontecesse.

Alex falou num tom suave. – Porque houve um tempo em que o amaste. Porque acreditaste no teu marido quando ele prometeu que aquilo não voltaria a acontecer. Porque ele se tornou cada vez mais violento e controlador, de forma gradual, levando-te a pensar que iria mudar, até que finalmente percebeste que isso nunca aconteceria.

Ao escutar aquelas palavras, ela respirou fundo e baixou a cabeça, os ombros movendo-se para cima e para baixo. O som da angústia dela fez com que a garganta de Alex se contraísse devido à raiva face à vida que ela vivera e devido à tristeza de saber que ela ainda vivia com aquilo dentro de si. Sentiu vontade de abraçá-la, mas sabia que, naquele momento, estava a respeitar os limites dela. Katie estava frágil e vulnerável. Chegara ao seu limite.

Decorreram alguns minutos até Katie conseguir finalmente parar de chorar. Tinha os olhos vermelhos e inchados. – Desculpa ter-te contado tudo isto. Não o devia ter feito – disse, com a voz ainda embargada.

– Ainda bem que contaste.

– Só o fiz porque já sabias.

– Eu compreendo.

– Mas não precisavas de saber os pormenores sobre as coisas que tive de fazer.

– Não te preocupes com isso.

– Odeio-o – disse ela. – Mas também me odeio a mim própria. Tentei explicar-te que é melhor eu ficar sozinha. Não sou a pessoa que pensas que sou. Não sou a mulher que pensas conhecer.

Ela estava prestes a começar a chorar de novo, até que ele finalmente se levantou. Puxando-a pela mão, deu a entender que queria que ela se levantasse. Katie obedeceu, mas sem conseguir olhar para ele. Alex esforçou-se por suprimir a raiva que sentia pelo marido dela e manteve a voz num tom suave.

– Ouve o que tenho para te dizer – sussurrou. Com um dedo, ergueu o queixo de Katie. Ela de início resistiu, até que finalmente cedeu e o fitou nos olhos. Ele prosseguiu. – Não há nada que possas dizer-me que altere o que

sinto por ti. Nada. Porque tu não és assim. Nunca foste. És a mulher que eu conheço. És a mulher que eu amo.

Katie fitou-o atentamente, querendo acreditar nele, sabendo que, de algum modo, ele estaria a dizer a verdade. E sentiu algo ceder dentro de si. Ainda assim...

– Mas...

– Nada de «mas», porque nada disso é importante. Encaras-te como alguém que não conseguiu fugir do que o destino lhe reservou. Mas eu vejo uma mulher corajosa que escapou. Vês-te como alguém que deveria sentir-se envergonhada ou culpada por ter permitido que aquilo acontecesse. Eu vejo uma mulher bonita e gentil, que deveria sentir orgulho por ter impedido que aquilo voltasse a acontecer. Nem todas as mulheres têm força para fazer o que fizeste. É isso o que eu vejo agora e é isso que eu sempre vi quando olhava para ti.

Ela sorriu. – Acho que estás a precisar de óculos.

– Não te deixes enganar pelos cabelos grisalhos. Os meus olhos ainda estão perfeitos.

Ele inclinou-se na direção dela, cautelosamente, certificando-se, antes de a beijar, de que tudo estava bem. Foi um beijo curto e suave. Carinhoso. – Só me sinto triste por teres passado por tudo isso.

– Ainda estou a passar.

– Achas que ele ainda anda à tua procura?

– Tenho a certeza que sim. E nunca vai parar – disse ela, antes de fazer uma pausa. – Há algo de errado nele. Ele é... louco.

Alex refletiu sobre aquele comentário. – Sei que não deveria fazer esta pergunta, mas já pensaste em avisar a polícia?

Ela baixou os ombros. – Sim. Eu liguei uma vez.

– E eles não fizeram nada?

– Foram a minha casa e conversaram comigo. E convenceram-me de que seria melhor não apresentar queixa.

Alex matutou sobre o assunto.

– Isso não faz sentido.

– A mim fez bastante sentido – disse ela, encolhendo os ombros. – O Kevin avisou-me de que não serviria de nada chamar a polícia.

– Como podia ele saber?

Ela suspirou, pensando que era melhor contar tudo de uma vez. – Porque

ele é polícia – revelou, finalmente. Olhou para cima, para Alex. – Ele é detetive no departamento de polícia de Boston. E ele não me tratava por Katie. – Os seus olhos revelaram todo o seu desespero. – Tratava-me por Erin.

No Memorial Day, centenas de quilómetros mais a norte, Kevin Tierney estava no jardim das traseiras de uma casa em Dorchester, envergando os calções e a camisa havaiana que comprara quando fora com Erin para Oahu na lua de mel.

– A Erin foi para Manchester – contou ele.

Bill Robinson, o seu capitão, virou os hambúrgueres na grelha.

– Outra vez?

– Eu já te disse que uma amiga dela está com cancro, não te lembras? Ela acha que precisa de lá estar para tratar da amiga.

– O cancro é uma doença terrível – comentou Bill. – E como é que a Erin está a encarar a situação?

– Está tudo bem. Mas dá para perceber que está cansada. É difícil uma pessoa habituar-se à rotina das viagens.

– Imagino. A Emily teve de fazer uma coisa do género quando a irmã contraiu lúpus. Passou dois meses em Burlington, em pleno inverno, enfiada num apartamento pequeno. As duas ficaram loucas. A irmã acabou por fazer as malas à Emily e colocou-as à porta do apartamento, dizendo que ficaria melhor sozinha. Não a censuro por isso, é claro.

Kevin bebeu um trago da sua cerveja e, como era aquilo que se esperava que ele fizesse, sorriu. Emily era a esposa de Bill e estavam casados há quase trinta anos. Bill gostava de dizer às pessoas que tinham sido os seis anos mais felizes da sua vida. Todos os polícias e funcionários da esquadra já tinham ouvido aquela piada cerca de cinquenta vezes nos últimos oito anos e a maior parte dessas pessoas estava lá naquele momento. Bill oferecia um churrasco todos os anos no Memorial Day, não apenas por considerar isso uma obrigação, mas também porque o seu irmão trabalhava numa distribuidora de cerveja e grande parte do lote era consumido naquelas ocasiões. Maridos, mulheres, namorados, namoradas e crianças estavam reunidos em grupos. Alguns na cozinha, outros no pátio. Quatro detetives estavam a tentar acertar

com ferraduras num pino de metal espetado no chão, fazendo levantar a areia em redor do alvo.

– Quando ela regressar, porque é que não a trazes cá para jantar? A Emily perguntou por ela. A menos, é claro, que queiram recuperar o tempo perdido – acrescentou Bill, piscando o olho.

Kevin começou a perguntar-se se aquela oferta seria genuína. Em dias como aquele, Bill gostava de fingir que era apenas um homem comum, em vez do capitão. Mas ele era duro. Inteligente. Mais político do que polícia. – Eu digo-lhe.

– Quando é que ela partiu?

– Hoje de manhã. Já lá deve ter chegado.

Bill pressionou um dos hambúrgueres com a espátula, fazendo com que o suco da carne escorresse. *Ele não percebe nada de churrascos*, pensou Kevin. Sem o suco, o hambúrguer teria o mesmo sabor que uma pedra – seco, insípido e duro. Intragável. – Estava aqui pensar no caso Ashley Henderson – disse Bill, mudando de assunto. – Acho que finalmente vamos conseguir fazer uma acusação formal. Trabalhaste bem.

– Já não era sem tempo. Pareceu-me que eles já estavam fartos daquela situação há algum tempo – disse Kevin.

– A mim também. Mas eu não sou o procurador – disse Bill, pressionando outro hambúrguer, arruinando-o. – Também quero falar contigo a respeito do Terry.

Terry Canton fora o parceiro de Kevin durante os últimos três anos, mas sofrera um ataque cardíaco em dezembro e estava afastado do trabalho desde então. Kevin passara todo aquele tempo a trabalhar sozinho.

– O que é que aconteceu?

– Ele não vai regressar. Fiquei a saber hoje de manhã. Os médicos que o tratam recomendaram que ele se aposentasse e ele decidiu seguir o conselho. Decidiu que vinte anos já bastaram, e tem a pensão à espera dele.

– E o que é que isso implica para mim?

Bill encolheu os ombros. – Vamos arranjar-te um novo parceiro, mas não podemos fazer isso imediatamente, já que o município está com as verbas congeladas. Talvez quando o novo orçamento municipal for aprovado.

– «Talvez» ou «provavelmente»?

– Vais ter um novo parceiro. Mas provavelmente não antes de julho. Lamento que assim seja. Sei o que isso significa, que vais ter de trabalhar

mais, mas não há nada que eu possa fazer. Vou tentar manter a tua carga de trabalho num nível suportável.

– Obrigado.

Um grupo de crianças andava a correr pelo pátio, com os rostos sujos. Duas mulheres saíram da casa trazendo taças de batatas fritas e provavelmente estariam a coscuvilhar. Kevin detestava coscuvilhices. Bill apontou com a espátula para uma mesa. – Traz aquela travessa, por favor. Acho que estes já estão quase prontos.

Kevin pegou na travessa. Era a mesma que tinha sido usada para levar os hambúrgueres crus para a grelha e reparou nas manchas de gordura e nos pedaços de carne crua. Era nojento. Erin teria trazido uma travessa limpa, uma que não tivesse restos de carne crua ou gordura. Kevin colocou a travessa ao lado da grelha.

– Preciso de outra cerveja – disse Kevin, erguendo a sua garrafa. – Também queres outra?

Bill negou com a cabeça e estragou mais um hambúrguer. – Ainda não acabei de beber a minha. De qualquer forma, obrigado.

Kevin dirigiu-se à casa, sentindo nos dedos a gordura da travessa.

– Ei – gritou Bill, atrás dele. Kevin voltou-se. – A mala térmica com as cervejas está do outro lado, esqueceste-te? – disse, apontando para um dos cantos do pátio.

– Eu sei. Mas quero lavar as mãos antes do jantar.

– Despacha-te. Quando levar a travessa para a mesa, vai ser cada um por si.

Kevin parou antes de chegar à porta dos fundos para limpar os pés no tapete. Na cozinha, circundou um grupo de mulheres que conversavam animadamente para chegar ao lava-louça. Lavou as mãos duas vezes, usando bastante sabão. Pela janela, viu Bill a colocar a travessa de salsichas e hambúrgueres na mesa de piquenique, ao lado dos pães, condimentos e taças de batatas fritas. Não demorou muito para que as moscas sentissem o cheiro e se amontoassem por cima da travessa, a zumbir sobre a comida e a pousar nos hambúrgueres. As pessoas pareciam não se importar, pois formaram instantaneamente uma fila.

Limitaram-se a espantar as moscas e a colocar os hambúrgueres nos respetivos pratos, fingindo que elas nem sequer existiam.

Hambúrgueres mal confeccionados e uma nuvem de moscas.

Ele e Erin fariam tudo de outra maneira. Ele não pressionaria os hambúrgueres com a espátula e Erin teria deixado os condimentos, batatas fritas e pickles na cozinha para que as pessoas pudessem servir-se lá, onde tudo estava limpo. As moscas eram animais asquerosos, os hambúrgueres estavam duros como pedras e ele não iria comê-los. Ficava enjoado só de pensar nessa possibilidade.

Esperou que a travessa estivesse vazia para regressar para junto da grelha e foi até à mesa, fingindo-se dececionado.

– Eu avisei que iam desaparecer rapidamente – comentou Bill. – Mas a Emily deixou uma travessa no frigorífico, por isso a segunda rodada não tarda nada. Porque não me arranhas uma cerveja enquanto eu vou lá buscar os hambúrgueres?

– Claro – disse Kevin.

Quando o lote seguinte de hambúrgueres ficou pronto, Kevin serviu-se e elogiou Bill, dizendo-lhe que estavam com um aspeto fantástico. Havia uma nuvem de moscas à sua volta, os hambúrgueres estavam outra vezes ressequidos e, quando Bill se virou, Kevin despejou a comida no caixote do lixo que ficava ao lado da casa. Disse a Bill que os hambúrgueres estavam deliciosos.

Deixou-se ficar ali por mais umas horas. Aproveitou para conversar com Coffey e Ramirez. Eram detetives como ele, só que comiam os hambúrgueres sem se importar com as moscas em volta. Kevin não queria ser o primeiro a ir embora, nem mesmo o segundo. O capitão gostava de se sentir como um dos rapazes e ele não queria ofendê-lo. Não gostava de Coffey nem de Ramirez. Às vezes, quando Kevin estava por perto, Coffey e Ramirez paravam de conversar. Kevin sabia que era o assunto da conversa deles, que falavam a seu respeito nas suas costas. Intriguistas.

Mas Kevin era um bom detetive e tinha consciência disso. Bill também o sabia, assim como Coffey e Ramirez. Ele trabalhava na divisão de homicídios e sabia como abordar testemunhas e suspeitos. Sabia qual era o momento certo para colocar perguntas e o momento para escutar; sabia quando as pessoas mentiam e colocava assassinos atrás das grades porque a Bíblia dizia *Não matarás* e Kevin acreditava em Deus e estava a fazer o trabalho do Senhor ao enviar os culpados para a cadeia.

Já em casa, Kevin atravessou a sala de estar. Resistiu ao desejo de chamar por Erin. Se Erin ali estivesse, já teria limpado o pó da prateleira do fogão de

sala, organizado as revistas na mesinha ao lado do sofá e tirado a garrafa de *vodka* vazia do sofá. Se Erin estivesse ali, as cortinas estariam abertas, os pratos estariam lavados e guardados e o jantar estaria à espera dele na mesa. E ela teria sorrido para ele e perguntado como fora o seu dia. Depois, fariam amor, porque ele a amava e ela o amava também.

No andar de cima, no quarto, abriu a porta do armário. Ainda conseguia sentir um resquício do perfume dela, aquele que lhe oferecera no Natal. Virou a levantar uma aba de papel com uma amostra daquele perfume numa das suas revistas e reparou que ela sorriu ao cheirá-lo. Quando Erin foi para a cama, Kevin rasgou a página da revista e guardou-a na carteira, para saber exatamente que perfume deveria comprar. Recordava-se do modo carinhoso como ela aplicara um pouco atrás de cada orelha e nos pulsos quando a levava a jantar fora na noite de passagem de ano e de como ela estava bonita com o seu vestido elegante. No restaurante, Kevin apercebera-se que outros homens, mesmo os que estavam acompanhados, tinham olhado para ela enquanto ele e Erin atravessavam o salão até chegarem à sua mesa. Depois, regressaram a casa e fizeram amor na altura em que entrou o ano novo.

O vestido ainda lá estava, pendurado no mesmo lugar, fazendo regressar aquelas memórias. Ele tinha tirado o vestido do cabide na semana anterior e chorado enquanto o segurava, sentado na beira da cama.

Ouviu lá fora o som constante dos grilos, mas isso não serviu para o acalmar. Embora o feriado supostamente servisse para relaxar, sentiu-se cansado. Foi contrariado ao churrasco, pois não queria responder às perguntas sobre Erin, nem queria mentir. Não porque as mentiras o incomodassem, mas porque era difícil manter a ilusão de que Erin não o abandonara. Inventara uma história que repetia há meses: que Erin lhe telefonava todas as noites; que regressara a casa por uns dias, mas que voltara logo a New Hampshire; que a amiga estava a fazer quimioterapia e que precisava da ajuda dela. Sabia que não conseguiria manter aquela história indefinidamente e que não tardaria a que a desculpa de ajudar uma amiga se tornasse repetitiva e que as pessoas comesçassem a questionar-se porque nunca viam Erin na igreja, no supermercado ou mesmo no bairro onde morava. Iriam perguntar também por quanto tempo mais iria ela ficar ao lado da amiga. As pessoas começariam a falar às escondidas e a dizer coisas como: «A Erin deve ter abandonado o Kevin», ou «Acho que o casamento deles não era assim tão perfeito como parecia». Pensar naquilo provocou-lhe

um aperto no estômago e lembrou-se que não tinha comido.

Não havia muita coisa no frigorífico. Erin deixava sempre o frigorífico cheio com peru, presunto, mostarda de *Dijon* e pão de centeio fresco, mas a sua única escolha agora era aquecer o bife à moda mongol que comprara no restaurante chinês há alguns dias. Na prateleira inferior, viu manchas de comida e teve outra vez vontade de chorar, porque aquilo lembrou-lhe os gritos de Erin e o barulho da cabeça dela a embater na esquina da mesa quando a empurrara pela cozinha. Esbofeteara-a e pontapeara-a porque encontrara manchas de comida no frigorífico e questionava-se agora por que razão uma coisa tão simples o deixara tão furioso.

Kevin foi para a cama e deitou-se. Quando deu por isso, já era meia-noite e o bairro que via pela janela do quarto estava tranquilo. Do outro lado da rua, viu uma luz acesa na casa dos Feldman. Ele não gostava dos Feldman. Diferente dos outros vizinhos, Larry Feldman nunca o cumprimentava se estivesse cada um no seu jardim. Se Gladys, a esposa dele, o visse na rua, virava costas e voltava a entrar em casa. Eles já tinham mais de 60 anos e eram o tipo de pessoas que corria para fora de casa para protestar com alguma criança que pisasse o relvado para recuperar um disco ou uma bola de baseball que lá tivesse caído. E, apesar de serem judeus, decoravam a casa com iluminações de Natal e colocavam a *menorah*³ na janela, durante o período de festas. As atitudes deles deixavam-no desconcertado e Kevin não os considerava bons vizinhos.

Kevin regressou à cama, mas não conseguiu dormir. Quando a manhã chegou, com a luz do sol a entrar pela janela, teve consciência de que nada mudara na vida das outras pessoas. Apenas a sua vida estava diferente. O seu irmão, Michael, e a esposa, Nadine, estariam a preparar os filhos para irem à escola, antes de saírem para os seus próprios empregos no Boston College. O seu pai e a sua mãe provavelmente estariam ler a edição do dia do *Globe* enquanto tomavam o café da manhã. Teriam sido cometidos crimes e haveria testemunhas na esquadra. Coffey e Ramirez deveriam estar a coscuvilhar sobre ele.

Tomou um duche e, para o pequeno-almoço, comeu uma torrada acompanhada por um copo de *vodka*. Na esquadra, foi chamado para investigar um assassinio. O corpo de uma mulher de vinte e poucos anos, provavelmente uma prostituta, tinha sido encontrado numa lixeira. Fora esfaqueada até à morte. Kevin passou a manhã a conversar com pessoas que

estavam por perto quando o corpo foi encontrado, enquanto eram recolhidas provas. Quando terminou as entrevistas, regressou à esquadra para elaborar o relatório enquanto os dados ainda estavam frescos na sua memória. Era um bom detetive.

A esquadra estava bastante movimentada, era o primeiro dia da semana após um fim de semana prolongado. O mundo enlouquecera. Os detetives conversavam ao telefone, redigindo relatórios nas suas mesas, conversando com testemunhas e escutando as vítimas a falar do que lhes sucedera. Barulho. Atividade. Pessoas a ir e a vir. Telefones a tocar. Kevin dirigiu-se à sua secretária, uma das quatro que ficavam no meio da sala. Pela porta aberta, Bill acenou-lhe, mas não saiu do gabinete. Ramirez e Coffey estavam nas suas mesas, sentados de frente para ele.

– Está tudo bem? – perguntou Coffey. Coffey já tinha ultrapassado os 40 anos, tinha excesso de peso e era calvo. – Estás com um aspeto horrível.

– Não dormi muito bem – disse Kevin.

– Eu também não durmo bem sem a Janet. Quando é que a Erin regressa?

Kevin manteve uma expressão impassível. – No próximo fim de semana. Tenho alguns dias de folga e decidimos ir a Cape Cod. Já há alguns anos que não vamos lá.

– A sério? A minha mãe vive lá. E para que lugar de Cape Cod é que vão?

– Provincetown.

– É onde ela mora. Vocês vão adorar. Sempre que posso vou lá. E onde vão ficar?

Kevin estranhou o facto de Coffey estar a fazer tantas perguntas.

– Não sei ainda – respondeu, finalmente. – É a Erin que está a tratar de tudo.

Dirigiu-se à cafeteira e serviu-se de uma chávena, embora não quisesse realmente beber café. Teria de descobrir o nome de um hotel e de alguns restaurantes. Se Coffey fizesse perguntas sobre o assunto, saberia o que dizer.

Os seus dias seguiam sempre a mesma rotina. Trabalhava, falava com as testemunhas e finalmente regressava a casa. O seu trabalho era stressante e queria descansar depois do expediente, mas tudo estava diferente em sua casa, e não conseguia libertar-se do trabalho. Em tempos, chegou a acreditar que se habituaria a ver vítimas de assassínios, mas os seus rostos lívidos e sem vida ficavam gravados na sua memória. E, às vezes, as vítimas

apareciam-lhe durante o sono.

Kevin não gostava de voltar para casa. Quando terminava o dia, já não tinha uma bela esposa para o receber. Erin saía de casa em janeiro. Agora, a sua casa estava suja e desorganizada e ele tinha de lavar as próprias roupas. Entre outras coisas, não sabia como usar a máquina de lavar e, da primeira vez que o tentou fazer, colocou detergente em excesso e as roupas ficaram manchadas e rijas. Já não havia refeições caseiras ou velas na mesa. Em vez disso, comprava comida num restaurante antes de voltar para casa e comia no sofá. Às vezes, ligava a televisão. Erin gostava de ver o HGTV, canal especializado em assuntos de casa e jardim da TV por cabo. Assim, Kevin via frequentemente esse canal e, quando o fazia, o vazio que sentia dentro de si revelava-se quase insuportável.

Depois de voltar do trabalho, não se preocupava em guardar a arma no estojo que tinha no armário. Dentro do estojo, havia uma outra *Glock*, para uso pessoal. Erin tinha medo de armas, mesmo antes do dia em que ele lhe encostara a *Glock* à cabeça e ameaçara matá-la se voltasse a fugir. Ela gritou e chorou enquanto ele jurou que mataria qualquer homem com quem ela dormisse, qualquer homem de quem ela gostasse. Tinha sido muito estúpida ao fazer aquilo e Kevin ficou tão furioso por ela ter fugido de casa que exigiu saber o nome do homem que a ajudara, para poder matá-lo. Mas Erin gritou, chorou e implorou pela vida, jurando que não havia nenhum homem envolvido. Kevin acreditou nela, pois Erin era a sua esposa. Eles fizeram os seus votos diante de Deus e da família, e a Bíblia diz: *Não cometerás adultério*. Mesmo naquela altura, ele não acreditara que Erin lhe fora infiel. Nunca acreditou que outro homem estivesse envolvido. Quando estavam casados, fazia questão de se certificar disso. Ligava para casa algumas vezes durante o dia, sempre em horários diferentes, e nunca a deixava ir ao supermercado, ao cabeleireiro ou à biblioteca sozinha. Ela não tinha carro, nem mesmo carta de condução e Kevin passava em frente a casa sempre que estivesse por perto, apenas para ter a certeza de que ela lá estava. Erin não o abandonara com vontade de cometer adultério. Ela saía de casa porque estava cansada de ser pontapeada, socada e empurrada pelas escadas que davam para a cave. Kevin sabia que não deveria ter feito aquelas coisas. Sempre se sentira culpado por isso e pedira sempre desculpa. Mesmo assim, ela não quisera saber.

Não era motivo para Erin ter fugido de casa. Ele ficou com o coração

desfeito, porque a amava mais do que tudo no mundo e sempre tratara bem dela. Comprou-lhe uma casa, um frigorífico, uma máquina de lavar e outra de secar e móveis novos. A casa costumava estar sempre limpa, mas agora o lava-louça estava cheio de pratos sujos e o cesto da roupa a transbordar.

Ele sabia que devia limpar a casa, mas não conseguia reunir a energia necessária para o fazer. Em vez disso, foi à cozinha e tirou uma garrafa de *vodka* do frigorífico. Ainda restavam quatro garrafas; há uma semana, havia doze. Tinha a noção de que estava a beber de mais. Sabia que deveria alimentar-se melhor e parar de beber, mas tudo o que queria fazer era abrir a garrafa, sentar-se no sofá e beber. Kevin gostava de *vodka* porque não o deixava com mau hálito de manhã e assim ninguém perceberia que ele estava de ressaca.

Encheu um copo de *vodka*, bebeu-o e depois serviu-se de novo antes de caminhar pela casa vazia. Doía-lhe o coração porque Erin não estava ali e, se de repente ela aparecesse à porta da casa, ele sabia que iria pedir desculpas por lhe ter batido. Resolveriam os seus problemas e depois fariam amor no quarto. Ele queria abraçá-la e sussurrar-lhe quanto a adorava, mas sabia que ela não ia voltar. Mesmo amando-a tanto, às vezes Erin deixava-o muito irritado. Não ficava bem uma esposa simplesmente abandonar a casa onde morava. Uma esposa não deixava o seu casamento para trás. Queria espancá-la, pontapeá-la, esbofeteá-la e puxar-lhe os cabelos por fazer algo tão cruel. Por ser tão egoísta. Queria mostrar-lhe que era inútil tentar fugir.

Bebeu o terceiro e o quarto copos de *vodka*.

A casa estava uma desordem. Havia uma caixa vazia de piza no chão da sala e o caixilho da porta da casa de banho estava rachado, com farpas de madeira à mostra. A porta já não fechava direito. Tinha dado um pontapé na porta num dia em que ela se trancou na casa de banho, a tentar fugir dele. Agarrara-a pelo cabelo enquanto a agrediu com murros na cozinha. Ela correu para a casa de banho. Ele perseguiu-a pela casa e enfiou o pé na porta. Mas, agora, mal conseguia lembrar-se do motivo pelo qual tinham discutido.

Kevin não conseguia lembrar-se muito bem do que sucedera naquela noite. Não se lembrava de ter partido dois dedos da mão dela, embora fosse óbvio que aquilo tinha sido obra sua. Durante uma semana não a deixou ir ao hospital, enquanto os hematomas na cara dela não puderam ser disfarçados pela maquilhagem. Erin passou a semana a cozinhar e a limpar a casa apenas com uma das mãos. Ele ofereceu-lhe flores, desculpou-se e prometeu-lhe que

nada daquilo voltaria a acontecer. Quando a tala de gesso foi retirada, Kevin levou-a a Boston para jantar no restaurante Petroni's. Custou uma fortuna e ele sorriu-lhe quando estavam sentados à mesa. Depois do jantar, foram ao cinema e, no caminho para casa, pensou no quanto a amava e em como era feliz por ter uma pessoa como Erin como esposa.

³ Candeeiro judaico de sete velas usado durante o período de festas. Cada vela simboliza um dos dias da criação do universo. (*N. da T.*)

Alex ficou com Katie até depois da meia-noite, escutando-a enquanto ela contou a história da sua vida. Quando ela se sentiu cansada de mais para continuar a falar, ele colocou os braços em volta dela e despediu-se com um beijo de boa-noite. No caminho de regresso a casa, pensou consigo mesmo que nunca conhecera alguém com tanta coragem, com tanta força e tão expedita.

Os dois passaram juntos uma grande parte das duas semanas seguintes, pelo menos tanto quanto lhes foi possível. Descontando as horas de trabalho de Alex na loja e os turnos de Katie no Ivan's, isso resumiu-se a umas poucas horas por dia, mas ele ansiava pelas visitas a casa dela com uma expectativa que não sentia há anos. Às vezes, Kristen e Josh acompanhavam-no a casa de Katie. Outras vezes, Joyce arrastava-o pela porta da loja fora com uma piscadela de olho, pedindo-lhe que se divertisse.

Raramente estavam juntos em casa de Alex e, quando isso acontecia, eram ocasiões breves. Ele queria acreditar que aquilo acontecia por causa das crianças, por ele não querer apressar as coisas. No entanto, percebeu que também assim era por causa de Carly. Embora soubesse que amava Katie – e a cada dia que passava estava mais seguro quanto a isso – não tinha a certeza de estar efetivamente preparado. Katie pareceu compreender a sua relutância, não dando mostras de ficar incomodada, quanto mais não fosse por ser mais fácil ficarem a sós em casa dela.

De qualquer forma, ainda não tinham feito amor. Embora ele desse frequentemente por si a imaginar como isso seria maravilhoso, especialmente antes de adormecer, tinha a noção de que Katie não estava preparada. Os dois pareciam compreender que isso representaria uma mudança no relacionamento, uma espécie de estabilidade ambicionada. Por enquanto, bastava-lhe poder beijá-la, poder sentir os braços dela à sua volta. Adorava o aroma do champô de jasmim nos cabelos dela e o modo como as mãos se encaixavam perfeitamente; o modo como cada toque transportava uma

expectativa deliciosa, como se cada um deles se estivesse a guardar para o outro. Alex não dormira com ninguém desde que a mulher morrera. Ainda assim, pareceu-lhe que durante todo aquele tempo esteve à espera de Katie, mesmo sem o saber.

Ele apreciava mostrar-lhe as redondezas. Passearam pela orla da praia, em frente às casas históricas, a observar a arquitetura, e houve um fim de semana em que ele a levou ao Orton Plantation Gardens, onde passearam por entre milhares de roseiras em flor. Depois, foram almoçar a um pequeno restaurante com vista para o mar, em Caswell Beach, onde ficaram de mãos dadas por cima da mesa, como dois adolescentes.

Desde a noite em que jantaram pela primeira vez em casa de Katie, ela nunca mais abordou o seu passado e Alex também não tocou no assunto. Sabia que ela ainda estava a esforçar-se por assimilar tudo aquilo: o que ela já lhe contara e o que ainda havia por contar; saber se podia confiar nele ou não; não ter a real noção da importância de ela ainda ser casada; e, acima de tudo, o que aconteceria se Kevin a descobrisse ali. Quando Alex se apercebia de que ela estava triste por pensar nessas questões, recordava-lhe, gentilmente, que, independentemente do que acontecesse, o seu segredo estaria seguro com ele. Nunca contaria nada a ninguém.

Ao olhar para ela, Alex às vezes sentia-se assolado por uma raiva quase incontrolável em relação a Kevin Tierney. Aqueles instintos masculinos de agredir e torturar uma mulher eram-lhe tão estranhos quanto a capacidade de respirar debaixo de água ou voar. Mais do que qualquer outra coisa, ele queria vingança. Queria justiça. Queria que Kevin passasse pela mesma angústia e pelo mesmo terror que infligira a Katie, as infindáveis sessões de castigos físicos cruéis. No tempo que passou no exército, matara um homem, um soldado que tomara uma dose excessiva de metanfetaminas e que, armado, estava a ameaçar um refém. O homem era perigoso e estava descontrolado. Quando a oportunidade surgiu, Alex premiu o gatilho sem hesitar. A morte dera um significado novo ao seu trabalho, e, no seu coração, compreendera que havia momentos em que a violência era necessária para salvar vidas. Se Kevin algum dia aparecesse, Alex sabia que protegeria Katie a qualquer custo. No exército, percebera que havia pessoas que levavam o bem ao mundo e pessoas que viviam para o destruir. No seu entender, a decisão de proteger uma mulher inocente como Katie de um psicopata como Kevin era tão nítida como a diferença entre o preto e o branco – uma escolha

simples.

Na maior parte dos dias, o espectro da vida anterior de Katie não os assombrava e passavam as horas juntos, numa intimidade descontraída e crescente. Katie tinha um talento natural para lidar com crianças – fosse para ajudar Kristen a alimentar os patos de uma lagoa próxima ou brincar à apanhada com Josh, parecia nunca ter dificuldade em entrosar-se com eles, agindo de acordo com cada situação: a brincar, a confortar, a fazer barulho ou em silêncio. Ao agir daquela forma, parecia-se imenso com Carly e Alex imaginou que, de algum modo, Katie era o tipo de mulher que a sua esposa em tempos mencionara.

Nas últimas semanas de vida de Carly, Alex manteve-se inabalável à sua cabeceira. Embora ela passasse a maior parte do tempo a dormir, ele tinha medo de perder os momentos em que Carly estava consciente, por muito breves que fossem. Naquela época, o lado esquerdo do corpo de Carly estava quase totalmente paralisado, e ela tinha dificuldades em falar. Mas, uma vez, durante um breve período de lucidez imediatamente antes de amanhecer, ela estendeu a mão para lhe tocar.

– Quero que faças uma coisa por mim – dissera, com um certo esforço, humedecendo os lábios ressequidos com a língua. A sua voz era rouca, pois era raro falar.

– Tudo o que quiseres.

– Eu quero... que sejas feliz.

Naquele momento, ele reparou no fantasma do seu antigo sorriso. O sorriso confiante e pleno de vida que o cativara no momento em que se conheceram.

– Eu sou feliz.

Carly abanara levemente a cabeça. – Estou a referir-me ao futuro – explicara. Os seus olhos brilhavam com a intensidade de carvões em brasa, naquele rosto marcado pela luta contra a doença. – Ambos sabemos daquilo que estou a falar.

– Não estou a perceber.

Ela ignorara aquela resposta. – Casar-me contigo... estar contigo e ter filhos contigo... foram as melhores coisas que já fiz. És o melhor homem que eu já conheci.

Ele sentiu um nó na garganta. – Também sinto o mesmo em relação a ti.

– Eu sei – respondera ela. – E é por isso que me é tão difícil. Porque sei que

falhei perante ti.

– Não falhaste – dissera ele, interrompendo-a.

Carly tinha uma expressão triste no rosto. – Eu amo-te, Alex, e amo os nossos filhos – realçara, sussurrando. – E ficaria muito triste se nunca mais conseguisses voltar a ser feliz.

– Carly, eu...

– Quero que conheças outra mulher – dissera ela, esforçando-se para tomar fôlego. O seu peito arfava devido ao esforço. – Quero que ela seja inteligente e gentil... E quero que te apaixones por ela, porque não mereces passar o resto da tua vida sozinho.

Alex não conseguiu falar e mal a via por entre as lágrimas.

– As crianças vão precisar de uma mãe. – Aos ouvidos dele, pareceu-lhe que Carly estava a implorar. – Alguém que ame os nossos filhos tanto quanto eu os amo, alguém que pense neles como se fossem seus.

– Porque é que estás a dizer essas coisas?

– Porque tenho de acreditar que é possível – respondera ela, os seus dedos magros agarrando-se ao braço de Alex com uma intensidade que roçava o desespero. – É a única coisa que me resta.

Regressando ao presente, e ao ver Katie a correr atrás de Josh e Kristen no relvado na margem da lagoa, Alex sentiu uma pontada agriçoce, ao pensar que o último desejo de Carly poderia finalmente ser realizado.

Katie gostava imenso de Alex, mais do que seria aconselhável. Sabia que estava a trilhar um caminho perigoso. Contar-lhe sobre o seu passado parecera-lhe a atitude certa e revelar-lhe os seus segredos de alguma forma libertara-a daquele fardo esmagador. Mas, na manhã seguinte àquele primeiro jantar, ficou paralisada pela ansiedade face ao que fizera. Alex tinha sido uma espécie de detetive, afinal de contas; aquilo provavelmente significaria que poderia fazer um ou dois telefonemas, independentemente do que lhe dissesse. Conversaria com alguém, e essa pessoa conversaria com outra, até que, após algum tempo, Kevin ficaria ao corrente de tudo. Ela não lhe contara que Kevin tinha uma capacidade quase sobrenatural para ligar informações aparentemente desconexas; não mencionara que, quando um suspeito se tornava um fugitivo, Kevin sabia quase sempre onde encontrá-lo. O simples facto de pensar no que tinha feito, deixava-lhe o estômago às voltas.

No entanto, gradualmente, durante as duas semanas seguintes, sentiu os seus medos a desaparecerem. Em vez de colocar mais perguntas quando estavam sozinhos, Alex agia como se as revelações de Katie não estivessem diretamente ligadas às suas vidas em Southport. Os dias decorreram com uma espontaneidade tranquila, sem o incómodo causado pelas sombras da sua vida passada. Ela não conseguia evitar – confiava em Alex. Quando se beijavam, o que acontecia com uma frequência surpreendente, havia momentos em que sentia os joelhos a tremer, e estava a revelar-se cada vez mais difícil travar o desejo de pegar na mão dele e arrastá-lo para o quarto.

No sábado, duas semanas após o primeiro beijo, estavam no alpendre de casa dela. Alex tinha os braços em volta do corpo de Katie e os lábios pressionados contra os dela. As crianças estavam numa festa de piscina em casa de um dos colegas de turma de Josh. Mais tarde, Alex e Katie iriam levar os dois a passear e a um churrasco na praia, mas, durante as próximas horas, estariam a sós.

Quando finalmente conseguiram afastar-se, Katie suspirou. – Precisas mesmo de parar com isso.

– Parar com o quê?

– Sabes muito bem o que estás a fazer.

– Não consigo evitar.

Conheço muito bem essa sensação, pensou Katie.

– Sabes do que é que gosto em ti?

– Do meu corpo?

– Sim. Também gosto disso – disse ela, rindo-se. – Mas há outra coisa. Fazes com que me sinta especial.

– E és especial – referiu ele.

– Estou a falar a sério – disse ela. – Mas isso leva-me a pensar por que razão nunca encontraste outra pessoa depois de a tua mulher ter morrido.

– Não andava à procura. Mas, mesmo que houvesse outra pessoa, teria de a despachar para poder ficar contigo.

– Isso não é nada simpático – disse ela, espetando-lhe o dedo nas costelas.

– Mas é verdade. Acredites ou não, sou seletivo.

– Sim, imagino. Só saís com mulheres com traumas emocionais.

– Tu não és do tipo traumatizado. És uma mulher corajosa. Uma sobrevivente. E isso, para ser sincero, é muito *sexy*.

– Acho que estás a elogiar-me com a esperança que te arranque a roupa

aqui e agora.

– Está a resultar?

– Está lá perto – admitiu ela, e o som do riso de Alex recordou-lhe de novo o quanto ele a amava.

– Estou muito feliz por teres vindo morar para Southport.

– Ah, sim... – Por breve momentos, ela pareceu desaparecer dentro de si mesma.

– O que foi? – perguntou Alex, estudando-lhe o rosto, repentinamente em estado de alerta.

Ela abanou a cabeça. – Foi por pouco... – suspirou, colocando os braços em volta do corpo de Alex ao recordar a ocasião. – Quase não conseguia cá chegar.

A neve cobria os jardins de Dorchester, formando uma camada cintilante sobre o mundo do lado de fora da janela da casa onde ela morava. O céu de janeiro, cinzento na véspera, transformara-se num azul gelado e a temperatura estava abaixo de zero.

Era uma manhã de domingo, o dia a seguir à sua ida ao cabeleireiro. Ela olhou para a sanita para ver se havia algum sinal de sangue, certa de que vira algo depois de urinar. O seu rim ainda latejava e a dor irradiava dos ombros até às barrigas das pernas. Por causa das dores esteve várias horas sem dormir, enquanto Kevin ressonava ao seu lado, mas, felizmente, não era tão grave quanto poderia ter sido. Depois de fechar a porta do quarto atrás de si, Erin coxeou até à cozinha, lembrando a si própria que, dentro de um ou dois dias, tudo aquilo estaria terminado. Mas precisava de ter cuidado para não levantar suspeitas a Kevin. Tinha de fazer as coisas da maneira correta. Se ignorasse a sova que ele lhe infligira na noite anterior, Kevin ficaria desconfiado. Se ela se afastasse de mais, também ficaria desconfiado. Depois de quatro anos naquele inferno, Erin aprendera as regras do jogo.

Kevin teria de ir trabalhar ao meio-dia, apesar de ser domingo, e ela sabia que não tardaria a acordar. A casa estava fria e por isso vestiu uma camisola por cima do pijama. De manhã, isso era algo que por norma não incomodava Kevin, porque a ressaca deixava-o demasiado letárgico para tomar qualquer atitude. Ela começou a preparar o pequeno-almoço e pôs o leite e o açúcar na mesa, juntamente com a manteiga e a compota. Colocou os talheres dele na mesa e um copo de água fresca ao lado do garfo. Depois, pôs duas fatias de pão de forma na torradeira, embora ainda não tivesse ligado o aparelho. Deixou três ovos sobre a bancada, onde poderia deitar-lhes rapidamente a mão. A seguir, colocou seis fatias de *bacon* na frigideira. Já estavam a crepitar e a chiar quando Kevin chegou à cozinha. Sentou-se à mesa e bebeu água enquanto ela lhe trazia a chávena de café.

– Dormi como uma pedra. A que horas fomos para a cama?

– Por volta das dez, acho eu – respondeu ela. Pousou o café ao lado do copo vazio. – Não era tarde. Tens trabalhado de mais e sei que andas cansado.

Os olhos de Kevin estavam vermelhos. – Desculpa aquilo que fiz ontem à noite. Não queria ter feito aquilo. Ultimamente tenho andado a trabalhar sob muita pressão. Desde que o Terry sofreu o ataque cardíaco que estou a trabalhar a dobrar, e o caso Preston arranca esta semana.

– Está tudo bem – disse ela, ainda a sentir o cheiro do álcool no hálito de Kevin. – O teu pequeno-almoço fica já pronto.

No fogão, virou as fatias de *bacon* com um garfo e salpicou gordura quente para o braço, fazendo com que esquecesse temporariamente a dor nas costas. Quando o *bacon* ficou estaladiço, colocou quatro fatias no prato de Kevin e duas no seu. Escorreu a gordura e guardou-a numa lata de sopa, limpou a frigideira com um toalhete de papel e voltou a untá-la com óleo. Tinha de ser rápida para que o *bacon* não arrefecesse. Ligou a torradeira e partiu os ovos. Kevin gostava dos seus ovos fritos com a gema intacta, e Erin aprendera a prepará-los na perfeição. A frigideira ainda estava quente e os ovos não demoraram a ficar prontos. Virou-os na frigideira uma vez antes de colocar dois no prato dele e um no seu. A torrada saltou, já pronta, e ela pôs as duas fatias no prato dele.

Erin sentou-se à frente de Kevin, pois ele gostava de tomar o pequeno-almoço acompanhado. Ele barrou manteiga na torrada e acrescentou a compota de uva antes partir os ovos com o garfo. A gema escorreu pelo prato como sangue amarelado e ele molhou a torrada nos ovos antes de comê-los.

– O que é que vais fazer hoje? – quis ele saber. Kevin usou o garfo para cortar mais um pedaço do ovo. Mastigou.

– Estava a pensar em lavar as janelas e a roupa – disse ela.

– Acho que os lençóis também precisam de uma boa lavagem, não é? Depois de nos termos divertido neles a noite passada – disse ele, mexendo as sobrancelhas. Tinha o cabelo desalinhado, com fios a apontar em todas as direções, assim como um pedaço de ovo colado no canto da boca.

Ela tentou não demonstrar a repugnância que sentia. Em vez disso, mudou o rumo à conversa.

– Achas que vais conseguir mandar para a prisão os culpados no caso Preston?

Ele inclinou-se para trás e rodou os ombros antes de voltar a debruçar-se

sobre o prato. – Vai depender do procurador. O Higgins é bom nisso, mas nunca se sabe. O Preston tem um advogado esperto e ele vai tentar distorcer os factos a seu favor.

– De certeza que vai correr tudo bem. És mais inteligente do que ele.

– Veremos. Detesto que o julgamento seja em Marlborough. O Higgins quer preparar-me na terça-feira à noite para testemunhar, depois do encerramento do tribunal.

Erin já sabia disso e assentiu afirmativamente com a cabeça. O caso Preston teve uma ampla repercussão na comunicação social e o julgamento começaria na segunda-feira, em Marlborough, e não em Boston. Lorraine Preston supostamente teria contratado um homem para matar o marido. Além de Douglas Preston ser um milionário que geria fundos de investimentos, também a esposa era uma celebridade social, envolvida no apoio a instituições filantrópicas que iam desde museus a orquestras sinfónicas e escolas de bairros carenciados. A exposição do caso antes do julgamento fora impressionante. Todos os dias, sem exceção, um ou dois artigos eram publicados na primeira página dos jornais e eram exibidas longas reportagens nos noticiários televisivos. Grandes quantias de dinheiro, práticas sexuais bizarras, drogas, traição, infidelidade, assassínios e um filho ilegítimo. Por causa do todo o aparato em volta do caso, o julgamento fora transferido para Marlborough. Kevin fora um entre os vários agentes destacados para a investigação e todos teriam de testemunhar na quarta-feira. Tal como toda a gente, Erin acompanhou as notícias, mas, ocasionalmente, perguntava alguns pormenores a Kevin sobre o desenrolar do caso.

– Sabes do que é que vais precisar quando saíres do tribunal? – perguntou ela. – De um passeio à noite para relaxar. Podíamos ir jantar fora. Vais estar de folga na sexta-feira, não é?

– Já fizemos isso na passagem de ano – resmungou Kevin, molhando novamente a torrada na gema que espalhara no prato. Tinha restos de compota nos dedos.

– Se não quiseses sair, posso preparar alguma coisa especial aqui em casa. O que quiseses. Podemos beber vinho e talvez acender a lareira, e posso vestir alguma coisa *sexy* para ti. Podemos fazer algo romântico. – Ele ergueu os olhos do seu prato enquanto ela falava. – É assim: estou aberta ao que quiseses – continuou, com uma voz doce. – Precisas de descansar. Não gosto quando trabalhas assim tanto. Até parece que estão à espera que resolvas

todos os casos que há na cidade.

Ele tamborilou o garfo no prato, observando-a.

– Porque é que estás assim, toda meiga e carinhosa? O que é que se passa?

Insistindo consigo própria para dar seguimento à encenação, ela levantou-se da mesa.

– Olha, esquece, está bem? – Ela pegou no seu prato e o garfo embateu nele, caindo sobre a mesa e depois no chão. – Estava a tentar demonstrar o meu apoio porque vais ter de sair da cidade, mas, se não gostaste das minhas ideias, está tudo bem. Depois decides o que queres fazer e quando tiveres tempo diz-me.

Erin dirigiu-se rapidamente até ao lava-louça, batendo pesadamente com os pés, e abriu a torneira com força. Sabia que o tinha surpreendido e podia senti-lo a hesitar entre a raiva e a confusão. Esfregou as mãos debaixo do jato de água e depois levou-as à cara. A seguir, inspirou o ar em golfadas rápidas, escondendo o rosto e fazendo um som estrangulado. E mexeu levemente os ombros.

– Estás a chorar? – perguntou ele. Ela ouviu-o a arrastar a cadeira para trás, para se levantar. – Por que raio estás a chorar?

Ela falou propositadamente aos soluços, esforçando-se por simular uma voz embargada. – Já não sei o que hei de fazer. Não sei o que queres. Eu sei como este caso é grande e importante, e toda a pressão que estás a sentir...

Ao sentir a aproximação dele, Erin soluçou ao proferir as derradeiras palavras. Quando sentiu o toque dele, estremeceu.

– Ei, está tudo bem – disse ele, a contragosto. – Não é preciso chorar.

Ela virou-se para ele com os olhos fechados, encostando o rosto ao peito de Kevin. – Eu só te quero fazer feliz – disse com a voz trémula, antes de secar a cara húmida na camisa dele.

– Vamos pensar em alguma coisa, está bem? Vamos ter um ótimo fim de semana, prometo. Para esquecer o que aconteceu ontem à noite.

Erin cingiu-o com os braços, abraçando-o e soluçando. Inspirou mais uma vez, inalando profundamente. – Desculpa por tudo isto. Sei que logo hoje não precisavas de ouvir isto. Este ataque de nervos que tive por causa de uma coisa insignificante. Já tens muito com que te preocupar.

– Vou conseguir dar conta de tudo – garantiu ele.

Kevin inclinou a cabeça e Erin ergueu-se para beijá-lo, ainda com os olhos fechados. Quando se afastou, ela limpou a cara com os dedos e abraçou-o de

novo. Quando ele a puxou para si, Erin sentiu que Kevin estava a ficar excitado. Sabia que a sua vulnerabilidade o excitava.

– Ainda temos algum tempo antes de eu ter de sair para o trabalho – disse ele.

– Preciso de arrumar a cozinha.

– Podes tratar disso depois – disse ele.

Alguns minutos mais tarde, com Kevin a movimentar-se em cima dela, Erin produziu os sons que ele desejava ouvir enquanto olhava pela janela do quarto e pensava noutras coisas.

Aprendera a odiar o inverno, com aquele frio insuportável e um jardim que ficava coberto por uma espessa camada de neve, porque não podia sair de casa. Kevin não gostava de deixá-la andar pela vizinhança, mas permitia que tratasse dos canteiros de flores no quintal, pois havia uma cerca em redor do terreno que lhe dava privacidade. Na primavera, Erin plantava flores em vasos e legumes num pequeno canteiro ao lado da garagem, onde o sol brilhava com força, longe da sombra das árvores. No outono, vestia uma camisola de lã e lia livros que trazia da biblioteca enquanto as folhas secas e quebradiças cobriam o quintal. Mas o inverno fazia com que a sua vida se transformasse numa prisão – fria, cinzenta e triste. Um tormento. Passava vários dias sem pôr os pés fora de casa, porque nunca sabia quando é que Kevin apareceria de surpresa. Erin só sabia o nome de um casal de vizinhos, os Feldman, que viviam do outro lado da rua. No primeiro ano de casados, Kevin raramente a agredira e, algumas vezes, ela saía para fazer caminhadas sem que ele a acompanhasse. Os Feldman, um casal mais velho, gostavam de tratar do jardim e, no primeiro ano em que ela ali morara, parara frequentemente para conversar com eles. Kevin tentou gradualmente acabar com aquelas visitas amigáveis. Agora, só visitava os Feldman quando sabia que Kevin estava ocupado com o trabalho e quando sabia que não poderia telefonar-lhe. Certificava-se de que nenhum outro vizinho a estava a observar antes de atravessar a rua a correr para bater à porta deles. Sentia-se como uma espia quando os visitava. Eles mostravam-lhe fotos das filhas, tiradas em diferentes épocas da vida. Uma morrera e a outra mudara-se para longe, e Erin achava-os tão solitários quanto ela. No verão, preparava tartes de mirtilos para os Feldman e depois passava o resto da tarde a limpar a farinha

espalhada pela cozinha, para que Kevin não desconfiasse.

Assim que Kevin saiu para o trabalho, ela limpou as janelas e colocou lençóis limpos na cama. Passou o aspirador e limpou a cozinha. Enquanto trabalhava, aproveitou para experimentar disfarçar a voz, praticando para falar com um tom mais grave, de modo a que pudesse soar como a voz de um homem. Tentou não pensar no telemóvel que deixara a carregar durante a noite escondido debaixo da bancada. Mesmo sabendo que poderia nunca mais ter uma hipótese tão boa, ainda estava aterrorizada, pois havia muitas coisas que poderiam correr mal.

Preparou o pequeno-almoço de Kevin na manhã de segunda-feira, como sempre fizera. Quatro fatias de *bacon*, ovos fritos num ponto intermédio e duas torradas. Ele estava mal-humorado e distraído e leu o jornal sem conversar muito. Antes de sair de casa, vestiu um sobretudo por cima do fato e ela disse-lhe que ia tomar um banho.

– Deve ser ótimo acordar todos os dias a saber que se pode fazer tudo o que se quiser, à hora que se quiser.

– O que é que queres para o jantar? – perguntou ela, fingindo não ter ouvido o que ele disse.

Ele pensou na pergunta. – Lasanha e pão de alho. E uma salada para acompanhar – respondeu.

Quando Kevin saiu, ela pôs-se em frente à janela, a observar o carro dele a afastar-se até chegar à esquina. Assim que ele virou, ela dirigiu-se ao telefone, sentindo-se levemente zozza ao pensar no que iria acontecer a seguir. Quando ligou para a companhia telefónica, foi transferida para o serviço de atendimento ao cliente. Passaram cinco ou seis minutos. Kevin levaria uns vinte minutos a chegar ao trabalho e, sem dúvida, ligaria para casa assim que lá chegasse. Ela ainda tinha tempo. Finalmente, um assistente começou a falar com ela e perguntou-lhe os dados. Nome, morada e o nome de solteira da mãe de Kevin. A conta do telefone estava em nome de Kevin e ela recitou as informações na voz grave que praticara anteriormente. Aquela voz não era parecida com a de Kevin, talvez nem sequer soasse masculina, mas o assistente estava com pressa e não percebeu.

– Gostaria de ativar um serviço de transferência de chamadas nesta linha telefónica. Será possível? – perguntou ela.

– Tem de pagar uma taxa extra para esse serviço, mas inclui chamadas em espera e correio de voz. Custa apenas...

– Está ótimo – disse ela, interrompendo o assistente. – Mas seria possível ativar o serviço hoje?

– Sim – disse o homem.

Ela ouviu-o a digitar algo no computador. Demorou um certo tempo até ele voltar a falar. Informou-a de que a taxa extra apareceria na próxima fatura, a enviar na semana seguinte, mas que seria cobrado o valor mensal total, apesar de o serviço estar a ser contratado naquele dia. Erin disse-lhe que não haveria problema. Ele pediu mais algumas informações e depois informou que poderia começar a usar de imediato o serviço. A conversa levava dezoito minutos a ser concluída. Kevin telefonou-lhe da esquadra três minutos depois.

Logo a seguir ao telefonema de Kevin, ela ligou para o Super Shuttle, um serviço de transporte especializado em levar pessoas ao aeroporto e à central de camionagem. Fez uma reserva para o dia seguinte. Depois, com o telemóvel na mão, finalmente ativou-o. Ligou para um cinema da cidade que tinha uma mensagem gravada com a programação dos filmes, para ter a certeza de que o aparelho estava a funcionar. A seguir, ativou o serviço de transferência de chamadas no telefone fixo, programando-o para que quaisquer chamadas fossem transferidas para o número do cinema. Para testar o esquema, usou o telemóvel para ligar para o telefone fixo. Tinha o coração aos pulos quando o aparelho tocou. Ao segundo toque, a chamada foi transferida e ela ouviu a gravação com a programação do cinema. Sentiu algo a libertar-se dentro do peito e tinha as mãos a tremer quando desligou o telemóvel e o voltou a colocar na caixa de esfregões. Voltou a reprogramar o telefone fixo.

Quarenta minutos depois, Kevin voltou a ligar. Erin passou o resto da tarde num estado de torpor, trabalhando sem parar para que a sua cabeça não tivesse tempo de se preocupar. Passou duas das camisas de Kevin e foi buscar o saco de proteção do fato e a mala que estavam guardados na garagem. A seguir, escolheu um par de meias limpas e engraxou um par de sapatos pretos dele. Passou a escova para tirar pelos do fato, o preto, que usava sempre que tinha de comparecer em tribunal, e pegou em três gravatas para que ele escolhesse a que iria querer usar. Esfregou o chão da casa de banho e os rodapés com vinagre até ficarem a brilhar. Depois, tirou com cuidado o pó de

cada peça de louça do armário onde guardava as porcelanas e começou a preparar a lasanha. Ferveu a massa e fez um molho à bolonhesa, alternando as camadas com fatias de queijo. Pincelou quatro fatias de pão italiano com manteiga, alho e orégãos e picou todos os ingredientes necessários para a salada. Por fim, tomou um banho e vestiu-se de forma *sexy*. Às cinco da tarde, Erin colocou a lasanha no forno.

Quando Kevin chegou a casa, o jantar estava pronto. Ele comeu a lasanha e falou sobre como tinha sido o seu dia. Quando pediu para repetir o prato, ela levantou-se da mesa e trouxe-lhe uma segunda porção. Depois do jantar, ele bebeu *vodka* enquanto assistia a repetições de *Seinfeld* e *O Rei do Bairro*. A seguir, assistiu ao jogo de basquetebol entre os Boston Celtics e os Minnesota Timberwolves e ela sentou-se ao seu lado. Ele adormeceu em frente à televisão e ela foi para o quarto. Deitou-se na cama, a olhar para o teto, até que Kevin acordou e foi a cambalear para a cama, tombando sobre o colchão. Adormeceu de imediato, com um braço por cima dela, e o barulho do seu ressonar soou como um alarme.

Na manhã de terça-feira, como de costume, Erin preparou o pequeno-almoço de Kevin. Ele guardou as roupas e os artigos de higiene pessoal na mala e estava pronto para ir para Marlborough. Depois, levou as coisas para o carro e regressou à porta da frente, onde ela estava. E beijou-a.

– Regresso amanhã à noite – disse ele.

– Vou ter saudades – disse ela, encostando a cabeça ao ombro dele e pousando-lhe os braços em volta do pescoço.

– Acho que devo chegar por volta das oito.

– Vou fazer alguma coisa que dê para aquecer quando chegares a casa. E que tal se for chili?

– Acho que como antes de regressar a casa.

– De certeza? Vais mesmo querer comer comida de plástico? Não te faz nada bem.

– Logo se vê – disse ele.

– Seja como for, vou preparar o chili. Caso mudes de ideias.

Kevin beijou-a enquanto ela o abraçava.

– Eu ligo mais tarde – disse ele, deslizando as mãos pelas costas dela, acariciando-a.

– Eu sei – respondeu Erin.

Na casa de banho, Erin despiu-se e colocou as roupas sobre a sanita e depois enrolou o tapete. Forrara o lavatório com um saco de lixo e, nua, olhou-se ao espelho. Deslizou os dedos pelos hematomas que tinha nas costelas e no pulso. As costelas estavam salientes e as olheiras davam ao seu rosto um aspeto quase cadavérico. Foi tomada por uma onda de fúria misturada com tristeza, à medida que imaginou como Kevin chamaria o seu nome ao entrar pela porta da frente, ao voltar da viagem. Iria chamá-la pelo nome e iria até à cozinha. Iria procurá-la no quarto. Verificaria também a garagem, o alpendre das traseiras e a cave. «Onde é que estás?», perguntaria ele. «O que temos para o jantar?»

Com a tesoura, começou a cortar ferozmente o seu próprio cabelo. Dez centímetros de cabelo louro caíram no saco de lixo. Pegou noutra madeixa, usando os dedos para a puxar, dizendo a si mesma para medir o comprimento, e cortou de novo. Sentiu um intenso aperto no peito.

– Odeio-te! – sibilou, com a voz trémula. – Sempre a bater-me e a humilhar-me! – Cortou mais madeixas do cabelo, com os olhos a encherem-se de lágrimas de fúria. – Bateste-me porque tive de fazer compras! – Caíram mais cabelos no lavatório. Tentou conter-se para conseguir igualar as pontas. – Levaste-me a roubar dinheiro da tua carteira e pontapeaste-me por estares bêbedo!

Já estava a tremer. As suas mãos vacilaram. Madeixas de diferentes tamanhos acumulavam-se aos seus pés. – Fizeste com que tivesse de me esconder! Bateste-me com tanta força que até vomitei!

Cortou novamente com a tesoura. – Eu amava-te! – disse, entre soluços. – Prometeste nunca mais me bater e acreditei em ti! Quis acreditar em ti! – Erin cortava o cabelo e chorava. Quando o seu cabelo ficou com um comprimento uniforme, tirou a tinta que escondera atrás do lavatório. Castanho-escuro. A seguir, entrou no duche e molhou o cabelo. Virou o frasco e começou a aplicar a tinta no couro cabeludo. Ficou em pé em frente ao espelho e chorou incontrolavelmente enquanto a nova cor se fixava ao cabelo. No final do processo, entrou novamente no duche e passou-o de novo por água. Lavou-o com champô e amaciador, e postou-se novamente em frente ao espelho. Cuidadosamente, aplicou o rímel nas sobrancelhas, escurecendo-as. Aplicou também creme bronzeador na pele, escurecendo-a. Vestiu uns *jeans* e uma camisola e fitou-se ao espelho.

Viu uma estranha, morena e de cabelos curtos, a olhar para si.

Limpou a casa de banho com bastante cuidado, certificando-se de que nenhum fio de cabelo ficava na base do duche ou no chão. Outras madeixas foram parar ao saco de lixo, assim como a embalagem da tinta para o cabelo. Esfregou o lavatório e o balcão da casa de banho e fechou o saco de lixo. Finalmente, deitou colírio nos olhos, tentando apagar os vestígios das lágrimas.

Erin tinha de se despachar. Guardou as suas coisas numa mochila. Três pares de *jeans*, duas camisolas, blusas. Cuecas e sutiãs. Meias. Escova e pasta de dentes. Uma escova para o cabelo. Rímel para as sobrancelhas. As poucas joias que possuía. Queijo, biscoitos, nozes e uvas-passas. Um garfo e uma faca. Foi até ao alpendre dos fundos e pegou no dinheiro que deixara escondido debaixo do vaso de flores. Pegou também no telemóvel que estava na cozinha. E, finalmente, a identificação que precisava para começar uma nova vida – documentos que tinha roubado de pessoas que confiavam nela. Sentiu ódio de si mesma por ter roubado e sabia que aquilo era errado, mas não teve outra escolha. Rezou e pediu a Deus que a perdoasse, pois já era tarde de mais para voltar atrás.

Ensaíara mentalmente a situação milhares de vezes e despachou-se. A maioria dos vizinhos já saíra para o trabalho. Não queria que ninguém a visse a sair de casa, não queria que ninguém a reconhecesse.

Erin pôs um chapéu e vestiu o casaco, assim como um cachecol e luvas. Depois, enfiou a mochila debaixo da camisola, apertando-a e enrolando-a até que assumisse um formato arredondado. Até que parecesse estar grávida. Vestiu também o sobretudo por cima da roupa. A peça era suficientemente grande para cobrir a barriga falsa. Olhou-se mais uma vez ao espelho. Cabelo curto e escuro. Pele cor de cobre. Grávida. Colocou um par de óculos escuros e, ao sair pela porta, ligou o telemóvel e programou o telefone fixo de casa para transferir as chamadas. Erin saiu pelo portão lateral, seguindo por entre a sua casa e a do vizinho ao longo da cerca, e colocou o saco de lixo no contentor da residência ao lado. Sabia que o casal que morava ali saíra para trabalhar e que não estava ninguém em casa. Com os vizinhos das traseiras a rotina era semelhante. Assim, atravessou o quintal dos vizinhos e seguiu junto à parede lateral, finalmente chegando ao passeio da rua, que estava coberto por uma fina camada de gelo.

A neve voltara a cair. Sabia que, no dia seguinte, as suas pegadas já teriam

desaparecido. Precisava de caminhar ao longo de seis quarteirões, mas não duvidava de que o conseguiria fazer. Manteve a cabeça baixa ao andar, tentando ignorar o vento cortante, sentindo-se zozza, livre e aterrorizada, tudo ao mesmo tempo. Sabia que, na noite do dia seguinte, Kevin andaria pela casa, a chamar por si, e não a encontraria, porque ela já não estaria lá. E, nessa mesma noite, ele iniciaria a sua caçada.

Flocos de neve riscavam o ar enquanto Katie esperava no cruzamento, em frente à porta de um restaurante. Ao longe, viu a carrinha azul do Super Shuttle a dobrar a esquina e o seu coração bateu mais forte no peito. Naquele preciso momento, ouviu o telemóvel a tocar.

Erin perdeu a cor. Os carros passavam em alta velocidade à sua frente, com os pneus a fazer ruído ao esmagarem a neve acumulada na rua. Ao longe, a carrinha mudou de faixa, aproximando-se do lado da rua onde ela estava. Ela tinha de atender; não havia outra hipótese que não fosse atender o telefone. Mas a carrinha estava a aproximar-se e havia muito ruído na rua. Se atendesse, Kevin perceberia que estava fora de casa. Perceberia que o abandonara.

O telefone tocou pela terceira vez. A carrinha azul parou num sinal vermelho. A um quarteirão de distância.

Ela voltou-se, entrando no restaurante. Os sons estavam abafados, mas ainda eram perceptíveis – uma sinfonia de pratos a bater uns contra os outros e pessoas a conversar. Mais à frente estava o balcão da rececionista, onde um homem pedia que o conduzissem a uma mesa. Erin sentiu o estômago em convulsão. Tapou o bocal do telefone com uma das mãos e olhou pela janela, rezando silenciosamente para que ele não conseguisse ouvir o bulício que havia à sua volta. Sentiu as pernas a tremer enquanto pressionou o botão e atendeu a chamada.

– Porque é que demoraste tanto a atender? – quis saber Kevin.

– Eu estava no duche. O que é que se passa?

– Ainda faltam dez minutos para me chamarem. E tu, como estás?

– Estou bem – respondeu ela.

Ele hesitou. – A tua voz está estranha. Passa-se alguma coisa de errado com o telefone?

A um quarteirão de distância, acendeu-se a luz verde no semáforo. A

carrinha do Super Shuttle aproximou-se do passeio, com o pisca a indicar que iria estacionar. Atrás dela, as pessoas do restaurante tinham ficado surpreendentemente silenciosas. – Não sei. Mas estou a ouvir-te muito bem – respondeu ela. – Provavelmente a rede de telemóvel é má aí onde estás. Como é que correu a viagem?

– Depois de sair da cidade, não foi má. Mas em alguns sítios ainda há gelo a cobrir a faixa de rodagem.

– Isso não parece ser muito bom. Tem cuidado.

– Eu estou bem – disse ele.

– Eu sei – disse ela.

A carrinha tinha estacionado ao lado do passeio, com o motorista a esticar o pescoço, à procura dela.

– Detesto ter de fazer isto, mas não queres ligar-me daqui a uns minutos? Ainda estou com o cabelo cheio de amaciador e preciso de passá-lo por água.

– Tudo bem. Ligo daqui a uns minutos – resmungou ele.

– Amo-te.

– Também te amo.

Ela deixou que fosse Kevin a desligar antes de pressionar o botão para terminar a chamada no telemóvel. A seguir, saiu do restaurante e correu para a carrinha. Ao chegar à central de camionagem, comprou um bilhete para Filadélfia, detestando a atitude do homem que lho vendeu, que insistia em tentar encetar conversa.

Em vez de esperar no terminal, atravessou a rua para tomar o pequeno-almoço. O dinheiro para a carrinha e para o bilhete de autocarro tinham levado mais de metade do que ela guardara durante o ano, mas estava cheia de fome. Pediu panquecas, salsichas e leite. Alguém se esquecera de um jornal em cima da mesa e ela obrigou-se a lê-lo. Kevin ligou para Erin enquanto ela comia. Quando ele mencionou outra vez que a voz dela estava estranha, ela disse que poderia ser por causa do nevão.

Vinte minutos depois, entrou no autocarro. Uma senhora idosa apontou para a barriga falsa enquanto ela passava pelo corredor.

– Quanto tempo falta até o parto?

– Um mês.

– É o primeiro?

– Sim – respondeu ela, mas a sua boca estava tão seca que lhe era difícil

manter a conversa. Continuou pela coxia do autocarro e sentou-se num dos últimos lugares. Havia pessoas sentadas à sua frente e também atrás. Do outro lado, estava um jovem casal. Adolescentes, um deitado por cima do outro, a ouvir música. As cabeças balançavam para cima e para baixo. Erin olhou pela janela enquanto o autocarro saía do terminal e tudo aquilo lhe pareceu um sonho. Na estrada, Boston começou a ficar cada vez menor ao longe, cinzenta e fria. Doíam-lhe as costas à medida que o autocarro avançava, percorrendo quilómetros e quilómetros. A neve continuou a cair e os pneus dos carros espalhavam a neve suja ao passarem pelo autocarro. Desejou poder conversar com alguém. Queria contar a alguém que estava a fugir porque o marido lhe batia e que não podia chamar a polícia porque ele era agente. Queria contar a alguém que não tinha muito dinheiro e que nunca mais poderia usar o seu próprio nome. Se o fizesse, ele iria encontrá-la e arrastá-la de volta para casa. E voltaria a bater-lhe, mas então por certo não pararia. Queria contar a alguém que estava aterrorizada porque não sabia onde dormir naquela noite ou o que fazer para conseguir comer quando o seu dinheiro acabasse.

Erin sentiu o ar frio na janela enquanto o autocarro passava por outras cidades. O trânsito na estrada diminuiu, mas pouco tempo depois voltou a intensificar-se. Ela não sabia o que fazer a seguir. Os seus planos terminavam no autocarro e não havia ninguém a quem pudesse ligar para pedir ajuda. Estava sozinha e não tinha nada além das coisas que levava consigo.

Uma hora antes de chegar a Filadélfia, o telemóvel tocou novamente. Ela cobriu o bocal com a mão e conversou com Kevin. Antes de desligar, ele prometeu ligar novamente antes de ir para a cama.

Erin chegou a Filadélfia ao final da tarde. Estava frio, mas não nevava. Os passageiros desembarcaram do autocarro e ela deixou-se ficar para trás, à espera que todos saíssem. Na casa de banho, tirou a mochila de debaixo da roupa, foi para a sala de espera e sentou-se num dos bancos. Tinha o estômago a roncar. Pegou num pedaço de queijo e comeu-o com alguns biscoitos. Sabia que teria de fazer aquela comida durar e guardou o resto outra vez na mochila, mesmo estando com fome. Finalmente, depois de comprar um mapa da cidade, saiu da central de camionagem.

O terminal rodoviário não ficava numa zona perigosa de Filadélfia. Viu o

centro de congressos e o Trocadero Theater. Sentiu-se segura, mas ao mesmo tempo também constatou que nunca teria condições de pagar um quarto de hotel naquela área. O mapa indicava que estava junto ao bairro de Chinatown e, sem um plano melhor, dirigiu-se para lá.

Três horas mais tarde, encontrou finalmente um lugar para dormir. O lugar era imundo e cheirava a fumo de cigarro, e o seu quarto mal tinha espaço para a pequena cama que lá tinham enfiado. Não havia candeeiro, apenas uma lâmpada pendurada no teto, e todos os quartos partilhavam a mesma casa de banho, ao fundo do corredor. As paredes eram cinzentas e estavam manchadas pela humidade. Nos quartos vizinhos, dava para ouvir as pessoas a conversar num idioma que ela não conseguia entender. Mesmo assim, o dinheiro de que dispunha não lhe permitira ir para outro lugar. A quantia era suficiente para passar três noites ali, ou quatro, se conseguisse sobreviver com a pouca comida que levara de casa.

Sentou-se na beira da cama, a tremer, com medo daquele lugar, com medo do futuro e com a mente num turbilhão. Tinha de ir à casa de banho, mas não queria sair do quarto. Tentou convencer-se a si própria de que seria uma aventura e que tudo acabaria bem. Por mais estranho que parecesse, Erin começou a questionar-se se sair de casa teria sido um erro. Tentou não pensar na sua cozinha, no seu quarto e em todas as coisas que deixara para trás. Sabia que podia comprar um bilhete de regresso a Boston e chegar a casa antes que Kevin se apercebesse que fugira. Mas agora tinha o cabelo curto e castanho, e isso não saberia como explicar.

Do lado de fora, o sol já desaparecera, mas as luzes da rua iluminavam o quarto através da janela suja. Ouviu o som de buzinas e olhou para a rua. No exterior, todas as fachadas tinham nomes escritos com caracteres chineses e algumas das lojas ainda estavam abertas. Dava para ouvir algumas das conversas que vinham dos cantos mais escuros e havia sacos de plástico cheios de lixo empilhados nas calçadas. Estava numa cidade que não conhecia, cercada por estranhos. Pensou que, afinal, talvez não conseguisse libertar-se. Que não seria suficientemente forte. Daí a três dias, não teria um lugar onde dormir a menos que conseguisse encontrar um emprego. Se vendesse as suas joias talvez pudesse pagar mais uma noite no hotel, mas, e depois? O que faria?

Sentiu-se muito cansada e tinha as costas ainda a latejar. Deitou-se e o sono surgiu quase imediatamente. Kevin telefonou-lhe mais tarde e o toque do

telefone despertou-a. Necessitou de toda a sua força e concentração para falar com uma voz firme, para evitar que ele descobrisse a sua fuga. Mesmo assim, soou tão cansada quanto realmente estava, levando Kevin a acreditar que estava na cama do casal. Depois de ele desligar, adormeceu em poucos minutos.

De manhã, ouviu pessoas a andar pelo corredor, dirigindo-se à casa de banho. Duas mulheres chinesas estavam em frente aos lavatórios. O revestimento da parede estava coberto por bolor verde e havia papel higiénico molhado no chão. A porta do cubículo não tinha tranca e ela teve de a segurar com a mão.

De regresso ao quarto, tomou um pequeno-almoço composto por queijo e biscoitos. Pensou em tomar um banho, mas percebeu que se esquecera de levar champô e sabonete, pelo que não seria possível. Trocou de roupa e escovou os dentes e o cabelo. A seguir, guardou as suas roupas de novo na mochila, pois não queria deixá-las no quarto, e passou a alça pelo ombro. Desceu as escadas e reparou que na receção permanecia o mesmo funcionário que lhe entregara a chave do quarto. Calculou que ele nunca saísse de trás do balcão. Pagou mais uma noite e pediu-lhe que mantivesse o quarto reservado.

No exterior, o céu estava azul e as ruas secas. Constatou que a dor nas costas praticamente desaparecera. Estava frio, mas não tanto quanto em Boston e, apesar dos seus receios, percebeu que estava a sorrir. Fez questão de recordar a si própria que conseguira. Kevin estava a centenas de quilómetros de distância e não sabia do paradeiro dela. Ele ligaria mais uma ou duas vezes. Depois, ela deitaria o telefone fora e nunca mais teria de voltar a falar com ele.

Erin empinou a cabeça e respirou o ar gelado. Achou o dia revigorante, cheio de possibilidades. Iria encontrar um emprego naquele mesmo dia. *Hoje*, decidiu, iria começar a viver o resto da sua vida.

Já fugira duas vezes antes e gostava de pensar que aprendera com os erros. A primeira vez aconteceu pouco antes de completar um ano de casamento, depois de Kevin lhe bater enquanto ela se agachou num canto do quarto. As contas da casa tinham chegado e Kevin ficou irritado por ela ter mexido no termóstato para aquecer a casa. Quando finalmente parou de agredi-la, pegou

nas chaves do carro e saiu de casa para comprar mais bebidas. Sem pensar no que estava fazendo, ela pegou no casaco e saiu de casa, percorrendo as ruas a coxear. Horas depois, por entre fiapos de neve e sem ter para onde ir, telefonou-lhe e ele foi buscá-la.

Na ocasião seguinte, Erin chegou até Atlantic City antes de ele a encontrar. Retirara dinheiro da carteira de Kevin e comprara um bilhete de autocarro, mas ele encontrou-a menos de uma hora depois de Erin chegar ao seu destino. Kevin percorreu a estrada a alta velocidade, sabendo que ela correria para o único lugar onde ainda tinha amigos. Algemou-a ao banco de trás do carro antes de voltar para casa. No caminho, parou o carro ao lado de um prédio de escritórios abandonado e bateu-lhe outra vez. Mais tarde, naquela noite, surgiu a arma.

Depois daquele episódio, ele criou-lhe mais obstáculos à fuga. Deixava o dinheiro fechado e começou a verificar obsessivamente o seu paradeiro. Ela sabia que ele tomaria atitudes extremas para a encontrar. Por mais louco que fosse, Kevin era também persistente e metódico e o seu instinto raramente falhava. Iria descobrir que ela estava em Filadélfia e iria encontrá-la. Erin estava provisoriamente em vantagem, mas, sem dinheiro para recomeçar a vida em qualquer outro lugar, tudo o que lhe restava fazer era olhar por cima do ombro, mas apenas por um breve período. A sua estadia em Filadélfia seria curta.

Ao fim de três dias, encontrou emprego como empregada de mesa para servir *cocktails*. Inventou um nome e um número de segurança social. Ao fim de algum tempo, os dados seriam verificados, mas nessa altura ela já teria partido. Encontrou outro quarto para alugar na zona mais distante de Chinatown. Assim, trabalhou durante duas semanas, acumulando o dinheiro das gorjetas enquanto procurava outro emprego. Quando encontrou, deixou o emprego de empregada de mesa sem se incomodar em levantar o salário. Não valeria a pena. Sem uma identidade válida, não conseguiria descontar o cheque. Trabalhou durante mais três semanas num pequeno restaurante e mudou-se para outro hotel, que alugava quartos à semana. Embora estivesse numa zona mais perigosa da cidade, o quarto era mais caro, mas tinha uma casa de banho privativa com água quente. Valia a pena, mesmo que fosse apenas para ter um pouco de privacidade e um lugar onde pudesse deixar as suas coisas. Erin juntara algumas centenas de dólares em gorjetas, mais do que tinha quando saiu de Dorchester, mas ainda não era o suficiente para

recomeçar a sua vida. Abandonou de novo o emprego sem levantar o salário, sem se dar sequer ao trabalho de apresentar a demissão. Encontrou outro emprego alguns dias depois, novamente a trabalhar num restaurante. No novo emprego, disse ao gerente que se chamava Erica.

As constantes mudanças de emprego e de hotel levaram-na a manter-se vigilante e foi nessa altura, apenas quatro dias depois de ter começado, que, ao dobrar uma esquina a caminho do trabalho, viu um carro que, de algum modo, lhe pareceu estranho. Ela deteve-se.

Mesmo passado tanto tempo, ainda não sabia explicar o que lhe despertara a atenção, além do facto de o carro estar limpo o suficiente para refletir os raios do sol matinal. Ao olhar para o carro, viu movimento no banco do condutor. O motor não estava ligado e pareceu-lhe estranho ver alguém dentro de um veículo sem o aquecimento ligado numa manhã fria. Sabia que as únicas pessoas que faziam aquilo eram as que estavam à espera de alguém.

Ou à procura de alguém.

Kevin.

Erin percebeu que era ele. Percebeu isso com uma certeza que a surpreendeu a si mesma. Deu meia-volta e dobrou de novo esquina, regressando pelo mesmo caminho por onde viera, rezando para que ele não a tivesse visto pelo espelho retrovisor. Assim que o carro desapareceu do seu campo de visão, desatou a correr de volta ao hotel, com o coração aos pulos. Já há anos que não corria assim tão depressa, mas todas as caminhadas que fizera nas últimas semanas tinham-lhe fortalecido as pernas e por isso foi bastante rápida. Um quarteirão. Dois. Três. Olhou constantemente por cima do ombro, mas Kevin não a seguiu.

Isso não interessava. Ele sabia que ela estava ali. Sabia onde ela trabalhava. Iria saber se ela não aparecesse para trabalhar. Dentro de poucas horas, descobriria o lugar onde ela estava a morar. De volta ao quarto, pôs as suas coisas na mochila e saiu pela porta em poucos minutos. Começou a dirigir-se à central de camionagem. Mesmo assim, levaria imenso tempo até lá chegar. Uma hora de caminhada, talvez mais, e ela não dispunha de tanto tempo. Seria o primeiro lugar onde ele iria quando percebesse que não aparecera no restaurante. Dando meia-volta, regressou ao hotel e pediu ao rececionista que lhe chamasse um táxi. O veículo chegou dez minutos depois. Os dez minutos mais longos da sua vida.

Na central de camionagem, examinou freneticamente os horários e escolheu um que iria para Nova Iorque e que sairia dali a meia hora. Escondeu-se na casa de banho das mulheres até à hora de embarcar. Quando entrou no autocarro, deixou-se afundar no seu assento. O autocarro chegou rapidamente a Nova Iorque. Mais uma vez, examinou os horários e comprou um bilhete para Omaha.

No início da noite, desembarcou algures no estado do Ohio. Dormiu no terminal e na manhã seguinte foi a pé a uma bomba de gasolina à beira da estrada, onde conheceu um homem que ia fazer uma entrega em Wilmington, na Carolina do Norte.

Uns dias mais tarde, depois de vender as suas joias, chegou a Southport e encontrou a cabana. Depois de pagar o primeiro mês de renda, não lhe sobrava dinheiro para comprar comida.

Em meados de junho, Katie estava a sair do Ivan's após uma noite de grande movimento quando se apercebeu de um vulto familiar junto à porta.

– Olá – disse Jo, acenando. Estava sob o candeeiro onde Katie prendera a sua bicicleta.

– Olá! O que andas aqui a fazer? – perguntou Katie, inclinando-se para abraçar a amiga. Nunca se deparara com Jo na cidade e vê-la longe de casa pareceu-lhe, de certa forma, um pouco estranho.

– Vim à tua procura. Desapareceste.

– Poderia dizer o mesmo a teu respeito.

– Eu estive suficiente perto para saber que tu e o Alex estão juntos há umas semanas – disse ela, piscando o olho. – Mas, como amiga, nunca me pareceu que fosse correto meter-me na tua vida. Imaginei que vocês os dois precisassem de algum tempo a sós.

Katie sentiu-se a enrubescer, contra a sua vontade. – E como é que sabias que eu estava aqui?

– Não sabia. Mas as luzes de tua casa estão apagadas e resolvi arriscar – explicou Jo, encolhendo os ombros. Apontou por cima do ombro. – Tens alguma coisa para fazer? Gostavas de ir beber um copo antes de regressar a casa? – Apercebendo-se da hesitação de Katie, insistiu. – Sei que é tarde. É só um copo, prometo. Depois, deixo-te dormir em paz.

– Um copo, seja – concordou Katie.

Poucos minutos depois, entraram num *pub*, um dos lugares preferidos dos habitantes de Southport. As paredes eram revestidas a madeira escura, marcada pelas décadas de uso, com um comprido espelho atrás do balcão do bar. O lugar estava sossegado naquela noite. Havia apenas algumas mesas ocupadas e as duas mulheres sentaram-se numa que estava ao fundo da sala. Como aparentemente não havia empregados, Katie pediu dois copos de vinho ao balcão e levou-os para a mesa.

– Obrigada – disse Jo, pegando no copo. – Da próxima vez, pago eu – acrescentou, recostando-se no assento. – Então, tu e o Alex estão juntos?

– Queres mesmo que eu fale disso? – perguntou Katie.

– Bem, como a minha vida amorosa está um caos, tenho de me contentar em saber que estás feliz com a tua. Parece mesmo que as coisas te estão a correr bem. Quantas vezes é que ele foi a tua casa? Duas ou três vezes na semana passada? E outras tantas na semana anterior?

Na verdade, foram mais, pensou Katie. – Mais ou menos.

Jo pegou no seu copo pelo pé e girou-o entre os dedos. – Estou a ver.

– Estás a ver o quê?

– Se não te conhecesse, seria levada a pensar que esse teu relacionamento está a tornar-se algo sério – comentou, erguendo uma sobrancelha.

– Ainda estamos a conhecer-nos – arriscou Katie, sem saber onde Jo queria chegar com aquelas perguntas.

– É assim que começam todos os relacionamentos. Ele gosta de ti, tu gostas dele. E, a partir daí, as coisas evoluem naturalmente.

– Foi para isso que me foste esperar à porta do trabalho? Para saberes todos os pormenores? – Katie tentou não parecer desesperada.

– *Todos* os pormenores, não, apenas os mais importantes.

Katie revirou os olhos. – Em vez disso, e que tal falarmos da tua vida amorosa?

– Porquê? Queres ficar deprimida?

– Quando foi a última vez que saíste com alguém?

– Um encontro dos bons? Ou um encontro sem nada de especial?

– Um dos bons.

Jo hesitou. – Diria que já lá vão pelo menos uns dois anos.

– E o que é que aconteceu?

Jo molhou a ponta do dedo no vinho e depois fê-la deslizar pela beira do copo, o que gerou um som suave. Finalmente, ergueu os olhos.

– É difícil encontrar um homem bom e gentil – disse ela, suspirando. – Nem toda a gente tem a sorte que tu tiveste.

Katie não soube como responder àquela frase. Assim, limitou-se a tocar na mão de Jo com a sua.

– A sério, o que é que se passa? – perguntou ela, gentilmente. – Porque é que vieste até aqui para conversar comigo?

Jo olhou em volta do bar, que estava praticamente vazio, como se tentasse

encontrar inspiração no ambiente envolvente. – Já alguma vez te sentaste e começaste a pensar no sentido de tudo isto? Se a vida é sempre assim, ou se há algo maior lá fora? Ou se estavas destinada a ter algo melhor?

– Acho que já toda a gente passou por isso – respondeu Katie, cada vez mais curiosa.

– Quando eu era pequena, costumava fazer de conta que era uma princesa. Uma princesa boa, que fazia sempre o que estava certo e com o poder de melhorar a vida das pessoas para que, no final, elas vivessem felizes para sempre.

Katie assentiu levemente com a cabeça. Lembrava-se de imaginar a mesma coisa em criança, mas ainda não percebera onde Jo pretendia chegar com aquela conversa. Assim, permaneceu em silêncio.

– Acho que é por isso que tenho o meu atual emprego. Quando comecei, queria apenas poder ajudar. Via as pessoas que estavam a lutar contra a perda de alguém que amavam – um pai, um filho, um amigo – e o meu coração transbordava de compaixão. Tentei fazer tudo o que estava ao meu alcance para melhorar a situação dessas pessoas. Mas, com o passar do tempo, comecei a perceber que só conseguiria ajudar até um certo ponto. E também que, a partir desse ponto, as pessoas que estavam a sofrer precisavam de querer dar um passo em frente. O primeiro passo, aquela faísca motivadora, tem de vir de dentro delas. E, quando isso acontece, é como se uma porta para o inesperado se abrisse.

Katie respirou fundo, tentando compreender o sentido das palavras de Jo. – Não estou perceber o que me queres dizer.

Jo rodou o copo, estudando o pequeno redemoinho que se formara no vinho. Pela primeira vez, assumiu um tom muito sério. – Estou a falar de ti e do Alex.

Katie não conseguiu disfarçar a sua surpresa.

– De mim e do Alex?

– Sim – disse ela, assentindo com a cabeça. – Ele falou-te da morte da mulher, não foi? Sobre como foi difícil para ele e para os filhos superarem aquela perda?

Katie olhou fixamente para Jo, sentindo-se de repente desconfortável. – Sim... – ia a dizer.

– Então tem cuidado com eles – disse Jo, com a voz séria. – Com todos eles. Cuidado para não os magoar.

No silêncio desconfortável que se seguiu àquelas palavras, Katie lembrou-se da primeira conversa que as duas tiveram a respeito de Alex.

Já se passou alguma coisa entre vocês?, lembrava-se de ter perguntado a Jo. *Sim, mas não da maneira que estará a imaginar*, respondera ela. *E, para que as coisas fiquem bem claras, isso já foi há bastante tempo e cada um prosseguiu com a sua vida.*

Na altura em que tiveram aquela conversa, presumira que aquilo significava que ela e Alex tinham andado juntos no passado, mas agora...

Ficou chocada com quão óbvio aquilo era. A psicóloga que Alex mencionara, a pessoa que ajudou as crianças e que o aconselhou depois da morte de Carly fora Jo. Katie endireitou-se no seu lugar.

– Trabalhaste com o Alex e as crianças, não foi? Depois de a Carly ter morrido?

– Prefiro não falar sobre isso – respondeu Jo. O seu tom de voz era calmo e calculado. Exatamente como o de uma psicóloga. – O que te posso dizer é que... todos são muito importantes para mim. E, se não estiveres a pensar seriamente em partilhar o teu futuro com eles, acho que seria melhor terminares com tudo agora. Antes que seja tarde de mais.

Katie sentiu-se empalidecer. Parecia inapropriado – talvez até mesmo presunçoso – que Jo abordasse o assunto.

– Na verdade, não acho que isso seja da tua conta – disse ela, com a voz estrangulada.

Jo deu razão a Katie com um leve aceno de cabeça. – Tens razão. Isso não é da minha conta e eu estou a passar certos limites com esta conversa. Mas realmente acho que eles passaram por um período muito difícil e que sofreram de mais. E a última coisa que quero é que se apeguem a alguém que não tenha a intenção de continuar a viver em Southport. Talvez me esteja a preocupar com a possibilidade de o passado nem sempre ficar no passado e que possas optar por partir, independentemente da tristeza que deixes para trás.

Katie ficou sem palavras. Aquela conversa era totalmente inesperada, totalmente desconfortável. E as palavras de Jo tinham deixado as suas emoções num turbilhão.

Jo prosseguiu, mesmo apercebendo-se do desconforto de Katie. – O amor não significa nada se não estiveres disposta a assumir um compromisso e não podes pensar apenas no que queres. Tens de pensar também no que ele quer.

Não só agora, como também no futuro. – Continuou a olhar fixamente para Katie, à sua frente. – Estás preparada para ser uma esposa para o Alex e uma mãe para os filhos dele? Porque é isso que o Alex quer. Talvez não agora, mas no futuro vai ser. E se não estiveres disposta a comprometer-te, se pretenderes apenas brincar com os sentimentos dele e com os das crianças, então não és a pessoa que ele precisa de ter ao seu lado.

Antes que Katie pudesse dizer qualquer coisa, Jo levantou-se da mesa, sem parar de falar. – Pode ter sido errado da minha parte dizer-te isto tudo e agora se calhar já não poderemos ser amigas. Mas não me sentiria bem comigo mesma se não dissesse tudo isto abertamente. Como disse desde o início, ele é um bom homem. Um homem raro. Ele ama profundamente e nunca deixa de amar.

– Ela deixou que Katie absorvesse aquelas palavras antes de a sua expressão se suavizar repentinamente. – Acho que és igual a ele. Mesmo assim, queria lembrar-te que, se gostas dele, tens de estar disposta a comprometeres-te. Independentemente do que possa acontecer no futuro. Independentemente de qualquer medo que tenhas.

A seguir, voltou-se e saiu do bar, deixando Katie sentada à mesa, num silêncio estupefacto. Só quando se levantou para sair é que percebeu que Jo não tocara no vinho.

Kevin Tierney não foi a Provincetown naquele fim de semana, ao contrário do que dissera a Coffey e a Ramirez. Em vez disso, ficou em casa com as cortinas fechadas, a pensar em como estivera perto de a encontrar em Filadélfia.

Não teria conseguido segui-la até tão longe se não fosse por um erro que ela cometera durante a fuga, ao ir até à central de camionagem. Ele sabia que aquele era o único meio de transporte que ela poderia usar. Os bilhetes eram baratos e não era necessária identificação e, embora não tivesse a certeza de quanto dinheiro ela lhe roubara, sabia que não podia ter sido muito. Desde o dia em que se casaram que controlava o dinheiro. Obrigava-a sempre a guardar todos os recibos e a devolver-lhe o troco de qualquer coisa que comprasse. Entretanto, depois de ela ter fugido pela segunda vez, também começara a fechar a sua carteira no estojo onde guardava as armas, antes de se deitar para dormir. Mesmo assim, às vezes adormecia no sofá e imaginou que, nessas ocasiões, ela lhe tirasse a carteira do bolso e lhe roubasse o dinheiro. Imaginou-a a rir-se em silêncio quando fazia aquilo e como, pela manhã, lhe preparava o pequeno-almoço e fingia não ter feito nada de mal. Ela sorria e beijava-o, mas, por dentro, estava a rir-se. A rir-se dele. Roubara-o e ele sabia que aquilo era errado, pois a Bíblia diz: *Não roubarás*.

No escuro, mordeu o lábio, lembrando-se da esperança que tivera nos primeiros dias, imaginando que ela fosse voltar. Estava a nevar e ela não poderia ter ido longe. Da primeira vez que Erin fugira, a noite também estava impiedosamente fria e ela telefonara-lhe após algumas horas, pedindo-lhe que fosse buscá-la, pois não tinha nenhum lugar para onde pudesse ir. Quando chegou a casa, desculpou-se pelo que fizera e Kevin preparou-lhe uma chávena de chocolate quente enquanto ela estava sentada no sofá, a tremer de frio. Trouxe-lhe um cobertor e observou-a enquanto ela se cobriu, a tentar aquecer-se. Ela sorriu-lhe e ele retribuiu o sorriso. Quando ela parou de tremer, ele atravessou a sala e esbofeteou-a até a ouvir chorar. Ao acordar

para trabalhar de manhã, Erin já tinha limpado o chocolate quente que derramara no chão, embora ainda houvesse uma mancha na carpete, que ela nunca conseguiu remover por completo. E, volta e meia, irritava-o ver aquela mancha.

Na noite em que percebeu que ela desaparecera, em janeiro passado, Kevin bebera dois copos de *vodka* enquanto esperou que ela voltasse, mas o telefone não tocou e a porta da frente permaneceu fechada. Sabia que ela não tinha partido há muito tempo. Tinham conversado menos de uma hora antes e ela dissera-lhe que estava a preparar o jantar. Mas não havia nenhum jantar no fogão. Nenhum sinal dela na casa, na cave ou na garagem. Foi ao alpendre e procurou pegadas na neve, mas era óbvio que Erin não saíra pela porta da frente. A neve no quintal também não tinha qualquer pegada ou sinal suspeito, pelo que também não fora por aquela porta que ela saíra. Era como se ela tivesse simplesmente flutuado para longe, ou desaparecido no ar. E aquilo significava que deveria estar em casa... só que não estava.

Dois copos de *vodka* e meia hora depois Kevin já estava possuído pela fúria. Foi nessa altura que abriu um buraco na porta do quarto com um soco. Saiu de casa e bateu com força na porta dos vizinhos, perguntando se tinham percebido quando ela saíra, mas nenhum deles soube responder. Entrou no carro e conduziu freneticamente pelas ruas do bairro, à procura de rastros que ela pudesse ter deixado, tentando entender como é que conseguira sair de casa sem deixar qualquer pista. Imaginou que ela talvez tivesse duas horas de vantagem, mas, como estaria a pé, e com a neve a cair, não poderia ter ido longe. A menos que alguém a tivesse ido buscar. Alguém de quem ela gostasse. Um homem.

Socou o volante, com o rosto contorcido pela fúria. A zona comercial da cidade ficava a seis quarteirões de distância. Ele passou por várias lojas, mostrando uma foto de Erin que tinha na carteira e perguntando às pessoas se a tinham visto. Ninguém respondeu afirmativamente. Disse que ela poderia estar acompanhada por um homem, mas, mesmo assim, as respostas negativas continuaram. Os homens que ele abordou foram incisivos. «Uma loira bonita como ela? Teria reparado, especialmente numa noite como esta», diziam.

Kevin regressou ao carro e percorreu todas as ruas e estradas num raio de oito quilómetros de casa, duas ou três vezes, antes de finalmente desistir. Eram três horas da manhã e a casa estava vazia. Depois de mais uma *vodka*,

começou a chorar e não parou até adormecer. De manhã, quando acordou, teve um novo acesso de fúria. Com um martelo, destruiu os vasos de flores que Erin tinha no quintal. Resfolegando, ligou para a esquadra e disse que não podia ir trabalhar, pois estava doente. Depois, sentou-se no sofá e tentou desvendar de que maneira ela fugira. Era certo que tivera alguma ajuda. Alguém a teria levado para algum lugar. Alguém que ela conhecia. Algum amigo de Atlantic City? Altoona? Era possível, supôs ele, embora verificasse cuidadosamente as contas de telefone todos os meses. Ela nunca fizera nenhuma chamada para longe. Seria então alguém que morasse em Dorchester. Mas quem? Ela nunca ia a lado nenhum e nunca conversava com ninguém. Ele nunca permitiu.

Foi para a cozinha e estava a servir-se de mais um copo de *vodka* quando ouviu o telefone tocar. Foi disparado atender, à espera que fosse Erin. No entanto, estranhamente, o telefone tocou apenas uma vez e, quando atendeu, ouviu um som de uma chamada a ser estabelecida. Olhou para o aparelho, a tentar perceber o que se estava a passar.

Como é que ela conseguira escapar? Alguma coisa lhe tinha passado ao lado. Mesmo se alguém que morasse na cidade a tivesse ajudado, como é que teria chegado até à rua sem deixar pegadas na neve? Olhou pela janela, tentando reconstruir a sequência de eventos. Havia ali algo que não encaixava, embora não conseguisse identificar o que era. Virou-se de costas para a janela e deu por si a concentrar-se no telefone. Foi então que as peças finalmente se encaixaram e ele pegou no telemóvel. Ligou para o telefone fixo e ouviu-o tocar uma vez. O telemóvel continuou a chamar. Quando pegou no auscultador do aparelho fixo, escutou um som de ligação em curso e percebeu que ela transferira as chamadas para outro telemóvel. E aquilo significava que não estava em casa quando ele lhe telefonara na noite anterior, além de explicar por que razão a ligação estava má nos dois dias anteriores. E, é claro, a falta de pegadas na neve. Kevin percebeu então que Erin já não estava em casa desde a manhã de terça-feira.

Na central de camionagem, ela cometeu um erro, mas que nunca conseguiria evitar. Deveria ter comprado o bilhete a uma funcionária, e não a um homem. Erin era bonita e os homens nunca esqueciam uma mulher bonita. Não importava se tivesse o cabelo comprido e louro ou curto e

castanho. Também não importava que fingisse estar grávida.

Ele foi à central de camionagem. Mostrou o seu distintivo e uma fotografia maior da esposa. Nas primeiras duas vezes em que ele ali estivera, nenhum dos funcionários que vendiam bilhetes a reconhecera. Na terceira vez, no entanto, um deles hesitou e disse que poderia tê-la visto, a não ser pelo facto de ter o cabelo curto e castanho e também por estar grávida.

Kevin regressou a casa e encontrou uma fotografia de Erin no computador. Usou o *Photoshop* para alterar a cor do cabelo, de louro para castanho. Depois, «cortou-o». Telefonou novamente para a esquadra na sexta-feira e informou que estava doente. «É ela», confirmou o homem da bilheteira, e Kevin sentiu uma onda de energia a apoderar-se de si. Erin pensou que era mais esperta do que ele, mas, na verdade, era estúpida e descuidada, e cometera um erro. Ele tirou alguns dias de folga na semana seguinte e continuou a rondar a central de camionagem, mostrando a nova fotografia aos motoristas dos autocarros. Aparecia pela manhã e ia embora muito tarde, pois os motoristas estavam sempre a chegar e a sair. Tinha duas garrafas de *vodka* no carro. Servia-se num copo de esferovite e bebia com uma palhinha.

No sábado, onze dias depois de Erin ter saído de casa, encontrou o motorista. Ele a levava-a até Filadélfia e disse que se lembrava dela porque a mulher era bonita e estava grávida e também porque não levava bagagem.

Filadélfia. Ela já podia ter saído de lá e ido para outro lugar, mas era a única pista que Kevin tinha. Além disso, sabia que ela não tinha muito dinheiro.

Colocou algumas roupas numa mala e viajou de carro até Filadélfia. Estacionou na central de camionagem e tentou pensar como Erin. Ele era um bom detetive e sabia que, se conseguisse pensar como ela, conseguiria encontrá-la. Kevin aprendera que as pessoas são previsíveis.

O autocarro chegara uns minutos antes das quatro da tarde e ele foi até à central, e pôs-se a olhar de um lado para o outro. Ela estivera naquele mesmo lugar há uns dias, pensou, e imaginou o que poderia fazer numa cidade estranha, sem dinheiro, nem amigos e nem ter para onde ir. Moedas e notas de um dólar não a levariam longe, especialmente depois de comprar um bilhete de autocarro. Ele lembrou-se de que o tempo estava frio e que escureceria depressa. Ela não ia querer ir a pé até muito longe e precisaria de

um lugar para ficar. Um lugar que aceitasse pagamento em dinheiro. Mas onde? Não aqui, neste bairro. Era caro de mais. Para onde é que ela iria? Não se arriscaria a perder-se ou a andar na direção errada. Isso implicava que provavelmente teria consultado uma lista telefônica. Regressou ao terminal e pesquisou os hotéis que apareciam na lista telefônica. Percebeu que eram imensas páginas. Ela teria escolhido um, mas, e a seguir? Teria de ir a pé até lá. E, para o fazer, precisaria de um mapa.

Foi até à loja de conveniência da central e comprou um mapa. Mostrou a fotografia ao empregado, mas ele abanou negativamente com a cabeça. Disse que não estava a trabalhar naquela terça. Mas Kevin sentiu que estava na pista certa. Ela só poderia ter feito aquilo. Desdobrou o mapa e localizou o terminal. Ficava muito perto de Chinatown e calculou que ela se tivesse dirigido para lá.

Kevin regressou ao carro e percorreu as ruas de Chinatown e, mais uma vez, o seu instinto indicou-lhe que ele estava certo. Bebeu a sua *vodka* e percorreu as ruas a pé, começando pelas lojas mais próximas da central de camionagem. Mostrou a foto dela a várias pessoas. Ninguém sabia de nada, mas percebeu que algumas delas estavam a mentir. Encontrou quartos baratos, lugares onde ele nunca a levaria, lugares sujos com lençóis sujos, geridos por homens que não falavam muito bem inglês e que só aceitavam pagamentos em dinheiro. Kevin deixava implícito que Erin correria perigo caso não a conseguisse encontrar. Encontrou o primeiro lugar onde ela se hospedou, mas o proprietário não sabia para onde se mudara depois. Kevin encostou o cano da arma à cabeça do proprietário, mas, mesmo a chorar, o homem não conseguiu dar-lhe mais informações.

Tendo de regressar ao trabalho na segunda-feira seguinte, ficou furioso por Erin o ter ludibriado. Mas, no outro fim de semana, voltou a Filadélfia. E no seguinte. Expandiu a busca, mas esbarrava no problema de haver muitos lugares onde procurar e ele ser apenas um. Nem toda gente confiava num polícia de fora.

Mas ele era paciente e metódico e continuou a fazer as suas viagens até Filadélfia, tirando para isso dias de folga. Passou mais um fim de semana. Ampliou a busca, sabendo que ela precisaria de dinheiro vivo. Procurou em bares, restaurantes e cafés. Investigaria todos aqueles estabelecimentos, de toda a cidade, se fosse preciso. Finalmente, na semana a seguir ao Dia dos Namorados, conversou com uma empregada de mesa chamada Tracy, que lhe

disse que Erin estava a trabalhar num restaurante, mas dando pelo nome de Erica. O nome dela constava da escala do dia seguinte. A empregada de mesa confiou nele porque Kevin era detetive e chegou mesmo a atirar-se a ele, dando-lhe o seu número de telefone antes de ele ir embora.

Kevin alugou um carro e na manhã seguinte, antes do nascer do sol, esperou a um quarteirão de distância do restaurante. Os funcionários entravam no restaurante por uma porta lateral, que dava para uma viela. Ele bebeu a *vodka* que tinha no copo de esferovite e ficou sentado no carro, a vigiar a rua enquanto esperava por ela. Passado algum tempo, viu o dono do restaurante, Tracy e outra mulher a entrarem na viela. Contudo, Erin não apareceu naquele dia e também não foi trabalhar no dia seguinte. Ninguém sabia onde ela morava. Ela nem sequer regressou para ir buscar o seu vencimento.

Ele acabou por descobrir onde ela estava a morar. Ficava perto do restaurante e era um hotel rasca. O dono, que só aceitava pagamento em dinheiro, não sabia de nada, exceto que Erin saíra no dia anterior e que depois tinha voltado e saído mais uma vez, sempre com pressa. Kevin revistou o quarto dela, mas não encontrou nada e, quando finalmente correu para a central de camionagem, havia apenas mulheres a trabalhar nas bilheteiras. Nenhuma delas se lembrava de Erin. Os autocarros que tinham partido nas duas últimas horas, tinham saído em direção ao norte, sul, leste e oeste, para todos os cantos do país.

Ela havia desaparecido de novo. Dentro do carro, Kevin gritou e deu socos no volante até os punhos ficarem inchados e roxos com pisaduras.

*

Nos meses seguintes ao desaparecimento de Erin, a dor que ele sentia cresceu e tornou-se mais venenosa e devastadora, espalhando-se como um cancro a cada dia que passava. Regressara a Filadélfia e interrogara os motoristas dos autocarros nas semanas que se seguiram, mas não obtivera muito mais informações. Acabou por descobrir que Erin partira para Nova Iorque, mas, depois disso, o rasto dela desaparecera. Demasiados autocarros, demasiados motoristas, demasiados passageiros; já tinham decorrido demasiados dias. Demasiadas opções. Erin poderia estar em qualquer lugar e ele ficou atormentado com a ideia de ela ter desaparecido de vez. Tinha

acessos de fúria e partia coisas. Chorava antes de dormir. Estava assoberbado pelo desespero e às vezes achava que estava a enlouquecer.

Não era justo. Ele amara-a desde que conversaram pela primeira vez em Atlantic City. E eles eram felizes, não eram? Logo depois de se casarem, ela cantarolava sozinha enquanto aplicava maquilhagem. Ele costumava levá-la à biblioteca e ela saía de lá com oito ou dez livros. Às vezes, Erin lia alguns trechos em voz alta para ele, e ele ouvia aquela voz e observava a maneira como ela se apoiava no balcão e pensava consigo mesmo que era a mulher mais bonita do mundo.

Ele fora um bom marido. Comprara a casa que ela escolhera, as cortinas e a mobília que ela quisesse, mesmo que mal tivesse condições para pagar por tudo aquilo. Depois de se casarem, ele costumava comprar flores na rua quando regressava a casa e Erin colocava-as numa jarra em cima da mesa com algumas velas e jantavam em clima de romance. Às vezes, chegavam até a fazer amor na cozinha, com as costas dela encostadas à bancada.

Ele nunca a obrigou a trabalhar e ela nunca percebeu a vida confortável que tinha. Não entendia os sacrifícios que ele fazia pelo casal. Erin era uma mulher mimada e egoísta e aquilo deixava-o extremamente irritado, pois ela não compreendia como a sua vida era fácil. Só tinha de limpar a casa e preparar uma refeição e depois podia passar o resto do dia a ler os livros idiotas que trazia da biblioteca, a ver televisão ou a dormir, sem nunca ter de se preocupar com contas, com as prestações da hipoteca ou com as pessoas que falavam mal dos outros pelas costas. Nunca teve sequer de ver os rostos de pessoas que foram assassinadas. Ele não lhe falava de nada daquilo porque a amava, mas nada importou. Nunca lhe falou sobre as crianças que eram queimadas com ferros de passar a roupa ou atiradas de algum telhado; nunca falou sobre as mulheres esfaqueadas em vielas e lançadas para algum contentor de lixo. Nunca lhe falou das ocasiões em que teve de raspar o sangue dos sapatos antes de entrar no carro e que, quando olhava os assassinos nos olhos, sabia estar frente a frente com o mal, porque a Bíblia diz que *Matar uma pessoa é matar um ser vivo concebido à imagem de Deus*.

Ele amava-a e ela amava-o. Ela tinha de regressar para casa, porque ele não conseguia encontrá-la. Ela poderia viver de novo a sua vida feliz e despreocupada e ele não iria bater-lhe, dar-lhe socos ou esbofeteá-la, nem sequer pontapeá-la se ela entrasse pela porta da frente, porque sempre fora

um bom marido. Ele amava-a e ela amava-o. E ele lembrou-se de que, no dia em que a pedia em casamento, ela recordara a noite em que se encontraram no exterior do casino, quando os homens a seguiram. Homens perigosos. Ele impediu que lhe fizessem mal naquela noite e, na manhã seguinte, passearam junto à praia. Ele levou-a a tomar café. Erin aceitou sem reticências o pedido de casamento. Ela amava-o, foi o que disse. Com ele, sentia-se segura.

Segura. Foi a palavra que ela usou. Segura.

A terceira semana de junho foi composta por uma série de gloriosos dias de verão. A temperatura subia durante a tarde, trazendo consigo uma humidade suficientemente densa para tornar o ar mais pesado e embaciar o contorno do horizonte. Logo a seguir, como que por magia, formavam-se várias nuvens escuras, e trovoadas violentas descarregavam chuvas torrenciais. Mesmo assim, nunca eram muito prolongadas, deixando para trás apenas folhas encharcadas nas árvores e uma camada de névoa perto do chão.

Katie continuava com as suas longas jornadas de trabalho no restaurante. Sentia-se cansada ao pedalar de volta a casa e, pela manhã, sentia frequentemente as pernas e os pés doridos. Guardava metade do dinheiro que recebia de gorjeta na lata de café, notando que ela estava quase cheia, perto de transbordar. Tinha mais dinheiro do que imaginara ser capaz de guardar, mais do que o bastante para fugir, se precisasse. Pela primeira vez, perguntou a si mesma se teria necessidade de guardar mais.

Ao comer lentamente o pequeno-almoço, olhou para a casa de Jo pela janela da cozinha. Não conversava com Jo desde que ela a encontrara à saída do restaurante e, na noite passada, quando voltara para casa, Katie vira as luzes da sala e da cozinha de Jo acesas. Ao início da manhã, ouviu o barulho do motor do carro dela e o veículo a passar por cima da terra e do cascalho da viela ao sair de casa. Não sabia o que dizer à amiga, ou mesmo se lhe queria dizer algo. Não conseguia sequer decidir-se se estava zangada ou irritada com o que ela fizera. Jo gostava de Alex e das crianças; preocupava-se com eles e expressara as suas preocupações a Katie. Era difícil encontrar qualquer malícia nas coisas que ela havia feito.

Alex iria visitá-la mais tarde. As suas visitas haviam-se tornado rotineiras e, quando estavam juntos, lembrava-se constantemente de todas as razões pelas quais se apaixonara por ele. Alex aceitava os seus silêncios ocasionais e variações de humor e tratava-a com uma gentileza que a surpreendia e

emocionava. No entanto, desde a noite em que conversara com Jo, imaginava, constantemente, que poderia estar a ser injusta com ele. O que aconteceria, por exemplo, se Kevin aparecesse? Como é que Alex e as crianças reagiriam se ela desaparecesse para nunca mais voltar? Estaria disposta a deixar todos para trás e nunca mais voltar a conversar com eles?

Detestava as questões que Jo levantara porque não se sentia pronta para enfrentá-las. *Não imaginas aquilo por que já passei*, foi o que teve vontade de dizer quando dispôs de tempo para pensar no assunto. *Não imaginas como é realmente o meu marido*. Mesmo assim, sabia que nenhum daqueles argumentos resolveria o problema.

Deixando a louça do pequeno-almoço no lava-louça, vagueou pela casa, a pensar no quanto as coisas haviam mudado durante os últimos meses. Não possuía quase nada, mas sentia como se tivesse mais do que alguma vez tivera. Sentiu-se amada pela primeira vez em anos. Nunca teve filhos, mas dava por si a pensar e a preocupar-se com Kristen e Josh nos momentos mais inesperados. Sabia que não poderia prever o futuro, mas, mesmo assim, apercebeu-se, de forma repentina e incontestável, que seria inconcebível deixar para trás esta nova realidade. O que é que Jo lhe dissera um dia? *Eu limito-me a dizer às pessoas aquilo que elas já sabem, mas que têm medo de admitir a si próprias*. Refletindo sobre aquelas palavras, Katie soube exatamente o que tinha a fazer.

*

– É claro – disse Alex a Katie, mal ela fez o seu pedido. Ela percebeu que ele ficou surpreendido, mas também parecia sentir-se entusiasmado. – Quando é que queres começar?

– Que tal hoje mesmo? Se tiveres tempo – sugeriu ela.

Alex espreitou para o interior da loja. Havia apenas uma pessoa a comer na área da churrasqueira e Roger estava apoiado no balcão, a conversar com o cliente. – Ei, Roger. Importas-te de tratar da caixa por uma hora?

– Sem problemas, chefe – disse Roger. E ficou onde estava. Alex sabia que ele não iria até à parte da frente da loja a menos que fosse necessário. Numa manhã comum de um dia de semana, depois da correria inicial do pequeno-almoço, não esperava ter muitas pessoas no estabelecimento, pelo que Alex não se importou. Saiu de trás da caixa registadora.

– Estás pronta?

– Acho que não – disse ela, abraçando-se a si própria, nervosa. – Mas é uma coisa que tenho de aprender a fazer.

Saíram da loja e foram até ao jipe de Alex. Ao entrar na viatura, sentiu que Alex estava a observá-la.

– De onde é que veio essa vontade repentina de aprender a conduzir? – perguntou ele. – Já te fartaste da bicicleta? – disse, provocando-a.

– A bicicleta é ótima para as coisas de que preciso. Mas quero tirar a carta de condução.

Ele pegou nas chaves do carro e deteve-se. Voltou-se para ela e, ao observá-la, ela apercebeu-se de um vislumbre do investigador que Alex em tempos fora. Ele estava alerta e Katie compreendeu a sua cautela. – Aprender a conduzir é apenas uma parte do processo. Para ter a carta, o estado exige identificação. Uma certidão de nascimento, cartão de segurança social, coisas como essas.

– Eu sei – disse ela.

Alex escolheu cuidadosamente as suas palavras. – Esse tipo de informações pode ser rastreado. Se obtiveres a carta de condução, as pessoas podem conseguir encontrar-te.

– Já estou a usar outro número de segurança social, um que não está ligado à minha verdadeira identidade – informou ela. – Se o Kevin tivesse conhecimento disso, já saberia onde estou. E se vou ficar em Southport, é uma coisa que preciso de aprender.

Alex abanou a cabeça. – Katie...

Ela inclinou-se e beijou-o na face.

– Está tudo bem. O meu nome não é Katie, lembras-te?

Alex percorreu a curva do rosto dela com o dedo. – Para mim, serás sempre a Katie.

Ela sorriu. – Tenho um segredo para te contar. O meu cabelo não é castanho. Na verdade, sou loura.

Alex recostou-se no assento, processando aquela nova informação. – Tens a certeza que me queres contar isso?

– Calculo que, um dia, ias acabar por descobrir. Quem sabe? Talvez um dia eu volte a ser loura.

– Porque é que estás a fazer isto? A querer aprender a conduzir e dar-me todas essas informações?

– Disseste que podia confiar em ti – lembrou ela, com um encolher de ombros. – E eu acredito no que disseste.

– E é só por isso?

– Sim. Sinto-me como se pudesse contar-te o que quer que fosse.

Alex olhou para a sua mão e para a dela, que estavam entrelaçadas sobre o apoio para o braço, antes de fitar Katie nos olhos.

– Então vou direto ao assunto. Tens a certeza de que os teus documentos serão aceites? Não podem ser cópias, precisam de ser os originais.

– Eu sei – disse ela.

Alex percebeu que não seria adequado perguntar mais nada. Colocou a chave na ignição, mas não ligou o motor.

– O que foi? – perguntou ela.

– Já que queres aprender a conduzir, talvez seja melhor começarmos de imediato. – Ele abriu a porta e saiu do carro. – Vamos ver como te desembaraças ao volante.

Os dois trocaram de lugar. Assim que Katie se sentou no lugar do condutor, Alex ensinou-lhe as coisas básicas: os pedais do acelerador e do travão, como engatar e trocar as mudanças, piscas, faróis, além dos limpa-para-brisas e dos indicadores do painel. Era sempre melhor começar pelo início.

– Estás pronta?

– Acho que sim – disse ela, concentrando-se.

– Como este carro tem mudanças automáticas, só vais usar um pé. Ele vai alternar entre o acelerador e o travão. Percebeste?

– Sim – disse ela, deixando o pé esquerdo mais perto da porta.

– Agora, trava e liga o motor. Quando estiveres pronta, engata a marcha-atrás. Não uses o acelerador. Em vez disso, vai soltando o travão com cuidado. Depois, vira o volante para sair do lugar de estacionamento, sempre com o pé sobre o travão, com uma pressão leve.

Ela fez exatamente como Alex indicou e tirou o carro do lugar, cautelosamente, antes de ele começar a dar-lhe indicações sobre a forma de sair do parque de estacionamento. Pela primeira vez, ela hesitou. – Tens a certeza que queres que eu conduza na estrada?

– Se houvesse muito trânsito, diria não. Se tivesses 16 anos, também diria não. Mas acho que tens condições de o fazer e estou aqui para ajudar. Estás pronta? Vais virar à direita e vamos seguir essa rua até à próxima curva. Depois, viramos novamente à direita. Quero que sintas o carro.

Passaram quase uma hora a conduzir por estradas rurais. Tal como a maioria dos principiantes, ela teve problemas ao curvar, fazendo-o demasiado por dentro umas vezes enquanto noutras foi até à berma. Também levou algum tempo até se habituar a estacionar, mas, com exceção dessas dificuldades, desembaraçou-se melhor do que qualquer um deles esperaria. Quando estavam perto de terminar a aula, Alex fez com que ela estacionasse numa das ruas do centro da cidade. Apontou para uma pequena cafeteria.

– Pensei que gostarias de celebrar. Saíste-te muito bem.

– Não sei. Não me senti como se realmente soubesse o que estava a fazer.

– Isso vem com o tempo. Quanto mais conduzires, mais natural te vai parecer.

– Posso conduzir amanhã outra vez? – perguntou ela.

– É claro que sim. Mas podemos fazer isso de manhã? Agora que acabaram as aulas do Josh, ele e a Kristen passam as manhãs num clube com atividades para crianças. Regressam a casa por volta do meio-dia.

– De manhã é perfeito – disse ela. – Achas mesmo que conduzi bem?

– Provavelmente, com mais uns dias de treino, conseguirias passar no exame prático. É claro que também precisas de passar no exame escrito, mas para isso basta estudar um pouco.

Katie estendeu os braços e abraçou-o espontaneamente.

– Obrigada por fazeres tudo isto por mim.

Ele correspondeu ao abraço. – Fico feliz por ajudar. Mesmo que não tenhas um carro, é algo que provavelmente deverias saber. Porque é que não...

– Aprendi a conduzir quando era mais nova? – completou ela, com um encolher de ombros. – Quando era adolescente, a nossa família só tinha um carro e geralmente o meu pai ficava o dia todo com ele. Mesmo que eu tivesse carta de condução, não poderia conduzir, e, assim, nunca me pareceu algo muito importante. Depois de sair de casa, não tive condições de comprar um carro e, mais uma vez, não me importei muito com isso. Mais tarde, quando me casei, o Kevin não queria que eu tivesse o meu próprio carro. – Ela voltou-se para ele. – E aqui estou eu. Uma ciclista de 27 anos.

– Tens 27 anos?

– Já sabias.

– Na verdade, não sabia.

– E depois?

– Achei que já tivesses uns 30.

Ela deu-lhe uma leve sapatada no braço. – Só por isso, vais ter de me comprar um *croissant*.

– Parece-me justo. E, já que estás numa de revelar segredos, gostaria de ouvir a história sobre como conseguiste finalmente escapar.

Ela hesitou por um breve momento. – Está bem.

Numa pequena mesa no exterior da cafeteria, Katie relatou a história da sua fuga – as ligações telefónicas redireccionadas, a viagem para Filadélfia, as trocas constantes de emprego e os hotéis rascas em que viveu, até à viagem para Southport. Ao contrário da primeira vez, foi capaz de descrever as suas experiências tranquilamente, como se estivesse a falar sobre outra pessoa. Quando terminou, Alex abanou a cabeça.

– O que foi?

– Estava só a tentar imaginar como te terás sentido depois de desligar quando o Kevin ligou pela última vez. Quando ele ainda pensava que estavas em casa. Aposto que te sentiste aliviada.

– Senti, sim. Mas também estava aterrorizada. E, naquela altura, ainda não tinha emprego e não sabia o que ia fazer.

– Mas conseguiste.

– Sim... consegui – disse ela, com o olhar fixo num ponto distante. – Mas não era o tipo de vida que tinha imaginado para mim.

O tom de voz de Alex revelou-se gentil. – Não tenho a certeza se alguém alguma vez teve a vida que sempre imaginou. O que podemos fazer é tentar agir de modo a que tudo aconteça da melhor maneira possível. Mesmo quando parece impossível.

Katie sabia que ele estava a falar de si próprio, tanto quanto estava a falar por ela, e, durante um longo momento, nenhum deles disse nada.

– Amo-te – sussurrou ele, por fim.

Ela inclinou-se para a frente e tocou-lhe no rosto.

– Eu sei. Eu também te amo.

No fim de junho, os jardins e os canteiros floridos de Dorchester, que brilhavam com as cores vibrantes da primavera, estavam a começar a murchar; as flores assumiam um tom castanho e retorciam-se sobre a terra. A humidade do ar era cada vez mais intensa e as vielas na área central de Boston começavam a cheirar a comida podre, urina e mofo. Kevin disse a Coffey e a Ramirez que ele e Erin iriam passar o fim de semana em casa, a ver filmes e a tratar do jardim. Coffey fizera-lhe perguntas sobre a viagem a Provincetown e Kevin mentira, falando sobre o hotel onde se haviam hospedado e alguns dos restaurantes que haviam visitado. Coffey referiu que já visitara todos aqueles lugares e perguntou se Kevin provara o bolo salgado de carne de caranguejo de um deles. Kevin disse que não, mas que pediria da próxima vez.

Erin desaparecera, mas Kevin continuava a procurá-la por toda a parte. Não conseguia evitar. Quando conduzia pelas ruas de Boston e via um relance de louro ou dourado nos ombros de alguma mulher, sentia um nó na garganta. Procurava um nariz delicado, uns olhos verdes e uma maneira graciosa de andar. Às vezes, ficava do lado de fora da confeitaria a fazer de conta que estava à espera dela.

Já a deveria ter encontrado, mesmo tendo ela escapado em Filadélfia. As pessoas deixavam pistas. Os documentos deixavam rasto. Em Filadélfia, ela usara um nome e um número de segurança social falsos, mas aquilo não poderia durar para sempre. A menos que estivesse disposta a continuar a viver em hotéis baratos e a trocar de emprego a cada semana. Até aquela altura, porém, ela não usara o seu próprio número de segurança social. Um oficial de outra esquadra, com contactos importantes, verificou isso a seu pedido. Aquele oficial era a única pessoa que sabia do desaparecimento de Erin, mas manteve a boca fechada porque Kevin também sabia que ele tinha um caso com uma rapariga menor de idade, que trabalhava como *babysitter* dos seus filhos. Kevin sentia-se imundo sempre que tinha de conversar com

ele, porque o polícia era um perverso e deveria estar na cadeia. Afinal, a Bíblia diz: *Que não haja imoralidade sexual entre vós*. Mas, naquele momento, Kevin precisava dele para poder encontrar a sua esposa e trazê-la de volta para casa. Marido e mulher devem ficar juntos, porque fizeram os seus votos perante Deus e a família.

Tivera a certeza de que a encontraria em março. Estava certo de que ela apareceria em abril. Teve um forte pressentimento de que o nome dela surgiria em maio, mas a casa continuava vazia. Agora, junho chegara e os seus pensamentos andavam perdidos e, às vezes, essa era a única coisa a que podia deitar a mão para aguentar a rotina do dia a dia. Era-lhe difícil concentrar-se e a *vodka* já não parecia ajudar tanto. Teve de mentir a Coffey e a Ramirez e afastar-se deles enquanto os dois faziam comentários maldosos nas suas costas.

De uma coisa ele estava certo: ela já não estava em movimento. Não iria andar eternamente a mudar-se de um lugar para outro, ou de um emprego para outro. Não era o perfil dela. Gostava de coisas bonitas e queria tê-las à sua volta. E isso significava que Erin deveria estar a usar a identidade de outra pessoa. A menos que estivesse disposta a viver constantemente em fuga, precisava de uma certidão de nascimento real e de um número de segurança social válido. Hoje em dia, os empregadores exigem identificação, mas onde e como poderia ter conseguido assumir a identidade de outra pessoa? Kevin sabia que a maneira mais comum era encontrar alguém de idade similar que tivesse morrido recentemente e, daí por diante, assumir a identidade do morto. A primeira parte era plausível, pois, apesar de tudo, Erin continuara a fazer visitas frequentes à biblioteca. Não lhe era difícil imaginá-la a examinar os obituários nos arquivos de microfilme, à procura de um nome que pudesse roubar. Ela urdira planos e artimanhas na biblioteca enquanto fingia procurar livros nas estantes e tratara dessas coisas mesmo depois de Kevin a ter levado até lá no seu horário de trabalho. Dava-lhe carinho e gentilezas e ela retribuía com aquela traição. Ficou furioso ao pensar em como Erin se ria dele enquanto fazia esse tipo de coisas. Imaginar aquilo enfureceu-o de tal maneira que pegou num martelo e estilhaçou o serviço de pratos e chávenas de porcelana chinesa que haviam recebido como presente de casamento. Depois de se acalmar, conseguiu concentrar-se no que tinha de fazer. Em março e abril, Kevin passara horas na biblioteca, tal como ela teria feito, tentando encontrar a nova identidade que

Erin estaria a usar. Mas, mesmo que encontrasse o nome, como é que ela teria obtido os documentos? Onde é que estaria agora? E porque é que não voltara para casa?

Aquelas eram as perguntas que o atormentavam e, às vezes, tudo era tão confuso que ele não conseguia parar de chorar. Sentia muitas saudades, queria que ela voltasse para casa e detestava ficar sozinho. No entanto, noutras vezes, pensar que Erin o abandonara fazia com que Kevin pensasse no quanto ela era egoísta e tudo o que pretendia era matá-la.

Julho chegou e com ele o tempo quente como as baforadas de um dragão: quente, húmido e com um horizonte que tremeluzia como uma miragem quando visto ao longe. O fim de semana do feriado da Independência passara e outra semana começara. O aparelho de ar condicionado tinha avariado e Kevin não chamara o técnico para o consertar. De manhã, quando ia para o trabalho, sentia sempre dores de cabeça. Por tentativa e erro, descobriu que a *vodka* funcionava melhor do que os comprimidos de *Tylenol*, mas a dor continuava lá, fazendo as suas têmporas latejarem. Deixou de ir à biblioteca. Coffey e Ramirez perguntaram-lhe mais do que uma vez pela esposa. Kevin disse que ela estava bem, mas nada mais além disso. E mudou de assunto. Passou a ter um novo parceiro, Todd Vannerty, recém-promovido, que não se importava em deixar que Kevin fizesse a maior parte das perguntas quando falava com as testemunhas e as vítimas; algo que agradava ao próprio Kevin.

Kevin ensinou-lhe que, quase sempre, a vítima conhecia o assassino. Mas nem sempre de maneira óbvia. No final da sua primeira semana de trabalho juntos, foram chamados a um apartamento a menos de três quarteirões da esquadra, onde encontraram um rapaz de dez anos que morrera atingido por uma bala. O atirador chegara recentemente da Grécia e estava a celebrar a vitória da seleção grega num jogo de futebol quando disparou a arma para o chão. A bala atravessou o teto do apartamento de baixo e matou o rapaz, que estava a comer uma fatia de piza. A bala perfurou-lhe o cimo da cabeça e ele tombou para frente, batendo com a cara na piza. Quando viram o rapaz, a testa estava coberta de queijo e molho de tomate. A mãe do menino gritou e chorou durante duas horas e tentou agredir o grego na escadaria, quando este estava a ser levado para o exterior do prédio, algemado. Ela acabou por se

desequilibrar e rebolou pela escada abaixo, e os policiais tiveram de chamar uma ambulância.

Kevin e Todd foram para um bar depois do expediente, e este último tentou fingir que conseguia esquecer o sucedido. Entretanto, bebeu três cervejas em menos de quinze minutos. Disse a Kevin que tinha sido reprovado na primeira vez em que prestara provas para ser promovido a detetive, antes de finalmente conseguir passar à segunda. Kevin bebeu *vodka*, mas, como Todd estava com ele, pediu ao *barman* que acrescentasse um pouco de sumo de mirtilo.

Era um bar frequentado por policiais. Muitos policiais, preços baixos, pouca iluminação e mulheres que gostavam de se envolver com aquele tipo de homens. O *barman* deixava as pessoas fumarem, mesmo que fosse ilegal, porque a maioria dos fumadores eram policiais. Todd não era casado e já estivera naquele bar várias vezes. Kevin nunca estivera ali antes e não tinha a certeza se gostava do lugar. Mesmo assim, não queria voltar para casa.

Todd foi à casa de banho e, quando voltou, inclinou-se na direção de Kevin.

– Acho que aquelas duas no canto do bar estão a olhar para nós.

Kevin virou-se. Tal como ele, as mulheres pareciam ter cerca de trinta anos. A morena percebeu que ele a fitou, antes de se voltar para a sua amiga ruiva.

– É uma pena seres casado, hein? Elas são bem bonitas.

Pareciam envelhecidas, pensou Kevin. Não eram como Erin, que tinha a pele sedosa e cheirava a limão e menta, o perfume que ele lhe dera de presente no Natal.

– Vai até lá falar com elas, se quiseses.

– Acho que vou mesmo – disse Todd.

Pediu outra cerveja e, a sorrir, encaminhou-se até ao local onde as duas estavam. Provavelmente disse algo imbecil, mas foi o bastante para fazer as duas mulheres rirem. Kevin pediu uma *vodka* dupla, sem sumo de mirtilo, e viu o reflexo delas pelo espelho que ficava atrás do balcão do bar. Os olhos da morena encontraram os seus no reflexo e ele não desviou o olhar. Dez minutos depois, ela aproximou-se e sentou-se no tamborete que Todd ocupara uns minutos antes.

– Hoje não te apetece conhecer ninguém? – perguntou a morena.

– Não sou lá muito bom a fazer conversa.

A morena pareceu sopesar aquelas palavras. – Chamo-me Amber – anunciou.

– Kevin – respondeu ele e, novamente, não soube o que dizer. Bebeu um trago da sua bebida, pensando que parecia saber praticamente a água.

A morena inclinou-se na direção dele. Cheirava a almíscar, bem diferente do cheiro a limão e menta. – O Todd disse que vocês trabalham com homicídios.

– É verdade.

– É um trabalho difícil?

– Às vezes – disse ele. Terminou a bebida e levantou o copo. O *barman* trouxe-lhe outro.

– E tu? O que é que fazes?

– Eu giro o escritório da confeitaria do meu irmão. Ele faz doces e produtos para restaurantes.

– Parece interessante.

Ela exibiu um sorriso cínico. – Não parece, não, mas ajuda a pagar as contas – disse. O branco dos dentes dela brilhou por entre a escuridão. – Nunca te vi por aqui.

– Foi o Todd que me trouxe cá.

Ela olhou na direção de Todd. – Eu já o vi algumas vezes. Atira-se a tudo o que use saia e que ainda respire. E acho que nem será essencial que esteja realmente a respirar. A minha amiga adora este lugar, mas geralmente não suporta este bar. Ela obriga-me a vir aqui.

Kevin assentiu com a cabeça e remexeu-se no assento. Questionou-se se Coffey e Ramirez iriam àquele lugar.

– Estou a incomodar-te? – perguntou ela. – Posso deixar-te em paz, se quiseres.

– Não, não estás a incomodar.

Ela sacudiu o cabelo e Kevin reparou que era mais bonita do que imaginara a princípio.

– Queres oferecer-me uma bebida? – sugeriu ela.

– O que é que queres beber?

– Um *cosmopolitan* – disse ela, e Kevin fez um sinal ao *barman*. O *cosmopolitan* chegou.

– Não sou muito bom nisto – admitiu Kevin.

– Não és bom no quê?

– Nisto.

– Estamos só a conversar – disse ela. – E estás a ir muito bem.

– Sou casado.

Ela sorriu. – Eu sei. Vi a tua aliança.

– Isso incomoda-te?

– Como disse, estamos só a conversar.

Ela deslizou o dedo pelo copo e ele viu a humidade a concentrar-se na ponta. – A tua mulher sabe que estás aqui? – perguntou.

– A minha mulher está para fora. Uma amiga dela está doente e ela foi até lá ajudá-la.

– E então, achaste que seria boa ideia ir a alguns bares? Conhecer mulheres?

– Não sou esse tipo de homem. Eu amo a minha mulher – referiu Kevin.

– E deves amá-la. Afinal, casaste com ela.

Apetecia-lhe outra *vodka* dupla, mas não queria pedi-la em voz alta na presença de Amber, porque já o fizera antes. Em vez disso, como se pudesse ler a sua mente, ela fez um sinal ao *barman* e ele serviu outra rodada. Kevin bebeu uma grande golada, ainda a pensar que a bebida estava aguada.

– Incomoda-te? – perguntou ela.

– Não há problema – disse ele.

Ela olhou para ele, com uma expressão sensual. – Eu se fosse a ti não contava à tua mulher que vieste aqui.

– Porquê? – perguntou ele.

– Porque és bonito de mais para um lugar como este. Nunca se sabe quem é que se vai fazer a ti.

– Estás a fazer-te a mim?

Ela demorou um pouco a responder. – Ficavas ofendido se eu dissesse que sim?

Ele girou o copo lentamente sobre o balcão. – Não – respondeu. – Isso não me ofende.

*

Depois de beber e namoriscar durante cerca de duas horas, os dois foram para o apartamento de Amber. Ela percebeu que ele preferia ser discreto, e então deu-lhe a sua morada. Depois de Amber e a amiga saírem, Kevin ficara

no bar com Todd por mais meia hora, antes de dizer ao parceiro que tinha de voltar para casa e telefonar a Erin. Ao conduzir, apercebeu-se do mundo a ficar baço nos limites do seu campo de visão. Os seus pensamentos estavam confusos e desordenados e ele sabia que estava a conduzir descuidadamente pelas ruas, mas era um bom polícia. Mesmo que fosse parado, não seria preso, porque os polícias não se prendem uns aos outros. Além disso, que problema havia em beber uns copos?

Amber morava num apartamento a alguns quarteirões do bar. Ele bateu à porta e quando a porta se abriu, ela não vestia nada por baixo do lençol enrolado no corpo. Ele beijou-a e levou-a para o quarto, sentindo os dedos dela a desabotoar a sua camisa. Colocou-a na cama, despiu-se e apagou as luzes, porque não queria lembrar-se de que estava a trair a sua esposa. O adultério era um pecado e, agora que ali estava, Kevin não queria fazer sexo com ela, mas tinha bebido. O mundo parecia estar desfocado. E Amber não tinha nada vestido, além de um lençol. Tudo era confuso de mais.

Ela não era como Erin. O seu corpo era diferente, as suas formas eram diferentes e o seu cheiro era diferente. Era um cheiro adocicado, quase animalesco. As mãos dela moviam-se de mais e tudo o que Kevin fazia com Amber era novo. Ele não gostava daquilo, mas não conseguia parar. Ouviu Amber chamar o seu nome, dizer palavrões. Kevin quis mandá-la calar a boca para que pudesse pensar em Erin, mas era difícil concentrar-se. Tudo era confuso de mais.

Apertou os braços dela e ouviu-a a gemer e, depois, a dizer:

– Com tanta força, não!

Kevin suavizou o aperto, mas logo a seguir voltou a infligir mais força sobre os braços de Amber, porque era o que lhe apetecia fazer. Dessa vez, ela não disse nada. Ele pensou em Erin, imaginou onde ela poderia estar, se estaria bem e voltou a sentir imensas saudades dela.

Não devia ter batido em Erin, porque ela era doce, gentil e carinhosa e não merecia ser espancada ou pontapeada. Kevin era culpado pela fuga de Erin. Fora ele quem a afastara, mesmo amando-a. Procurara-a e não conseguira encontrá-la. Esteve em Filadélfia à procura dela. E agora estava com uma mulher chamada Amber, que não sabia o que fazer com as mãos e que fazia ruídos estranhos. Tudo parecia estar errado.

Quando terminaram, ele não quis ficar em casa dela. Assim, levantou-se da cama e começou a vestir-se. Ela acendeu o candeeiro ao lado da cama e

sentou-se. Ao olhar para ela, Kevin recordou que não se tratava de Erin e de repente sentiu o estômago em convulsão. A Bíblia diz: *O homem que comete adultério é um verdadeiro louco, pois destrói a sua própria alma.*

Tinha de se afastar de Amber. Não percebeu o que o levara ali e, ao olhar para ela, o seu estômago contorceu-se.

– Sentes-te bem? – perguntou ela.

– Não devia estar aqui – respondeu ele. – Não devia ter vindo.

– Acho que agora é tarde para pensar nisso.

– Tenho de ir embora.

– Vais sair assim? Sem mais nem menos?

– Sou casado – recordou.

– Eu sei – disse ela, com um sorriso cansado. – E não há nenhum problema.

– É claro que há – contrapôs.

Depois de se vestir, deixou o apartamento e desceu as escadas a correr até à rua, onde entrou no carro. Conduziu a grande velocidade, mas sem fazer curvas perigosas. A culpa que sentia funcionou como um forte tónico para os seus sentidos. Regressou a casa e viu uma luz acesa no lar dos Feldman. Sabia que eles iriam espreitar pela janela quando estacionasse. Os Feldman eram maus vizinhos. Nunca o cumprimentavam e diziam às crianças para não pisarem a relva. Eles perceberiam o que ele fizera, pois eram pessoas más e ele fizera algo de mau. Eram farinha do mesmo saco e iriam perceber.

Quando entrou, Kevin estava a precisar de uma bebida. Mesmo assim, só de pensar em *vodka*, sentiu-se enjoado. Estava inquieto. Traíra a esposa e a Bíblia dizia: *A vergonha nunca será apagada.* Violara um dos mandamentos de Deus, quebrara os votos que fizera a Erin e sabia que a verdade viria ao de cima. Amber sabia, Todd sabia e os Feldman também sabiam. Acabariam por contar a alguém, que contaria a outra pessoa, até a história chegar aos ouvidos de Erin. Andou de um lado para outro na sala de estar, com a respiração acelerada porque sabia que não conseguiria explicar aquilo de uma maneira que Erin entendesse. Era sua esposa e nunca lhe perdoaria. Ficaria furiosa e ele teria de dormir no sofá. De manhã, olharia para ele, decepcionada, pois era um pecador, e nunca mais voltaria a confiar nele. Estremeceu, sentindo náuseas. Dormira com outra mulher e a Bíblia dizia: *Não te envolvas com pecado sexual, impureza, luxúria e desejos vergonhosos.* Era tudo muito confuso. Queria parar de pensar, mas não era capaz. Queria beber, mas não

era capaz. E tinha a sensação de que Erin apareceria repentinamente à porta de casa.

A casa estava suja e desarrumada e a sua querida esposa perceberia o que ele fizera. Mesmo que os seus pensamentos estivessem confusos, sabia que aquelas duas coisas estavam ligadas. Andou freneticamente pela sala, de um lado para o outro. Imundície e traição andavam de mãos dadas, porque trair era uma coisa imunda. Erin saberia que ele a traía, porque a casa estava suja e as duas coisas estavam associadas. De repente, parou de andar pela sala e correu para a cozinha. Lá, encontrou um saco de lixo debaixo do lava-louça. Na sala, ajoelhou-se e rastejou pela divisão, enchendo o saco com as embalagens vazias de comida, as revistas velhas, os talheres de plástico, as garrafas de *vodka* vazias e as caixas de piza. Já passava da meia-noite e na manhã seguinte não iria trabalhar. Assim, Kevin ficou acordado a limpar a casa, a lavar os pratos e a passar o aspirador que comprara para Erin. Limpou a casa para que ela não descobrisse o que ele havia feito. Imundície e traição andavam de mãos dadas. Colocou a roupa suja na máquina de lavar e, quando as peças ficaram lavadas, pô-las a secar. A seguir, dobrou-as e guardou-as, enquanto outra leva de roupa enchia a máquina. O sol nasceu e ele tirou as almofadas do sofá, passando o aspirador por baixo delas até que desaparecessem todas as migalhas. Enquanto trabalhava, olhava pela janela, sabendo que Erin poderia chegar a casa a qualquer momento. Esfregou a sanita, limpou as manchas de comida do frigorífico e lavou o chão da cozinha. O alvorecer transformou-se em manhã e a manhã já avançava rumo à hora do almoço. Kevin lavou os lençóis, abriu as cortinas e tirou o pó da moldura da fotografia do seu casamento. Aproveitou também para aparar o relvado e deitou a relva cortada no caixote do lixo. Quando terminou, saiu para fazer compras. Comprou peru, presunto, mostarda de *Dijon* e pão de centeio fresco na padaria. Comprou flores e colocou-as na mesa. Acrescentou ainda umas velas. Ao terminar, estava ofegante. Serviu-se de um copo grande de *vodka* bem fresca e sentou-se na cozinha à espera de Erin. Ficou feliz porque limpou a casa e aquilo significava que Erin nunca saberia o que ele fizera. Teriam o tipo de casamento que ele sempre desejara. Confiariam um no outro e seriam felizes. Ele iria amá-la para sempre e nunca iria traí-la. Afinal, porque é que haveria de fazer algo tão desprezível?

Katie tirou a carta de condução na segunda semana de julho. Nos dias que precederam o exame, Alex levou-a regularmente a conduzir. Apesar de alguns deslizes, passou com uma pontuação quase perfeita. O documento chegou pelo correio passados uns dias e, quando Katie abriu o envelope, sentiu uma forte tontura. Havia uma fotografia sua ao lado de um nome que ela nunca imaginou que teria, mas, de acordo com o estado da Carolina do Norte, era tão real como qualquer outra pessoa que residia no estado.

Naquela noite, Alex levou-a a jantar em Wilmington. Depois, os dois passearam de mão dada pelas ruas do centro da cidade, a olhar para as montras. De vez em quando, ela apercebia-se que Alex a fitava com admiração.

– O que foi? – acabou por perguntar.

– Estava a pensar que o nome Erin não combina contigo. Katie encaixa muito melhor.

– É melhor que seja assim. Esse é o meu nome e eu tenho uma carta de condução para o provar.

– Eu sei que tens. Agora, só te falta um carro.

– Para que é que eu precisaria de um carro? – questionou, encolhendo os ombros. – A cidade é pequena e eu tenho uma bicicleta. E, quando chove, há um homem que está disposto a levar-me onde quer que eu precise de ir. É quase como ter um motorista particular.

– Ai sim?

– Pois é. E tenho a certeza de que, se eu pedisse, ele até me emprestaria o carro dele. Ele praticamente vem comer à minha mão.

Alex ergueu uma sobrancelha.

– Não me parece uma atitude muito masculina da parte dele.

– Ah, ele é ótimo – disse ela, provocando. – De início, parecia um pouco desesperado, a oferecer-me aqueles produtos todos. Mas, ao fim de algum tempo, habituei-me a isso.

– Tens um coração de ouro.

– É claro que tenho – disse ela. – Sou mesmo um caso raro.

Alex riu-se. – Parece-me que estás finalmente a sair do casulo onde te escondeste e estou a começar a perceber quem é a verdadeira Katie.

Ela deu alguns passos em silêncio. – Tu conheces o meu verdadeiro eu – afirmou, parando para o olhar nos olhos. – Mais do que qualquer outra pessoa.

– Eu sei – disse ele, puxando-a para a abraçar. – E acho que é por isso que, de alguma forma, fomos feitos um para o outro.

Embora a loja estivesse tão movimentada como era habitual, Alex resolveu tirar férias. Era a primeira vez em alguns anos que o fazia e passou a maioria das tardes com Katie e os filhos, aproveitando os dias ociosos do verão de uma maneira que não fazia desde criança. Pescou com Josh, construiu casas de bonecas com Kristen e levou Katie a um festival de *jazz* em Myrtle Beach. Durante as noites em que os pirilampos enchiam os jardins das casas, eles saíam para os apanhar com redes e guardá-los em frascos de vidro. Depois, ficavam a observar o luzir dos insetos com uma mistura de espanto e fascinação, até que Alex finalmente abria a tampa para os soltar.

Passearam de bicicleta e foram ao cinema e, nas noites em que Katie não trabalhava, Alex gostava de acender o churrasco. As crianças comiam e depois nadavam no riacho até ao sol se pôr. Depois de os filhos tomarem banho e se deitarem, Alex e Katie sentavam-se no pequeno ancoradouro atrás da casa, com as pernas a balançar sobre a água, enquanto a lua cruzava lentamente o céu. Bebiam vinho e conversavam sobre trivialidades, e Alex começou a apreciar bastante aqueles momentos tranquilos a dois.

Kristen adorava especialmente ter Katie por perto. Quando os quatro caminhavam juntos, não era raro que Kristen procurasse a mão de Katie; quando caía no chão do parque infantil, era na direção dela que corria. Embora o seu coração se alegrasse ao ver aquilo, Alex sentia também uma pontada de tristeza, ao recordar que, por muito que se esforçasse, nunca poderia ser tudo o que a sua filha precisava. Mesmo assim, quando Kristen foi a correr ter com ele e lhe perguntou se Miss Katie poderia levá-la às compras, Alex foi incapaz de dizer não. Embora fizesse questão de a levar a comprar o que fosse necessário uma ou duas vezes por ano, geralmente

encarava aqueles passeios mais como uma obrigação de pai do que como uma oportunidade para se divertir. Em contrapartida, Katie parecia deliciada com a ideia. Depois de lhe dar algum dinheiro, Alex entregou-lhe as chaves do jipe e acenou quando elas saíram do estacionamento.

Por mais que a presença de Katie alegrasse Kristen, os sentimentos de Josh não eram tão óbvios. No dia anterior, Alex fora buscá-lo a uma festa a casa de um amigo, e o filho não trocou qualquer palavra com o pai ou com Katie durante o resto da noite. Naquele dia, ainda de manhã, também se mostrou mais reservado do que de costume. Alex sabia que alguma coisa o incomodava e sugeriu que os dois pegassem nas respectivas canas de pesca, precisamente na altura em que começou a escurecer. As sombras começaram a estender-se sobre a água escura e o riacho estava tranquilo, um espelho enegrecido a refletir as nuvens que cruzavam lentamente o céu. Pescaram durante cerca de uma hora, enquanto o céu se tingia de violeta para depois adquirir um tom índigo. As iscas e os anzóis criavam ondulações em forma de anéis quando se mexiam na superfície da água. Josh continuava estranhamente silencioso. Noutra altura, aquele teria sido um momento de tranquilidade, mas Alex tinha a sensação incómoda de que se passava algo de errado. Quando estava prestes a questionar Josh sobre o assunto, o seu filho virou-se para ele.

– Pai?

– Sim?

– Ainda pensas na mãe?

– A toda a hora – respondeu.

Josh assentiu. – Eu também penso nela.

– Ainda bem. Ela amava-te imenso. E pensas em quê?

– Lembro-me de quando ela nos fez bolachas. Deixou-me pôr a cobertura.

– Eu lembro-me disso. Ficaste com a cara coberta de *glacé* rosa. Ela tirou-te uma fotografia. Ainda está colada na porta do frigorífico.

– Acho que é por isso que me lembro – disse ele, apoiando a cana de pesca no colo. – Sentes saudades dela?

– É claro que sinto. Eu amava-a muito – disse Alex, olhando Josh nos olhos. – O que é que se passa, Josh?

– Ontem, na festa... – Josh esfregou o nariz, hesitando.

– O que é que aconteceu?

– A maioria das mães ficou lá o tempo todo. A conversar e coisa e tal.

– Eu teria ficado, se quisesse.

Josh baixou os olhos e, por entre o silêncio, ele entendeu onde o filho queria chegar. – Eu também devia ter ficado por lá, não é? Uma reunião entre pais e filhos – disse, mais em tom de afirmação do que de interrogação. – Mas não quiseste pedir-me isso porque seria o único pai ali, no meio de várias mães, não é?

Josh assentiu novamente, com um olhar de culpa. – Não quero que fiques zangado comigo.

Alex colocou o braço em volta do filho.

– Não estou zangado.

– De certeza?

– Absoluta. Nunca ficaria zangado contigo por causa disso.

– Achas que a mãe teria ido? Se ela ainda estivesse aqui?

– É claro que sim. Ela não perderia a festa por nada deste mundo.

Do outro lado do riacho, uma tainha saltou e a leve ondulação começou a vir na direção de Josh e Alex.

– O que fazes quando saís com a Miss Katie? – perguntou ele.

Alex remexeu-se ligeiramente. – Mais ou menos as mesmas coisas que fizemos hoje na praia. Comemos, conversamos e, às vezes, vamos dar um passeio.

– Tens passado bastante tempo com ela, ultimamente.

– É verdade.

Josh pensou naquilo.

– E conversam sobre o quê?

– Sobre coisas comuns – disse Alex, inclinando a cabeça. – E também falamos sobre ti e a tua irmã.

– E o que é que dizem?

– Falamos do quanto gostamos de passar tempo convosco e sobre as boas notas que estás a ter na escola, ou sobre como manténs o quarto limpo e organizado.

– Vais falar-lhe de eu não te ter dito que deverias ter ficado na festa?

– Queres que lhe conte?

– Não – respondeu.

– Então, não conto.

– Prometes? Porque não quero que ela se chateie comigo.

Alex levantou os dedos. – Palavra de escuteiro. Mas, para que fiques mais

descansado, ela não iria zangar-se contigo, mesmo que eu lhe contasse. Ela acha-te um excelente rapaz.

Josh sentou-se com as costas muito direitas e começou a recolher a sua linha. – Que bom. Eu também gosto muito dela.

*

A conversa com Josh tirou o sono a Alex naquela noite. Ele deu por si a observar o retrato de Carly no seu quarto, enquanto bebia a sua terceira cerveja da noite. Kristen e Katie tinham regressado a casa animadas e cheias de energia e mostraram a Alex as roupas que compraram. Surpreendentemente, Katie devolvera quase metade do dinheiro que ele lhe dera, dizendo apenas que tinha um talento nato para encontrar peças em promoção. Alex sentara-se no sofá e a sua filha vestiu e desfilou um modelo que comprara para logo a seguir desaparecer no seu quarto e voltar com um conjunto totalmente diferente. Até mesmo Josh, que geralmente não ligaria nem um pouco àquilo, deixou a sua *Nintendo* de lado. Quando Kristen saiu da sala, ele aproximou-se de Katie.

– Também me podes levar às compras? – pediu, quase sussurrando. – Preciso de umas camisas novas e de outras coisas.

Depois, Alex ligou para um restaurante chinês e pediu que lhe entregassem comida em casa. Sentaram-se à mesa, comeram e riram. A dada altura, Katie tirou uma pulseira de couro da carteira e olhou para Josh.

– Achei esta pulseira muito bonita – dissera, entregando-a a Josh.

A surpresa dele transformou-se em satisfação quando a colocou no pulso; e Alex percebeu como os olhos de Josh se fixaram continuamente em Katie durante o resto da noite.

Ironicamente, era em momentos como aquele que Alex mais sentia saudades de Carly. Embora ela nunca tivesse vivido noites em família como aquela – as crianças eram muito novas quando ela morreu –, conseguia facilmente imaginá-la à mesa.

Talvez tivesse sido esse o motivo que o deixara com insónias, mesmo depois de Katie ter regressado a casa e Kristen e Josh terem recolhido aos seus quartos para dormir. Afastando os lençóis, foi ao armário e abriu o cofre que lá instalara há alguns anos. Guardava ali documentos importantes relativos a finanças e seguros, empilhados ao lado de tesouros do seu

casamento. Eram objetos que Carly juntara: fotos da lua de mel, um trevo de quatro folhas que tinham encontrado nas férias em Vancouver, o ramo de begónias e lírios que ela usara no casamento, imagens de ecografias de Josh e Kristen quando eles ainda estavam no seu ventre, as roupas que cada um deles vestia no dia em que saíram da maternidade. Negativos de fotografias e discos com fotos digitais que registavam os anos que passaram juntos. Aqueles objetos estavam carregados de significado e recordações e, desde a morte de Carly, Alex não acrescentara nada ao cofre, exceto as cartas que a sua esposa lhe escrevera. Uma delas estava endereçada a ele. A outra, como não tinha qualquer nome no envelope, permanecia fechada e ele não se atrevera a abri-la; afinal de contas, uma promessa tinha de ser honrada.

Pegou na carta que já lera uma centena de vezes e deixou a outra no cofre. Desconhecera completamente a existência daquelas cartas até que ela lhe entregou os envelopes pouco menos de uma semana antes de morrer. À época, Carly passava os dias acamada e só conseguia engolir líquidos. Quando ele a levava à casa de banho, parecia muito leve, como se, de algum modo, tivesse sido esvaziada. Nas poucas horas em que a esposa conseguia ficar acordada, Alex estava ao seu lado. Geralmente, voltava a dormir após alguns minutos e ele olhava-a demoradamente, temendo afastar-se, na eventualidade de ela precisar de alguma coisa, e ao mesmo tempo receoso de permanecer por perto, sem querer interromper o seu repouso. No dia em que ela lhe deu os envelopes, ele viu que tinham sido colocados sob os cobertores, aparecendo como que por magia. Mais tarde, Alex soube que Carly as escrevera dois meses antes e que fora a sua sogra a guardá-las.

Agora, abriu o envelope e tirou a carta, já bastante manuseada. Estava escrita em papel amarelo pautado. Aproximando-a do nariz, ainda conseguiu identificar o perfume que Carly usava sempre. Lembrou-se da surpresa que sentiu na ocasião e da maneira como os olhos da esposa imploraram para que ele entendesse.

– Queres que leia primeiro esta? – lembrou-se de ter perguntado. Apontou para o envelope que tinha o seu nome e ela assentiu levemente. Carly descontraiu-se e a sua cabeça afundou-se nas almofadas, enquanto ele tirou a carta de dentro do envelope.

Meu querido Alex,

Há sonhos que nos visitam e que nos deixam com uma sensação de

plenitude quando acordamos, há sonhos que fazem com que valha a pena viver a vida. Tu, meu querido e doce marido, és esse sonho e entristece-me ter de colocar em palavras o que sinto por ti.

Escrevo esta carta agora, enquanto ainda tenho forças e, mesmo assim, não sei bem como dizer o que pretendo. Não sou escritora e as palavras parecem-me, neste momento, muito inadequadas. Como posso descrever quanto te amo? Será mesmo possível descrever um amor assim? Não sei, mas, enquanto estou aqui, sentada, com a caneta na mão, sei que tenho de tentar.

Eu sei que gostas de contar a história de como me fiz de difícil quando nos conhecemos, mas, quando penso na ocasião em que nos conhecemos, acho que percebi naquela noite que era nosso destino ficarmos juntos. Lembro-me claramente daquela noite, assim como me lembro da sensação exata da tua mão a tocar na minha e de cada detalhe daquela tarde nublada na praia, quando te ajoelhaste e me pediste em casamento. Até entrares na minha vida, nunca percebera quanto algumas coisas me faziam falta. Nunca soubera que um toque podia ter tanto significado, ou que uma expressão facial pudesse ser tão eloquente; nunca me dera conta de que um beijo poderia literalmente tirar-me o fôlego. És, e sempre foste, tudo aquilo que sempre quis num marido. És gentil, forte, carinhoso e inteligente; dás-me alegria, e, como pai, és melhor do que imaginas ser. Tens talento para lidar com crianças, um modo de fazer com que elas confiem em ti e eu não sou capaz de expressar a alegria que sinto quando te vejo com os nossos filhos nos braços enquanto adormecem.

A minha vida é infinitamente melhor contigo ao meu lado. E é isso que torna tudo tão difícil; é por isso que não consigo encontrar as palavras de que preciso. Assusta-me pensar que tudo vai acabar em breve. Não sinto medo apenas por mim – sinto medo também por ti e pelos nossos filhos. Sinto o meu coração a despedaçar-se por saber que vos vou causar tanta dor. Eu não sei o que fazer para melhorar isso. Posso apenas lembrar-te das razões pelas quais me apaixonei por ti desde o início. Também quero expressar a minha tristeza por te magoar, assim como aos nossos lindos filhos. Dói muito pensar que o teu amor por mim também será a fonte de tanta angústia.

Mas eu realmente acredito que, embora o amor possa ferir, ele

também é capaz de curar... E é por isso que escrevi uma outra carta.

Por favor, não a leias. Não a escrevi para ti, nem para as nossas famílias, nem mesmo para os nossos amigos. Duvido muito que eu ou tu já conheçamos a mulher que deverá receber a outra carta. Entende isto: aquela carta deve ser entregue à mulher que te vai curar, aquela que fará com que voltes a sentir-te completo.

Eu sei que, neste momento, não consegues imaginar algo assim. Pode levar meses, pode levar anos, mas, ao fim de algum tempo, vais entregar essa carta a outra mulher. Confia no teu instinto, assim como eu fiz na noite em que te aproximaste de mim pela primeira vez. Saberás o momento e o local para fazeres o que te peço, tal como saberás quem é a mulher que merece lê-la. E, quando souberes quem é essa pessoa, confia nestas palavras: Em algum lugar, de algum modo, estarei a sorrir e feliz por vocês os dois.

Com amor,

Carly

Depois de reler a carta, Alex colocou-a de novo no envelope e guardou-a no cofre. Do lado de fora da janela, o céu estava cheio de nuvens iluminadas pelo luar, brilhando com uma incandescência quase sobrenatural. Ele olhou para cima, pensando em Carly e em Katie. Carly disse-lhe para confiar no seu instinto; disse-lhe que saberia o que fazer com a carta.

E, repentinamente, percebeu que Carly tinha razão. Pelo menos, em parte das suas afirmações. Ele sabia que queria entregar a carta a Katie. Mas ainda não tinha a certeza se ela estava preparada para a receber.

—Ei, Kevin — chamou Bill, acenando-lhe. — Podes vir um instante ao meu gabinete?

Kevin estava praticamente a chegar à sua secretária e Coffey e Ramirez tinham-no seguido com o olhar. O seu novo parceiro, Todd, já estava na sua própria mesa e sorriu-lhe debilmente, mas a expressão desapareceu antes mesmo de ele virar de repente a cara.

Tinha a cabeça a latejar. Não queria falar com Bill logo pela manhã, mas não estava preocupado. Tinha talento para lidar com testemunhas e vítimas, sabia quando os criminosos estavam a mentir, efetuava várias detenções e os culpados eram condenados.

Bill fez um gesto para que ele se sentasse. Embora Kevin não desejasse sentar-se, acomodou-se na cadeira e começou a questionar-se silenciosamente sobre o que levava Bill a pedir-lhe tal coisa, pois ficava sempre de pé quando falava com o capitão. A dor nas têmporas era infernal, como se alguém lhe tivesse enfiado um lápis na cabeça e, por momentos, Bill limitou-se a olhar fixamente para ele. Até que finalmente se levantou, fechou a porta do gabinete e sentou-se na beira da secretária.

— Como é estão as coisas, Kevin?

— Está tudo bem — respondeu ele. Queria fechar os olhos para aliviar a dor, mas percebeu que Bill o observava atentamente. — O que é que se passa? — Bill cruzou os braços. — Chamei-te aqui para te dizer que recebemos uma queixa a teu respeito.

— Que tipo de queixa?

— O assunto é sério, Kevin. Os Assuntos Internos estão envolvidos e, a partir de agora, estás suspenso das tuas funções. Vais ser investigado.

As palavras pareceram misturar-se umas nas outras. Nada daquilo fazia sentido. Pelo menos, não de início. Entretanto, quando se concentrou, percebeu a expressão de Bill e desejou não ter acordado com aquela dor de cabeça. Desejou também não precisar de beber tanta *vodka*.

– Do que é que estás a falar?

Bill pegou em alguns papéis que tinha em cima da mesa. – O assassinio de Gates. O rapaz que foi alvejado por uma bala que atravessou o teto do apartamento, lembraste? No início do mês?

– Sim, lembro-me. Tinha a cara coberta de molho de piza.

– Desculpa?

Kevin pestanejou.

– O rapaz. Encontrámo-lo assim. Foi horrível. O Todd ficou muito abalado.

Bill franziu o sobrolho. – Foi chamada uma ambulância – disse.

Kevin inspirou, depois exalou, concentrando-se.

– Foi para a mãe do rapaz – prosseguiu Kevin. – Estava com os nervos em franja, obviamente, e quis deitar a mão ao grego que tinha disparado a bala. Eles envolveram-se numa luta e ela caiu pela escada abaixo. Chamámos a ambulância imediatamente. Tanto quanto sei, ela foi levada para o hospital.

Bill continuou a olhar fixamente para ele antes de finalmente pousar as folhas em cima da mesa. – Falaste com ela antes disso tudo acontecer, não foi?

– Eu tentei... Mas ela estava histérica. Tentei acalmá-la, mas passou-se da cabeça. O que mais há para dizer? Está tudo no relatório.

Bill voltou a pegar nos papéis que estavam na sua mesa. – Eu vi o que escreveste. Mas a mulher alega que lhe disseste para empurrar o suspeito para que ele caísse pelas escadas.

– O quê?

Bill leu as páginas que tinha em mãos. – Ela alega que estavas a falar sobre Deus e que lhe disseste, e vou citar: «O homem é um pecador e merece ser punido, porque a Bíblia diz: *Não matarás*». Consta do depoimento que também lhe disseste que o tipo iria ficar em liberdade condicional, mesmo tendo matado o filho dela. Assim, ela deveria fazer justiça com as próprias mãos. Porque os malfeitores merecem ser punidos. Lembraste de dizer isso?

Kevin sentiu o sangue a subir-lhe ao rosto. – Isso é ridículo. Sabes que ela está a mentir, certo?

Ele esperava que Bill concordasse de imediato, que dissesse que sabia que os Assuntos Internos iriam ilibá-lo. Mas Bill não o fez. Em vez disso, o seu chefe limitou-se a inclinar-se para a frente.

– O que é que lhe disseste exatamente? Palavra por palavra.

– Eu não lhe disse nada. Perguntei à mulher o que tinha acontecido, subi as escadas e prendi o vizinho, depois de ele ter admitido ser o autor do disparo. Algemei-o e comecei a levá-lo pelas escadas. Quando dei por mim, ela já estava a saltar para cima dele.

Bill escutou-o em silêncio, com o olhar fixo em Kevin. – Nunca lhe falaste de pecados? – acabou por perguntar.

– Não.

– Nunca chegaste a dizer estas palavras: «A vingança é minha, e irei retaliar, disse o Senhor».

– Não.

– Nada disto te soa familiar?

Kevin sentiu a fúria crescer dentro de si, mas esforçou-se por se controlar.

– Nada. São mentiras. Já sabes como é essa gente. Ela provavelmente quer processar o município para receber uma indemnização enorme.

Os músculos do maxilar de Bill estavam tensos e ele levou o seu tempo até voltar a falar. – Bebeste antes de conversar com a mulher?

– Não sei onde é que ela foi buscar essa ideia. Não. Eu não faço isso. Eu não faria isso. Sabes que estou limpo. Sou um bom detetive – defendeu-se Kevin, levantando as mãos, quase cego com a dor de cabeça latejante. – Então, Bill. Trabalhamos juntos há anos.

– É por isso que estou a conversar contigo, em vez de pura e simplesmente te demitir. Nos últimos meses, Kevin, não tens sido o mesmo. E tenho ouvido os rumores.

– Que rumores?

– Que chegas bêbedo ao trabalho.

– Não é verdade.

– Quer dizer, então, que se te fizer o teste do balão, o resultado vai dar negativo, certo?

Kevin sentia o coração a martelar no peito. Sabia mentir e era bom nisso, mas tinha de manter a voz firme. – Olha, ontem à noite fiquei acordado até tarde com um amigo e estivemos a beber. Pode ser que ainda haja vestígios de álcool no meu sangue, mas não estou bêbedo. E não bebi antes de vir trabalhar hoje de manhã. Nem no dia em que o miúdo foi morto. Ou em qualquer outro dia.

Bill olhava fixamente para ele. – Diz-me o que se passa com a Erin.

– Já te disse. Ela está a ajudar uma amiga em Manchester. Ainda há umas semanas fomos a Cape Cod.

– Disseste ao Coffey que estiveste num restaurante em Provincetown com a Erin, mas esse sítio fechou há seis meses. Também não há qualquer registo em teu nome no hotel que mencionaste. E ninguém vê ou sabe da Erin há meses.

Kevin sentiu o sangue a subir-lhe à cabeça e aquilo só piorou o latejar. – Andaste a investigar-me?

– Já há algum tempo que andas a beber durante o horário de serviço e tens andado a mentir-me

– Eu não...

– Para de me mentir! – gritou o capitão, de súbito. – Daqui sinto o cheiro do teu hálito! – Tinha os olhos a faiscar de raiva. – E, a partir deste momento, estás suspenso das tuas funções. É melhor ligares ao teu representante no sindicato antes de falares com os Assuntos Internos. Deixa a tua arma e o distintivo na minha mesa e vai para casa.

– Por quanto tempo? – logrou Kevin perguntar.

– De momento, a suspensão é o menor dos teus problemas.

– Para tua informação, eu não disse nada àquela mulher.

– Eles ouviram-te! – gritou Bill. – O teu parceiro, o paramédico, os investigadores que inspecionaram o local do crime, o namorado dela. – Bill calou-se, tentando acalmar-se. – Todos ouviram o que disseste – insistiu, com determinação.

De repente, Kevin sentiu o mundo a desabar por debaixo dos seus pés. E sabia que a culpa era toda de Erin.

O mês de agosto chegou e, embora Alex e Katie estivessem a apreciar os dias quentes e vagarosos que passavam juntos, as crianças começavam a ficar aborrecidas. Com a pretensão de fazer algo diferente, Alex levou Katie e as crianças a verem o *rodeo* de macacos em Wilmington. Katie não acreditou quando percebeu que o espetáculo fazia jus ao nome: macacos, vestidos com roupas de *cowboy*, montavam cães e reuniam rebanhos de carneiros durante quase uma hora, antes de um *show* de fogo de artifício quase tão espetacular quanto os do 4 de Julho. Ao saírem, Katie virou-se para ele com um sorriso.

– Acho que foi a coisa mais maluca que já vi – disse ela, abanando a cabeça.

– Provavelmente achavas que nós, aqui nos estados do Sul, não tínhamos cultura.

Ela riu-se. – Como é que alguém se lembrou de uma coisa destas?

– Não faço ideia, mas ainda bem que ouvi falar disto. Eles vão permanecer na cidade apenas por alguns dias – disse Alex, enquanto procurava o jipe no parque de estacionamento.

– É difícil imaginar como a minha vida seria vazia se eu nunca tivesse visto macacos montados em cães.

– Os miúdos gostaram! – protestou Alex.

– Os miúdos adoraram – concordou Katie. – Mas não sei se os macacos gostaram. Não me pareceram muito felizes.

Alex estreitou os olhos. – Não sei se consigo dizer se um macaco está feliz ou não.

– É exatamente o que eu quero dizer – retorquiu ela.

– Ei, não tenho culpa se ainda falta um mês até recomeçarem as aulas do Josh e da Kristen. E estou sem ideias sobre atividades para eles.

– Não precisam de fazer alguma coisa especial todos os dias.

– Eu sei. E não fazem. Mas também não quero que passem o dia todo a ver televisão.

– Os teus filhos não veem assim tanta televisão.
– Isso só é assim porque eu os trouxe para ver o *rodeo* dos macacos.
– E na próxima semana?
– Vai ser fácil. Está para chegar um daqueles parques de diversões ambulantes.

Ela sorriu. – As diversões desses parques deixam-me sempre enjoada.

– Seja como for, os miúdos adoram. Mas isso lembra-me outra coisa. Vais ter de trabalhar no próximo sábado?

– Não sei ainda. Porquê?

– Gostaria que viesses connosco ao parque.

– Queres que eu fique enjoada?

– Se não quiseses, não precisas de andar nas diversões. Mas queria pedir-te um favor.

– E que favor é esse?

– Que tomasses conta dos miúdos no sábado à noite. A filha da Joyce vai chegar ao aeroporto de Raleigh e ela pediu-me se eu podia lá levá-la para a receber. A Joyce não gosta de conduzir à noite.

– Será um prazer tomar conta deles.

– Vais ter de ficar em minha casa, para que eles se deitem a uma hora adequada.

Katie olhou para ele. – Em tua casa? Eu nunca passo muito tempo em tua casa.

– Bem, eu... – Alex não soube o que dizer a seguir e ela sorriu.

– Não te preocupes. Vai ser divertido. Talvez dê para ver um filme e fazer pipocas.

Ele caminhou em silêncio por uns momentos até que perguntou:

– Pretendes ter filhos?

Katie hesitou. – Não tenho a certeza – respondeu, por fim. – Nunca pensei muito nisso.

– Nunca?

Ela abanou a cabeça. – Quando morava em Atlantic City, eu era demasiado jovem. Quando estava com o Kevin, não suportava a ideia de ter filhos e, nos últimos meses, tenho andado com a cabeça ocupada com outras coisas.

– Mas, e se pensasses no assunto? – insistiu ele.

– Mesmo assim, ainda não sei. Acho que dependeria de muitas coisas.

– Como o quê?

– Como a questão de me casar, por exemplo. E, como sabes, não posso casar.

– A Erin é que não poderia casar – salientou ele. – Mas a Katie provavelmente poderia. Ela tem carta de condução, lembra-te?

Katie avançou uns quantos passos em silêncio. – Talvez até possa, mas não faria isso até encontrar o homem certo.

Alex riu-se e passou o braço em volta dela. – Sei que trabalhar no Ivan's era exatamente o que precisavas quando chegaste a Southport, mas... já pensaste em fazer qualquer outra coisa?

– Como o quê?

– Não sei. Regressar à universidade, formares-te, encontrar um emprego de que realmente gostes.

– E o que é que te leva a pensar que eu não gosto de servir à mesa num restaurante?

Ele encolheu os ombros.

– Estava apenas curioso em saber outra coisa que te pudesse interessar.

– Quando era mais nova, assim como todas as outras raparigas que eu conhecia, adorava animais e imaginava que um dia seria veterinária. Mas agora não estou disposta a voltar a estudar para isso. Levaria demasiado tempo.

– Há outras maneiras de trabalhar com animais. Podias treinar os macacos de *rodeo*, por exemplo.

– Não me parece. Ainda não sei se os macacos gostam de fazer isso.

– Tens um carinho especial por aqueles macacos, não é?

– E quem não teria? Aliás, quem raio teve essa ideia?

– Corrige-me se eu estiver errado, mas acho que te ouvi rir.

– Não queria fazer com que vocês se sentissem mal.

Ele riu-se de novo e puxou-a para mais perto de si. Mais à frente, Josh e Kristen já estavam encostados ao jipe. Ela sabia que eles provavelmente adormeceriam antes de chegarem a Southport.

– Não chegaste a responder à minha pergunta – realçou Alex. – Quando perguntei o que gostarias de fazer com a tua vida.

– Talvez os meus sonhos não sejam assim tão complicados. Talvez eu ache que um emprego é simplesmente um emprego.

– E o que é que isso significa?

– Que talvez não queira ser definida por aquilo que faço. Que talvez queira

ser definida por quem sou.

Ele matutou naquela resposta.

– Certo. E quem é que queres ser?

– Queres mesmo saber?

– Se não quisesse, não perguntava.

Ela parou e olhou-o nos olhos. – Gostaria de ser esposa e mãe – revelou, por fim, Katie.

Alex franziu o sobrolho. – Disseste que não tinhas a certeza quanto a ter filhos...

Inclinando a cabeça e parecendo ainda mais bela do que ele alguma vez a vira, perguntou:

– E o que é que isso tem que ver com alguma coisa?

As crianças adormeceram antes de Alex chegar à estrada principal. A viagem de regresso a casa não seria demorada, talvez meia hora. Mesmo assim, nem Alex nem Katie queriam arriscar-se a acordar as crianças com a sua conversa. Em vez disso, contentaram-se em permanecer de mãos dadas, em silêncio, durante o percurso até Southport.

Quando Alex estacionou o carro em frente a casa de Katie, ela viu que Jo estava sentada nos degraus do alpendre, como se estivesse à espera dela. Na escuridão, Katie não percebeu se Alex a reconhecera, mas, naquele exato momento, Kristen mexeu-se no banco de trás e ele virou-se no assento para verificar se ela acordara. Katie inclinou-se e beijou-o.

– Acho que é melhor eu ir conversar com ela – sussurrou Katie.

– Com quem? Com a Kristen?

– Com a minha vizinha – disse Katie, com um sorriso, apontando com o dedo por cima do ombro. – Ou, melhor dizendo, talvez ela queira conversar comigo.

Alex assentiu com a cabeça.

– Está bem – disse ele, olhando para o alpendre de Jo e de novo para Katie.
– Diverti-me imenso esta noite.

– Eu também.

Alex beijou-a antes que ela abrisse a porta e, quando ligou o motor e partiu para casa, Katie encaminhou-se para a casa da sua vizinha. Jo sorriu e acenou e Katie sentiu a tensão amenizar-se um pouco. Já não conversavam desde

aquela noite no bar e, quando ela se aproximou, Jo ergueu-se e dirigiu-se ao guarda-corpos do alpendre.

– Antes de mais, queria pedir desculpa pela maneira como falei contigo – disse ela, sem delongas. – Fiz algo que não devia. Estava errada e isso não vai acontecer outra vez.

Katie subiu as escadas até ao alpendre e sentou-se, esboçando um gesto para que Jo se sentasse ao seu lado, no último degrau. – Está tudo bem. Não fiquei zangada.

– Ainda me sinto horrível por ter feito aquilo – disse Jo. Os remorsos dela eram evidentes. – Não sei o que é que me deu.

– Eu sei – disse Katie. – É óbvio. Gostas deles. E queres que estejam bem.

– Ainda assim, não devia ter falado contigo naqueles termos. Foi por isso que me afastei um pouco. Aquilo envergonhou-me e eu sabia que nunca me perdoarias.

Katie tocou-lhe no braço. – Agradeço o pedido de desculpas, mas não é necessário. Na verdade, fizeste com que eu percebesse algumas coisas importantes sobre mim mesma.

– A sério?

Katie assentiu com a cabeça. – E, para que saibas, acho que vou continuar a viver em Southport por algum tempo.

– Há dias vi-te a conduzir.

– É difícil acreditar, não é? Ainda não me sinto totalmente confortável ao volante.

– Isso não vai demorar a acontecer. E é melhor do que andar de bicicleta.

– Eu ainda pedalo todos os dias – referiu Katie. – Não tenho meios para comprar um carro.

– Eu diria para usares o meu se quisesses, mas voltou para a oficina. Aquela coisa há de ter sempre um problema ou outro. Provavelmente, ficaria mais bem servida com uma bicicleta.

– Cuidado com o que desejas.

– Agora já pareces eu a falar – referiu Jo, olhando para a rua. – Estou feliz por ti e pelo Alex. E pelos miúdos também. Sabes que lhes fazes bem?

– Como é que sabes?

– Porque vejo a maneira que ele olha para ti. E a maneira como tu olhas para todos eles.

– Nós passamos bastante tempo juntos – disse Katie, esquivando-se.

Jo abanou a cabeça. – É mais do que isso. Vocês os dois parecem estar apaixonados – referiu, mudando de posição no degrau sob o olhar constrangido de Katie. – Tudo bem, eu admito. Mesmo que não me tenhas visto, vamos dizer que vi como vocês os dois se beijam quando se despedem.

– Andas a espiar-nos?

– É claro – disse Jo, com uma careta. – Como é que achas que me entretenho? Por aqui não se passa nada de interessante – acrescentou, antes de ficar em silêncio por um momento. – É amor genuíno, não é?

Katie concordou com a cabeça. – E também amo os miúdos.

– Fico muito feliz com isso – comentou Jo, juntando as mãos como se estivesse a rezar.

Katie também se deixou ficar em silêncio por uns momentos. – Conheceste a mulher dele?

– Sim – respondeu Jo.

Katie deixou o seu olhar vaguear pela rua. – E como é que ela era? Quero dizer... o Alex já me falou dela e eu faço uma ideia de como poderia ser, mas...

Jo não a deixou terminar a frase. – De acordo com o que me lembro, era muito parecida contigo. E eu digo isso de forma positiva. Ela amava o Alex e amava os miúdos. Eram o que havia de mais importante na vida dela. E isso é tudo o que precisas de saber em relação a ela.

– Achas que ela gostaria de mim?

– Sim – respondeu Jo. – Tenho a certeza de que te adoraria.

Era agosto e o ambiente em Boston estava sufocante. Kevin lembrava-se vagamente de ver a ambulância no exterior da casa dos Feldman, mas não pensou muito no caso. Os Feldman eram maus vizinhos e ele não queria saber deles. Só quando viu os carros estacionados dos dois lados da rua é que deu conta de que Gladys Feldman morrera. Kevin tinha sido suspenso por duas semanas e não gostava de ver carros estacionados em frente à sua casa, mas as pessoas tinham ido ali para o funeral e ele não tinha força para lhes pedir que os tirassem.

Desde que fora suspenso, deixara de tomar banho com tanta frequência e estava sentado no alpendre, a beber *vodka* diretamente da garrafa e a observar as pessoas a entrar e a sair de casa dos Feldman. Sabia que o funeral teria lugar à tarde e as pessoas estavam reunidas naquela casa porque iriam juntas à cerimónia, em grupo. Sempre que havia um funeral as pessoas juntavam-se, como um grupo de gansos.

Não tinha conversado com Bill, Coffey, Ramirez, Todd, Amber, nem mesmo com os seus pais. Como não tinha fome, não havia caixas de piza no chão da sala de estar nem sobras de comida chinesa no frigorífico. A *vodka* bastava-lhe e ele bebeu até a casa dos Feldman se transformar numa mancha difusa. Do outro lado da rua, viu uma mulher a sair da casa para fumar um cigarro. Usava um vestido preto e Kevin questionou-se se ela teria noção de que os Feldman gritavam com as crianças da vizinhança.

Observou a mulher porque não queria ver o canal sobre casa e jardim na televisão. Erin costumava assistir aos programas daquele canal, mas ela tinha fugido para Filadélfia, passara a chamar-se Erica e depois desaparecera. Ele tinha sido suspenso do seu emprego, mas, antes disso, era um bom detetive. A mulher de preto acabou de fumar o cigarro e deixou-o cair na relva, pisando-o. Deu uma olhadela para a rua e avistou-o, sentado no seu alpendre. Hesitou antes de atravessar a rua até onde ele estava. Ele não a conhecia. Nunca a vira antes. Kevin não sabia o que ela queria, mas largou a garrafa de

vodka e desceu os degraus do alpendre. Ela parou no passeio em frente.

– É o Kevin Tierney? – perguntou ela.

– Sim – respondeu ele, e a sua voz soou estranha. Era a primeira vez em vários dias que falava.

– Chamo-me Karen Feldman – explicou. – Os meus pais, Larry e Gladys Feldman, moram na casa do outro lado da rua.

Ela parou por uns momentos, mas Kevin não disse nada. Ela prosseguiu. – Eu estava a pensar se a Erin tem planos de ir ao funeral.

– A Erin? – disse ele, finalmente.

– Sim. Os meus pais adoravam quando ela os visitava. Ela costumava fazer-lhes tartes e às vezes ajudava-os a limpar a casa, especialmente depois de a minha mãe ter começado a ficar doente. Cancro do pulmão. Foi horrível – disse ela, abanando a cabeça. – A Erin está em casa? Tinha esperança de a ver. O funeral começa às duas horas.

– Não, ela não está cá. Foi a Manchester para ajudar uma amiga que está doente – explicou ele.

– Oh... está bem. É uma pena. Desculpe ter incomodado.

A mente de Kevin começou a clarear e ele percebeu que Karen estava prestes a voltar para a casa dos pais.

– Lamento a sua perda. Contei à Erin o que aconteceu e ela ficou triste por não poder estar presente. Receberam as flores?

– Oh, provavelmente sim. Não verifiquei. A funerária está cheia de flores.

– Não faz mal. Gostava que a Erin pudesse estar aqui – respondeu Kevin.

– Eu também. Sempre quis conhecê-la. A minha mãe dizia que a Erin lhe recordava a Katie.

– A Katie?

– A minha irmã mais nova. Ela morreu há seis anos.

– Lamento imenso.

– Eu também. Todos nós sentimos a falta dela, especialmente a minha mãe. É por isso que ela se dava tão bem com a Erin. Elas até fisicamente são parecidas. Tinham a mesma idade e outras características em comum. – Se Karen se apercebeu da expressão ausente de Kevin, não deu mostras disso. – A minha mãe costumava mostrar à Erin o álbum de recortes que fez com as lembranças da Katie... Ela sempre foi muito paciente com minha mãe. A Erin é uma mulher doce e meiga. Você é um homem cheio de sorte.

Kevin forçou-se a sorrir. – Sim, eu sei.

Ele era um bom detetive, mas, na realidade, às vezes as respostas apareciam num golpe de sorte. Novas provas surgiam, uma testemunha desconhecida apresentava-se, uma câmara de vigilância na rua captava uma matrícula de carro. Neste caso, ele conversara com uma mulher vestida de preto chamada Karen Feldman, que atravessou a rua numa manhã em que ele estava a beber e lhe falou sobre a sua irmã que falecera.

Embora ainda lhe doesse a cabeça, despejou o resto da garrafa de *vodka* pelo ralo do lavatório e pensou em Erin e nos Feldman. Erin conhecia-os e visitava-os, embora nunca tivesse mencionado que ia a casa deles. Kevin telefonava-lhe e passava em casa em momentos inesperados e ela estava sempre em casa. Fosse como fosse, ele nunca descobriu. Ela nunca lhe contou nada e, quando ele se queixava do facto de os Feldman serem maus vizinhos, Erin nunca proferiu uma palavra.

Erin tinha um segredo.

A sua mente estava mais limpa do que alguma vez estivera nos últimos tempos. Entrou no duche, tomou banho e vestiu um fato preto. Preparou uma sanduíche de fiambre e peito de peru, temperou com mostarda de *Dijon* e comeu-a. A seguir, fez outra e também a comeu. A rua estava cheia de carros e ele observou o movimento das pessoas que entravam e saíam da casa. Karen saiu da casa para fumar outro cigarro. Enquanto esperava, Kevin enfiou um pequeno bloco de notas e uma caneta no bolso.

À tarde, as pessoas começaram a entrar nos seus carros. Ele ouviu os motores a serem ligados e, uma a uma, as viaturas começaram a afastar-se. Já passava da uma hora da tarde e estavam a encaminhar-se para a cerimónia. Levou quinze minutos até que todos saíssem e Larry Feldman fosse ajudado por Karen a ir até ao carro. Ela sentou-se no banco do condutor e desceu a rua, até que finalmente não havia mais nenhum carro na via ou em frente à casa.

Kevin esperou outros dez minutos, certificando-se de que todos tinham partido antes de finalmente sair pela porta da frente. Atravessou o relvado e dirigiu-se a casa dos Feldman. Não se apressou nem tentou esconder as suas ações. Percebeu que vários vizinhos tinham ido ao funeral e aqueles que não foram iriam lembrar-se apenas de mais uma pessoa de fato preto. Foi até à porta da frente e constatou que estava trancada, mas tinha estado muita gente

na casa. Deu a volta e foi até ao quintal das traseiras. Lá, encontrou outra porta, destrancada. Entrou na casa.

Estava tudo em silêncio. Ele parou, tentando identificar o som de vozes ou passos, mas não escutou nada. Havia copos de plástico sobre a bancada e pratos de comida na mesa. Caminhou pela casa. Tinha tempo, mas, como não sabia quanto, decidiu começar pela sala de estar. Abriu e fechou portas de armários, deixando tudo como estava. Procurou na cozinha e no quarto e finalmente foi ao escritório. Havia livros nas estantes, uma poltrona e um televisor. Num dos cantos, viu um pequeno armário de arquivo.

Foi até lá e abriu-o. Examinou rapidamente as etiquetas de cada pasta. Encontrou uma com a etiqueta «Katie» e retirou-a. Abriu-a e examinou o que havia lá dentro. Havia um artigo de jornal – ela afogara-se depois de caminhar sobre o gelo quebradiço numa lagoa que ficava nas imediações – e fotografias tiradas nos tempos de escola. Na fotografia da formatura, era bastante parecida com Erin. No fundo da pasta, encontrou um envelope. Abriu-o e viu que continha um velho boletim escolar. Na frente do envelope havia um número de segurança social e Kevin copiou-o para o bloco de notas que tinha no bolso. Não encontrou o cartão da segurança social, mas tinha o número. A certidão de nascimento era uma cópia, embora estivesse enrugada e gasta, como se alguém a tivesse amassado e depois tentado alisá-la de novo.

Como já tinha o que precisava, abandonou o local. Assim que chegou a casa, ligou para o polícia da outra esquadra, aquele que dormia com a *babysitter* dos filhos. No dia seguinte, recebeu uma chamada de volta.

Katie Feldman tinha tirado recentemente a carta de condução e nos registos constava um endereço em Southport, na Carolina do Norte.

Kevin desligou o telefone sem proferir palavra, sabendo que a encontrara.

Erin.

O que restava de uma tempestade tropical abateu-se sobre Southport, com a chuva a cair durante a maior parte da tarde e da noite. Katie trabalhou no turno do almoço, mas o mau tempo espantou boa parte da clientela do restaurante, o que levou Ivan a deixá-la sair mais cedo. Ela levava o jipe de Alex emprestado e, depois de passar uma hora na biblioteca, foi à loja para o entregar. Quando Alex a levou a casa, Katie convidou-o para regressar mais tarde para jantar com as crianças.

Passou a tarde inteira inquieta. Queria acreditar que tinha algo que ver com o mau tempo, mas, ao observar a tempestade pela janela da cozinha, ao ver os ramos das árvores a dobrarem-se ao vento e a chuva a cair em lençóis de água, percebeu que aquela sensação estava relacionada com a apreensão que sentia ao verificar que tudo na sua vida parecia estar a correr bem de mais. A sua relação com Alex e as tardes que passava com as crianças preenchiam um vazio que ela não dera conta que existia. No entanto, Katie aprendera há muito tempo que as coisas boas não duravam para sempre. A alegria era tão efêmera como uma estrela cadente a cruzar o céu, uma luz que pode apagar-se a qualquer momento.

Mais cedo, naquele mesmo dia, lera alguns artigos da edição *online* do *The Boston Globe* num dos computadores da biblioteca e soube da morte de Gladys Feldman, anunciada no obituário. Sabia que Gladys estava doente e, antes de fugir de casa, soube que estava numa fase terminal de cancro. Embora verificasse os obituários de Boston regularmente, a descrição lacónica sobre a vida dela e os entes queridos que havia deixado atingiram-na com uma força inesperada.

Katie nunca quisera roubar a identificação dos arquivos dos Feldman. Não tinha sequer ponderado essa possibilidade até um dia Gladys abrir a pasta para lhe mostrar a fotografia da formatura da sua filha Katie. Viu a certidão de nascimento e o cartão com o número da segurança social ao lado da fotografia e foi então que percebeu que era a sua oportunidade. Na sua visita

seguinte à casa dos Feldman, pediu licença para usar a casa de banho, mas, em vez disso, foi ao arquivo. Mais tarde, enquanto comia uma tarte de mirtilos com eles, os documentos pareciam queimá-la dentro do bolso. Uma semana depois, após tirar uma cópia da certidão de nascimento na biblioteca, dobrá-la e amassá-la para que parecesse antiga, colocou o documento de novo no arquivo. Teria feito o mesmo com o cartão da segurança social, mas não conseguiu obter uma reprodução muito boa. Assim, esperava que, quando percebessem que o cartão não estava ali, imaginassem que se perdera ou fora parar a outro sítio.

Recordou a si própria que Kevin nunca descobriria o que ela havia feito. Ele não gostava dos Feldman e o sentimento era recíproco. Ela suspeitava que os Feldman sabiam que ele a agredia. Percebia aquilo nos olhos deles, na maneira como a observavam quando atravessava a rua a correr para os visitar, no modo como fingiam não notar os hematomas nos seus braços ou na expressão séria do rosto deles sempre que falava em Kevin. Queria pensar que eles compreenderiam as razões pelas quais teve de fazer aquilo, que gostariam que ela ficasse com a identificação, porque sabiam que ela precisava daqueles documentos e desejariam que escapasse.

Os Feldman eram as únicas pessoas de Dorchester de quem Katie sentia saudades e imaginou como estaria Larry a sentir-se. Foram seus amigos quando não tinha mais ninguém com quem conversar. Queria dizer a Larry que lamentava a perda de Gladys. Queria chorar ao lado dele, falar sobre Gladys e dizer-lhe que, graças a eles, a sua vida melhorara. Queria contar a Larry que encontrara um homem que a amava e que, pela primeira vez em vários anos, se sentia feliz. Mas não faria nada. Em vez disso, limitou-se a ir ao alpendre de casa e, com os olhos cheios de lágrimas, observou enquanto a tempestade arrancava as folhas das árvores.

– Estás muito calada esta noite. Está tudo bem? – perguntou Alex.

Ela preparara um guisado de atum para o jantar e Alex estava a ajudá-la a lavar os pratos. As crianças estavam na sala de estar, ambas a brincar com jogos eletrónicos. Ela ouvia os bips sobre o som da torneira.

– Morreu uma amiga – contou, entregando-lhe um prato para secar. – Já sabia que ia acontecer, mas, mesmo assim, é triste.

– É sempre triste quando acontece algo do género – concordou ele. –

Lamento imenso. – Alex tinha noção de que não era adequado fazer mais perguntas sobre o assunto. Em vez disso, aguardou em silêncio, à espera que ela dissesse algo mais.

Todavia, Katie lavou outro copo e mudou de assunto. – Quanto tempo achas que a tempestade vai durar? – quis saber.

– Já não deve durar muito. Porquê?

– Estava a pensar se a chuva vai obrigar a encerrar o parque de diversões. Ou se o voo da filha da Joyce será cancelado.

Ele olhou pela janela. – Acho que não vai haver problemas. A tempestade já está a dissipar-se. Tenho quase a certeza de que vai perder a força.

– Mesmo a tempo.

– É claro. A natureza não se atreveria a interferir nos planos dos organizadores do parque de diversões. Ou nos planos da Joyce.

Ela sorriu. – Quanto tempo vais demorar a levá-la até Raleigh para receber a filha?

– Provavelmente quatro ou cinco horas. Raleigh não é um lugar muito à mão.

– Porque é que ela não apanha um voo para Wilmington? Ou simplesmente aluga um carro?

– Não sei. Não perguntei o motivo, mas imagino que seja para poupar dinheiro.

– Sabes que estás a agir bem, certo? A ajudar a Joyce dessa maneira.

Alex encolheu os ombros, como se não fosse nada de especial. – Amanhã vais divertir-te.

– No parque de diversões ou em tua casa com os miúdos?

– Nos dois sítios. E, se me pedires com carinho, até te compro um gelado frito.

– Gelado frito? Parece nojento.

– Na verdade, é bem bom.

– As pessoas por aqui só comem fritos?

– Se algo pode ser frito, as pessoas encontram uma maneira de o fazer. No ano passado, havia até uma banca que vendia manteiga frita.

Ela quase se engasgou. – Estás a brincar.

– Não estou. Parece horrível, mas as pessoas formavam filas para comprar. É como fazer fila para ter um ataque cardíaco.

Katie lavou e enxaguou o último copo e passou-o a Alex. – Achas que os

miúdos gostaram do jantar que eu preparei? A Kristen não comeu muito.

– A Kristen nunca come muito. Mas o mais importante foi que eu gostei. Achei delicioso.

Ela abanou a cabeça. – Quem é que quer saber dos miúdos, não é? Desde que estejas feliz...

– Ah, desculpa. No fundo, sou um narcisista.

Katie passou o esfregão num prato e enxaguou-o. – Estou ansiosa por passar a noite em tua casa.

– Porquê?

– Porque estamos sempre aqui e não lá. Não me leves a mal; eu entendo que isso é o mais certo a fazer por causa dos teus filhos. – *E também por causa da Carly*, pensou, embora não o tenha dito. – Vou ter a oportunidade de ver como vives.

Alex pegou no prato. – Já estiveste em minha casa.

– Sim, mas nunca fiquei mais do que uns minutos e, mesmo assim, apenas na cozinha e na sala de estar. Não tive hipótese de espiar o teu quarto ou bisbilhotar o armário da tua casa de banho.

– Não te atreverias a fazer isso – disse Alex, fingindo-se escandalizado.

– Talvez me atrevesse, se tivesse uma hipótese.

Ele limpou o prato e guardou-o no armário. – Podes passar o tempo que quiseres no meu quarto.

Ela riu-se. – Isso são tretas típicas dos homens.

– Estou apenas a dizer que não me importaria. E está à vontade para vasculhares também o armário da minha casa de banho. Não tenho segredos.

– Isso é o que tu dizes – contrapôs ela, provocando-o. – Falas como alguém que oculta vários segredos.

– Não relativos a mim.

Ela concordou, com uma expressão séria no rosto. – Não em relação a ti.

Lavou mais dois pratos e passou-lhos, sentindo uma onda de satisfação a apoderar-se de si enquanto observava Alex a limpá-los e a guardá-los.

Ele aclarou a garganta.

– Posso perguntar uma coisa? Não quero que me leves a mal, mas estou curioso – disse.

– É claro.

Alex usou o pano que tinha na mão, limpando alguma louça e ganhando tempo. – Queria saber se pensaste no que te disse no fim de semana passado.

No estacionamento, depois do *rodeo* dos macacos.

– Disseste várias coisas – comentou ela, à cautela.

– Não te lembras? Disseste-me que a Erin não poderia casar, mas que a Katie provavelmente poderia.

Katie sentiu o corpo a ficar tenso, não tanto por se lembrar da conversa, mas principalmente pela seriedade do tom de voz de Alex. – Lembro – respondeu, esforçando-se por parecer despreocupada. – Acho que disse que teria de encontrar o homem certo.

Ao ouvir aquelas palavras, os lábios de Alex contraíram-se, como se não tivesse a certeza se deveria continuar. – Eu só queria saber se pensaste no caso. Em relação à possibilidade de nos casarmos daqui a algum tempo.

A água ainda estava quente quando ela começou a lavar os talheres. – Primeiro, terias de pedir a minha mão.

– E se eu a pedisse?

Ela encontrou um garfo e esfregou-o. – Eu acho que te diria que te amo.

– Mas aceitarias?

Ela hesitou. – Não quero casar outra vez.

– Não queres ou achas que não serias capaz?

– Qual é a diferença? – A expressão dela permaneceu firme e desafiadora. – Tu sabes que eu ainda sou casada. A bigamia é ilegal.

– Tu já não és a Erin. És a Katie. Como tu mesma disseste, a tua carta de condução confirma isso mesmo.

– Mas eu também não sou a Katie! – protestou ela, antes de se virar para Alex. – Não percebes? Eu roubei esse nome a um casal de quem eu gostava! Pessoas que confiavam em mim – explicou, olhando fixamente para ele, voltando a sentir a tensão que a atormentara durante o dia e recordando com intensidade renovada a gentileza e a compaixão de Gladys, a sua fuga e os anos de pesadelo que vivera com Kevin. – Porque é que não podes aceitar as coisas tal como elas são? Porque é que tens de me pressionar tanto para ser a pessoa que queres que eu seja em vez de me deixares ser a pessoa que sou?

Ele retraiu-se. – Eu amo-te tal como és.

– Mas estás a impor condições!

– Não estou nada!

– Estás sim! – insistiu ela. Sabia que estava a levantar a voz, mas não conseguiu evitar. – Tens uma ideia fixa sobre o que queres da tua vida e estás a tentar fazer com que eu me encaixe nessa ideia!

– Não é nada disso – protestou Alex. – Eu só te fiz uma pergunta.

– Mas queres uma resposta concreta! Queres a resposta correta e, se não conseguires obtê-la, vais tentar convencer-me a fazer o que queres. Como se eu devesse fazer o que tu queres! Como se eu devesse fazer tudo o que tu queres!

Pela primeira vez desde que se conheceram, Alex lançou-lhe um olhar duro. – Não faças isso – aconselhou.

– Fazer o quê? Dizer a verdade? Dizer-te como me sinto? Porquê? O que é que vais fazer? Vai bater-me? Estás à vontade.

Alex encolheu-se, como se ela lhe tivesse dado um estalo. Katie teve a percepção de que as suas palavras tinham atingido o alvo. Contudo, em vez de se irritar, Alex pousou o pano da louça na bancada e recuou um passo. – Não sei o que é que se passa, mas peço desculpa por ter tocado nesse assunto. Não foi minha intenção colocar-te entre a espada e a parede ou tentar convencer-te a fazer o que quer que fosse. Estava apenas a tentar conversar.

Esperou que ela dissesse alguma coisa, mas Katie permaneceu em silêncio. Abanando a cabeça, virou-se para sair da cozinha, antes de se deter. – Obrigado pelo jantar – murmurou ele.

Na sala de estar, ela ouviu-o dizer às crianças que estava a ficar tarde e ouviu a porta da frente a abrir-se com um rangido. Alex fechou a porta calmamente atrás de si e a casa ficou repentinamente em silêncio, e Katie sozinha com os seus pensamentos.

Kevin tinha dificuldade em manter-se entre as linhas da estrada. Queria manter a mente desperta, mas a cabeça começara a latejar e sentiu um aperto no estômago, o que o levou a parar numa loja de bebidas para comprar uma garrafa de *vodka*. A bebida ajudou a aliviar a dor e, ao sorver o líquido por uma palhinha, só conseguiu pensar em Erin e no facto de ela ter alterado o seu nome para Katie.

A estrada interestadual era, aos seus olhos, uma mancha difusa. Os faróis dos carros, duas fontes de luz branca que lhe picavam a vista, cresciam de intensidade conforme se aproximavam no sentido oposto e desapareciam rapidamente ao passarem por ele. Um a seguir ao outro. Milhares. Pessoas a viajar e a fazer coisas. Kevin dirigia-se para sul, rumo ao estado da Carolina do Norte, ao encontro da sua esposa. Deixou Massachusetts, atravessou Rhode Island e Connecticut, Nova Iorque e Nova Jérсия. A lua subiu, alaranjada e furiosa antes de ficar branca, e atravessou o céu enegrecido acima dele. As estrelas também pontilhavam o céu.

Um vento quente soprava pela janela aberta e Kevin segurou firmemente o volante. Os seus pensamentos eram um verdadeiro *puzzle* de peças que não encaixavam. Aquela cadela abandonara-o. Abandonara o seu casamento, deixara-o para trás a apodrecer, e acreditava que era mais esperta do que ele. No entanto, descobriu-a. Karen Feldman atravessara a rua e ele percebeu que Erin tinha um segredo. Mas isso acabara. Ele sabia onde Erin morava, sabia onde ela estava escondida. A sua morada estava sarrabiscada num pedaço de papel no banco do passageiro, debaixo da pistola *Glock* que trouxera de casa. No banco de trás, estava um saco de viagem com roupas, algemas e fita-adesiva. Ao sair da cidade, passou numa caixa multibanco e levantou algumas centenas de dólares. Queria bater no rosto de Erin até lhe partir todos os ossos, deixando no seu lugar apenas uma massa feia e ensanguentada. Queria beijá-la, abraçá-la e implorar-lhe que voltasse para casa. Encheu o depósito do carro perto de Filadélfia e lembrou-se de como a seguira até ali.

Ela fê-lo passar por palhaço levando uma vida secreta que ele nem imaginava. Visitando os Feldman, cozinhando e limpando a casa para eles enquanto conspirava, fazia planos e mentia. Sobre o que mais teria mentido? Era o que ele se perguntava. Outro homem? Talvez não naquela época, mas agora provavelmente haveria algum. A beijá-la. A acariciá-la. A tirar-lhe as roupas. A rir-se dele. Àquela hora deviam estar na cama. Ela e o homem. Ambos a rirem-se dele nas suas costas. *Eu mostrei-lhe como era, não foi?*, diria ela, rindo-se. *O Kevin nem percebeu o que estava a acontecer.*

Pensar naquilo deixava-o louco, furioso. Kevin já estava na estrada há horas, mas continuou a conduzir. Bebia *vodka* e pestanejava rapidamente para clarear a visão. Não ultrapassou o limite de velocidade. Não queria ser mandado parar por um polícia da brigada de trânsito. Especialmente tendo uma arma no banco do passageiro, mesmo ao seu lado. Ela tinha medo de armas e sempre lhe pedira para trancar a arma no estojo, no fim do dia de trabalho. Ele fazia sempre o que ela pedia.

Mas não bastava. Comprou-lhe uma casa, móveis e roupas bonitas, levava-a à biblioteca e ao cabeleireiro e, mesmo assim, não bastou. Quem poderia entender? Seria assim tão difícil limpar a casa e preparar o jantar? Kevin nunca lhe quis bater. Só o fazia quando não tinha mais nenhuma escolha. Quando ela era estúpida, descuidada ou egoísta. Ela é que o obrigara a fazer tudo aquilo.

O motor continuou a roncar, um ruído estável nos seus ouvidos. Erin já tinha carta de condução e era empregada de mesa num restaurante chamado Ivan's. Antes de sair, ele passou algum tempo na Internet e fez alguns telefonemas. Não foi difícil encontrá-la, porque a cidade era pequena. Conseguiu descobrir onde ela trabalhava em menos de vinte minutos. Tudo o que teve de fazer foi marcar o número e perguntar se Katie estava lá. Ao quarto telefonema, alguém respondeu que sim. Ele desligou sem dizer qualquer palavra. Ela achou que podia esconder-se para sempre, mas ele era um bom detetive e encontrara-a. *Estou a chegar, pensou. Sei onde moras e onde trabalhas. Desta vez não me escapas.*

Passou por painéis publicitários e saídas para outras estradas e, no Delaware, a chuva começou a cair. Fechou a janela e sentiu o vento a empurrar o carro lateralmente. Um camião à sua frente estava a ziguezaguear na faixa de rodagem, com as rodas do atrelado a pisarem os traços da via. Ligou os limpa-para-brisas e a sua visão melhorou. Mas a chuva começou a

cair ainda com mais intensidade e ele dobrou-se sobre o volante, semicerrando os olhos para ver para lá das manchas luminosas dos faróis que vinham na direção oposta. A sua respiração começou a embaciar o vidro e ele ligou o desembaciador. Conduziria a noite inteira e encontraria Erin pela manhã do dia seguinte. Iria levá-la para casa e recomeçariam de novo a vida deles. Marido e mulher, a viver juntos, tal como mandam as regras. Felizes.

Eles eram felizes. Costumavam fazer coisas divertidas juntos. Ele lembrava-se de, logo depois de casarem, ter ido com Erin, aos fins de semana, visitar casas que estavam à venda. Ela sentia-se feliz por poder comprar uma casa e ele ouvia-a a falar com os vendedores de imóveis, a sua voz a ressoar como música nas habitações vazias. Erin gostava de se demorar pelos quartos e Kevin sabia que estava a decidir onde colocar os móveis. Quando encontraram a casa em Dorchester, ele percebeu, pelo brilho dos olhos dela, que era aquela a escolhida. Naquela noite, deitada na cama, ela traçou pequenos círculos com os dedos no peito dele enquanto lhe implorou que fizesse uma oferta. Ele lembrou-se de ter pensado que faria qualquer coisa que ela quisesse, pois amava-a.

Exceto ter filhos. Erin dizia que queria ter filhos, que queria constituir uma família. Durante o primeiro ano do casamento, estava sempre a falar disso. Ele tentou ignorá-la. Não desejava dizer que lhe desagradava a ideia de a ver gorda e inchada, que as mulheres grávidas eram feias, que não queria ouvi-la a reclamar por estar cansada ou por ter os pés inchados. Não queria um bebé a gritar e a chorar quando regressasse a casa do trabalho. Não queria que ela ficasse com o rosto inchado e o corpo flácido, ou ouvi-la a perguntar se o seu rabo estava a ficar gordo de mais. Kevin casou-se com ela porque queria uma esposa, não uma mãe. Mas ela insistia em falar daquilo, não se cansava de abordar o assunto. Até que ele, finalmente, lhe deu uma bofetada e mandou-a fechar a boca. Depois daquele dia, ela nunca mais falou sobre ter filhos. Entretanto, ele agora questionava-se se deveria ter dado a Erin o que ela queria. Ela não o teria abandonado se tivesse um filho. Não seria capaz de fugir se houvesse uma criança. Nesse caso, ela nunca mais seria capaz de fugir.

Ele decidiu então que iriam ter um filho. Os três viveriam em Dorchester e ele trabalharia como detetive de polícia. À noite, voltaria para casa para encontrar a sua linda esposa e, quando as pessoas os vissem no supermercado, todos ficariam encantados, dizendo «são uma família

tipicamente americana».

Pensou se o cabelo dela já estaria novamente louro. Esperava que estivesse comprido para poder deslizar os seus dedos nele. Ela gostava quando Kevin fazia isso, e sussurrava-lhe, dizendo as palavras que ele gostava, excitando-o. Mas aquilo não era real, não se ela estivesse a planear abandoná-lo. Erin mentira. Mentira durante todo aquele tempo. Semanas. Meses, talvez. Furtou coisas dos Feldman, o telemóvel, o dinheiro que lhe tirava da carteira. A conspirar e a fazer planos; e ele não fazia ideia do que ela estava a preparar. E, agora, havia outro homem a dormir na sua cama. A passar-lhe os dedos pelos cabelos, a ouvi-la gemer, a sentir as suas mãos no corpo dele. Kevin mordeu o lábio e sentiu o sabor de sangue, odiando-a. Queria socá-la e pontapeá-la, queria atirá-la pelas escadas. Sorveu mais um trago da garrafa que estava ao seu lado, para tirar o gosto metálico que lhe ficara na boca.

Ela conseguira enganá-lo por ser bonita. Tudo em Erin era belo. Os seios, os lábios, até mesmo a curva das suas costas. No casino, em Atlantic City, quando se encontraram pela primeira vez, achou que ela era a mulher mais linda que alguma vez vira e, durante os quatro anos do seu casamento, nada disso mudara. Erin sabia que Kevin a desejava e aproveitava-se disso. Vestia-se de maneira *sexy*. Arranjava o cabelo. Usava *lingerie* de renda. Tudo aquilo levou a que ele baixasse a guarda, a que ele pensasse que ela o amava.

Mas ela não o amava. Nem sequer queria saber dele. Não se importava com os vasos de flores partidos, nem com os pratos de porcelana estilhaçados, não se importava com o facto de ele ter sido suspenso do trabalho e não se importava por ele chorar sozinho, na cama, todas as noites antes de dormir, desde que ela partira. Não se importava que a vida de Kevin estivesse a despedaçar-se. Tudo o que importava eram as coisas que ela queria. Mas ela sempre fora egoísta e agora estava a rir-se dele. Há meses que se ria e só pensava em si mesma. Ele amava-a e odiava-a e não conseguiu saber ao certo o que sentia por ela. Sentiu as lágrimas começarem a formar-se e piscou os olhos para que não lhe escorressem pelo rosto.

Delaware. Maryland. Os arredores de Washington D. C. Virgínia. Horas perdidas numa noite interminável. De início, choveu intensamente mas aos poucos a chuva dissipou-se. Ele parou perto de Richmond quando o dia começou a raiar e pediu o pequeno-almoço. Dois ovos, quatro fatias de *bacon*, torrada de pão de trigo. Bebeu três chávenas de café. Colocou mais gasolina no carro e regressou à estrada interestadual. Entrou na Carolina do

Norte sob um céu azul. Havia insetos esmagados contra o para-brisas do carro e as suas costas começaram a doer. Pôs os óculos escuros para não ter de semicerrar os olhos e a barba começou a fazer comichão.

Estou a chegar, Erin, pensou ele. Não tarda nada estou aí.

Katie acordou exausta. Passara um bom bocado a virar-se de um lado para o outro na cama, sem conseguir dormir, a recordar as coisas horríveis que dissera a Alex. Não sabia porque havia feito aquilo. É certo que ficara abalada com a situação dos Feldman, mas, por pior que fosse, não conseguia lembrar-se de como se iniciara a discussão. Ou melhor: lembrava-se, mas aquilo não fazia sentido. Sabia que ele não estava a pressioná-la nem a tentar forçá-la a fazer algo que ainda não se sentia pronta para fazer. Sabia que ele não era minimamente parecido com Kevin, em nenhum aspeto. O que foi mesmo que ela lhe dissera?

O que é que vais fazer? Vai bater-me? Estás à vontade.

O que é que a levou a dizer uma coisa daquelas? Só conseguiu adormecer depois das duas horas da manhã, quando o vento e a chuva começaram a abrandar. Depois do sol nascer, o céu apresentou-se limpo e era possível ouvir o canto dos pássaros por entre as árvores. Ao chegar ao alpendre, reparou nos efeitos da tempestade: ramos partidos a cobrir a rua, folhas e pinhas espalhadas desde o jardim até ao meio da rua. O ar já estava denso por causa da humidade. Iria ser um dia escaldante, provavelmente o mais quente do verão. Pensou consigo mesma que deveria dizer a Alex para não deixar as crianças muito tempo ao sol, antes de se dar conta de que talvez ele não quisesse que ela os acompanhasse. Talvez ainda estivesse irritado com ela.

Talvez, não, corrigiu-se. Era quase certo que ainda estaria zangado com ela. E magoado também. Alex não deixara sequer que as crianças se despedissem dela na noite anterior.

Sentou-se nos degraus do alpendre e olhou para a casa de Jo, imaginando se a sua vizinha já estaria acordada. Ainda era cedo. Provavelmente, demasiado cedo para bater à porta. Não sabia o que lhe diria, nem se seria correto abordar o assunto. Não contaria o que dissera a Alex – eram memórias que gostaria de poder apagar por completo –, mas talvez Jo pudesse ajudá-la a entender a ansiedade que sentia. Depois de Alex ter ido

embora, sentira uma tensão nos músculos dos ombros e, à noite, pela primeira vez em várias semanas, preferira dormir com a luz do quarto acesa.

O seu instinto dizia-lhe que se passava algo de errado, mas não conseguia saber exatamente o que era, embora os seus pensamentos não conseguissem afastar-se dos Feldman. De Gladys. Das mudanças inevitáveis na casa. O que aconteceria se alguém notasse que as informações relativas a Katie haviam desaparecido? Só de pensar naquilo sentiu o estômago a revirar-se.

– Vai ficar tudo bem – ouviu ela, de repente. Voltando-se, viu Jo em pé, no primeiro degrau da escada, calçada com as sapatilhas de corrida. Tinha o rosto corado e a *T-shirt* empapada em suor.

– De onde é que saíste?

– Fui dar uma corrida – informou Jo. – Estava a tentar evitar o calor, mas, obviamente, não resultou. O dia está tão húmido e abafado que mal dava para respirar e achei que ia morrer com uma insolação. Mesmo assim, acho que estou melhor do que tu, pois pareces-me muito triste.

Subiu os degraus e Katie abriu espaço para que ela se sentasse ao seu lado.

– O Alex e eu discutimos ontem à noite.

– E então?

– Eu disse-lhe coisas horríveis.

– Pediste desculpa?

– Não – respondeu Katie. – Ele foi embora antes que eu pudesse fazê-lo. Devia ter pedido desculpa, mas não pedi. E agora...

– O que foi? Achas que é tarde de mais? – perguntou Jo, apertando levemente o joelho de Katie. – Nunca é tarde de mais para fazer o que está certo. Vai até lá e conversa com ele.

Katie hesitou. A sua ansiedade era notória. – E se ele não me perdoar?

– Então ele não é quem tu pensaste que fosse.

Ela levantou os joelhos até ao peito e apoiou o queixo neles. Jo descolou o tecido da *T-shirt* da pele, tentando abanar-se antes de prosseguir. – É claro que ele te perdoa. Tens noção disso, não é? Pode estar zangado e se calhar magoaste-o, mas ele é um bom homem. – Jo sorriu. – Além disso, todos os casais precisam de umas discussões feias de vez em quando. Apenas para provar que o relacionamento é suficientemente forte para sobreviver.

– Isso parece conversa de psicólogo.

– Na realidade é. Mas é verdade. Relacionamentos longos, os únicos que

realmente importam, são aqueles que conseguem resistir aos altos e baixos. E tu ainda estás a pensar em ter um relacionamento duradouro, não é verdade?

– Sim – respondeu Katie, assentindo. – Estou. E tens razão. Obrigada.

Jo deu uma palmadinha na perna de Katie e piscou-lhe o olho ao levantar-se para descer os degraus. – As amigas são para estas coisas, certo?

Katie também se levantou. – Queres um café? Vou preparar uma cafeteira.

– Hoje não. O dia está excessivamente quente. Preciso é de um copo de água gelada e de um duche frio. Sinto-me como se estivesse a derreter.

– Vais ao parque de diversões, hoje?

– Talvez. Ainda não decidi. Mas, se for, eu procuro-te – prometeu Jo. – Agora vai a casa do Alex e faz o que tens a fazer, antes que mudes de ideias.

Katie permaneceu sentada nos degraus por mais alguns minutos antes de voltar para dentro de casa. Tomou um banho e preparou um café. Mas Jo tinha razão – estava demasiado calor para beber aquilo. Assim, vestiu uns calções e calçou umas sandálias antes de contornar a casa para ir buscar a sua bicicleta.

Apesar da chuva recente, a rua de gravilha já estava a secar e Katie conseguiu pedalar sem gastar muita energia. E ainda bem. Não fazia ideia de como Jo conseguira correr com aquela temperatura, mesmo que ainda fosse bastante cedo. Aparentemente, todos estavam a tentar escapar ao calor. Normalmente, haveria esquilos ou pássaros, mas, quando entrou na estrada principal, não notou qualquer movimento. Na estrada, o trânsito estava tranquilo. Alguns carros passaram rapidamente por ela, deixando nuvens de fumo para trás. Katie continuou a pedalar em frente e, ao contornar uma curva, avistou a loja. Já havia meia dúzia de carros parados no estacionamento. Clientes habituais que iam lá comer biscoitos.

A conversa com Jo ajudara, pensou ela. Pelo menos um pouco. Ainda estava ansiosa, mas a sensação já tinha menos que ver com os Feldman ou outras memórias dolorosas do que com as coisas que ia dizer a Alex. E, principalmente, com a eventual reação dele. Pedalou até à parte da frente da loja. Alguns homens mais velhos estavam sentados nos bancos, abanando-se para suavizar o calor. Passou por eles e foi até à porta. Joyce estava atrás da caixa registadora, a calcular o valor das compras de um cliente, e sorriu-lhe.

– Bom dia, Katie – cumprimentou.

Katie deitou uma rápida olhadela à loja. – O Alex está por aqui?

– Está lá em cima com as crianças. Já conheces o caminho, certo? As escadas lá fora nas traseiras?

Ela saiu da loja e deu a volta à casa. No ancoradouro, havia vários barcos em fila, à espera para abastecer.

Ao chegar à porta, hesitou por uns momentos antes de bater. Do lado de dentro, ouviu passos a aproximarem-se. Quando a porta se abriu, deu com Alex à sua frente.

Ela esforçou-se por sorrir. – Olá – disse.

Ele assentiu, com uma expressão imperscrutável. Katie aclarou a garganta.

– Queria pedir-te desculpa pelo que disse. Eu estava enganada.

A expressão no rosto de Alex permaneceu neutra. – Tudo bem. Obrigado pelas desculpas.

Por momentos, nenhum dos dois falou e Katie sentiu um desejo repentino de não ter ido até ali. – Eu posso ir embora, se quiseres. Só preciso de saber se ainda queres que tome conta dos miúdos hoje à noite.

Ele voltou a não abrir a boca e, no meio daquele silêncio, Katie abanou a cabeça. Quando se virou para ir embora, ouviu-o a dar um passo na sua direção. – Katie... espera – disse ele, virando a cabeça para olhar para as crianças por cima do ombro, antes de fechar a porta atrás de si.

– Aquilo que disseste ontem à noite... – começou. Alex, hesitante, deixou a frase morrer no ar.

– Eu falei sem pensar – disse ela, com a voz suave. – Não sei o que me deu. Estava preocupada com outras coisas e descarreguei em ti.

– Admito que aquilo me deixou incomodado. Não tanto as tuas palavras, mas o facto de achares que eu seria capaz de... fazer aquilo.

– Eu não acho que fosses capaz de fazer algo do género. Nunca pensaria isso de ti.

Ele pareceu absorver aquelas palavras, mas Katie sabia que Alex ainda tinha algo mais a dizer.

– Quero que saibas que dou muito valor ao que existe entre nós e, mais do que qualquer coisa, quero que te sintas confortável. Seja lá o que for que isso implique. Desculpa se te fiz sentir entre a espada e a parede. Não era isso que estava a tentar fazer.

– Ah, estavas, estavas – disse ela, com um sorriso cúmplice. – Pelo menos

um pouco. Mas está tudo bem. Afinal, quem sabe o que o futuro nos reserva, não é? Como hoje à noite, por exemplo.

– Porquê? O que é que vai acontecer hoje à noite?

Ela apoiou-se na ombreira da porta. – Bem, depois de os miúdos adormecerem e, dependendo da hora a que regressares, pode ser tarde de mais para eu voltar para casa de bicicleta. Talvez me encontres deitada na tua cama...

Quando Alex percebeu que Katie não estava a brincar, levou a mão ao queixo, fingindo estar a matutar no assunto. – Isso seria um dilema.

– Por outro lado, pode ser que não haja muito trânsito e queiras chegar suficientemente cedo para me levar a casa.

– Por norma, costumo conduzir com segurança. Não gosto de andar em correrias na estrada.

Apoiando-se agora no peito dele, sussurrou ao ouvido de Alex. – És muito consciencioso.

– É, tento ser – sussurrou ele, antes que os seus lábios tocassem nos dela. Quando se afastou, percebeu que havia uma meia dúzia de donos de barcos a olhar para eles. Mas Alex não quis saber. – Quanto tempo é que levaste a ensaiar esse discurso?

– Eu não ensaiei. As palavras simplesmente brotaram de dentro de mim.

Ele ainda sentia o beijo. – Já tomaste o pequeno-almoço?

– Não.

– Queres comer cereais comigo e com os miúdos? Antes de irmos para o parque de diversões?

– Comer cereais convosco deve ser uma delícia.

A Carolina do Norte era um lugar feio. Uma faixa de asfalto entalada entre extensões monótonas de pinheiros e colinas ondulantes. Ao longo da estrada, viam-se aglomerados de atrelados e *roullotes*, pequenas propriedades agrícolas e celeiros apodrecidos cobertos de trepadeiras. Kevin saiu de uma via interestadual e entrou noutra, rumo a Wilmington, e bebeu mais um pouco de *vodka* para espantar o tédio.

Ao cruzar a paisagem sempre igual, pensou em Erin. Pensou no que faria quando a encontrasse. Esperava que estivesse em casa quando chegasse, mas, mesmo que estivesse a trabalhar, seria apenas uma questão de tempo até que regressasse a casa.

A estrada passava ao largo de cidades sem qualquer atrativo e com nomes desinteressantes. Às dez horas da manhã chegou a Wilmington. Atravessou a cidade e virou para uma pequena estrada rural. Continuou a rumar a sul, com o sol a bater forte na janela do condutor. Colocou a arma no colo e depois passou-a outra vez para o assento do passageiro, e continuou a conduzir.

E, finalmente, chegou lá, à cidade onde ela estava a viver. Southport.

*

Kevin atravessou vagarosamente a cidade, tendo de fazer um desvio por causa de um parque de diversões itinerante, e de vez em quando consultou o itinerário que imprimira no computador antes de sair de casa. Retirou uma camisa de dentro da mala de viagem e colocou-a sobre a pistola, para a esconder.

Southport era uma cidade pequena, com casas limpas e bem cuidadas. Algumas tinham uma arquitetura típica do Sul dos Estados Unidos, com alpendres amplos, magnólias e bandeiras americanas a tremular em mastros. Outras recordavam-lhe as casas da região de Nova Inglaterra. Havia mansões em frente ao mar. O sol refletia-se na água, visível por entre as casas, e o dia

estava quente como o inferno. Parecia uma sauna.

Alguns minutos depois, encontrou a viela de cascalho onde ela morava. À esquerda, mais adiante, havia uma loja de conveniência e ele parou lá para abastecer o carro e comprar uma lata de *Red Bull*. Ficou na fila atrás de um homem que estava a comprar carvão e líquido para o isqueiro. Entregou o dinheiro à idosa da caixa. Ela sorriu e agradeceu, comentando, como era típico das pessoas da sua idade, sempre indiscretas, que nunca o vira por ali antes. Kevin disse-lhe que estava ali por causa do parque de diversões.

Ao voltar para a estrada, sentiu a pulsação a acelerar ao dar conta de que já não estava longe do seu destino. Contornou uma curva e diminuiu a velocidade do carro. Avistou ao longe uma ruela de gravilha. As folhas que imprimira indicavam-lhe que deveria virar para entrar naquela rua, mas seguiu em frente. Se Erin estivesse em casa, reconheceria imediatamente o carro e Kevin não queria que isso acontecesse. Pelo menos enquanto não tivesse tudo pronto.

Deu meia-volta com o carro, à procura de um lugar discreto para estacionar. Foi difícil de encontrar. Talvez no estacionamento da loja de conveniência, mas será que alguém iria reparar se lá estacionasse? Voltou a passar pela loja, examinando a área. As árvores que ladeavam a estrada poderiam servir-lhe de cobertura, ou talvez não. Não queria arriscar-se a levantar as suspeitas a alguém que estivesse a passar pela estrada e visse um carro abandonado junto ao arvoredor.

A cafeína fazia com que suas mãos tremessem e ele mudou para a *vodka*, para acalmar os nervos. Por amor de Deus, era impossível encontrar um lugar para esconder o carro. Que raio de lugar era aquele? Deu outra vez meia-volta, já irritado. Não deveria ser tão complicado e deveria ter alugado um carro. No entanto, não o fizera e agora não conseguia encontrar uma maneira de se aproximar o suficiente da casa de Erin sem levantar suspeitas.

A loja era a sua única opção e regressou ao estacionamento, parando ao lado da casa. Ficava a quase um quilómetro e meio de distância da casa de Erin, mas Kevin não sabia mais o que fazer. Ficou a remoer naquilo por um bom bocado, antes de desligar o motor. Quando abriu a porta, foi envolvido por uma onda de calor. Esvaziou o saco de viagem, atirando as roupas para o banco de trás, e colocou lá dentro a pistola, as cordas, as algemas e a fita adesiva, além de mais uma garrafa de *vodka*. Colocou o saco ao ombro e deu uma olhadela em volta. Ninguém o observava. Calculou que poderia deixar

ali o carro por uma hora ou duas antes que alguém desconfiasse.

Kevin afastou-se do estacionamento e seguia pela berma da estrada quando sentiu uma súbita dor de cabeça. O calor era insuportável. Como se tivesse vida. Caminhou pela estrada, olhando fixamente para os condutores que passavam por ele. Não viu Erin nem qualquer outra mulher com cabelo castanho.

Chegou à rua de gravilha e percorreu-a. A via, empoeirada e cheia de buracos, parecia não levar a lugar nenhum, até que ele, finalmente, depois de percorrer mais uns quinhentos metros, avistou duas cabanas pequenas. Sentiu o coração a acelerar. Erin vivia numa delas. Kevin foi para um dos lados da rua, caminhando junto às árvores, tentando esconder-se. Contou que houvesse alguma sombra, mas o sol estava alto e o calor fustigava-o. Tinha a camisa ensopada e suor a escorrer-lhe pelo rosto, deixando o seu cabelo numa lástima. Tinha a cabeça a latejar e parou para beber, sorvendo a *vodka* diretamente da garrafa.

Vistas de longe, nenhuma das casas parecia estar ocupada. Que diabo, nenhuma delas parecia sequer habitável. Não eram nada parecidas com a casa deles em Dorchester, com suas venezianas, mísulas decorativas e a porta da entrada vermelha. Na cabana mais próxima, a tinta estava a descascar e os cantos das tábuas a apodrecer. Seguindo em frente, observou as janelas, à procura de sinais de movimento. Não se apercebeu de nada.

Não sabia em qual das cabanas ela vivia. Parou para as observar mais de perto. As duas eram horríveis, mas uma delas parecia praticamente abandonada. Dirigiu-se à que estava em melhores condições, tentando esquivar-se à janela.

Demorara trinta minutos a chegar até lá, desde a loja de conveniência. Quando surpreendesse Erin, sabia que ela tentaria escapar. Talvez tentasse, até, lutar. Iria amarrá-la e tapar-lhe a boca com fita adesiva, para depois ir buscar o carro. Quando regressasse, colocaria Erin na bagageira, onde ficaria até que estivessem muito longe da cidade.

Chegou à parede lateral da casa e encostou-se. Aguçou os ouvidos, tentando ouvir algum som, portas a abrirem-se, água a correr ou talheres a bater nos pratos, mas não escutou nada. Ainda lhe doía a cabeça e continuava com sede. O calor ainda o fustigava e tinha a camisa encharcada. Respirava com sofreguidão, mas já estava muito perto de Erin. Pensou novamente no modo como ela o abandonara e como não se importara quando ele chorou.

Rira-se nas suas costas. Ela e o homem com quem estava, quem quer que ele fosse. Havia um homem, disso Kevin não duvidava. Ela não poderia ter feito tudo aquilo sozinha.

Espreitou para as traseiras da casa, mas não viu nada. Aproximou-se lentamente, atento. À sua frente havia uma pequena janela. Decidiu arriscar e olhou para o interior. As luzes estavam apagadas e o interior estava limpo e organizado, com um pano da louça pendurado sobre o lava-louça. Aproximou-se silenciosamente da porta e girou a maçaneta. Estava destrancada.

Sustendo a respiração, abriu a porta e entrou na casa, parando de novo para tentar ouvir algum ruído, mas não aconteceu nada. Atravessou a cozinha e foi até à sala. Depois, ao quarto e à casa de banho. Disse um palavrão, ao perceber que ela não estava em casa.

Isto, claro, partindo do princípio de que aquela era a casa certa. No quarto, viu uma cómoda e abriu a gaveta de cima. Encontrando uma pilha de cuecas, remexeu nelas e esfregou-as entre o indicador e o polegar, mas Erin já desaparecera há tanto tempo que não conseguia lembrar-se se seriam as mesmas que ela vestira quando ainda estavam juntos. Não reconheceu as outras roupas, mas eram do tamanho dela.

Reconheceu o champô e o amaciador, assim como a pasta de dentes. Na cozinha, revirou as gavetas, abrindo uma por uma até encontrar uma conta de eletricidade. Estava endereçada a Katie Feldman e então ele apoiou-se no armário da cozinha, olhando fixamente para o nome, sentindo-se satisfeito.

O único problema era que Erin não estava ali e ele não sabia quando regressaria. Estava consciente de que definitivamente não poderia deixar o carro na loja, mas, ao mesmo tempo, sentia-se exausto. Queria dormir, precisava de dormir. Conduzira durante toda a noite e tinha a cabeça a latejar. Instintivamente, dirigiu-se ao quarto dela. Ela tinha feito a cama e, quando puxou as cobertas, sentiu o cheiro de Erin nos lençóis. Arrastou-se sobre a cama, respirando fundo, inspirando o aroma dela. Sentiu as lágrimas a encherem-lhe os olhos ao perceber quantas saudades sentia dela, quanto a amava e como poderiam ter sido felizes se ela não fosse tão egoísta. Não conseguia permanecer acordado e disse a si mesmo que dormiria apenas por alguns minutos. Não por muito tempo. Apenas o suficiente para que, quando ela voltasse, naquela noite, a sua mente estivesse alerta e ele não cometesse erros. Ele e Erin poderiam voltar a ser marido e mulher.

Alex, Katie e as crianças foram de bicicleta ao parque de diversões, porque seria praticamente impossível estacionar no centro da cidade. Da mesma forma, seria ainda pior tentar regressar a casa quando os carros estivessem a sair do estacionamento.

Havia bancas de venda de artesanato dos dois lados da rua e o ar estava denso com o aroma a cachorros-quentes, hambúrgueres, pipocas e algodão-doce. No palco principal, uma banda tocava uma versão de *Little Deuce Coupe*, dos Beach Boys. Havia corridas de sacos e uma faixa a anunciar um campeonato que premiaria a pessoa capaz de comer naquela tarde a maior quantidade de melancias. Também havia jogos de azar, além de outras diversões, como acertar com dardos em balões, arremessar argolas a gargalos de garrafas, acertar três vezes com uma bola de basquetebol num cesto para ganhar um peluche. A roda gigante, do outro lado do parque, erguia-se acima de tudo, atraindo as famílias como se fosse um farol.

Alex ficou na fila para comprar bilhetes e Katie foi com as crianças na direção dos carrinhos de choque e dos carrosséis. Havia longas filas por todo o lado. Mães e pais agarrados às mãos das crianças enquanto os adolescentes andavam em grupos. O ar estava preenchido pelo barulho dos geradores e pelos ruídos metálicos oriundos das diversões do parque, que giravam sem parar.

O cavalo mais alto do mundo podia ser visto por um dólar. Outro dólar dava acesso à tenda ao lado, que abrigava o cavalo mais pequeno do mundo. Pôneis cansados e esbaforidos andavam em círculos, amarrados a uma roda, com as cabeças baixas.

As crianças estavam animadas e queriam ir a todas as atrações. Alex gastou uma pequena fortuna a comprar bilhetes, que se esgotaram rapidamente, pois cada uma das diversões custava três a quatro dólares. O custo acumulado raiava o absurdo e Alex tentou fazer com que eles durassem bastante, insistindo para que os filhos participassem noutras atividades.

Viram um homem a fazer malabarismos com pinos de *bowling* e vibraram com um cão capaz de percorrer uma corda bamba. Comeram piza ao almoço num dos restaurantes das imediações e ouviram uma banda *country* a tocar algumas canções. Depois, assistiram a uma corrida de *jet-ski* no rio Cape Fear antes de regressarem ao parque de diversões. Kristen comeu algodão-doce e Josh fez uma tatuagem temporária.

E assim decorreram as horas, num misto de calor, de barulho e de prazeres típicos de uma cidade pequena.

Kevin acordou duas horas mais tarde, com o corpo ensopado em suor e o estômago a doer devido às cólicas. Os sonhos que teve, induzidos pelo calor, foram vívidos e intensos e teve dificuldade em lembrar-se de onde estava. Sentia a cabeça prestes a abrir-se ao meio. Saiu do quarto a cambalear e dirigiu-se à cozinha, saciando a sede diretamente da torneira. Sentia-se tonto e fraco e ainda mais cansado do que quando se deitara para dormir.

Mas não podia demorar-se. Nem sequer devia ter dormido. Foi ao quarto e arranjou a cama para que Erin não percebesse que ele ali estivera. Já ia a sair da casa quando se lembrou do guisado de atum que vira no frigorífico. Estava esfomeado e lembrou-se que já há meses que ela não lhe preparava o jantar.

Deveriam estar uns 40 graus dentro naquela cabana abafada. Quando abriu o frigorífico, permaneceu bastante tempo em frente ao aparelho, a sentir o ar gelado que saía de lá de dentro. Pegou na caçarola do atum e revirou as gavetas até encontrar um garfo. Retirou a película aderente que cobria a caçarola, comeu um pedaço e depois outro. Aquilo não ajudou a suavizar a forte dor de cabeça que sentia, mas acalmou-lhe o estômago e as cólicas começaram a diminuir de intensidade. Poderia ter comido tudo, mas ingeriu apenas mais um pedaço antes de colocar a caçarola de volta no frigorífico. Erin não poderia perceber que ele ali estivera.

Lavou o garfo, limpou-o e guardou-o novamente na gaveta. Alisou o pano da louça e deu uma derradeira olhadela à cama, certificando-se de que estava igual ao que encontrara quando entrara na casa. Satisfeito, saiu da casa e voltou para a rua de gravilha, encaminhando-se para a loja de conveniência.

O tejadilho do carro queimava ao toque e, quando abriu a porta, pareceu-lhe estar a entrar numa fornalha. Não havia ninguém no estacionamento. Estava demasiado calor para ficar ao ar livre. Tudo parecia ferver, sem que

houvesse qualquer nuvem no céu e sem que uma brisa soprasse. *Por amor de Deus, como é que alguém pode querer viver aqui?*

Na loja, pegou numa garrafa de água e bebeu-a toda enquanto estava junto aos frigoríficos. Pagou pela garrafa vazia e a idosa deitou-a fora. Ela perguntou-lhe se tinha gostado do parque de diversões. Kevin respondeu afirmativamente à velha bisbilhoteira. De regresso ao carro, bebeu mais *vodka* sem se importar com o facto de a bebida estar à mesma temperatura que uma chávena de café. Desde que aquilo diminuísse a dor que sentia, não fazia diferença. Estava demasiado calor para pensar, e ele já poderia estar a caminho de Dorchester, se Erin estivesse em casa. Talvez quando levasse Erin de volta e Bill percebesse como estavam felizes, ele o deixasse regressar ao trabalho. Era um bom detetive e o capitão precisava dele.

Enquanto bebia, a dor que latejava nas suas têmporas começou a diminuir de intensidade, mas ele começou a ver em duplicado tudo o que o rodeava. Precisava de manter a mente desperta, mas a dor e o calor estavam a fazer-lhe mal e ele não sabia o que fazer.

Ligou o carro e entrou na estrada principal, dirigindo-se à baixa de Southport. Havia várias ruas encerradas e ele perdeu a conta das vezes que teve de se desviar do caminho até encontrar um lugar para estacionar. Quilómetros e quilómetros sem uma única sombra; apenas um calor sufocante e infernal. Tinha a sensação de que ia vomitar.

Pensou em Erin e onde ela poderia estar. No Ivan's? No parque de diversões? Devia ter ligado a perguntar se ela iria trabalhar. Devia ter-se hospedado em algum hotel na noite anterior. Não havia motivo para pressas, porque ela não estava em casa. Mas ele só se apercebera disso depois de invadir a casa onde ela morava. E ficou furioso ao pensar que ela provavelmente estaria a rir-se também daquilo. A rir-se sem parar do pobre Kevin Tierney enquanto o traía com outro homem.

Trocou de camisa e enfiou a arma por dentro dos *jeans*, caminhando em direção à orla do rio. Sabia que o Ivan's ficava naquela zona, pois pesquisara a localização do restaurante no computador. Seria demasiado arriscado ir até lá, por isso chegou a dar meia-volta duas vezes. Mas tinha de a encontrar. Estivera na casa onde ela morava e sentira o cheiro dela nos lençóis. Mas aquilo não fora o suficiente.

Havia multidões por toda a parte. As ruas evocaram-lhe uma feira agrícola, mas sem os porcos, os cavalos e as vacas. Comprou um cachorro-quente e

tentou comê-lo, mas o seu estômago revoltou-se e acabou por deitar quase tudo ao lixo. Ao caminhar por entre as pessoas, viu a orla do rio ao longe e, logo à frente, a fachada do Ivan's. Avançou vagarosamente por entre toda aquela gente. Sentiu a boca completamente seca quando chegou à porta do restaurante. O Ivan's estava lotado e havia uma fila de pessoas à espera de mesa. Deveria ter levado um chapéu e óculos escuros, mas não conseguia pensar direito. Sabia que ela o reconheceria imediatamente. Mesmo assim, encaminhou-se para a porta e entrou.

Viu uma empregada de mesa, mas não se tratava de Erin. Olhou em volta, e viu outra, mas também não era Erin. A rececionista era jovem e estava atarefada, a tentar encontrar a melhor maneira de acomodar um grupo de clientes. O ambiente estava barulhento – pessoas a conversar, talheres a bater nos pratos, copos a serem recolhidos em bacias e levados para a cozinha para serem lavados. Muito ruído, muita confusão, a sua dor de cabeça não passava e agora também sentia o estômago a arder.

– A Erin está a trabalhar hoje? – perguntou ele à rececionista, levantando a voz para que ela o ouvisse no meio de todo aquele ruído.

Ela fitou-o, confusa. – Quem?

– Katie – disse ele. – Eu quis dizer Katie Feldman.

– Não – gritou a rececionista, em resposta. – Ela está de folga. Mas amanhã trabalha – informou, com um meneio de cabeça em direção às janelas. – Provavelmente, anda lá fora, no meio de toda aquela gente. Acho que a vi passar aqui em frente hoje de manhã.

Kevin voltou-se e saiu, esbarrando nas pessoas enquanto se afastava, ignorando tudo aquilo. No exterior, dirigiu-se a um vendedor ambulante. Comprou um boné de basebol e um par de óculos escuros baratos. E retomou a caminhada.

A roda gigante girava sem parar. Alex e Josh estavam num assento e Kristen e Katie noutro, a sentir o vento quente a bater nos seus rostos. Katie colocou o braço em volta de Kristen, sabendo que, apesar do sorriso que a menina tinha no rosto, ela estava nervosa com a altura. Enquanto a roda gigante girava, levando o assento até ao ponto mais alto, revelando uma vista panorâmica da cidade, Katie percebeu que, embora também não estivesse muito animada com a altura, estava mais preocupada com a estrutura da

diversão. Aquela coisa parecia ter sido montada com arame e cliques de papel, mesmo tendo passado por uma inspeção municipal naquela manhã.

Questionava-se se Alex realmente dissera a verdade sobre a inspeção, ou se a ouvira sequer comentar sobre a possibilidade de a diversão ser perigosa. No entanto, era tarde de mais para se preocupar com aquilo, calculou Katie. Assim, procurou distrair-se olhando para a multidão de pessoas que enchia as ruas. Da parte da tarde, o parque de diversões recebeu ainda mais visitantes, mas, descontando os desportos aquáticos, não havia muita coisa para fazer em Southport. Era uma cidade pequena e tranquila e ela calculou que um evento daqueles seria o mais importante do ano.

A roda gigante abrandou a velocidade e parou, deixando-os suspensos no ar enquanto os primeiros passageiros saíam e outros entravam nos lugares que acabavam de ficar desocupados. Girou mais alguns momentos e Katie começou a observar a multidão mais atentamente. Kristen parecia estar mais relaxada, e fazia o mesmo.

Katie reconheceu um casal a comer gelados, eram frequentadores habituais do Ivan's, e imaginou quantos outros haveria por perto. Os seus olhos começaram a desviar-se de um grupo para outro e, por algum motivo, lembrou-se de que costumava fazer o mesmo quando começara a trabalhar no restaurante. Quando ainda vigiava a sua envolvimento, atenta à presença de Kevin.

Kevin passou pelas bancas de venda que estavam dos dois lados da rua, a vaguear e a tentar pensar como Erin. Devia ter perguntado à rececionista do restaurante se vira Erin com um homem, pois sabia que não iria ao parque de diversões sozinha. Era difícil ter em mente que ela agora tinha cabelo curto e castanho, pois cortara-o e tingira-o. Devia ter pedido uma cópia da carta de condução de Erin ao polícia pedófilo da outra esquadra, mas não estava a pensar direito quando entrou em contacto com ele. Mas isso já não tinha importância, porque sabia onde ela morava e iria lá regressar.

Sentiu a arma na cintura. Era uma sensação desconfortável, pois o metal irritava-lhe a pele. O boné de basebol provocava-lhe muito calor, especialmente porque era apertado e pressionava-lhe a cabeça; parecia prestes a explodir.

Ele avançou por entre grupos de pessoas e filas que se formavam. Entre

peças de artesanato. Pinhas decoradas, vidros coloridos em molduras e espanta-espíritos. Brinquedos de madeira à moda antiga. As pessoas enfiavam-se de comida: *pretzels*, gelados, *nachos* e bolos de canela. Viu carrinhos de bebê e recordou de novo que Erin queria ter um filho. Decidiu que lhe daria um. Menina ou menino, não importava; mesmo assim, preferia que fosse um menino, porque as meninas eram egoístas e não apreciariam a vida que ele lhes daria. As meninas eram assim mesmo.

As pessoas conversavam e sussurravam à sua volta e ele achou que algumas estavam a olhar diretamente para ele, tal como Coffey e Ramirez faziam. Ignorou-as, concentrando-se na sua busca. Famílias. Adolescentes de braço dado. Um rapaz que usava um *sombrero*. Dois funcionários do parque encostados a um poste, a fumar. Magros e cheios de tatuagens, com dentes cariados. Provavelmente drogados, com extensos cadastros. Teve um mau pressentimento em relação a eles. Era um bom detetive e sabia como analisar as pessoas, por isso não confiou neles. Mas nenhum dos dois reagiu à passagem de Kevin. Desviou-se para a direita e para a esquerda, avançando com determinação por entre a multidão e estudando os rostos das pessoas. Parou quando passou vagarosamente à sua frente um casal de obesos, a comer salsichas panadas, com os rostos vermelhos e inchados. Detestava gordos. Achava-os fracos e indisciplinados. Pessoas que passavam a vida a reclamar por causa da tensão arterial, da diabetes e de problemas cardíacos e que não paravam de se queixar do custo dos medicamentos, mas que não faziam o menor esforço por comer menos. Erin sempre fora magra, mas os seus seios eram grandes e agora ela andava por ali, com outro homem. Um homem que a acariciava e que tocava nos seus seios à noite, e aquele pensamento fez com que se sentisse a arder por dentro. Odiava-a. Mas ele também a queria. Amava-a. Era difícil distinguir aqueles sentimentos na sua cabeça. Bebera em excesso e o calor estava abrasador. Por que diabos ela tinha ido parar a um lugar tão infernal?

Andou por entre as diversões do parque e deu por si perto da roda gigante. Aproximou-se, esbarrando num homem que usava uma camisola sem mangas, ignorando os resmungos dele face à sua falta de modos. Olhou para os assentos da roda gigante, passando os olhos por cada rosto. Erin não estava ali, nem na fila.

Seguiu em frente, caminhando sob o calor no meio das pessoas gordas, à procura do vulto esguio de Erin e do homem que lhe tocava nos seios à noite.

A cada passo, pensava na sua *Glock*.

As cadeiras suspensas, a girar no sentido dos ponteiros do relógio, fizeram sucesso entre as crianças. Tinham andado naquela diversão por duas vezes, de manhã, e, depois de saírem da roda gigante, Kristen e Josh imploraram para lá regressarem. Só tinham sobrado uns quantos bilhetes e Alex concordou, explicando que, depois daquela volta, teriam de ir para casa. Ele queria regressar a tempo de tomar um banho, jantar e talvez descansar um pouco antes de ir para Raleigh.

Apesar dos seus esforços, não conseguiu deixar de pensar na excitante sugestão que Katie lhe fizera. Ela parecia capaz de lhe ler os pensamentos. Alex apanhou-a várias vezes ao longo do dia a olhá-lo fixamente, com um leve sorriso provocante nos lábios.

Agora ela estava ao seu lado, a sorrir para as crianças. Aproximou-se dela, colocando-lhe o braço em volta da cintura, e sentiu-a a inclinar-se contra o seu corpo. Não disse nada. Não havia necessidade de palavras. Katie também não disse nada. Em vez disso, inclinou a cabeça, pousando-a sobre o ombro de Alex. E ele teve a sensação de que nada no mundo poderia ser melhor do que aquilo.

Erin não estava nas chávenas giratórias, nem no labirinto de espelhos, nem no comboio fantasma. Ele vigiou as atrações junto da fila dos bilhetes, tentando misturar-se com a multidão, querendo vê-la antes que ela se apercebesse da sua presença. Estava numa posição vantajosa, pois sabia que ela ali estava, enquanto Erin não fazia a menor ideia da presença dele. Às vezes, as pessoas tinham sorte e aconteciam coisas estranhas. Recordou o dia em que conversou com Karen Feldman, quando ela revelou o segredo de Erin.

Desejou não ter deixado a *vodka* no carro. Ali por perto não parecia haver qualquer lugar onde pudesse comprar mais, nenhum bar à vista. Nem sequer um quiosque que vendesse cerveja. Não era bebida que apreciasse, mas teria comprado uma garrafa se não tivesse outra escolha. O cheiro da comida provocou-lhe náuseas e fome ao mesmo tempo, e sentiu o suor a ensopar-lhe a camisa, manchas escuras começando a aparecer nas costas e nas axilas.

Passou pelos jogos de azar, geridos por vigaristas. Desperdício de dinheiro, pois eram feitos de maneira a que o dono nunca perdesse muito. Mesmo assim, vários idiotas faziam fila para jogar. Procurou por entre os rostos. Nada de Erin.

Encaminhou-se até às outras diversões. Havia crianças a brincar nos carrinhos de choque, pessoas agitadas na fila. Do outro lado, estavam as cadeiras suspensas e dirigiu-se para lá. Contornou as pessoas, à procura de um ângulo melhor para observar o lugar.

As cadeiras começaram a perder velocidade, mas Kristen e Josh ainda sorriam, alegres. Alex acertara quando decidira ir embora depois daquele último passeio; o calor deixara Katie exausta e seria bom poder refrescar-se um pouco. Se havia uma coisa má na cabana onde morava – bem, na verdade, havia mais do que apenas uma coisa má, imaginou Katie – era não ter ar condicionado. Ela habituara-se a deixar as janelas abertas à noite, mas aquilo não era grande ajuda. As cadeiras pararam e Josh desapertou o cinto de segurança antes de descer. Kristen demorou um pouco mais até conseguir desenvencilhar-se, mas, pouco depois, as duas crianças já estavam a correr na direção de Katie e do pai.

Kevin viu as cadeiras a diminuírem de velocidade até pararem por completo e um bando de crianças desceu de lá, mas não era ali que a sua atenção estava focada. Em vez disso, tentou observar os adultos aglomerados em volta da vedação da diversão.

Continuou a caminhar, com os olhos a incidirem sucessivamente em todas as mulheres. Louras ou morenas, não importava. Procurou o corpo magro de Erin. Do lugar onde estava, Kevin não conseguia ver os rostos das pessoas diretamente à sua frente; mudou então de posição. Em poucos segundos, quando as crianças chegassem à saída, todos voltariam a espalhar-se pelo parque.

Caminhou rapidamente. Havia uma família à sua frente, com bilhetes na mão, a decidir onde iriam a seguir, a discutir no meio à confusão. Idiotas. Kevin contornou-os, semicerrando os olhos para observar os rostos perto das cadeiras.

Só havia uma mulher magra. Uma morena de cabelo curto, parada ao lado de um homem de cabelo grisalho, que colocara o braço ao redor da cintura dela. Era inconfundível. As mesmas pernas compridas, o mesmo rosto, os mesmos braços esbeltos.

Erin.

Alex e Katie caminharam de mão dada em direção ao Ivan's, acompanhados pelas crianças. Tinham deixado as bicicletas perto da porta das traseiras, onde Katie geralmente trancava a sua quando ia trabalhar. Quando saíram, Alex comprou água para Josh e Kristen antes de seguirem para casa.

– Gostaram do dia, meninos? – perguntou Alex, agachando-se para destrancar as bicicletas.

– O dia foi ótimo, pai – respondeu Kristen, com o rosto ruborizado pelo calor.

Josh limpou a boca ao braço. – Podemos voltar amanhã?

– Talvez – disse Alex, tentando esquivar-se à pergunta.

– Por favor, pai. Eu quero andar outra vez nas cadeiras.

Quando todos os cadeados estavam abertos, Alex colocou as correntes por cima do ombro. – Vamos ver – disse.

O toldo que ficava atrás do restaurante ainda projetava alguma sombra, mas continuava o calor intenso. Depois de, ao olhar pelas janelas, perceber que o restaurante estava lotado, Katie sentiu-se feliz por ter tirado o dia de folga, mesmo que tivesse de trabalhar dois turnos no dia seguinte e na segunda-feira. Valera a pena. O dia foi bom e ela iria descansar e ver um filme com as crianças enquanto Alex estivesse fora, à noite. E, mais tarde, quando ele voltasse...

– O que foi? – perguntou Alex.

– Nada.

– Estavas a olhar para mim como se fosses devorar-me.

– Estava com a cabeça noutro lugar – explicou, piscando o olho. – Acho que o calor me está a fazer mal.

– Ah, claro – disse ele, assentindo. – Como se eu não soubesse.

– Quero apenas lembrar-te que há ouvidos jovens neste momento a prestar atenção ao que dizemos, por isso, tem cuidado com o que vais dizer – alertou

ela, beijando-o antes de lhe tocar afetuosamente no peito.

Nenhum dos dois reparou no homem com um boné de basebol e óculos escuros que os observava junto à entrada do restaurante vizinho.

Kevin sentiu-se atordoado ao observar Erin e o homem de cabelo grisalho a beijarem-se, observando o modo como Erin se insinuava a ele. Viu como ela acariciou o cabelo do rapaz que estava junto deles. Observou o homem grisalho a dar-lhe uma palmada no traseiro quando as crianças não estavam a olhar. E Erin – a sua esposa – estava a adorar a situação. A deliciar-se. A encorajar aquilo. Traíndo-o com a sua nova família, como se Kevin e o seu casamento nunca tivessem existido.

Montaram nas suas bicicletas e começaram a pedalar, dando a volta ao restaurante e afastando-se de Kevin. Erin pedalava ao lado do homem grisalho. Estava de calções e sandálias, expondo as pernas, mostrando a sua sensualidade a outra pessoa.

Kevin seguiu-os. O cabelo dela era louro e comprido, esvoaçante... Mas, a seguir, ele pestanejou e ele estava de novo curto e castanho. Fazendo de conta que não era Erin a passear de bicicleta com a sua nova família, a beijar outro homem, a sorrir, a sorrir despreocupada. Aquilo não era real, disse a si mesmo. Não passava de um sonho. De um pesadelo. Do outro lado da rua, no ancoradouro, os barcos atracados balançavam sobre a água enquanto as bicicletas os deixavam para trás.

Dobrou a esquina. Eles iam a pedalar e Kevin seguia a pé, mas iam devagar para que a miúda conseguisse acompanhá-los. Ele aproximou-se e ficou suficientemente perto para ouvir o riso de Erin, numa demonstração de felicidade. Levou a mão à cintura e pegou na *Glock*, mas a seguir colocou-a dentro da camisa, pressionando-a contra a pele. Tirou o boné de basebol e usou-o para esconder a arma das pessoas que passavam por ele.

Os seus pensamentos ricocheteavam como bolas de *snooker* numa partida disputada a alta velocidade, batendo umas nas outras, de um lado para o outro, em todas as direções. Erin mentia, traía, conspirava e planeava. Fugira e encontrara um amante. Falava e ria pelas suas costas. Sussurrava ao ouvido do homem de cabelo grisalho, dizendo coisas sujas, sentindo as mãos daquele homem nos seus seios, arfando. Fingindo que não era casada, ignorando tudo o que ele fizera por ela, todos os sacrifícios, ter raspado sangue das solas dos sapatos, Coffey e Ramirez sempre a coscuvilharem a seu respeito, as moscas a zumbir em volta dos hambúrgueres, porque ela fugira e obrigara-o a ir

sozinha ao churrasco e não pudera dizer a Bill, o capitão, que não era apenas mais um dos rapazes, como todos os outros. E ali estava ela, a pedalar tranquilamente, com o cabelo curto e pintado, linda como sempre, sem pensar sequer no seu marido. Sem nunca se importar com ele. Esquecendo-se dele e do casamento para poder viver com o homem grisalho, acariciando o seu peito e beijando-o com uma expressão sonhadora no rosto. Indo a parques de diversões, andando de bicicleta. Ela provavelmente cantarolava no chuveiro enquanto ele chorava e se lembrava do perfume que lhe comprara no Natal. Ela não queria saber de nada daquilo, porque era egoísta e pensava que podia deitar o casamento fora como se fosse uma caixa de piza vazia.

Inconscientemente, Kevin acelerou o passo. A multidão nas ruas fazia com que tivessem de pedalar mais devagar e ele sabia que bastava erguer a arma e matá-la. Levou o dedo ao gatilho e soltou a patilha de segurança, porque a Bíblia dizia: *Honrai o casamento acima de tudo, e não permitais que a cama seja maculada*, mas percebeu que, se o fizesse, também teria de matar o homem de cabelo grisalho. Poderia matá-lo à frente de Erin. Tudo o que tinha a fazer era premir o gatilho. Contudo, era praticamente impossível atingir alvos em movimento àquela distância com uma *Glock*, e havia pessoas por toda parte. Iriam ver a arma e gritar. Seria quase impossível disparar um tiro certo. Tirou o dedo do gatilho.

– Para de atirar com a tua bicicleta para cima da tua irmã! – ordenou o homem grisalho, mais à frente, a sua voz quase perdida na distância. Mas as suas palavras eram reais e Kevin imaginou as coisas sujas que ele diria a Erin. Sentiu a raiva a crescer dentro de si. E então, de repente, as crianças viraram numa esquina e foram seguidas por Erin e pelo homem grisalho.

Kevin parou, a respirar com dificuldade e sentindo-se maldisposto. Enquanto ela fazia a curva, ele viu-a de perfil sob a intensa luz do sol e pensou novamente em como era linda. Erin evocava-lhe sempre uma flor delicada, bonita e bastante refinada. Lembrou-se de a salvar de ser violada por uns brutamontes depois de sair do casino e de como ela costumava dizer-lhe que se sentia segura quando estava ao seu lado. Nem mesmo aquilo bastara para impedir que o abandonasse.

Gradualmente, começou a ouvir as vozes das pessoas que passavam por ele. Conversando sobre coisas sem importância, sem se dirigirem a qualquer lugar importante, mas aquilo trouxe-o de volta à realidade. Começou a correr, tentando alcançar a esquina onde eles viraram, e cada passo levou-o a sentir

que ia vomitar sob aquele sol inclemente. Tinha a palma da mão transpirada, encharcada em redor da arma. Chegou à esquina e começou a procurá-los.

Não havia ninguém à vista. Entretanto, dois quarteirões à frente, umas barreiras bloqueavam a rua por causa do parque de diversões. Deviam ter virado na esquina logo antes do obstáculo. Não havia outra alternativa. Pensou que teriam virado à direita, o único caminho para sair do centro da cidade.

Precisava de fazer uma escolha. Persegui-los a pé e arriscar-se a ser visto, ou voltar a correr para o carro e tentar segui-los com o veículo. Tentou pensar como Erin e imaginou que voltariam para a casa do homem grisalho. A casa de Erin era pequena de mais, quente de mais para os quatro, e ela preferiria ir para um lar bonito, cheio de móveis caros, porque acreditava que merecia uma vida assim.

Estava na hora de escolher. Segui-los a pé ou de carro. Endireitou-se, pestanejando e tentando pensar, mas estava demasiado calor e tudo se apresentava confuso de mais. Tinha a cabeça a latejar e a única coisa em que conseguia pensar era em Erin a dormir com um homem grisalho. Aquela imagem fez com que sentisse o estômago em convulsão.

Ela provavelmente vestia *lingerie* rendada e dançava para ele, sussurrava palavras que o excitavam. Implorava-lhe para que a deixasse dar-lhe prazer, para que, em troca, pudesse morar na sua casa cheia de coisas elegantes. Tornara-se uma prostituta, a vender a alma em troca de uma vida de luxo. Vendendo-se a troco de pérolas e caviar. Provavelmente, estaria a viver numa mansão, depois do homem grisalho a ter levado a jantar em restaurantes finos.

Sentiu-se enjoado ao imaginar tudo aquilo. Magoado e traído. A fúria ajudou a clarear os seus pensamentos e percebeu que estava parado enquanto eles se afastavam cada vez mais. O seu carro estava a alguns quarteirões de distância, mas ele virou-se e desatou a correr. No parque de diversões, correu rapidamente por entre as pessoas, empurrando-as para que saíssem do seu caminho, ignorando os gritos e protestos.

– Saíam da frente! Saíam da frente! – gritou Kevin, e algumas pessoas afastaram-se enquanto outras foram empurradas.

Chegou a um lugar onde não havia tanta gente e teve de parar para vomitar ao lado de uma boca de incêndio. Dois adolescentes riram-se dele e Kevin sentiu vontade de disparar sobre ambos. No entanto, depois de limpar a boca,

simplesmente sacou da arma e apontou-a aos dois, que se calaram de imediato.

Cambaleando, sentiu como se uma estaca de metal lhe estivesse a atravessar o cérebro. Estocada e dor, estocada e dor. Cada maldito passo que dava traduzia-se numa estocada e dor e Erin provavelmente estaria a dizer ao homem de cabelo grisalho as coisas que fariam na cama. Estaria a falar de Kevin ao homem e a rir-se, sussurrando, «O Kevin nunca conseguiu dar-me prazer como tu dás», mesmo que aquilo não fosse verdade.

Levou uma eternidade até chegar ao carro. Quando o alcançou, o veículo estava quente como um forno. O calor açoitou-o em baforadas e o volante parecia ferver ao toque. Maldito inferno. Erin decidiu viver no meio do inferno. Arrancou com o carro e abriu as janelas, dando meia-volta em direção ao parque de diversões e buzinando para afastar as pessoas que enchiam a rua.

De novo os desvios. Barreiras. Queria passar por cima delas, desfazê-las em pedaços, mas mesmo naquele lugar havia polícia, e seria preso. Polícias estúpidos, gordos e preguiçosos. Polícias típicos de filmes de comédia. Idiotas. Nenhum deles era um bom detetive, mas tinham armas e distintivos. Kevin entrou pelas ruas laterais, para tentar retomar a direção para onde Erin seguia. Erin e o seu amante. Os dois adúlteros, e a Bíblia dizia: *Aquele que olhar com desejo uma mulher cometeu adultério no seu coração.*

Pessoas por toda a parte. A atravessar desordenadamente a rua. Obrigando-o a parar. Debruçou-se por cima do volante, esforçando-se para ver pelo para-brisas, até que conseguiu avistá-los, finalmente. Quatro figuras minúsculas ao longe. Estavam logo atrás de outra barreira, seguindo na direção da rua que levava à casa dela. Havia um polícia na esquina, outro idiota, gordo e preguiçoso.

Ele acelerou e o carro avançou, apenas para se deter quando um homem repentinamente lhe apareceu à frente, socando a tampa do capô. Um campónio com cabelo curto à frente e comprido atrás, uma *T-shirt* com caveiras e cheio de tatuagens. Esposa gorda e filhos sujos. Uns falhados, todos eles.

— Olhe por onde anda! — gritou o campónio.

Mentalmente, Kevin disparou sobre todos, *bang bang bang bang*, mas forçou-se a não reagir. O polícia na esquina estava a observá-lo. *Bang*, pensou ele mais uma vez. Fez uma curva, acelerando. Virou à esquerda e

acelerou de novo. Mais uma curva à esquerda. Outra barreira à sua frente. Kevin fez outra vez meia-volta, tomou a direita e depois virou à esquerda no quarteirão seguinte.

Mais barreiras. Estava preso num labirinto, como um rato de laboratório. A cidade conspirava contra ele enquanto Erin fugia. Engatou a marcha-atrás e acelerou com força. Encontrou a rua onde já estivera e virou para depois seguir até ao cruzamento seguinte. Agora, tinha de estar perto. Virou à esquerda e viu uma fila de carros adiante, seguindo na direção que ele queria. Virou e entrou na via, forçando o seu carro a passar entre duas camionetas.

Queria acelerar, mas revelou-se impossível. Carros e camionetas ocupavam a estrada à sua frente, alguns com autocolantes da bandeira dos estados confederados nos para-choques e outros com suportes para armas de fogo no tejadilho. Campónios. As pessoas nas ruas impediam o avanço dos carros, todas caminhando como se estes não existissem. Elas andavam ao seu lado, movendo-se mais rápido do que ele. Pessoas gordas ainda a comer. Provavelmente passaram o dia a comer e agora atrapalhavam o trânsito enquanto Erin se distanciava cada vez mais. O carro dele avançou mais uns metros e parou. Inúmeras vezes. Kevin sentiu vontade de gritar, mas havia gente por toda parte. Se ele não tivesse cuidado, alguém acabaria por dizer alguma coisa e o polícia gordo e preguiçoso viria investigar. Iria lembrar-se da matrícula do carro de Kevin, uma matrícula de outro estado, e provavelmente prendê-lo-ia de imediato, simplesmente por não viver na cidade.

Avançou e parou, vezes sem conta. O seu progresso podia ser medido em centímetros, até que chegou à esquina. Achou que aquele cruzamento iria aliviar o fluxo do trânsito, mas não foi o que aconteceu. Mais à frente, Erin e o homem de cabelo grisalho tinham desaparecido. Havia apenas uma longa fila de carros e carrinhas à sua frente numa estrada que não levava a lugar nenhum, mas, ao mesmo tempo, a todos os lugares. Tudo em simultâneo.

Havia uma dúzia de carros estacionados em frente à loja quando Katie levou as crianças pelas escadas em direção a casa. Josh e Kristen reclamaram durante todo o trajeto, queixando-se de que as suas pernas estavam cansadas, mas Alex ignorou aquilo, lembrando-os periodicamente de que estavam a chegar. Quando a estratégia deixou de funcionar, ele simplesmente comentou que também estava a ficar cansado e que não queria ouvir nem mais uma palavra sobre o assunto.

As reclamações terminaram quando chegaram à loja. Alex deixou que se servissem de gelados e garrafas de *Gatorade* antes de subirem para casa e o ar frio do ar condicionado, que sentiram mal a porta se abriu, revelou-se incrivelmente refrescante. Alex levou Katie até à cozinha e ela observou-o a molhar a cara e o pescoço na torneira do lava-louça. Na sala, as crianças já estavam deitadas no sofá, com a televisão ligada.

– Desculpa – disse ele –, há dez minutos achei que ia morrer.

– Não disseste nada.

– É porque sou um tipo duro – disse ele, enchendo o peito de ar. Tirou dois copos do armário e colocou cubos de gelo neles, antes de se servir com a água que estava num jarro no frigorífico.

– Também és uma excelente atriz – disse ele, passando-lhe um dos copos. – Parece uma sauna, lá fora.

– Não consigo acreditar que ainda está tanta gente no parque de diversões – referiu ela, bebendo um gole.

– Sempre me questionei por que razão não trocam a data para maio ou outubro, quando está mais fresco. De qualquer modo, parece que as pessoas vão ao parque, independentemente da temperatura.

Katie olhou para o relógio de parede. – A que horas tens de sair?

– Daqui a uma hora, mais ou menos. Mas provavelmente regresso antes das onze.

Cinco horas, pensou ela. – Queres que prepare alguma coisa especial para

o jantar dos miúdos?

– Eles gostam de massa. A Kristen gosta da dela com manteiga e o Josh gosta de molho à marinara. Há um frasco de molho no frigorífico. Eles passaram o dia a comer no parque, por isso não devem ter muita fome.

– A que horas é que se deitam?

– À hora que mandares. Sempre antes das dez, mas, às vezes, por volta das oito. Manda-os para a cama quando achares apropriado.

Ela encostou o copo de água gelada ao rosto e deu uma olhadela à cozinha. Até então não passara muito tempo em casa de Alex, mas, agora que ali estava, percebia os resquícios de um toque feminino. Toques simples – as costuras da cortina feitas com linha vermelha, os pratos e as chávenas de porcelana expostos num armário envidraçado e os versos da Bíblia pintados em azulejos perto do forno. A casa estava cheia de provas da vida de Alex com outra mulher, mas, para sua surpresa, aquilo não a incomodou.

– Vou tomar um duche. Importas-te de ficar sozinha por alguns minutos? – perguntou Alex.

– É claro que não – respondeu. – Posso bisbilhotar a cozinha e pensar no que vou fazer para o jantar?

– A massa está naquele armário – disse ele, apontando. – Olha, quando eu acabar, se quiseres que te leve a casa para tomares banho e trocares de roupa, podemos fazer isso. Ou podes tomar um banho aqui mesmo. É como preferires.

Ela fez uma pose sensual. – Isso é um convite?

Os olhos de Alex arregalaram-se e ele olhou rapidamente na direção das crianças.

– Eu estava a brincar – esclareceu ela, a rir-se. – Tomo um duche depois de saíres.

– Queres ir buscar uma muda de roupa antes? Caso contrário, podes pegar numa das minhas *T-shirts* e numas calças de fato de treino... As calças provavelmente vão ficar largas, mas é só ajustar o cordão na cintura.

De algum modo, a ideia de vestir as roupas dele pareceu-lhe algo tremendamente *sexy*. – Não te preocupes – descansou-o –, não sou assim tão esquisita no que toca a escolher o que vou vestir. Só vou ver um filme com os miúdos, lembra-te?

Alex bebeu a sua água antes de pousar o copo na bancada. Inclinou-se para a beijar e depois foi para o quarto. Quando ele saiu, Katie voltou-se para a

janela da cozinha. Fitou a estrada que passava em frente à casa, sentindo uma ansiedade indefinível a tomar conta de si. Sentira o mesmo naquela manhã e calculou que fosse um resquício da discussão que tivera com Alex na noite anterior. Entretanto, deu por si pensar de novo nos Feldman. E em Kevin.

Pensara nele quando estava na roda gigante. Ao observar as pessoas, sabia que não estava a procurar clientes habituais do restaurante. Realmente não estava. Estava sim à procura de Kevin. Acreditando, por alguma razão inexplicável, que ele poderia estar no meio da multidão. Pensando que ele estaria lá.

Mas tudo não passava de uma paranoia sua. Não havia qualquer hipótese de ele saber onde ela estava, nenhuma hipótese de saber a sua identidade. *Era impossível*, garantiu a si mesma. Kevin nunca conseguiria ligá-la à filha dos Feldman; ele nem sequer conversava com eles. Mesmo assim, por que razão passara ela o dia todo a sentir como se alguém a estivesse a seguir, mesmo quando saíram do parque de diversões?

Não tinha poderes paranormais e nem sequer acreditava nessas coisas. Mas acreditava que o subconsciente tinha a capacidade de juntar peças quando o consciente as deixava passar. No entanto, ali na cozinha de Alex, continuava sem conseguir unir as peças, que permaneciam sem qualquer tipo de forma definida ou ordem; e, depois de observar uma dúzia de carros a passar na estrada em frente, virou-se finalmente para trás. Provavelmente, seriam apenas os seus velhos medos a insistirem em aparecer.

Abanou a cabeça e pensou em Alex no chuveiro. A ideia de tomar banho com ele fez com que sentisse uma onda de calor dentro de si. E, de qualquer maneira, não era assim tão simples, mesmo que as crianças não estivessem por perto. Mesmo que Alex pensasse nela como Katie, Erin ainda era casada com Kevin. Desejou poder ser outra mulher, uma mulher que pudesse simplesmente entregar-se nos braços do seu amado sem qualquer hesitação. Afinal, fora Kevin a quebrar todas as regras do casamento quando levantou os punhos para a agredir pela primeira vez. Quando Deus olhasse dentro do seu coração, Katie sabia que Ele concordaria que o que ela estava a fazer não era pecado. Concordaria, certo?

Ela suspirou. *Alex...* Era a única coisa em que conseguia pensar agora. *Mais tarde*, seria a única coisa em que conseguiria pensar. Ele amava-a e desejava-a. E, mais do que qualquer coisa, ela queria mostrar-lhe que sentia o mesmo por ele. Queria sentir o corpo dele encostado ao seu, queria-o por inteiro, pelo

tempo que ele desejasse. Para sempre.

Katie obrigou-se a parar de se imaginar com Alex, a parar de pensar no que iria acontecer. Abanou a cabeça para espantar aqueles pensamentos e foi para a sala de estar, sentando-se no sofá ao lado de Josh. Eles estavam a assistir a um programa do canal Disney que ela não conhecia. Pouco depois, olhou para o relógio e percebeu que só tinham passado dez minutos. Parecera-lhe uma hora.

Depois de sair do banho, Alex preparou uma sanduíche e sentou-se ao lado dela no sofá, a comer. Cheirava a limpo e as pontas do cabelo ainda estavam húmidas, aderindo à sua pele de uma maneira que fazia com que Katie sentisse vontade de passar lá os seus lábios. As crianças, com os olhos colados ao ecrã, ignoraram-nos por completo, mesmo depois de Alex ter pousado o prato na mesa e ter começado a tocar na coxa dela com a ponta dos dedos.

– Estás linda – sussurrou-lhe Alex ao ouvido.

– Estou horrível – ripostou, tentando ignorar a linha de fogo que lhe queimava a pele. – Ainda nem sequer tomei banho.

Quando chegou a hora de Alex ir embora, ele beijou as crianças na sala de estar. Ela seguiu-o até à porta. Quando a beijou para se despedir, deixou que a mão percorresse o corpo dela, bem abaixo da linha de cintura, sentindo os lábios macios dela nos seus. Obviamente apaixonado, obviamente desejando-a, certificando-se de que ela percebia com que intensidade. Estava a levá-la à loucura e parecia estar a apreciar.

– Até logo – disse ele, afastando-se.

– Conduz com cuidado – sussurrou ela. – Não te preocupes com as crianças.

Quando ouviu os passos de Alex a descer as escadas, encostou-se à porta para inspirar fundo, recuperando o fôlego. *Meu Deus*, pensou ela. Com ou sem votos de matrimónio, com ou sem culpa, constatou que, mesmo que ele não estivesse com disposição, ela definitivamente estaria.

Voltou a olhar para o relógio, certa de que aquelas seriam as cinco horas mais longas da sua vida.

—Que desgraça! — não parava de repetir Kevin. — Desgraça!
Estava a conduzir há horas. Parou para comprar quatro garrafas de *vodka* num supermercado. Uma delas já ia a meio e, ao volante, via tudo a dobrar, a menos que estreitasse os olhos, fechando um deles.

Andava à procura de bicicletas. Quatro, incluindo uma com cestinhas. Na situação em que se encontrava, era como procurar uma agulha num palheiro. Subia por uma rua e descia por outra, tarde fora e com a noite a chegar. Olhava de um lado para o outro. Sabia onde ela morava, sabia que, mais cedo ou mais tarde, ela regressaria a casa. Mas, naquele preciso momento, o homem de cabelo grisalho estava algures com Erin, a rir-se dele, dizendo-lhe ao ouvido: «Sou muito melhor do que o Kevin, querida».

Gritou palavrões dentro do carro, enquanto socava o volante. Destravou e travou várias vezes a patilha de segurança da arma, enquanto imaginou Erin a beijar o homem grisalho, e o braço dele a envolver a cintura dela. Lembrou-se do quanto ela parecera estar feliz, a achar que enganara o marido. Traindo-o. A gemer e a murmurar debaixo do seu amante, enquanto ele ofegava.

Kevin mal conseguia ver, debatendo-se contra a visão turva apenas com um olho. Um carro aproximou-se dele por trás à medida que percorria as ruas do bairro, seguindo-o de perto e depois dando sinais de luzes. Ele diminuiu a velocidade do carro e encostou, pegando na pistola. Detestava pessoas grosseiras, daquelas que achavam que eram as donas da rua. *Bang*.

O entardecer transformou as ruas num labirinto de sombras, fazendo com que fosse difícil identificar os contornos esguios das bicicletas. Quando passou de novo pela rua de gravilha, Kevin decidiu fazer meia-volta para mais uma visita à casa de Erin. Parou o carro mal viu a casa dela e saiu. Um falcão voava em círculos no céu e ele ouviu as cigarras a cantar, mas, de maneira geral, o lugar parecia deserto. Começou a encaminhar-se para a casa, mas, ainda ao longe, viu que não havia nenhuma bicicleta encostada. Nem nenhuma luz acesa. Mesmo assim, ainda não tinha escurecido e ele foi até à

porta das traseiras. Destrancada, tal como antes.

Ela não estava em casa e Kevin imaginou que Erin ainda não passara por lá desde que ele lá fora, mais cedo. Se assim fosse, teria aberto as janelas, tomado um copo de água, ou até mesmo um banho. Nada. Saiu pela porta dos fundos, olhando para a casa do lado. Estava em péssimas condições. Provavelmente abandonada. Isso era bom. Mesmo assim, o facto de Erin não estar em casa significava que ela estava com o homem de cabelo grisalho, que tinha ido até casa dele. Traindo, fingindo que não era casada. Esquecendo-se da casa que Kevin lhe comprara.

Tinha a cabeça a latejar ao mesmo ritmo das batidas do coração, como uma faca a apunhalá-lo sucessivamente. Punhalada. Punhalada. Punhalada. Foi-lhe muito difícil concentrar-se enquanto fechou a porta atrás de si. Por amor de Deus, estava mais fresco fora de casa do que no interior. Ela vivia numa sauna, transpirando com um homem de cabelo grisalho. Eles estavam juntos naquele preciso momento, algures, na cama, com os corpos entrelaçados. Coffey e Ramirez estariam a rir-se daquilo, a dar palmadas nas coxas, divertindo-se às custas do seu sofrimento. «Será que também posso ir para a cama com ela?», diria Coffey a Ramirez. «Ah, tu não sabes? Ela dormiu com metade da esquadra enquanto o Kevin estava a trabalhar. Toda a gente sabe», responderia Ramirez. Bill acenaria do seu escritório, com os documentos da suspensão na mão. «Eu também dormi com ela, todas as terças, durante um ano. Ela é uma fera na cama. Diz cada coisa mais porca.»

Regressou ao carro aos tropeções, com o dedo no gatilho da pistola. Eram todos uns sacanas. Kevin odiava-os. Imaginou-se a entrar na esquadra e a descarregar a *Glock*, esvaziando o carregador, para eles verem como era. Mostrando a toda a gente como era. Incluindo a Erin.

Parou e curvou-se para fora da janela, vomitando de novo. Sentiu o estômago dorido devido às cólicas, uma sensação de que havia algo a corroê-lo por dentro, como um animal preso dentro do seu corpo, que tentava rasgar-lhe a carne com as garras para se libertar. Vomitou outra vez e depois arquejou em seco. O mundo girou quando tentou levantar-se. O carro estava perto e ele cambaleou até lá. Pegou na *vodka* e bebeu, tentando pensar como Erin, mas olhou em volta e viu que estava num churrasco, a segurar num hambúrguer coberto de moscas enquanto todos lhe apontavam o dedo e riam.

Regressou ao carro. A cadela tinha de estar em algum lado. Ela iria assistir

quando o homem grisalho morresse. Iria ver todos a morrer. A arder no inferno, a arder, todos eles. Com cuidado, entrou no carro e arrancou. Fez marcha-atrás e bateu numa árvore quando tentava fazer inversão de marcha. Logo a seguir, por entre protestos, acelerou com força para sair dali, fazendo voar a gravilha que cobria a rua.

A noite não demoraria a cair. Ela seguira naquela direção, teria de estar por perto. Crianças daquela idade não aguentariam pedalar por tanto tempo. Cinco ou seis quilómetros, talvez sete. Ele passara por todas as ruas daquela zona, olhara para cada casa. Nenhuma bicicleta à vista. Poderiam estar dentro de alguma garagem ou estacionadas nalgum quintal. Ele esperaria e ela, a dada altura, acabaria por voltar para casa. Naquela noite. Amanhã. Amanhã à noite. Enfiaria a arma na boca de Erin, apontaria para os seus seios. «Diz-me quem é ele», exigiria Kevin. «Só quero conversar com ele.» Encontraria o homem grisalho para lhe mostrar o que acontece aos homens que dormem com as esposas dos outros.

Sentiu-se como se já não dormisse nem comesse há semanas. Não conseguia entender porque é que estava escuro e começou a imaginar o que estaria a acontecer. Não se lembrava exatamente de quando ali chegara. Lembrou-se de ver Erin, lembrou-se de tentar segui-la e de conduzir, mas não tinha a certeza sequer de onde estava.

Uma loja apareceu à sua direita, um lugar parecido com uma casa com um alpendre em frente. «Gasolina e comida», dizia uma placa. Lembrou-se daquele lugar, mas não sabia há quanto tempo lá estivera. Diminuiu involuntariamente a velocidade do carro. Precisava de comer, precisava de dormir. Precisava de encontrar um lugar para passar a noite. Sentiu o estômago a revirar-se. Pegou na garrafa, colocou o gargalo na boca e engoliu o líquido, sentindo a garganta a queimar, sentindo o alívio que a *vodka* lhe trazia. Mas, assim que largou a garrafa, o seu estômago revirou-se em mais um espasmo.

Entrou no estacionamento, esforçando-se por não vomitar a bebida, sentindo a boca a encher-se de saliva. O tempo estava a esgotar-se. Pisou com força nos travões e o carro derrapou antes de parar em frente à loja. Desceu de um salto. Foi até à frente do carro e vomitou na escuridão. O corpo tremia, as pernas estavam bambas. O estômago estava a ponto de lhe sair pela boca. O fígado também. Tudo o que tinha dentro de si. Percebeu que, de algum modo, ainda estava com a garrafa nas mãos, não a largara. Respirou fundo e

bebeu, usando a *vodka* para limpar o sabor amargo que tinha na boca, engolindo depois o líquido. Terminou mais uma garrafa.

E precisamente ali, como se estivesse no meio de um sonho, viu quatro bicicletas encostadas lado a lado, nas sombras escuras atrás da casa.

Katie obrigou as crianças a tomarem banho antes de vestirem o pijama. Depois, ela própria entrou no chuveiro, permanecendo sob os jatos de água e desfrutando da sensação deliciosa do champô e do sabonete a limpar-lhe o sal do corpo depois de um dia ao sol.

Preparou a massa das crianças e, depois do jantar, estudaram a coleção de DVD, tentando encontrar um filme que os dois quisessem ver, até que finalmente concordaram em ver *A Procura de Nemo*. Sentou-se entre Josh e Kristen no sofá, com uma taça de pipocas no colo e as pequenas mãos deles a irem lá automaticamente, de ambos os lados. Trazia vestidas umas calças de fato de treino confortáveis que Alex deixara em cima da cama e uma *T-shirt* velha da equipa de futebol americano Carolina Panthers. Estava sentada com as pernas cruzadas no sofá enquanto assistiam ao filme, sentindo-se relaxada pela primeira vez naquele dia.

No exterior, o céu tingia-se de várias tonalidades diferentes, quase como num espetáculo de fogo de artifício. As cores vibrantes do arco-íris esmaeceram em tons pastel antes de finalmente darem lugar ao azul-acinzentado do crepúsculo e ao azul-índigo da noite. As estrelas começaram a tremeluzir no céu enquanto as últimas ondas de calor subiam do chão.

Com o decorrer do filme, Kristen começou a bocejar, mas sempre que a personagem Dory aparecia no ecrã, a menina dizia: «Ela é a minha preferida, mas não me lembro porquê!» Do outro lado do sofá, Josh esforçava-se por se manter desperto. Quando o filme acabou e Katie se inclinou para desligar o DVD, Josh levantou a cabeça e apoiou-a no sofá. Como era grande de mais, ela não conseguiu levá-lo ao colo, pelo que lhe tocou no ombro, dizendo-lhe que era hora de ir para a cama. Ele resmungou e reclamou antes de se sentar. Bocejou e levantou-se e, com Katie ao seu lado, cambaleou até ao quarto. Deitou-se sem reclamar e ela deu-lhe um beijo de boa-noite. Sem saber se ele preferia dormir com o candeeiro ligado, acendeu a luz do corredor e deixou a porta entreaberta.

Tratou de Kristen a seguir. Ela pediu a Katie que se deitasse ao seu lado por alguns minutos. Esta assim fez, olhando para o teto, sentindo o calor e o cansaço do dia a começar a sugar-lhe a energia. A menina adormeceu de imediato e Katie teve de esforçar-se para conseguir manter-se acordada antes de sair do quarto em bicos de pés.

Depois, aproveitou para limpar o que sobrara do jantar e esvaziou a taça de pipocas. Olhando pela sala de estar, reparou nas provas da presença das crianças por toda a parte: uma pilha de *puzzles* numa estante, um cesto de brinquedos no canto da sala e sofás revestidos em couro, admiravelmente à prova de derramamento de líquidos. Observou também a decoração da divisão: um relógio antigo, que precisava que alguém lhe desse corda todos os dias, um conjunto antigo de enciclopédias numa estante ao lado do sofá, uma jarra de cristal sobre a mesa ao lado da janela. Nas paredes, fotografias a preto e branco de antigos celeiros usados para armazenar tabaco. Eram uma coisa típica do Sul dos Estados Unidos e ela lembrava-se de ter visto várias daquelas paisagens rústicas ao viajar pela Carolina do Norte.

Havia também vestígios da vida caótica de Alex: uma mancha vermelha no tapete em frente ao sofá, marcas e ranhuras no chão de madeira, poeira acumulada nos rodapés. Mesmo assim, ao observar os detalhes da casa, não conseguiu deixar de sorrir, porque todas aquelas coisas refletiam a pessoa que Alex era. Um pai solteiro, a dar o seu melhor para manter uma casa organizada, mesmo que não conseguisse fazer tudo com perfeição. A casa era um espelho da vida dele e ela gostava daquela sensação tranquila e confortável.

Katie apagou as luzes e deixou-se cair no sofá. Pegou no telecomando e começou a procurar algo interessante nos canais da TV por cabo, algo que não exigisse muita concentração. Já eram quase dez horas e Alex ainda levaria uma hora a chegar. Deitou-se no sofá e começou a ver um programa no canal Discovery, um programa sobre vulcões. Apercebeu-se de um reflexo no ecrã da televisão e esticou-se para desligar o candeeiro na mesinha de canto, deixando a sala mais escura. Melhor assim.

Viu alguns minutos do programa, quase sem notar que, sempre que piscava os olhos, estes fechavam-se por uma fração de segundo mais longa do que a anterior. A sua respiração ficou mais lenta e ela começou a afundar-se entre as almofadas. As imagens começaram a correr pela sua mente. Incoerentes a princípio. Imagens das diversões do parque, a vista do alto da roda gigante.

Pessoas em grupos aleatórios, jovens e velhos, adolescentes e casais. Famílias. E, algures ao longe, um homem de óculos escuros e boné de basebol a caminhar por entre a multidão, movendo-se com um objetivo em mente antes que ela o perdesse de vista. Katie reconheceu alguns aspetos: o modo de caminhar, o contorno do queixo, a maneira como movia os braços.

Estava quase a dormir agora, a descontrair-se e a recordar. As imagens começaram a ficar desfocadas, o som da televisão mais baixo. Descontraiu-se ainda mais e sua mente insistiu em recordar-se da vista do alto da roda gigante. E, é claro, do homem que avistara, um homem que se movia como um caçador na floresta, à procura da sua presa.

Kevin olhou fixamente para as janelas do primeiro andar, enquanto bebia lentamente da sua garrafa de *vodka*, a terceira naquele dia. Ninguém olhou para ele mais do que uma vez. Estava em pé no ancoradouro atrás da casa; trocara de roupa e trazia vestida uma camisa preta de manga comprida e uns *jeans* escuros. Apenas o seu rosto era visível, mas ele estava parado sob a sombra de um cipreste, escondido atrás do tronco. A observar as janelas, a observar as luzes, à procura de algum sinal de Erin.

Durante um longo período, nada aconteceu. Ele bebeu, determinado a esvaziar a garrafa. Estavam sempre a entrar e a sair pessoas da loja, recorrendo frequentemente ao cartão de crédito para pagar o combustível. Muito movimento, mesmo ali, no meio do nada. Dirigiu-se a uma das paredes laterais da loja, olhando para cima, para as janelas. Reconheceu o brilho azul e oscilante de um aparelho de televisão. Os quatro, a ver TV, comportando-se como uma família feliz. Ou talvez as crianças já estivessem a dormir, cansadas depois do passeio no parque de diversões. Talvez na sala estivesse apenas Erin e o homem grisalho, a rebolar no sofá, a trocar beijos e carícias enquanto Meg Ryan ou Julia Roberts se apaixonavam por alguém no ecrã.

Tudo lhe doía. Ele estava cansado e o estômago não parava de se revirar. Poderia ter subido as escadas e arrombado a porta com um pontapé, poderia já ter matado os dois uma dúzia de vezes, e o seu desejo era pôr fim àquilo, mas havia pessoas na loja. Carros no estacionamento. Empurrara o seu carro até um lugar sob a árvore nas traseiras da loja, para que não fosse visto por quem passasse por ali. Queria apontar a *Glock* e premir o gatilho, queria observá-los enquanto morriam, mas também queria deitar-se e dormir. Nunca se sentira tão cansado na vida e, quando acordasse, queria encontrar Erin ao seu lado, sonhando que ela nunca o abandonara.

Algum tempo depois, viu a silhueta dela na janela, viu-a a sorrir enquanto se virava e soube que ela estava a pensar no homem grisalho. A pensar em sexo, e a Bíblia dizia: *Aqueles que se entregarem à fornicção e aos prazeres*

da carne serão punidos de maneira exemplar, sofrendo a vingança do fogo eterno.

Ele era um anjo do Senhor. Erin pecara, e a Bíblia dizia: *Que ela seja atormentada com o fogo e a luz sagrada na presença dos anjos.*

Na Bíblia o fogo marcava sempre presença, pois purificava e condenava, e Kevin entendia aquilo. O fogo era poderoso, a arma dos anjos. Ele bebeu os últimos goles de *vodka* que restavam na garrafa e chutou-a para debaixo de uns arbustos. Um carro estacionou ao lado da bomba de gasolina e um homem saiu do veículo. Inseriu o cartão de crédito na bomba e começou a abastecer o carro. A placa ao lado da bomba informava que era proibido fumar, pois a gasolina era inflamável. Dentro da loja havia combustível de isqueiro para acender o carvão. Kevin lembrava-se do homem que estava à sua frente na fila da caixa, com uma lata de combustível na mão.

Fogo.

Alex remexeu-se no assento do carro e ajustou as mãos ao volante, tentando encontrar uma posição confortável. Joyce e a filha estavam no banco de trás e não pararam de falar desde o momento em que entraram no carro.

O relógio no painel mostrava que estava a ficar tarde. As crianças já estariam na cama, ou a prepararem-se para dormir, e ele sentiu-se aliviado ao pensar nisso. Já bebera uma garrafa de água, mas ainda tinha sede e estava a pensar se deveria parar novamente. Tinha a certeza de que Joyce e a filha não se importariam, mas não queria parar. Queria apenas voltar rapidamente para casa.

Ao conduzir, sentiu a sua mente a vaguear. Pensou em Josh e Kristen, pensou em Katie e relembrou alguns dos momentos que passara com Carly. Tentou imaginar o que Carly diria a respeito de Katie e se gostaria que a sua carta lhe fosse entregue. Lembrou-se do dia em que vira Katie a ajudar Kristen a vestir a boneca e lembrou-se de como estava bonita na noite em que lhe preparara o jantar. Saber que ela o esperava em sua casa fez com que sentisse o desejo de pisar fundo no acelerador.

Do outro lado da estrada, pontos brilhantes de luz apareciam no horizonte, ficando maiores, os faróis dos carros que seguiam em sentido contrário. Maiores e mais brilhantes, até que passavam por ele. No espelho retrovisor,

luzes vermelhas afastavam-se até desaparecerem ao longe.

Um clarão brilhou a sul, fazendo com que o céu se iluminasse por alguns instantes. Passou por uma casa rural à direita da estrada, com as luzes acesas no andar térreo. Ultrapassou um camião com matrícula do estado da Virgínia e rodou os ombros, tentando aliviar a fadiga que sentia. Passou pela placa que indicava os quilómetros em falta até chegar a Wilmington e suspirou. Ainda tinha um longo caminho pela frente.

As pálpebras de Katie agitavam-se enquanto sonhava. O seu subconsciente estava a trabalhar ferozmente. Pedacos, partes e fragmentos a tentarem ligar-se uns aos outros. O sonho acabou. Alguns minutos depois, ela levantou os joelhos e virou-se, deitando-se de lado, quase despertando. A sua respiração voltou a ficar mais lenta.

*

Às dez da noite, o estacionamento estava praticamente vazio. Faltava pouco para que a loja fechasse e Kevin deu a volta à casa, indo até à porta da loja, estreitando os olhos quando a luz à entrada lhe iluminou o rosto. Estava um homem de avental na caixa. Kevin lembrava-se vagamente dele, mas não sabia de onde. O avental do homem era branco, com o nome «Roger» escrito do lado direito. Kevin passou pela caixa registadora, esforçando-se por balbuciar as palavras. – Fiquei sem gasolina na estrada.

– Os bidões de gasolina estão junto à parede do fundo – respondeu Roger, sem levantar os olhos. Quando finalmente o fez, pestanejou. – Sente-se bem?

– Estou apenas cansado – respondeu Kevin, já no corredor, tentando não atrair as atenções, mas ciente de que o homem o observava. A *Glock* estava na sua cintura e tudo o que Roger tinha de fazer era meter-se na sua própria vida. Ao fundo da loja, Kevin viu três bidões de plástico de 18 litros e pegou em dois deles. A seguir, levou-os à caixa e deixou dinheiro sobre o balcão.

– Pago depois de encher – disse ele.

No exterior, encheu um dos bidões com gasolina, observando enquanto os números giravam na bomba. Encheu o segundo e voltou para dentro da loja. Roger fitou-o. Hesitou na hora de lhe entregar o troco.

– É muita gasolina para carregar sozinho.

– A Erin vai precisar.

– Quem é a Erin?

Kevin piscou os olhos. – Posso pagar a maldita gasolina ou não?

– Tem a certeza de que está em condições de conduzir?

– Hoje senti-me mal – resmungou Kevin. – Passei o dia a vomitar.

Não teve a certeza se Roger acreditou nele. Decorrido um momento, Roger pegou no dinheiro e entregou-lhe o troco. Kevin deixara os bidões junto às bombas de gasolina e foi lá buscá-los. Pareceu-lhe que estava a levantar dois bidões de chumbo. Fez força e sentiu o estômago a revirar-se, com uma dor a pulsar entre as orelhas. Rumou à estrada, deixando para trás as luzes da loja.

No escuro, escondeu os dois bidões no meio da erva na beira da estrada. Depois, deu a volta e dirigiu-se às traseiras da loja, onde esperou que Roger a fechasse, que as luzes se apagassem, que todos estivessem a dormir no andar de cima. Pegou noutra garrafa de *vodka* que estava no carro e bebeu uma golada.

Em Wilmington, Alex começou a animar-se, ao tomar consciência de que estava a chegar a casa. Não demoraria muito, talvez uma meia hora até entrar em Southport. Levaria mais alguns minutos para deixar Joyce e a filha em casa e depois poderia finalmente descansar.

Imaginou se encontraria Katie à espera dele na sala de estar ou se a encontraria na sua cama, como ela insinuara.

Era o tipo de coisas que Carly costumava fazer. Poderiam estar a falar sobre a loja ou sobre a possibilidade de os pais dela estarem a gostar de viver na Flórida, quando, sem qualquer motivo aparente, ela diria que se sentia aborrecida e perguntaria se ele queria ir para o quarto para se divertir um pouco.

Olhou mais uma vez para o relógio. Dez e quinze. Katie estava à espera. Ao lado da estrada, Alex vislumbrou seis ou sete veados paralisados sobre a relva, com os olhos a refletir a luz dos faróis, a brilhar como se algo sobrenatural estivesse a acontecer. Como se estivessem amedrontados.

Kevin viu as luzes fluorescentes instaladas sobre as bombas de gasolina a apagarem-se. As luzes da loja apagaram-se logo a seguir. Do lugar onde

estava escondido, avistou Roger a trancar a porta. Este deu um puxão na maçaneta, certificando-se de que estava fechada em segurança e depois virou-se. Encaminhou-se para uma *pick-up* castanha estacionada no canto mais distante do estacionamento e entrou no veículo.

O motor ligou-se com um rangido. Uma das correias estava solta. Roger aumentou a rotação do motor, acendeu os faróis e engatou primeira. Deu a volta para entrar na estrada e dirigiu-se ao centro da cidade.

Kevin esperou cinco minutos, para ter a certeza de que Roger não daria meia-volta. A estrada em frente à loja ficou completamente silenciosa. Nenhum carro ou carrinha vindo de qualquer direção. Correu até aos arbustos onde escondera os bidões. Observou de novo a estrada. Levou um dos bidões até às traseiras da loja. Fez o mesmo com o segundo bidão, colocando-os ao lado de latas de lixo a abarrotar com comida apodrecida. O mau cheiro era insuportável.

No andar de cima, a televisão continuava a banhar uma das janelas com uma luz azul. Não havia outras luzes acesas na casa e ele sabia que os dois estavam nus. Sentiu a raiva crescer dentro de si. *Agora*, pensou. Quando estendeu a mão para pegar nos bidões de gasolina, viu que havia quatro ao seu lado. Fechou um dos olhos e passaram a ser de novo apenas dois. Tropeçou ao dar um passo e quase caiu para a frente, desequilibrando-se e agitando os braços enquanto tentava agarrar-se ao canto da parede. Não conseguiu e tombou no chão, batendo com a cabeça no cascalho. Viu estrelas e faíscas, sentiu uma dor dilacerante. Tornou-se difícil respirar. Tentou levantar-se e caiu outra vez. Rebolou no chão, deitado, e sentiu o cascalho nas costas. Olhou fixamente para as estrelas.

Não estava bêbedo, porque nunca ficava bêbedo, mas havia algo de errado. Luzes cintilantes giravam e giravam, presas num redemoinho cada vez mais veloz. Fechou os olhos com força, mas intensificou-se ainda mais a sensação de que tudo estava a girar. Rebolou no chão e ficou deitado de lado, vomitando no cascalho. Alguém lhe terá dado algum tipo de droga, porque passara o dia inteiro sem beber praticamente nada e nunca na sua vida se sentira tão mal.

Tateou às cegas, para tentar encontrar o caixote do lixo. Agarrou-se à tampa e tentou usá-la para se equilibrar, mas puxou com muita força. A tampa soltou-se e um saco de lixo desprendeuse, caindo no chão com um barulho ensurdecedor.

No andar de cima, Katie acordou agitada, ouvindo o som de alguma coisa a cair com estrondo. Estava perdida no seu sonho e demorou um instante até que os seus olhos se abrissem. Um pouco atordoada, tentou prestar atenção ao ruído, mas não entendeu por que o fez, pois não tinha a certeza se havia sonhado com o barulho ou não. Mas não se passava nada. Voltou a deitar-se, permitindo-se adormecer outra vez e o sonho prosseguiu do ponto onde tinha ficado. Ela estava no parque de diversões, na roda gigante, mas já não era Kristen quem estava sentada ao seu lado.

Era Jo.

Kevin conseguiu finalmente levantar-se sem voltar a cair. Não conseguia perceber o que se estava a passar consigo. Concentrou-se e tentou recuperar o fôlego, inspirando, expirando, inspirando, expirando. Viu os bidões de gasolina e avançou na direção deles, quase caindo novamente durante o curto trajeto.

Mas não caiu. Pegou num bidão e depois andou em passos lentos e trôpegos na direção das escadas na parte de trás da casa. Estendeu o braço para se segurar ao corrimão, mas a sua mão não tocou em nada. Tentou mais uma vez. Finalmente, sentiu a mão a pegar em algo sólido. Puxou o bidão de gasolina escada acima, em direção à porta. Parecia que estava a escalar uma montanha, levando um peso de uma tonelada nas mãos. Por fim, alcançou o último degrau, arfando, e agachou-se para remover a tampa. O fluxo de sangue encheu-lhe a cabeça, deixando-o estonteado, mas apoiou-se no bidão para não cair de novo. Levou o seu tempo até conseguir abrir a tampa, porque esta teimava em escorregar-lhe por entre os dedos.

Quando o abriu, pegou no recipiente e encharcou o patamar que dava para a entrada da casa, lançando a gasolina contra a porta. A cada movimento, o bidão ficava mais leve, com a gasolina a espalhar-se em arcos, encharcando a parede. Estava a ficar mais fácil. Despejou o líquido de um lado para o outro, tentando atingir os dois lados da estrutura. Começou a descer as escadas, molhando tudo o que estava à sua volta. O cheiro da gasolina deixava-o enjoado, mas não parou.

Não restava muita gasolina no bidão quando ele chegou ao chão, e

aproveitou para descansar. Estava a respirar com dificuldade, o vapor da gasolina de novo a provocar-lhe náuseas, mas começou a mover-se novamente, com um propósito. Determinado. Atirou o bidão vazio para longe e pegou no outro. Não conseguiu atirar a gasolina para as partes mais altas da parede, mas fez o que era possível. Encharcou um lado e depois o outro. Acima dele, a janela ainda brilhava com a luz proveniente da televisão, mas estava tudo em silêncio.

Kevin despejou todo o conteúdo do bidão do outro lado da casa e foi aí que percebeu que não tinha mais combustível para a parte da frente. Olhou para a estrada; não vinha nenhum carro, nenhum movimento em ambas as direções. No andar de cima, Erin e o homem de cabelo grisalho estavam nus, a rirem dele. Erin fugiu de casa e ele quase a encontrou em Filadélfia, mas naquela época ela dizia chamar-se Erica, não Erin, e agora fingia que o seu nome era Katie.

Ficou parado em frente à loja, a pensar nas janelas. Talvez houvesse algum alarme, talvez não. Não quis saber. Precisava de combustível de isqueiro, de óleo para motor, terebentina, qualquer coisa que queimasse com facilidade. Quando partisse a janela, não disporia de muito tempo.

Golpeou a janela com o cotovelo, estilhaçando o vidro, mas não ouviu nenhum alarme. Retirou os pedaços de vidro e praticamente nem chegou a sentir os dedos cortados e a sangrar. Mais estilhaços de vidro e algumas partes da janela começaram a desfazer-se. Achou que a abertura era suficientemente grande para a poder atravessar, mas o braço ficou preso numa ponta longa e afiada. Puxou o braço e a carne rasgou-se. Mas não podia parar. O sangue correu, misturando-se com o dos cortes nos dedos.

Os frigoríficos ao fundo da loja ainda estavam iluminados e percorreu o corredor, imaginando se as caixas de cereais queimariam com facilidade ou se os pacotes de pão seriam inflamáveis. Ou DVD. Encontrou o carvão e o combustível de isqueiro – apenas duas latas, não havia muito. Não era suficiente. Piscou os olhos, olhando em volta e tentando encontrar alguma outra coisa. Viu a churrasqueira e a grelha de hambúrgueres do outro lado da loja.

Gás natural. Propano.

Aproximou-se da zona de refeições e parou em frente à grelha. Acendeu um dos bicos de gás e depois outro. Provavelmente, haveria algures uma válvula, mas não sabia onde estava e não tinha tempo para a procurar, porque

poderia aparecer alguém e Coffey e Ramirez estavam a falar dele, rindo-se e perguntando se tinha comido o bolo de carne de caranguejo em Provincetown.

O avental de Roger estava pousado numa prateleira e Kevin lançou-o para as chamas. Abriu a lata de combustível de isqueiro que tinha na mão e espalhou o conteúdo nas beiras da grelha. O sangue deixou a lata escorregadia e ele questionou-se de onde viria todo aquele sangue. Saltou para cima do balcão e borrifou um pouco do líquido no teto antes de voltar para o chão. Fez um trilho de líquido na frente da loja e percebeu que o avental tinha começado a arder. Esvaziou a lata e deitou-a ao chão. Abriu a segunda lata e apertou-a, lançando esguichos de combustível de isqueiro na direção do teto. As chamas do avental começaram a espalhar-se pelo teto e pelas paredes. Foi até à caixa registadora, procurou um isqueiro e achou um monte deles numa caixa de plástico ao lado dos cigarros. Apertou a lata de combustível e espalhou o líquido sobre a caixa registadora e sobre a pequena mesa que havia atrás dela. Esvaziou a lata e cambaleou em direção à janela que estilhaçara uns minutos antes. Atravessou-a para sair, pisando os cacos, ouvindo-os a partir sob os seus pés. Ao lado da casa, acendeu o isqueiro e encostou-o à parede encharcada em gasolina, observando a madeira a pegar fogo. Nas traseiras, ateou fogo aos degraus da escada e as chamas elevaram-se rapidamente, alcançando a porta e espalhando-se pelo telhado. A seguir, a outra parede lateral.

O fogo ergueu-se por toda a parte. O exterior da casa tremeluzia com as chamas. Erin era uma pecadora, o seu amante era um pecador, e a Bíblia dizia: *Sofrerão o castigo da destruição eterna.*

Ele afastou-se, observando o fogo a começar a consumir a casa, esfregou o rosto e deixou um rasto de sangue. Banhado pela luz alaranjada das chamas, Kevin parecia um monstro.

No seu sonho, Jo não estava a sorrir ao lado de Katie na roda gigante. Parecia procurar algo ou alguém na multidão mais abaixo, com uma expressão de grande concentração.

Ali, disse ela, apontando. Logo ali. Consegues vê-lo?

O que é que estás aqui a fazer? Onde é que está a Kristen?

Ela está a dormir. Mas tens de te lembrar, e já.

Katie olhou, mas havia demasiada gente, demasiado movimento.

Onde?, perguntou ela. *Não consigo ver nada.*

Ele está aqui, informou Jo.

Quem?

Tu sabes quem.

No seu sonho, a roda gigante parou repentinamente de girar, com um ruído alto e estridente, como o de um vidro a estilhaçar-se, e pareceu assinalar uma mudança. As cores do parque de diversões começaram a esmorecer e o cenário mais abaixo a dissolver-se numa névoa que não estava ali antes. Como se o mundo estivesse lentamente a ser apagado, e, de repente, ficou tudo escuro. Ela foi cercada por uma escuridão impenetrável, interrompida apenas por algumas centelhas estranhas na periferia do seu campo de visão e pelo som de uma pessoa a falar. Katie ouviu a voz de Jo, quase como um sussurro.

Estás sentir o cheiro?

Katie inspirou o ar, ainda perdida no meio da escuridão. Abriu os olhos. Estranhamente, sentiu-os a arder e tentou olhar em volta para ver o que se passava. A televisão ainda estava ligada, e percebeu então que adormecera no sofá. As recordações do sonho já estavam a dissolver-se, mas ouviu as palavras de Jo claramente dentro da sua cabeça:

Estás a sentir o cheiro?

Katie respirou fundo à medida que moveu o corpo para se sentar no sofá e imediatamente começou a tossir. Levou apenas um instante a perceber que a sala estava cheia de fumo. Levantou-se do sofá num pulo.

Não há fumo sem fogo e já era capaz de ver as chamas do lado de fora da janela, a dançarem e a contorcerem-se em tons de laranja. A porta estava a arder e o fumo entrava pela cozinha em nuvens espessas. Ouviu um estrondo, um som parecido com o de um comboio, e o barulho de madeira a crepitar e a rachar, e a sua mente absorveu todas aquelas informações ao mesmo tempo.

Oh, meu Deus. As crianças.

Foi a correr na direção do corredor, amedrontada ao ver o fumo que saía dos dois quartos em grossas nuvens negras. A primeira porta era a do quarto de Josh, e Katie correu para o seu interior, agitando os braços para afastar o fumo.

– Josh! Acorda! A casa está a arder! Precisamos de sair daqui!

Ele estava prestes a reclamar, mas ela puxou-o para que se levantasse,

impedindo-o de falar. – Rápido! – gritou.

Josh começou imediatamente a tossir, com o corpo curvado enquanto ela o arrastava para fora do quarto. O corredor era uma muralha impenetrável de fumo, mas mesmo assim Katie correu para a frente, puxando Josh logo atrás de si. Apalpando a parede, encontrou a ombreira da porta do quarto de Kristen, do outro lado do corredor.

Não estava tão mal quanto o quarto de Josh, mas ela sentiu o calor enorme que se formava atrás deles. Josh continuava a tossir, respirando com dificuldade, lutando para se aguentar em pé e ela sabia que não poderia soltar a mão do rapazinho. Correu para a cama de Kristen e agitou-a, puxando-a para fora das cobertas com a outra mão.

O rugido do fogo era tão intenso que Katie mal conseguia ouvir o som da sua própria voz. Ao tentar retirar as crianças da casa, meio a carregá-las e meio a arrastá-las, viu um brilho alaranjado, quase invisível por entre o fumo, na entrada do corredor. As chamas estavam a tomar as paredes e o teto e avançavam na direção deles. Katie não tinha tempo para pensar, apenas para agir. Virou-se e empurrou as crianças de volta pelo corredor, em direção ao quarto de Alex, onde não havia tanto fumo.

Correu para o quarto, acendendo a luz. Ainda funcionava. A cama de Alex ficava encostada a uma das paredes e havia uma cómoda na parede oposta. Logo em frente havia uma cadeira de baloiço e janelas que, por sorte, ainda não haviam sido tocadas pelo fogo. Fechou a porta com força atrás de si.

Assolada pelos espasmos da tosse, avançou tropegamente, arrastando Josh e Kristen. Ambos choravam no meio de fortes acessos de tosse. Ela tentou libertar-se deles para abrir a janela do quarto, mas Kristen e Josh estavam agarrados a ela.

– Eu preciso de abrir a janela! – gritou Katie, sacudindo-se para se libertar.
– É a única saída!

Em pânico, Josh e Kristen não entendiam o que ela dizia, mas Katie não tinha tempo para explicar. Desesperada, puxou com força o puxador da janela à moda antiga e tentou abrir o vidro. Este não se moveu. Olhando mais de perto, Katie percebeu que o puxador tinha uma camada de tinta que o impedia de se abrir. Alguém aplicara aquela camada de tinta há já vários anos. Não sabia o que fazer, mas a imagem de duas crianças a olharem diretamente nos seus olhos, tomadas pelo terror, clareou as suas ideias. Olhou ao redor, procurando desesperadamente algo que pudesse servir, até que

finalmente pegou na cadeira de baloiço.

Era pesada, mas, de algum modo, Katie conseguiu levantá-la acima dos ombros e lançá-la com toda a sua força na direção da janela. O vidro estalou, mas não partiu. Ela tentou mais uma vez, chorando, com um último esforço impulsionado pela adrenalina e pelo medo e, desta vez, a cadeira de baloiço atravessou o vidro e aterrou no toldo que havia mais abaixo. Movendo-se rapidamente, Katie correu até à cama e arrancou o edredão que a cobria. Enrolou-o em volta de Josh e Kristen e começou a empurrá-los na direção da janela.

Um forte ruído de vigas a rachar ecoou atrás dela, ao mesmo tempo que uma parte da parede se cobriu de chamas, com o fogo a atingir e a espalhar-se pelo teto. Katie virou-se em pânico, parando por um momento ao reparar no retrato pendurado na parede. Olhou fixamente para a fotografia, percebendo de imediato que aquela era a esposa de Alex, pois não poderia ser mais ninguém. Pestanejou, pensando tratar-se de uma ilusão, uma distorção criada pelo fumo e pelo medo. Deu um passo involuntário na direção do rosto que lhe era estranhamente familiar quando ouviu um estrondo logo acima da cabeça. O teto começava a ceder.

Girando sobre os calcanhares, forçou o corpo contra a janela, com os braços ao redor das crianças e rezando para que o edredão os protegesse dos cacos. A queda pareceu durar uma eternidade. Katie tentou girar enquanto caíam, de modo a que as crianças ficassem por cima dela. As suas costas atingiram o toldo com um baque surdo. Não foi uma queda muito grande, talvez cerca de um metro e meio; mesmo assim, o impacto tirou-lhe o fôlego antes de a dor a atingir em ondas.

Josh e Kristen estavam a soluçar de medo, chorando e tossindo. Mas estavam vivos. Ela piscou os olhos, tentando não desmaiar, certa de que fraturara a coluna. Mas percebeu que isso não acontecera; mexeu uma perna e depois a outra. Abanou a cabeça para clarear a visão. Josh e Kristen agitavam-se por cima dela, tentando livrar-se do edredão. Mais acima, línguas de fogo começaram a sair pela janela partida do quarto. Já havia chamas por toda a parte, cobrindo todas as superfícies da casa e ela sabia que lhes restavam apenas alguns segundos de vida. A menos que conseguisse encontrar forças para se mover.

Depois de deixar Joyce e a filha em casa, Alex apercebeu-se do brilho alaranjado no céu, logo acima do contorno enegrecido das copas das árvores nos arredores da cidade. Não tinha visto aquilo quando entrara na cidade e percorrera as ruas até casa de Joyce. No entanto, naquele momento, ao seguir naquela direção, franziu as sobrancelhas. Algo dentro de si lhe dizia que havia perigo pela frente e refletiu apenas uns segundos antes de pisar a fundo no acelerador.

Josh e Kristen já estavam sentados quando Katie rebolou de lado. O chão ficava a cerca de três metros do toldo, mas ela tinha de arriscar. O tempo estava a esgotar-se. Josh continuava a chorar, mas não protestou quando Katie explicou rapidamente o que iria acontecer a seguir. Ela pegou-lhe pelos braços, tentando manter a voz firme.

– Vou baixar-te o mais que puder, mas depois vais ter de saltar.

Ele assentiu, aparentemente ainda em choque, e ela rapidamente se arrastou para a beira, levando Josh consigo. O toldo já estava a balançar, com o fogo a tomar rapidamente as suas colunas de sustentação. Josh aproximou-se da beira, deixando as pernas suspensas por um momento, segurando-se, com Katie a deslizar de bruços em direção a ele. Ao baixá-lo... sentiu uma dor imensa nos braços. Pouco mais de um metro, não mais do que isso. Josh não cairia de uma altura muito grande e provavelmente as suas pernas absorveriam o impacto.

Ela soltou-o quando algumas vigas do telhado cederam, fazendo a casa estremecer.

A tremer, Kristen foi a gatinhar até junto de Katie.

– Anda, querida. É a tua vez agora. Dá-me a tua mão – disse Katie, com uma expressão urgente nos olhos.

Repetiu o procedimento com a menina, sustendo o fôlego quando a soltou. Um momento depois, os dois estavam em pé no chão, a olharem fixamente para ela. Estavam à espera de Katie.

– Corram! – gritou ela. – Afastem-se daqui!

As suas palavras foram engolidas por outro acesso de tosse e Katie sabia que tinha de agir. Agarrou a beira do toldo e deixou uma das pernas a balançar, suspensa, e depois a outra. Ficou pendurada apenas por um instante antes de as suas mãos fraquejarem.

Embateu no chão e sentiu os joelhos a dobrarem antes do seu corpo rolar até à entrada da loja. Sentiu uma dor atroz nas pernas, mas precisava de levar as crianças para um lugar seguro. Dirigiu-se apressadamente até eles, dando-lhes a mão e puxando-os para longe.

O fogo dançava pela estrutura, saltando, cuspidando chamas em direção ao céu. As árvores mais próximas também estavam a pegar fogo, com os ramos mais altos a brilharem como fogo de artifício. Ouviu-se um forte estrondo, alto o suficiente para deixar os seus ouvidos a zumbir. Olhando rapidamente por cima do ombro, viu as paredes da casa a desabarem. Seguiu-se o som ensurdecedor de uma explosão e Katie e as crianças foram derrubadas pelo impacto da deslocação de ar quente.

Quando os três conseguiram recuperar o fôlego e se voltaram para olhar, a loja já se transformara num gigantesco cone de fogo. Mas eles tinham conseguido salvar-se. Katie puxou Josh e Kristen para perto de si. Os dois choravam baixinho. Colocou os braços em redor deles e beijou-os na cabeça.

– Agora, vocês estão bem – sussurrou ela. – Agora, estão seguros.

Foi só quando apareceu uma sombra à sua frente que Katie percebeu que estava enganada.

Era ele, como uma miragem ameaçadora, com uma pistola empunhada.
Kevin.

*

No jipe, Alex pisou fundo no acelerador, ficando mais preocupado a cada segundo que passava. Embora o fogo ainda estivesse longe para poder ter a certeza quanto à sua localização, sentiu o estômago às voltas. Não havia muitas habitações naquela direção. A maioria eram algumas propriedades rurais isoladas. E, é claro, a sua loja.

Inclinou-se sobre o volante, como se aquilo pudesse forçar o carro a ganhar velocidade. *Depressa.*

Katie teve dificuldade em entender o que estava a ver.

– Onde é que ele está? – perguntou Kevin, com uma voz rouca. As palavras foram proferidas de forma atabalhoada, mas ela reconheceu aquela voz,

mesmo com o rosto dele parcialmente oculto pelas sombras. As chamas ardiam por trás dele e o rosto estava coberto de fuligem e sangue. Também havia manchas na camisa de algo que ela imaginou tratar-se de sangue. Na mão, a *Glock* reluzia, como se tivesse sido imersa num barril de óleo.

Ele está aqui, dissera Jo no sonho de Katie.

Quem?

Tu sabes quem.

Kevin levantou a arma, apontando-a à cabeça dela. – Eu só quero conversar com ele, Erin.

Katie levantou-se. Kristen e Josh agarraram-se a ela, com o medo estampado nos rostos. Os olhos de Kevin tinham uma expressão animalésca e os seus movimentos eram irregulares. Avançou um passo na direção deles, quase perdendo o equilíbrio. A arma balançava para a frente e para trás. Sem firmeza. Ela percebeu que ele estava pronto para os matar a todos. Já tentara matá-los com o fogo. Mas estava bêbedo, muito bêbedo. Mais do que em qualquer ocasião em que já tivesse bebido. Estava descontrolado, além de qualquer possibilidade de argumentação.

Tinha de tirar as crianças dali, tinha de lhes dar uma hipótese de fuga.

– Olá, Kevin – disse ela, ronronando. Forçou-se a sorrir. – Para que é essa arma? Vieste buscar-me? Está tudo bem contigo, querido?

Kevin piscou os olhos. Aquela voz, suave, sedutora, doce. Ele gostava quando ela lhe falava assim e achou que estava a sonhar. Mas não era um sonho. Erin estava bem à sua frente. Ela sorriu e avançou um passo. – Eu amo-te, Kevin. Eu sempre soube que virias.

Ele olhou-a fixamente. Havia duas Erin à sua frente e depois apenas uma. Kevin tinha dito às pessoas que ela estava em Manchester, a cuidar de uma amiga doente, mas não havia nenhuma pegada na neve. As suas chamadas foram transferidas para outro número, um rapaz fora baleado e tinha molho de tomate na testa. E agora Erin estava ali, a dizer que o amava.

Mais perto, pensou Katie. *Só mais um pouco*. Ela avançou mais um passo, empurrando as crianças para trás de si.

– Podes levar-me a casa? – A voz dela era suplicante, implorava como Erin costumava fazer, mas o cabelo estava curto e castanho e ela estava a aproximar-se. Ele não percebeu porque é que ela não estava amedrontada. Queria premir o gatilho, mas amava-a. Se ao menos conseguisse fazer com que a sua cabeça parasse de latejar...

De repente, Katie precipitou-se para a frente, desviando o cano da arma para outra direção. A pistola disparou, com o som de um estampido violento, mas ela continuou a avançar, agarrada ao pulso de Kevin, sem o soltar. Kristen começou a gritar.

– Fujam! – gritou Katie por cima do ombro. – Josh, tira a Kristen daqui, foge! Ele tem uma arma! Vão para longe e escondam-se!

O pânico na voz de Katie fez com que Josh se desse conta do perigo. Agarrou a mão de Kristen e desatou a correr para longe. Foram em direção à estrada, correndo para a casa de Katie. Fugindo para se salvarem.

– Sua vadia! – gritou Kevin, tentando libertar o braço.

Katie baixou a cabeça e mordeu com toda a força que tinha e Kevin soltou um grito feroz. Tentando desenvencilhar-se do braço, atingiu a cabeça dela com o outro punho. Instantaneamente, ela viu lampejos de luz branca a aproximarem-se. Mordeu de novo, desta vez com os dentes a encontrarem o polegar de Kevin, e ele gritou, largando a arma. A arma caiu ao chão com um ruído e ele voltou a socar Katie, atingindo-a numa das maçãs do rosto, lançando-a ao chão.

Kevin deu-lhe um pontapé nas costas e o corpo de Katie arqueou-se com a dor. Mas ela continuou a mover-se, agora em pânico, impulsionada pela certeza de que ele queria matar todos, incluindo as crianças. Tinha de lhes dar tempo para fugir. Ficou de quatro e começou a gatinhar, movendo-se rapidamente, ganhando velocidade. Finalmente, conseguiu levantar-se e desatou a correr como uma atleta de velocidade.

Correu o mais rápido que conseguiu, forçando-se a avançar para longe, mas sentiu o corpo de Kevin a chocar contra o seu por trás e deu por si novamente deitada no chão, sem fôlego. Ele agarrou-a pelos cabelos e bateu-lhe de novo na cara. Agarrou um dos braços de Katie e tentou torcê-lo para trás das costas dela, mas estava desequilibrado e ela conseguiu virar-se. Levantando uma das mãos, arranhou-lhe o rosto, atingindo um dos olhos e cravando-lhe as unhas com força.

Lutando pela sua vida, a adrenalina correu-lhe pelos braços e pernas. Lutando por todas as vezes em que não o conseguira fazer. Lutando para dar às crianças tempo de fugirem e se esconderem. Gritando, chamando-lhe nomes, odiando-o, recusando-se a permitir que ele a agredisse mais uma vez.

Kevin tentou agarrar os dedos de Katie, cambaleando sem equilíbrio, e ela aproveitou a oportunidade para se desenvencilhar dele. Sentiu-o a tentar

agarrar as suas pernas, mas não conseguiu pegar-lhe com força suficiente e Katie soltou uma perna. Levantando o joelho até ao queixo, pontapeou-o com toda a sua força, deixando-o atordoado quando o seu pé o atingiu em cheio no queixo. Pontapeou-o de novo, observando-o desta vez a cair de lado, com as mãos a tentarem em vão agarrar-se a alguma coisa.

Katie conseguiu levantar-se precipitadamente e começou a correr mais uma vez, mas Kevin não demorou a levantar-se. A alguns metros de distância, ela viu a pistola. E correu na direção dela.

Alex conduziu imprudentemente, rezando pela segurança de Kristen, Josh e Katie, sussurrando os seus nomes em pânico.

Passou pela via de gravilha e fez a curva. O seu estômago revirou-se ao constatar que a sua premonição se tornara realidade. À sua frente, viu o quadro completo, como se fosse um retrato do inferno. Apercebeu-se de movimento na beira da estrada, mais à frente. Duas figuras pequenas, com pijamas brancos. Josh e Kristen. Travou a fundo. Antes mesmo de o jipe se imobilizar por completo, já ele tinha saltado da viatura para correr na direção deles. Os seus filhos gritavam pelo seu nome enquanto corriam e ele baixou-se para os cingir nos braços.

– Vocês estão bem – murmurou ele, várias vezes, segurando-os firmemente contra o seu corpo. – Vocês estão bem, vocês estão bem.

De início, Kristen e Josh choravam e soluçavam e Alex não entendeu o que eles diziam, pois não estavam a falar do incêndio. Estavam a chorar por causa de um homem com uma arma, dizendo que a Miss Katie estava a lutar com ele. E, repentinamente, Alex percebeu, sem qualquer sombra de dúvida, o que acontecera.

Enfiou-os no jipe e deu a volta, acelerando em direção à casa de Katie enquanto os seus dedos vasculhavam os números gravados no telemóvel. Uma Joyce assustada atendeu a chamada ao segundo toque e Alex disse-lhe para pedir à filha que a levasse a casa de Katie imediatamente, que era uma emergência, e que ela deveria ligar para a polícia. A seguir, desligou. A gravilha voou quando ele parou o carro em frente à casa de Katie.

Deixou as crianças ali e disse-lhes que corressem para dentro, que ele estaria de volta assim que pudesse. Contou os segundos enquanto dava meia-volta e acelerou em direção à loja, rezando para que não fosse tarde de mais.

Rezando para que Katie ainda estivesse viva.

Kevin viu a arma no mesmo instante em que Katie e saltou em direção à pistola, conseguindo alcançá-la. Pegou na arma e apontou-a a Katie, enraivecido. Agarrou-a pelos cabelos e encostou o cano da arma à sua cabeça enquanto a arrastava pelo estacionamento. – Abandonaste-me, não é? Não me podes abandonar!

Atrás da loja, debaixo de uma árvore, ela viu o carro dele, com a matrícula do estado do Massachusetts. O calor do fogo castigava o rosto de Katie, chamuscando os pelos dos seus braços. Kevin vociferava com ela, com uma voz confusa e rouca.

– És a minha mulher!

Ao longe, ela ouviu o som de sirenes, mas pareciam estar demasiado distantes. Quando chegaram ao carro, ela tentou de novo dar luta. Kevin pegou-lhe pela cabeça e bateu com ela no capô. Ela quase desmaiou com o impacto. Ele abriu a bagageira e tentou empurrá-la lá para dentro. Katie conseguiu virar-se e desferir-lhe uma violenta joelhada na virilha. Ouviu-o a arfar e sentiu que as mãos dele por momentos afrouxaram o aperto.

Katie empurrou-o às cegas, livrando-se do aperto das mãos dele e começou a correr pela sua vida. Sabia que a bala viria. Sabia que estava prestes a morrer.

Ele não conseguiu perceber porque é que ela estava a lutar. Mal conseguia respirar por causa da dor. Ela nunca lhe batera antes, nunca lhe arranhara os olhos, nem o pontapeara nem mordera. Não estava a comportar-se como sua esposa e o seu cabelo estava castanho. Mas a voz era a mesma de Erin... Cambaleou, tentando persegui-la, levantando a arma, apontando, mas havia duas Erins e as duas estavam a fugir.

Premiu o gatilho.

Katie respirou fundo ao ouvir o disparo, esperando pela dor lancinante, mas não sentiu nada. Continuou a correr e, repentinamente, constatou que ele falhara. Correu aos ziguezagues, pela esquerda e pela direita, ainda no

estacionamento, numa busca desesperada por algum tipo de abrigo. Mas não havia nada.

Kevin cambaleou, tentando persegui-la, com as mãos escorregadias devido ao sangue, o dedo a escorregar no gatilho. Sentiu-se prestes a vomitar de novo. Ela estava a distanciar-se, indo de um lado para o outro e ele não conseguia mantê-la à vista. Estava a tentar fugir, mas não faria isso. Era sua esposa. Ele ia levá-la para casa porque a amava e depois iria abatê-la a tiro porque a odiava.

Katie viu os faróis de uma viatura a percorrer a estrada a grande velocidade, como se fosse um carro de corrida. Ela queria chegar lá, fazer sinal ao carro para parar, mas sabia que não conseguiria chegar à estrada a tempo. Para sua surpresa, o carro começou a diminuir a velocidade e ela reconheceu o jipe quando ele virou para entrar no estacionamento. Percebeu que Alex estava ao volante.

Passou por ela, acelerando em direção a Kevin.

As sirenes estavam aproximar-se. Havia pessoas a caminho e ela sentiu uma pontada de esperança.

Kevin viu o jipe a aproximar-se e levantou a arma. Começou a disparar, mas o jipe insistiu em seguir na sua direção. Saltou para se desviar quando o jipe passou a toda velocidade, mas o veículo atingiu-o na mão, quebrando todos os ossos e lançando a pistola para algum lugar na escuridão. Kevin gritou de dor, instintivamente protegendo a mão conforme o jipe se afastava, passando pela carcaça carbonizada da loja, derrapando sobre o cascalho e embatendo de frente no depósito de ferramentas.

Ouviu sirenes ao longe. Queria ir atrás de Erin, mas seria preso se ficasse ali. O medo tomou conta dele e Kevin começou a mancar em direção ao seu carro, sabendo que tinha de sair dali e pensando em como tudo correria tão mal.

Katie viu Kevin a sair apressadamente do estacionamento em direção à estrada, lançando pedras pelo ar. Virando-se, viu que o jipe de Alex estava com a frente encaixada no depósito de ferramentas, com o motor ainda a funcionar, e correu até lá. O fogo lançava a sua luz sobre a traseira do carro e Katie sentiu o pânico a consumi-la, rezando para que Alex aparecesse.

Estava a aproximar-se do carro quando o seu pé atingiu uma coisa dura, fazendo com que tropeçasse. Percebendo que quase havia pisado a pistola, pegou nela e voltou a encaminhar-se para o carro. Mais adiante, a porta do carro entreabriu-se, mas estava bloqueada por destroços. Ela sentiu uma onda de alívio ao perceber que Alex estava vivo, mas, ao mesmo tempo, lembrou-se de que Josh e Kristen tinham desaparecido.

– Alex! – gritou ela ao chegar à traseira do jipe, que desatou socar. – Tens de sair daí! As crianças estão na estrada, precisamos de encontrá-las!

A porta ainda estava presa, mas ele conseguiu abrir a janela. Quando se inclinou para fora, viu que tinha a testa a sangrar e que ele falava com uma voz fraca.

– Eles estão bem... levei-os para tua casa...

Ela sentiu o corpo a gelar. – Oh, meu Deus... – conseguiu dizer, numa voz embargada, pensando *Não, não, não...* – Sai daí depressa! – disse ela, socando a traseira do carro. – Sai daí! O Kevin fugiu! – Katie escutou o medo puro na sua própria voz. – Ele foi na direção da minha casa!

A dor na mão era algo muito mais forte do que qualquer coisa que ele alguma vez sentira e a perda de sangue também lhe causava uma forte tontura. Nada mais parecia valer a pena e a sua mão já não servia para nada. Ouvia sirenes a aproximarem-se, mas esperaria por Erin em sua casa. Sabia que ela regressaria a casa hoje ou amanhã.

Estacionou o carro atrás da outra cabana, a que parecia abandonada. Estranhamente, viu Amber em pé atrás de uma árvore. Ela perguntava a Kevin se ele gostaria de lhe pagar uma bebida, mas a sua imagem desapareceu imediatamente. Ele lembrou-se de ter limpado a casa e cortado a relva, mas nunca soubera lavar roupa. E agora Erin dizia que se chamava Katie.

Não tinha nada para beber e estava a ficar muito cansado. As calças estavam manchadas de sangue e percebeu que os seus dedos e o braço

também estavam a sangrar, mas não conseguiu lembrar-se do que provocara aquilo. Queria muito poder dormir. Precisava de descansar por alguns momentos, porque a polícia iria começar a procurá-lo. Precisaria de estar alerta quando eles se aproximassem.

O mundo à sua volta estava a ficar distante e enevado, como se o visse através de um telescópio virado ao contrário. Ouviu as árvores a balançar para a frente e para trás, mas, em vez de uma brisa, só conseguia sentir o ar quente do verão. Começou a tremer, mas estava igualmente a suar. Demasiado sangue a escorrer-lhe pelas mãos e pelo braço, sem parar. Precisava de descansar. Já não se aguentava acordado. Os seus olhos começaram a fechar-se.

Alex engatou a marcha-atrás e acelerou, ouvindo os pneus girarem no cascalho, mas o jipe não saiu do lugar. A sua mente trabalhava a toda velocidade, sabendo que Josh e Kristen estavam em perigo.

Tirou o pé do acelerador, acionou a tração às quatro rodas e tentou mais uma vez. Desta vez o jipe começou a mover-se. Os espelhos retrovisores foram arrancados, os destroços do depósito arranharam e amassaram a chapa. O jipe desprendeceu-se com um último impulso. Katie puxou inutilmente a porta do lado do passageiro até que Alex se virou e deu um pontapé, abrindo-a. Katie saltou lá para dentro.

Alex deu meia-volta com o jipe e acelerou com força, chegando à estrada no momento em que os carros dos bombeiros se aproximavam. Nenhum deles proferiu palavra enquanto ele avançou a grande velocidade. Alex nunca sentira tanto medo em toda a sua vida.

Depois da curva, a rua de gravilha. Entrou na viela com uma forte guinada, quase derrapando. A traseira do jipe dançou sobre a gravilha e ele acelerou de novo. Mais à frente, viu as cabanas, com as luzes acesas nas janelas da casa de Katie. Nenhum sinal do carro de Kevin e ele exalou o ar, antes de perceber que tinha estado a sustentar a respiração.

Kevin escutou o som de um motor a aproximar-se pela rua de gravilha e acordou sobressaltado.

A polícia, pensou ele, e automaticamente levou a mão destroçada à arma.

Gritou de dor e confusão, constatando que a pistola não estava lá. Deixara-a no banco do passageiro, mas não estava lá agora e nada daquilo fazia sentido.

Desceu do carro e olhou na direção de onde vinha o barulho. O jipe aproximou-se, aquele que estava no estacionamento da loja, aquele que quase o matou. A viatura parou e Erin saiu de lá de dentro. De início, não conseguiu acreditar na sua sorte, mas logo depois lembrou-se de que ela morava ali e que fora isso que o levara lá.

A sua outra mão, a que ainda estava boa, tremeu imenso quando ele abriu a bagageira e retirou de lá o pé de cabra. Viu Erin e o seu amante a correrem em direção ao alpendre. Cambaleando e mancando, dirigiu-se à casa, sem querer e sem conseguir parar. Erin era a sua esposa, ele amava-a e o homem grisalho tinha de morrer.

Alex parou em frente à casa, derrapando sobre a gravilha, e os dois saltaram do carro em simultâneo, correndo para a porta e chamando pelas crianças. Katie ainda tinha a arma na mão. Chegaram à porta no momento em que Josh a abriu e, assim que viu o filho, Alex deu-lhe um abraço. Kristen saiu de detrás do sofá e correu na direção deles. Alex abriu os braços para a abraçar também, agarrando-a com facilidade quando ela saltou.

Katie parara poucos passos depois de passar pela porta, observando a cena com lágrimas de alívio nos olhos. Kristen estendeu-lhe os braços e Katie aproximou-se, aceitando o abraço da menina com um sentimento cego de felicidade.

Perdidos na emoção do encontro, nenhum deles percebeu quando Kevin apareceu à entrada, com o pé de cabra nas mãos, elevado acima da cabeça. Bateu com força, fazendo com que Alex desabasse no chão e as crianças caíssem de costas, horrorizadas e chocadas.

Kevin ouviu com satisfação o baque do pé de cabra e sentiu a vibração a percorrer-lhe o braço. O homem de cabelo grisalho estava deitado no chão e Erin gritava.

Naquele instante, Alex e as crianças eram tudo o que importava para ela. Katie correu instintivamente na direção de Kevin, empurrando-o para fora da casa. Só havia dois degraus, mas bastou. Kevin caiu de costas sobre o chão de terra.

Katie virou-se. – Tranquem a porta! – gritou, e daquela vez Kristen foi a primeira a agir, enquanto Katie ainda gritava.

O pé de cabra caíra da mão de Kevin e ele tentava rebolar pelo chão e levantar-se. Katie levantou a arma, apontando-a a Kevin quando este finalmente se pôs de pé. Ele cambaleou, quase perdendo o equilíbrio, com o rosto pálido como o de um cadáver. Não parecia estar a ver direito e Katie sentiu os seus olhos a encherem-se de lágrimas.

– Eu amava-te – disse ela. – Eu casei-me contigo porque te amava.

Ele pensou que era Erin, mas o cabelo estava curto e escuro e Erin era loura. Lançou um pé para a frente e quase voltou a cair. Porque é que ela estava a dizer-lhe aquilo?

– Porque é que começaste a bater-me? – gritou ela, chorando. – Nunca percebi porque é que não conseguias parar, mesmo quando prometias. – A mão tremia-lhe e a arma pareceu-lhe pesada como chumbo. – Bateste-me na nossa lua de mel porque eu deixei os meus óculos escuros na piscina...

Era a voz de Erin e ele pensou se estaria a sonhar.

– Eu amo-te – balbuciou ele. – Sempre te amei. Não sei porque é que me abandonaste.

Ela sentia os soluços a intensificarem-se no seu peito, sufocando-a. As palavras saíram aos borbotões, irrefreáveis e sem sentido, resultado de anos de sofrimento. – Não me deixavas conduzir nem ter amigos, escondias o dinheiro e obrigavas-me a implorar por ele. Eu quero saber o que te levou a pensar que podias fazer isso comigo. Eu era a tua esposa e amava-te!

Kevin mal se aguentava de pé. O sangue escorria-lhe pelos dedos e braços e pingava no chão, deixando tudo escorregadio. Queria conversar com Erin, queria encontrá-la, mas aquilo não era real. Ele dormia, com Erin ao seu lado na cama, e eles estavam em Dorchester. Os seus pensamentos baralharam-se e ele viu-se num apartamento sujo com uma mulher a chorar.

– Havia molho de tomate na testa do rapaz – murmurou ele, cambaleando para a frente. – No rapaz que levou um tiro, mas a mãe caiu pelas escadas e nós prendemos o grego.

Katie não percebeu nada do que ele dizia, não entendeu qual era a intenção

dele. Odiava-o com uma raiva acumulada ao longo de anos. – Eu cozinhei para ti, limpei a casa para ti e nada disso importou! Tudo o que fazias era beber e bater-me!

O corpo de Kevin balançava, como se estivesse prestes a tombar. As suas palavras eram confusas, atropelavam-se umas às outras, eram ininteligíveis. – Não havia pegadas na neve. Mas os vasos de flores estão partidos.

– Devias ter-me deixado partir! Não me devias ter seguido até aqui. Porque é que não conseguiste simplesmente deixar-me partir? Nunca me amaste!

Kevin lançou-se na direção dela, tentando apanhar a arma, tirá-la das mãos de Katie. Mas estava sem forças e ela conseguiu manter o pulso firme. Ele tentou agarrá-la, mas gritou de dor quando a sua mão ferida lhe bateu no braço. Agindo por instinto, tentou atingi-la com o ombro e empurrou-a contra a parede da casa. Precisava de lhe tirar a arma e apontar a pistola à cabeça de Erin. Ele olhava-a com olhos arregalados e cheios de ódio, puxando-a para si, tentando agarrar a arma com a mão que ainda estava boa, aplicando o seu peso contra ela.

Sentiu o cano da arma a tocar nas pontas dos seus dedos e instintivamente agarrou o metal à procura do gatilho. Tentou empurrar a arma na direção dela, mas a pistola moveu-se na direção errada e passou a apontar para baixo.

– Eu amava-te! – soluçou ela, lutando com cada grama de raiva e força que ainda lhe restavam. Kevin sentiu algo a dissipar-se e teve um momento de lucidez.

– Então nunca me deverias ter abandonado – sussurrou ele, o hálito quente com o cheiro do álcool. Puxou o gatilho e a arma disparou com um alto estampido, e foi então que percebeu que tudo estava prestes a terminar. Erin iria morrer, porque ele lhe disse que a encontraria e a mataria se ela voltasse a fugir. E mataria qualquer homem que a amasse.

Mas, estranhamente, Erin não caiu, nem sequer gemeu. Em vez disso, ela simplesmente olhou para ele com os seus olhos castanho-esverdeados, ferozes, sem pestanejar.

Nesse momento, Kevin sentiu algo. Algo a arder no seu abdómen, fogo. A sua perna esquerda fraquejou e ele tentou aguentar-se em pé, mas o corpo já não respondia aos seus comandos. Tombou no alpendre, cobrindo a barriga com a mão.

– Volta comigo para casa – sussurrou ele. – Por favor.

O sangue jorrava do ferimento, passando por entre os seus dedos. Acima dele, Erin aparecia e desaparecia. O seu cabelo ficava louro e depois voltava a ficar castanho. Ele viu-a na lua de mel, usando um biquíni, antes de se esquecer dos óculos escuros na piscina. E era tão bonita que Kevin não conseguia entender por que quis casar-se consigo.

Linda. Ela sempre foi linda, pensou ele. E voltou a sentir-se cansado. A sua respiração tornou-se arrastada e ele começou a sentir frio. Muito frio. Começou a tremer. Expirou mais uma vez, com um som parecido com aquele que se esvai de um pneu furado. O peito deixou de se mover. Os seus olhos estavam abertos e arregalados, um olhar de incompreensão.

Katie estava de pé ao lado dele, a tremer enquanto o olhava fixamente. *Não*, pensou ela. *Nunca irei contigo. Nunca quis regressar.*

Mas Kevin não sabia o que ela estava a pensar, porque estava morto. E ela percebeu que, finalmente, tudo terminara.

O hospital manteve Katie em observação durante quase toda a noite antes de lhe dar alta. Depois, ela permaneceu na sala de espera do hospital. Não estava disposta a sair dali até ter a certeza de que Alex estava bem.

A pancada de Kevin quase rachara o crânio a Alex e ele mantinha-se inconsciente. A luz da manhã iluminou as janelas estreitas e retangulares da sala de espera. Enfermeiras e médicos trocavam de turno e a sala começou a encher-se de gente: uma criança com febre, um homem com dificuldades de respiração. Uma mulher grávida e o marido, ambos em pânico, entraram a correr pela porta. Sempre que ouvia a voz de um dos médicos, ela levantava os olhos, na esperança de ser chamada para ver Alex.

O seu rosto e braços estavam cheios de hematomas e tinha o joelho inchado, quase com o dobro do tamanho normal. Entretanto, após os exames necessários e os raios X, o médico de serviço limitara-se a dar-lhe bolsas de gelo para os hematomas e *Tylenol* para a dor. Era o mesmo médico que estava a tratar de Alex, mas ele disse a Katie que não era possível prever com certeza quando é que Alex despertaria, acrescentando que as TAC eram inconclusivas. – Ferimentos na cabeça podem ser sérios – afirmara o médico. – Com sorte, saberemos mais daqui a umas horas.

Ela não conseguia pensar, não conseguia comer, não conseguia dormir, não conseguia parar de se preocupar. Joyce levara as crianças do hospital para sua casa e Katie esperava que não tivessem pesadelos. Esperava que os eventos da noite passada não lhes causassem pesadelos para toda a vida. Esperava que Alex recuperasse completamente. Rezava para que aquilo acontecesse.

Tinha medo de fechar os olhos. Sempre que o fazia, Kevin reaparecia. Katie via as manchas de sangue no seu rosto e na sua camisa, os seus olhos ensandecidos. Ele lograra encontrá-la. Fora a Southport para a arrastar de volta para casa ou para a matar e quase conseguiu. Numa única noite, destruiu a frágil ilusão de segurança que Katie conseguira construir desde que chegara à cidade.

As visões horríveis de Kevin voltavam a cada momento, repetindo-se infinitamente, com variações, e às vezes mudando por completo. Houve momentos em que ela se viu a sangrar e a morrer no alpendre, olhando para cima, fitando os olhos do homem que odiava. Nessas alturas, apalpava instintivamente a barriga, procurando ferimentos que não existiam. Mas regressava ao hospital, sentada e à espera sob as lâmpadas fluorescentes.

Estava preocupada com Kristen e Josh. Não tardaria nada e chegariam ao hospital; Joyce iria trazê-los para visitarem o pai. Ela questionava-se se as crianças a odiariam por tudo o que sucedera e aquele pensamento fez com que as lágrimas ardessem nos seus olhos. Cobriu o rosto com as mãos, desejando poder enfiar-se num buraco profundo, tão profundo que ninguém a encontraria. Tão profundo que Kevin nunca conseguiria encontrá-la, pensou Katie, para logo se lembrar de que o vira a morrer no alpendre. As palavras «ele está morto» ecoavam como um mantra ao qual ela não podia escapar.

– Katie?

Ela levantou a cara e viu o médico que estava a tratar de Alex.

– Posso levá-la até ele agora – revelou o médico. – Acordou há dez minutos. Ainda está nos cuidados intensivos, pelo que a Katie não poderá ficar lá muito tempo. Ele quer vê-la.

– Ele está bem?

– Neste momento ele está bem, apesar da situação. Levou um golpe muito forte.

Coxeando um pouco, ela seguiu o médico, andando pelos corredores até ao quarto de Alex. Respirou fundo e endireitou-se antes de entrar, dizendo a si mesma que não iria chorar.

A unidade de cuidados intensivos estava cheia de máquinas e luzes a piscar. Alex estava numa cama num canto, com a cabeça envolta em ligaduras. Ele virou-se quando ela entrou no quarto, com os olhos semicerrados. Um monitor soltava bips regularmente ao seu lado. Katie caminhou até à cama e pegou na mão dele.

– Como é que estão os miúdos? – sussurrou ele. As palavras saíram lentamente, com um certo esforço.

– Estão bem. Neste momento estão com a Joyce. Ela levou-os para a casa dela.

Um sorriso ligeiro e quase impercetível surgiu nos lábios de Alex. – E tu?

– Estou bem – disse ela, assentindo.

– Amo-te – disse ele.

Katie esforçou-se ao máximo para não se desfazer de novo em lágrimas. – Também te amo, Alex.

Ele debateu-se para não fechar os olhos, sem conseguir focar o olhar. – O que é que aconteceu?

Ela fez-lhe um resumo sucinto das últimas doze horas, mas, a meio da história, viu que os olhos dele se fecharam. Quando acordou novamente mais tarde, ele esquecera-se de algumas partes do que ela lhe contara. Assim, Katie repetiu a história, tentando soar calma e descontraída.

Joyce apareceu com Josh e Kristen e, embora não fosse permitida a presença de crianças nos cuidados intensivos, o médico autorizou que visitassem o pai por alguns minutos. Kristen levava-lhe um desenho de um homem numa cama de hospital, com as palavras «As melhores, pai» escritas no topo da página. Josh ofereceu-lhe uma revista especializada em pesca.

Com o avançar do dia, Alex ficou mais lúcido. À tarde, deixou de adormecer e acordar sucessivamente. Embora se queixasse de uma tremenda dor de cabeça, tinha recuperado mais ou menos a memória. A sua voz já estava mais forte e, quando disse à enfermeira que tinha fome, Katie mostrou um sorriso de alívio, finalmente segura de que ele ficaria bem.

Alex teve alta no dia seguinte e o xerife foi a casa de Joyce recolher os seus depoimentos formais. Revelou que o nível de álcool na corrente sanguínea de Kevin estava tão alto que ele praticamente se envenenara a si próprio. Combinado com a perda de sangue que sofrera, era incrível o facto de se ter mantido consciente e com um certo grau de lucidez durante a noite. Katie não fez comentários, mas não deixou de pensar que eles não conheciam Kevin nem compreendiam os demónios que o espicaçavam.

Depois de o xerife ter ido embora, ela foi lá fora e deixou-se banhar pela luz do sol, a tentar ordenar o que lhe ia na alma. Embora tivesse relatado os eventos daquela noite ao xerife, Katie não lhe contou tudo. Também não contou tudo a Alex – como poderia, quando as coisas nem sequer a ela faziam sentido? Não lhes contou que, nos momentos seguintes à morte de Kevin, quando correu para perto de Alex, chorara por ambos os homens.

Parecia impossível que, mesmo ao reviver o terror daquelas últimas horas com Kevin, também se lembrasse dos raros momentos de felicidade que tiveram juntos; como se riam das situações que haviam partilhado ou como se recostavam tranquilamente no sofá.

Ela não sabia como reconciliar essas partes do seu passado com o horror que vivera nessa noite. Mas havia outra coisa. Algo que não entendia. Katie ficou na casa de Joyce porque tinha medo de voltar para a sua casa.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Alex e Katie estavam no estacionamento, a olhar para os escombros carbonizados do que restava da loja. Aqui e ali, ela conseguia reconhecer alguns objetos: o sofá, queimado pela metade, inclinado sobre o cascalho; uma prateleira usada para guardar comida; uma banheira enegrecida pelo fogo.

Alguns bombeiros revistavam os escombros. Alex pediu-lhes que procurassem o cofre que ele instalara dentro do armário. Ele tinha retirado as ligaduras da cabeça e Katie conseguia ver o ponto onde os médicos haviam rapado o cabelo para aplicar a sutura. Estava inchado e tingido de preto e roxo.

– Lamento – disse Katie. – Por tudo.

Alex abanou a cabeça. – Não tens culpa de nada. Não foste tu que fizeste isto.

– Mas o Kevin veio atrás de mim.

– Eu sei – disse Alex, permanecendo em silêncio por um momento. – A Kristen e o Josh contaram-me como os ajudaste a fugir de casa. O Josh disse que, depois de agarrares o braço do Kevin, lhes disseste para fugirem. Disse que o distraíste. Queria agradecer-te por isso.

Katie fechou os olhos. – Não me podes agradecer por isso. Se lhes acontecesse alguma coisa, eu não suportaria viver com isso dentro de mim.

Ele assentiu com a cabeça, mas não conseguiu olhar para ela. Katie deu um pontapé numa pequena pilha de cinzas que se formara no estacionamento. – O que é que vais fazer agora? Em relação à loja?

– Acho que a vou reconstruir.

– E onde vais morar?

– Ainda não sei. Vamos ficar na casa da Joyce por uns tempos, mas vou tentar encontrar um lugar tranquilo, um lugar com uma vista agradável.

Como não posso trabalhar, vou tentar aproveitar o meu tempo livre.

Katie sentiu-se enjoada. – Nem consigo imaginar como te estás a sentir.

– Anestesiado. Triste pelas crianças. Chocado.

– Também sentes raiva?

– Não. Não sinto raiva.

– Mas perdeste tudo.

– Não perdi tudo – disse ele. – Não perdi as coisas importantes. Os meus filhos estão em segurança. Tu estás em segurança. É isso que me importa. Isto tudo – continuou, apontando para os destroços da loja –, não passa de prejuízo material. A maior parte pode ser substituída. Só vai levar algum tempo. – Quando terminou de falar, semicerrou os olhos, olhando em direção a algo no meio dos destroços. – Espera aqui um bocado.

Alex dirigiu-se a um monte de escombros calcinados e retirou uma cana de pesca que estava enfiada entre as tábuas de madeira enegrecidas. Estava coberta de fuligem, mas não parecia danificada. Pela primeira vez desde que chegaram, Alex sorriu.

– O Josh vai ficar feliz com isto – comentou. – Gostava de encontrar uma das bonecas da Kristen.

Katie cruzou os braços, sentindo as lágrimas a encherem-lhe os olhos.

– Eu vou comprar uma boneca nova para ela.

– Não precisas de fazer isso. Eu tenho um bom seguro.

– Mas eu quero. Nada disto teria acontecido se eu não tivesse entrado na tua vida.

Alex olhou para ela. – Eu sabia no que estava a meter-me quando te convidei para sair.

– Mas não poderias esperar que acontecesse uma coisa assim.

– Não – admitiu ele. – Nada como o que aconteceu. Mas vai ficar tudo bem.

– Como é que podes dizer uma coisa dessas?

– Porque é verdade. Nós sobrevivemos, e é isso que importa.

Ele estendeu a mão, à procura da de Katie, e ela sentiu os dedos a entrelaçarem-se. – Ainda não tive a oportunidade de dizer que lamento.

– Lamentas o quê?

– A tua perda.

Ela sabia que se referia a Kevin e não soube o que responder. Ele parecia entender que ela, simultaneamente, amava e odiava o marido. – Nunca

desejei que ele morresse – começou ela. – Só queria que me deixasse em paz.

– Eu sei.

Ela virou-se para ele, expectante. – Será que vamos ficar bem? Depois de tudo o que se passou?

– Acho que isso depende de ti.

– De mim?

– Os meus sentimentos não mudaram. Eu ainda te amo, mas precisas de descobrir se os teus sentimentos ainda são os mesmos.

– Eles não mudaram em nada.

– Então vamos encontrar uma maneira de superar tudo isto juntos, porque eu sei que quero passar o resto da minha vida contigo.

Antes que ela pudesse responder, um dos bombeiros chamou-os e eles viraram-se na direção do homem. Ele estava a fazer força para retirar um objeto dos escombros e, quando se levantou, tinha um pequeno cofre nas mãos.

– Achas que está estragado?

– Provavelmente não. É à prova de fogo. Foi por isso que o comprei.

– E o que é que tem dentro?

– Alguns documentos importantes. Alguns discos com fotos e negativos. Coisas que eu queria proteger.

– Fico feliz por o terem encontrado.

– Eu também – disse Alex. – Porque há algo dentro do cofre que preciso de te entregar.

Depois de deixar Alex em casa de Joyce, Katie finalmente encaminhou o jipe de volta para sua casa. Não queria realmente lá regressar, mas sabia que não podia adiar o inevitável. Mesmo que não pretendesse ficar ali por muito tempo, precisava de pegar em alguns dos seus pertences.

A poeira levantou-se do cascalho e ela sentiu as ondulações da rua até estacionar em frente à casa. Ficou sentada no jipe – amassado e riscado, mas ainda a funcionar bem – e olhou para a porta, lembrando-se de como Kevin sangrara até à morte no seu alpendre, com o olhar fixo no rosto dela.

Katie não queria ver as manchas de sangue. Tinha medo de se lembrar, ao abrir a porta, da expressão de dor de Alex quando Kevin o atingira com o pé de cabra. Ela praticamente podia ouvir o choro histérico de Kristen e Josh enquanto se agarravam ao pai. Não se sentia preparada para reviver tudo aquilo.

Em vez disso, dirigiu-se à casa de Jo. Nas suas mãos, tinha a carta que Alex lhe entregara. Quando lhe perguntou porque escrevera uma carta, ele abanou a cabeça.

– Não fui eu que a escrevi – explicou. Katie fitou-o, confusa. – Vais entender quando leres o que está escrito.

Quando se aproximou da casa de Jo, sentiu os resquícios de uma memória a ganharem vida. Algo sucedera na noite do incêndio. Algo que ela havia visto, mas que não conseguia lembrar-se realmente. Quando sentia que estava quase a identificar a sensação, a recordação parecia escapar-se de novo. Abrandou o passo conforme se aproximou da casa da sua vizinha, com uma expressão confusa estampada no rosto.

Havia teias de aranha na janela e uma das venezianas caíra na relva, despedaçando-se com o impacto. O corrimão da varanda estava partido e era possível ver algumas ervas daninhas a brotarem por entre as tábuas. Os seus olhos buscavam todos os detalhes, mas ela não conseguiu processar a cena que tinha diante de si: uma maçaneta enferrujada, a pender do seu encaixe na

porta; uma grossa camada de sujidade nas janelas, como se não fossem limpas há anos.

Não havia cortinas...

Não havia tapete...

Não havia espanta-espíritos...

Ela hesitou, tentando entender o que estava a ver. Sentiu-se estranha e, curiosamente, sem qualquer peso, como se estivesse a sonhar acordada. Quanto mais se aproximava, mais a casa parecia envelhecer e apodrecer perante os seus olhos.

Katie pestanejou e percebeu que a porta tinha uma rachadela a meio, com uma ripa de madeira pregada transversalmente, fixando-a ao caixilho da porta, já a desfazer-se.

Pestanejou outra vez e viu que uma parte da parede, num dos cantos superiores, apodrecera, deixando um buraco irregular.

Pestanejou uma terceira vez e percebeu que a parte inferior da janela estava rachada e o vidro partido. O chão estava coberto de cacos.

Katie subiu os degraus da varanda, sem conseguir conter-se. Espreitou pelas janelas, observando o interior da cabana escura.

Pó, móveis partidos, pilhas de lixo. Nada estava pintado, nada estava limpo. Com um sobressalto, Katie recuou um passo, voltando à varanda, quase tropeçando no degrau estragado. *Não*. Não era possível. Simplesmente não era possível. O que sucedera a Jo e a todas as melhorias que ela fizera na pequena cabana? Katie viu Jo pendurar o espanta-espíritos. Jo foi a casa de Katie, queixando-se por ter de pintar e limpar. Tomaram café, beberam vinho e comeram queijo; Jo fez comentários maliciosos sobre a bicicleta. Jo encontrou-a depois do trabalho e elas foram a um bar. A empregada viu-as juntas. Katie pediu vinho para as duas...

Mas Jo não tocou no seu copo de vinho, lembrou-se.

Katie massajou as têmporas. A sua mente estava a trabalhar a uma velocidade alucinante, à procura de respostas. Recordou que Jo estava sentada nos degraus quando Alex a trouxera a casa. Até mesmo Alex a vira ali...

Será que realmente a vira?

Katie afastou-se da casa decrépita. Jo era real. Não era possível ser apenas um produto da sua imaginação. Ela não a havia criado.

Mas a Jo gostava de tudo o que fazias; bebia exatamente o mesmo café que

tu preparavas, gostava das roupas que tu compravas e as opiniões dela sobre os funcionários do Ivan's eram um reflexo das tuas.

Dúzias de pequenos pormenores rapidamente começaram a encher a mente de Katie e as vozes digladiavam-se na sua cabeça.

Ela morava aqui!

Então, porque é que a cabana está ao abandono?

Observámos juntas as estrelas!

Olhaste sozinha para as estrelas, por isso é que ainda não sabes os nomes delas.

Bebemos vinho em minha casa!

Bebeste a garrafa inteira sozinha. Foi por isso que ficaste tão desorientada.

Foi ela que me falou de Alex! Ela queria que ficássemos juntos!

Ela nunca mencionou o nome dele até o saberes. E estavas interessada nele desde o início.

Ela foi a psicóloga que ajudou as crianças!

Essa foi a desculpa que usaste para nunca falar dela ao Alex.

Mas...

Mas...

Mas...

Uma a uma, as respostas surgiram tão rapidamente quanto Katie conseguia pensar nelas. O motivo pelo qual ela nunca soubera o sobrenome de Jo, ou por que razão nunca a vira a conduzir um carro... a razão pela qual Jo nunca a convidara para entrar ou aceitara a sua ajuda para pintar a casa... como Jo conseguira aparecer inesperadamente ao lado de Katie usando roupas de desporto... Katie sentiu algo a ceder dentro de si quando todas as peças do *puzzle* encaixaram. Repentinamente, percebeu tudo. Jo nunca chegara a existir.

Sentindo-se como se ainda estivesse a sonhar, Katie voltou à sua casa em passos hesitantes. Sentou-se na cadeira de balanço e olhou demoradamente para a casa de Jo, considerando a possibilidade de ter enlouquecido por completo.

Ela sabia que a criação de amigos imaginários era comum entre crianças, mas ela não era uma criança. Sim, estava sob um forte *stress* quando chegou a Southport. Sozinha e sem amigos, a fugir, sempre a olhar por cima do ombro, aterrorizada pela possibilidade de Kevin a encontrar. Quem não sentiria a pressão dessa ansiedade? Mas será que aquilo bastara para criar um alter ego? Talvez alguns psiquiatras dissessem que sim, mas ela não tinha tanta certeza.

Só que Katie não queria acreditar naquilo. Não podia acreditar, porque lhe pareceu tão... *real*. Lembrava-se daquelas conversas, ainda se recordava das expressões de Jo, ainda ouvia o som da sua risada. As memórias que tinha de Jo eram tão reais quanto as suas memórias de Alex. Claro, provavelmente ele também não era real. Provavelmente a sua mente também o criara. Assim como Kristen e Josh. Ela provavelmente estava amarrada a alguma cama num manicômio, perdida num mundo completamente criado pela sua mente. Abanou a cabeça, frustrada, confusa, e mesmo assim...

Havia outra coisa que a perturbava. Algo que não conseguia realmente identificar. Estava a esquecer-se de uma coisa. Algo importante.

Por mais que tentasse, não era capaz de discernir aquilo. Os eventos dos últimos dias deixaram-na exausta e abalada. Ela olhou para o céu. O crepúsculo começava a espalhar-se e a temperatura a baixar. Perto das árvores, uma névoa começou a formar-se.

Desviando o olhar da casa de Jo – sempre fora assim que se referira àquele lugar, independente do estado de espírito que isso implicasse –, Katie examinou a carta. Não havia nenhuma palavra ou nome escrito do lado de fora do envelope.

Havia algo de assustador naquela carta lacrada, embora ela não soubesse o que era. Talvez fosse a expressão de Alex quando lhe entregara o envelope. De alguma forma, ela sabia que aquilo não era apenas sério, como também importante para ele. E Katie questionou-se porque é que ele não abordara o assunto.

Ela não sabia, mas em breve escureceria e o seu tempo estava a esgotar-se. Rodando o envelope nos dedos, abriu o lacre. Sob a luz cada vez mais débil, deslizou o dedo por cima do papel amarelo antes de desdobrar as páginas. Finalmente, começou a ler.

À mulher que o meu marido ama.

Se acha estranho ler estas palavras, por favor, acredite em mim quando digo que a sensação que tenho ao escrevê-las é tão estranha quanto a que sente ao lê-las. Por outro lado, nenhum aspeto desta carta me parece normal. Há tantas coisas que quero dizer, tantas coisas que lhe quero contar e, quando decidi escrever esta carta, tudo parecia estar claro na minha mente. Agora, contudo, percebo que estou confusa e não sei por onde devo começar.

Acho que posso começar por dizer isto: passei a acreditar que, na vida de cada um, há um momento inegável de mudança; um conjunto de circunstâncias que, repentinamente, faz com que tudo se transforme. Para mim, este momento ocorreu quando conheci o Alex. Embora eu não saiba quando ou onde você está a ler esta carta, sei que isso significa que ele a ama. Também significa que ele quer partilhar a sua vida consigo e, se não houver nada mais, pelo menos nós teremos isso em comum.

O meu nome, como provavelmente já sabe, é Carly. Contudo, durante a maior parte da minha vida, os meus amigos chamaram-me Jo...

Katie parou de ler e olhou para a carta nas suas mãos, incapaz de absorver aquelas palavras. Respirando fundo, releu aquela frase: *durante a maior parte da minha vida, os meus amigos chamaram-me Jo...*

Ela agarrou as páginas com força, finalmente desvelando a memória que se esforçara por recuperar. De repente, deu por si de novo no quarto de Alex na noite do incêndio. Sentiu a dor nos braços e nas costas quando atirou a cadeira de baloiço pela janela, sentiu a onda de pânico quando envolveu Josh e Kristen com o edredão, imediatamente antes de ouvir o som das rachadelas

atrás de si. Com uma nitidez absoluta, lembrou-se de girar sobre os calcanhares e de ver o retrato que estava pendurado na parede, o retrato da esposa de Alex. Na noite do incêndio, ela estava confusa, com os nervos à flor da pele no meio do inferno de fumo e medo.

Mas ela vira aquele rosto. Sim, havia até mesmo dado um passo na direção do retrato para observar melhor.

Parece-se muito com a Jo, lembrou-se de ter pensado na ocasião, mesmo que a sua mente não tivesse condições de processar a informação. Mas agora, sentada no alpendre sob um céu que escurecia aos poucos, teve a certeza de que estava errada. Errada a respeito de tudo. Levantou os olhos para olhar de novo para a casa de Jo.

Katie percebeu repentinamente que a esposa de Alex se parecia com Jo porque realmente *era* Jo. Espontaneamente, recordou outro momento, na primeira manhã em que Jo fora a sua casa.

Os meus amigos chamam-me Jo, dissera ela, ao apresentar-se.

Oh, meu Deus.

Katie empalideceu.

...Jo...

Percebeu, de repente, que não imaginara Jo. Não fora a sua imaginação que a criara.

Jo *estivera* ali; e Katie sentiu um nó na garganta. Não por não acreditar, mas porque finalmente compreendera que a sua amiga Jo – a sua única verdadeira amiga, a sua sábia conselheira, a pessoa que a apoiava e a quem confiava os seus segredos – nunca mais voltaria. Elas nunca mais voltariam a tomar café, nunca mais dividiriam uma garrafa de vinho, nunca mais conversariam no alpendre. Ela nunca mais voltaria a ouvir o som do riso de Jo ou observaria a maneira que ela tinha de arquear as sobrancelhas. Ela nunca mais ouviria Jo queixar-se de ter de fazer trabalhos pesados... então começou a chorar, lamentando a perda da maravilhosa amiga que nunca tivera a oportunidade de conhecer em vida.

Katie não sabia ao certo quanto tempo decorrera até ser capaz de voltar a ler. Estava a escurecer e, com um suspiro, levantou-se e abriu a porta da frente. Dentro da casa, sentou-se à mesa da cozinha. Lembrava-se de, uma vez, Jo se ter sentado na cadeira em frente à sua e, por algum motivo que não

conseguia explicar, sentiu que começava a descontrair-se.

Tudo bem, pensou ela consigo mesma. Estou pronta para ouvir o que me tens a dizer.

...durante a maior parte da minha vida, os meus amigos trataram-me Jo. Por favor, esteja à vontade para me tratar por qualquer um dos nomes. E, para que se sinta melhor, saiba que eu já a considero uma amiga. Espero que, no final desta carta, sinta o mesmo em relação a mim.

Morrer é uma coisa estranha e não vou aborrecê-la com os pormenores. Posso ainda ter algumas semanas, ou talvez meses de vida. Embora eu saiba que isso é um cliché, a verdade é que muitas das coisas que eu acreditei serem importantes deixaram de o ser. Já não leio o jornal, não me importo com o mercado de ações nem me preocupo se vai chover durante as minhas férias. Em vez disso, dou por mim a refletir sobre os momentos essenciais da minha vida. Penso no Alex e em como ele estava bonito no dia em que nos casámos. Lembro-me do orgulho e do cansaço que senti quando peguei no Josh e na Kristen. Eles eram bebés lindos. Eu costumava deitá-los no meu colo e olhar para eles enquanto dormiam. Era capaz de ficar horas assim, simplesmente a olhar para eles, a tentar descobrir se tinham herdado o meu nariz ou o do Alex, os olhos dele ou os meus. Às vezes, enquanto estavam a sonhar, as mãozinhas deles fechavam-se em volta do meu dedo, e lembro-me de pensar que nunca sentira uma forma de alegria tão pura.

Foi apenas quando tive filhos que realmente compreendi o significado do amor. Não me entenda mal. Amo o Alex com todo o meu coração, mas é diferente do amor que eu sinto pelo Josh e pela Kristen. Não sei como explicar e não sei se preciso. Tudo o que sei é que, apesar da minha doença, me sinto abençoada, porque pude conviver com ambos. Vivi uma vida plena e feliz e senti o tipo de amor que muitas pessoas nunca conhecerão.

Mas a minha condição assusta-me. Tento demonstrar coragem quando o Alex está por perto e as crianças ainda são muito novas para entender o que realmente está a acontecer. Nos momentos tranquilos em que estou sozinha, as lágrimas vêm-me rapidamente aos olhos e eu,

às vezes, questiono-me se algum dia irão parar. Embora saiba que não deveria, dou por mim a pensar no facto de que nunca vou levar os meus filhos à escola, ou que nunca vou ter outra possibilidade de observar a alegria deles na manhã de Natal. Nunca terei a oportunidade de ajudar a Kristen a escolher um vestido para o baile de finalistas, nunca vou assistir aos jogos de basebol em que o Josh vai participar. Há muitas coisas que nunca verei ou farei com eles e, às vezes, desespero, pensando que nunca serei nada além de uma memória distante quando chegar a época em que eles decidirem casar.

Como é que vou poder dizer-lhes que os amo se não estarei mais aqui?

E o Alex. Ele é o meu sonho e o meu companheiro, o meu amante e o meu amigo. Ele é um pai dedicado. Porém, mais do que isso, ele é o meu marido ideal. Não posso descrever o conforto que sinto quando me abraça, ou quanto anseio por poder deitar-me ao lado dele, à noite. Há uma inabalável humanidade nele, uma fé na bondade da vida e eu sinto o meu coração a partir-se quando imagino que ele ficará sozinho. Foi por isso que eu lhe pedi que lhe entregasse esta carta; penso que é uma maneira de fazê-lo manter a promessa que me fez quando disse que iria voltar a encontrar alguém especial – alguém que o ame e alguém que ele possa amar. Ele precisa disso.

Fui abençoada por passar cinco anos casada com ele. Agora, a minha vida está quase terminada e você vai assumir o meu lugar. Vai tornar-se a esposa que vai envelhecer ao lado do Alex e vai tornar-se a única mãe que os meus filhos irão conhecer. Não pode imaginar como é terrível estar deitada numa cama, olhar para a minha família, saber dessas coisas e perceber que não posso fazer nada para mudar essa situação.

É aqui que você entra. Eu quero que faça uma coisa por mim.

Se ama o Alex agora, então ame-o para sempre. Faça-o rir novamente e valorize os momentos que passarem juntos. Saiam para caminhar juntos, saiam para pedalar nas vossas bicicletas, aconcheguem-se juntos no sofá e assistam a filmes sob um cobertor. Prepare-lhe o pequeno-almoço, mas não o mime. Deixe que ele também lhe prepare o pequeno-almoço, para que ele demonstre que você é especial. Beije-o e faça amor com ele, e considere-se uma pessoa de

sorte por o ter encontrado. Ele é o tipo de homem que vai provar que você está certa.

Eu também quero que ame os meus filhos da mesma forma que eu os amo. Ajude-os a fazer os trabalhos de casa. Beije os seus joelhos e cotovelos magoados quando eles caírem. Passe a mão pelos cabelos deles e garanta-lhes que conseguirão fazer qualquer coisa e que basta esforçarem-se para tal. Coloque-os na cama à noite e ajude-os com as suas orações. Faça o almoço que eles levarão para a escola e apoie-os com as suas amizades. Adore-os, ria-se com eles, ajude-os a crescer e a transformarem-se em adultos gentis e independentes. O amor que lhes der será retribuído e multiplicado por dez com o tempo. Eles aprenderão a fazer isso com o Alex.

Por favor, imploro-lhe. Faça essas coisas por mim. Afinal, agora eles são a sua família, e não a minha. Não sinto ciúmes ou raiva por me substituir; como já mencionei, considero-a uma amiga. Você trouxe a felicidade ao meu marido e aos meus filhos e eu gostaria de poder estar por perto para lhe agradecer pessoalmente. Em vez disso, a única coisa que posso fazer é assegurar que você terá minha gratidão eterna.

Se o Alex a escolheu, então quero acreditar que eu também a escolhi.

*Da sua amiga,
Carly Jo*

Quando Katie acabou de ler a carta, limpou as lágrimas e passou o dedo pelas páginas antes de voltar a guardá-las no envelope. Sentou-se em silêncio, pensando nas palavras que Jo escrevera, sabendo de imediato que faria exatamente o que ela pedira. *Não por causa da carta*, pensou, mas porque sabia que, de alguma maneira inexplicável, fora Jo quem a estimulara gentilmente a dar uma oportunidade a Alex.

Ela sorriu. — Obrigada por confiares em mim — sussurrou, e soube que Jo sempre estivera certa, desde o início. Apaixonara-se por Alex e pelas crianças e já sabia que não era capaz de imaginar o seu futuro sem a presença deles. *Está na hora de ir para casa*, pensou ela. *Está na hora de ires ver a tua família.*

No exterior da cabana, a lua era um disco branco e brilhante que a guiou quando se dirigiu ao jipe. Antes de entrar, no entanto, deitou uma última

olhadela por cima do ombro em direção à casa de Jo.

As luzes estavam acesas e as janelas da cabana brilhavam com uma luminosidade amarela. Na cozinha pintada, ela viu Jo em pé ao lado da janela. Embora estivesse longe de mais para perceber algo mais além daquilo, Katie teve a impressão de que ela lhe sorria. Jo levantou a mão num aceno amistoso e Katie lembrou-se mais uma vez de que o amor é capaz de alcançar o impossível.

Contudo, quando Katie pestanejou, a cabana ficou novamente às escuras. Não havia nenhuma luz acesa e Jo desaparecera, mas achou que conseguia ouvir as palavras da carta a serem levadas pela brisa suave que soprava.

Se o Alex a escolheu, então quero acreditar que eu também a escolhi.

Katie sorriu e virou-se, sabendo que aquilo não era uma ilusão ou algo criado pela sua imaginação. Ela sabia o que tinha visto.

Ela sabia no que acreditava.